

MESMO QUEM NOS AMA
ÀS VEZES NÃO CONSEGUE VER QUEM REALMENTE SOMOS

A FILHA DA MINHA MÃE
E *eu*



MARIA FERNANDA GUERREIRO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

Maria Fernanda Guerreiro

***A Filha da
Minha Mãe e Eu***



Copyright © 2012 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados incluindo o direito de reprodução total ou parcial.
Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão Digital - 2012

Produção Editorial

Equipe Novo Conceito

Revisão de Texto: Equipe Novo Conceito

Diagramação: Crayon Editorial LTDA.

Capa: Marina Avila

Diagramação ePUB: Brendon Wiermann

Revisão ePUB: Ludson Aiello

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Guerreiro, Maria Fernanda

A filha da minha mãe e eu / Maria Fernanda Guerreiro. -- Ribeirão Preto, SP : Novo
Conceito Editora, 2012.

ISBN 978-85-63219-15-2

eISBN 978-85-8163-072-4

1. Ficção brasileira I. Título.

12-14463 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Agradecimentos



Primeiro, agradeço a Deus.

Gostaria de agradecer, também, ao meu doce pai, José Angel Requejo, que sempre foi meu maior amigo e esteve ao meu lado mesmo quando escolhi caminhos tortuosos. À minha querida mãe, Glauca Guerreiro, que se dedicou, inteira, a mim e ao meu irmão, Alexandre, e com quem aprendi valores importantes.

À minha delicada tia Maria del Pilar Requejo, que sempre me incentivou e foi um grande exemplo para mim. À minha ex-tia Maria, que me mostrou a diferença entre palco e plateia. E à minha amiga Daniela Rudelli, irmã de alma, que todos os dias de sua vida torceu por mim.

Por fim, agradeço a Martin Montoya, meu amor, meu companheiro, meu porto seguro, meu amigo e pai dos meus maiores tesouros.



Capítulo 1



Mas.

Quando vi as duas listras azuis no teste de gravidez, tive uma certeza: preciso me sentir filha antes de me tornar mãe. Porque uma parte da minha alegria era inventada e, a outra, não era minha.

Lendo o resultado do exame, enquanto meu sorriso ganhava vida própria, o primeiro pensamento que tomou conta de mim foi “com meu filho vai ser diferente”. Esses eram, no mínimo, sentimentos conflitantes e eu não podia mais ignorar isso. Eu tinha que fazer as pazes com a minha história.

Apesar de ter ficado a maior parte do tempo em êxtase, a sensação de desamparo crescia. Quando Davi saiu do banho, não teve tempo de respirar. Pedi para que me beijasse da boca até a barriga. Choramos os dois. Ele de alegria. Eu, de alguma outra coisa que não conseguia explicar.

Na hora de deitar, a cama estava mais cheia que o de costume. Mesmo assim, me sentia vazia. Passei quase a noite toda em claro. Quando finalmente consegui dormir, tive um pesadelo. Havia um seio gigante, da altura de um prédio, cravado numa praia, como se fosse a encosta de uma montanha. Dele, saía um bico que jorrava leite. As pessoas chegavam perto, esfregavam seus corpos no peito para estimular a produção de leite, enchiam seus baldes e iam embora. Quando chegou minha vez, o leite daquele peito enorme havia acabado. E o pior: aquele era o meu peito.

Acordei nem tremendo, nem triste, nem nada.



Capítulo 2



A primeira vez que ouvi a palavra “cínica” foi da boca da minha mãe. E o que mais me surpreendeu: era para mim que ela estava dizendo. Eu tinha apenas 5 anos e nenhuma ideia do que aquilo significava.

— Alô? Oi, é a Helena. Olha, nós não vamos mais para aí porque aconteceu um acidente... é... um louco bateu no carro do Tito e a gente não vai mais... alô, só um minuto... — minha mãe disse impaciente ao telefone.

De repente, ela tapou o bocal e olhou para mim.

— Deixa de ser cínica, Mariana! Levanta já daí e para de drama, senão vou te dar um motivo de verdade para chorar... — e voltou a conversar no telefone enquanto eu engolia meu choro deitada no sofá da sala.

Nós estávamos indo visitar minha avó materna, Lúcia, uma coisa rara já que minha mãe não se dava muito bem com ela, quando houve um acidente envolvendo um táxi e o carro em que minha família estava.

Assim que abriu o farol para o meu pai passar, um taxista, vindo de uma rua transversal, furou o vermelho e bateu na lateral do nosso carro, fazendo-o voar por sobre um canteiro e indo parar na pista da contramão. Por sorte, ninguém ficou seriamente ferido. Minha mãe teve alguns hematomas no braço e eu, na hora do impacto, apenas mordeu a boca. Saímos todos do carro e, naquele momento, vi o taxista que guiava o outro carro vindo em nossa direção. Era um senhor e parecia um pouco zozzo. Quando olhei

para baixo, vi que ele estava de chinelo de dedos e a pele lateral de seu pé estava completamente descolada da carne, criando uma poça de sangue na calçada.

— Desculpe... estou transportando um louco — gaguejou o taxista constrangido. — O hospital para onde preciso levá-lo é aqui perto e quis aproveitar o farol, achei que daria tempo. Sei que foi minha culpa...

— O senhor poderia ter matado a gente! — minha mãe interrompeu com a voz firme. — Imagina se acontecesse alguma coisa?! E se estivesse vindo um carro do outro lado da avenida? A gente podia ter morrido!

Antes que a coisa avançasse ainda mais para o terreno perigoso dos “e se”, meu pai, que nunca gostou de brigas, resolveu interferir e acalmar os ânimos, principalmente porque sabia que minha mãe, quando ficava nervosa, perdia totalmente o senso da realidade.

— Calma, Helena. Olha, está todo mundo bem. As crianças estão bem! Eu e você também. Vai dar tudo certo. Tente se acalmar...

— Mas podiam não estar, Tito! Você não percebe a gravidade do que aconteceu? Esse louco dirigindo, outro lá dentro do carro, e você aí com essa história de que está tudo bem! Isso é demais para a minha cabeça! — desabafou minha mãe já intimando a mim e ao meu irmão para permanecermos junto dela enquanto apontava com o dedo indicador para a barra da própria saia.

— Gustavo e Mariana, pra cá agora!

— Mas, mãe... — não me lembro ao certo o que eu iria dizer, mas lembro direitinho da resposta.

— Nem mais um pio! Pra cá ou não respondo por mim! — ela disse com a boca cerrada e tremendo.

Sempre achei que minha mãe lidava bem com a realidade. Se ela tinha um problema, ia lá e resolvia. Não era do tipo que engolia desaforo. Fosse o que fosse, ela tirava qualquer história a limpo na hora e depois seguia em frente. Se, por um lado, isso era bom, por

outro era o fim do mundo porque ela sempre agia assim, estando certa ou não. E nesse dia me pareceu que ela tinha uma certa razão. Vendo-a ali, desesperada diante de uma possibilidade que não tinha acontecido, sofrendo por sua família, senti um amor imenso por ela.

Das minhas memórias mais distantes, esta foi a primeira vez que lembro de ter me sentido realmente protegida. Para mim, naquele momento, um avião poderia cair na pista, o manicômio inteiro fazer uma passeata reivindicando o direito de comer criancinhas ou mesmo meu irmão contar uma de suas histórias sobre monstros que viriam nos buscar à noite, que minha sensação era de que nada, nada mesmo, poderia acontecer de ruim comigo. Minha mãe estava ali e não deixaria ninguém me machucar. Ninguém, exceto ela mesma.

De repente, o taxista levou a mão à boca como quem segura o próprio susto.

— Ah! Minha nossa! Cadê o rapaz que eu estava levando para o hospital?! E agora? — o pobre homem começou a falar sem conseguir raciocinar direito. — ... eu nem o conheço, foi uma vizinha minha que ligou lá pra casa. Acho que é o sobrinho dela... ela me pediu para acudir porque ele estava tendo um ataque, quebrando tudo na casa dela. O que eu vou fazer?!

Dessa vez, foi minha mãe que, vendo a generosidade daquele senhor ali na sua frente e percebendo que, de fato, tinha sido mais uma fatalidade do que uma irresponsabilidade, tentou acalmar o taxista. Mas não sem antes constatar, mais uma vez, que sua prole estava realmente bem, entregando a mim e ao meu irmão para os braços sempre acolhedores do meu pai.

— Olha, calma, o senhor machucou o pé... o hospital que o senhor disse que levaria o louco é aqui perto, né? Então, vamos todos para lá só para ter certeza que está tudo bem e, de lá, a gente avisa a polícia sobre o que aconteceu.

A próxima cena que lembro foi horrível. Um corredor enorme, com vários enfermeiros segurando um rapaz dentro de uma camisa de força. A gente já estava no hospital e conseguiram capturar o sujeito

que tinha fugido do táxi. O rapaz gritava muito e, de repente, foi se acalmando até ficar com os olhos parados no nada enquanto era carregado para outro corredor. Lembro que ali, encolhida atrás das pernas do meu pai, via tudo aquilo e ficava imaginando se o estavam levando para o céu. E o pior, se estivessem, quando chegasse minha vez de ir para lá, se ele já teria parado de gritar. Durante dias aquela cena não saiu da minha cabeça.

Ao chegarmos em casa, o amor por minha mãe se transformou em mágoa. O Guga foi para o quarto brincar de carrinho e eu fiquei ali na sala, deitada num almofadão no chão, em frente ao telefone. Minha mãe pegou o telefone e ligou para minha avó para dizer que não iríamos mais visitá-la por causa do acidente. Enquanto ela explicava o que tinha acontecido, lembrei-me da poça de sangue no pé do taxista. Senti uma mistura de medo e nojo que me fez soltar uma espécie de gemido abafado. Foi quando ela me chamou de "cínica". Nem sabia o que isso significava.

Perdi as contas de quantas vezes fui mal interpretada por minha mãe. E de quantas palavras injustas ela me disse. Naquela hora, tudo o que queria era, de novo, me sentir protegida pelo amor dela, exatamente como me senti no acidente. Mas acho que ela não percebeu isso. Ou talvez ela também quisesse tanto um colo que não poderia dar o seu naquele momento. Só muitos anos mais tarde entendi que não era comigo que ela estava nervosa, mas com a mãe dela.

Alguns meses depois do acidente, meu pai foi transferido no trabalho. Mudamos da capital para o interior e eu e o Guga experimentamos uma realidade que, até então, não nos tinha sido apresentada: brincar na rua. Quando morávamos em São Paulo, nosso divertimento era ir a restaurantes com nossos pais, ver TV, pintar revistinhas, colecionar figurinhas e, o máximo dos prazeres, andar de patins na sala de casa. Apesar de não ter conseguido ser nem minha amiga nem do Gustavo, Dona Helena foi, na maioria das vezes, uma mãe sensacional.

Como ela achava a rua um lugar perigoso, deixava a gente andar de patins na sala do apartamento em que morávamos. Para ela, era mais importante que os filhos pudessem brincar do que ter a casa impecável e o piso de madeira sem nenhum risco. Isso sem falar na parede que deu para que pintássemos. Ficava no corredor, entre os quartos e a sala. Ali podíamos desenhar e escrever o que quiséssemos, desde que nos comprometêssemos a não rabiscar nenhuma outra parte da casa. Lembro que isso gerava pavor nas outras mães. Imagine se os seus filhos quisessem a mesma coisa? Mas nós adorávamos e, para a minha mãe, isso bastava.

No interior, as coisas eram diferentes. Eu e Guga já não precisávamos mais nos restringir a um lugar específico. Tínhamos um quintal enorme com um viveiro, um cachorro e a rua era praticamente uma extensão da nossa casa. Brincávamos de esconde-esconde, estátua, pega-pega, bafinho e, o melhor de tudo, futebol com o nosso pai. Sempre queria jogar com os meninos para estar perto do meu pai. Ele deixava, mas não sem antes falar, várias vezes, para o Guga que, na hora de passar a bola para mim, deveria chutar devagar para não me machucar. Se, por um lado, achava isso uma injustiça porque queria mostrar para ele que era tão forte como meu irmão, por outro, me sentia sua princesinha. O que eu não sabia é que minha mãe ficava com ciúmes porque queria estar sempre com ele.

Até hoje não sei se era ciúme dele ou de mim. O que sei é que, na minha ingenuidade de criança, quando ela me chamava para um programa, respondia as coisas sem pensar, fazendo-a, na maioria das vezes, sentir-se rejeitada. Lembro de um final de semana em que ela queria fazer um bolo.

— Mariana, que tal a gente fazer um bolo de cenoura para a sobremesa?!

— Oba!

— Então, vamos ao centro que a mamãe tem que comprar o chocolate para a cobertura.

— Ah... não.

— Mas você não quer o bolo?

— Quero.

— Então...

— Eu não gosto de ir ao supermercado.

— Vamos, vai ser legal! — ela ainda insistia para ter minha companhia.

— Mas, que horas a gente volta?

— Cedo. Por que, você tem lição pra fazer? — perguntou com um ar desconfiado.

— Já fiz. É que eu quero voltar logo, o papai já vai chegar e a gente combinou de jogar pingue-pongue.

— No caminho a gente pode comprar papel de carta para a sua coleção. —ela falava, ainda mais animada, tentando me convencer.

Diante da proposta, não podia mais recusar. Mas, com meu tom de voz, deixei claro que estava indo contra minha vontade, enquanto me levantava para pegar minha mochila com desenhos de gatinho.

— Ai, tá bom vai...

Minha mãe me olhou de canto de olho enquanto seus ombros caíam desanimados.

— Se é para ir com essa cara, não precisa.

— Não, mãe, espera! Eu vou sim — falei mais animada e, a essa altura, já me sentindo culpada.

— Não. Agora eu é que não quero que você venha — respondeu minha mãe com o seu dom único de me fazer sentir a pior das pessoas.

— Mas mãe...

— Mãe nada. Tchau — respondeu sem me dar outra chance.

— Mas é que o papai disse que chegaria cedo pra jogar com a gente! — falei na esperança de que ela entendesse minha aflição.

Mas, com minha explicação, ela me olhou ainda mais desapontada. Pegou a chave do carro e saiu. Na hora da sobremesa, comemos só maçã. Era a fruta que mais havia em nosso quintal.

Com o tempo, percebi que se minha mãe era a melhor do mundo, às vezes, era a pior também. Não sei por que, mas, com ela, sempre tive um sentimento de dívida. Durante quase uma semana ela ficou sem falar direito comigo e encheu meu irmão de mimos. Aquilo me doía, mas eu tinha meu pai para me apoiar e, de alguma maneira, isso me dava forças para ignorar o resto. Inclusive ela.

Já com o meu pai era bem diferente. Podia ser eu. Lembro de uma manhã em que ele me ensinou a ver as horas. Era sábado e fui acordá-lo.

— Pai, vamos brincar?

— Que horas são? — perguntou, já me puxando pela cintura para subir na cama com ele e com minha mãe.

— Não sei ver as horas. Deve estar perto do almoço, tô com fome.

— Hã, hã, hora do almoço? Sei... olha aqui. São 9h30. Tá vendo esse ponteiro? É o das horas. Quando ele chegar aqui, vão ser 10 horas. E esse aqui, marca os minutos... olha, eles não param nunca. Hum, já sei... — ele disse enquanto me fazia cosquinhas — você quer aqueles pãezinhos com açúcar queimado?!

Não me esqueço dessa época. Aos finais de semana, a família toda se reunia para o café. Meu pai colocava manteiga e açúcar no pão de forma e depois colocava na frigideira até ficar melado. Comia pelo menos umas cinco fatias. Na verdade, comia até minha mãe falar “chega” porque depois eu teria dor de barriga.

Nessa manhã, quando saímos da mesa do café, meu pai me pegou no colo e, para me testar, perguntou que horas eram. Olhei para o relógio, depois para ele e, de novo, para o relógio. Então, comecei a chorar. Ainda não sabia ver as horas mas, naquele momento, olhando para o relógio, percebi que os minutos realmente não paravam nunca.

— O que foi, Nana? É brincadeira do papai...

Minha mãe interrompeu brava.

— Você está exigindo demais dela, Tito! Não vê que ela ainda não sabe ver as horas?!

— Filha, é só uma brincadeira. É que só praticando você vai um dia saber ver as horas. Desculpa, papai não queria...

Enxuguei as lágrimas na camisa do meu pai, interrompendo sua frase.

— Não é isso...

— Que foi, então, Nana? Está doendo alguma coisa? — perguntou minha mãe quase sem paciência.

— Está doendo aqui — e aponte para o coração enquanto continuava entre soluços. — Se os minutos não param como você disse, então está cada vez mais perto da hora que você vai morrer — e, nessa hora, abracei o pescoço do meu pai o mais forte que pude.

Minha mãe saiu batendo a porta com força. Ela não sabia, mas depois de quase uma semana sem falar direito comigo por causa do bolo de cenoura, eu estava me sentindo frágil. E era em meu pai que buscava o refúgio sentimental de que tanto sentia falta. De alguma maneira, sem nenhuma de nós duas ter controle ou consciência, nossa relação passou a um estado vertiginoso de rejeição e culpa. Um círculo sem fim nem começo.

Mas, se por um lado, eu e minha mãe fôssemos, cada vez mais, nos deixando levar por sentimentos imperfeitos entre mãe e filha, por outro, ela continuava uma leoa na hora de me defender.

Nós já estávamos há quase seis meses no interior quando meu pai foi transferido de volta para a capital. Por causa disso, tive que fazer um teste na escola para ver se tinha condições de acompanhar a turma no novo colégio. A prova era de matemática e, no interior, em vez de papel sulfite, a folha que se usava era do tipo papel jornal. Quando estava quase acabando a prova, percebi que tinha cometido um erro numa conta de multiplicação. Peguei a borracha e comecei a apagar o resultado. Nessa hora, minha professora, Dona Marieta,

que estava na sala comigo, se aproximou da minha carteira bem devagar. Ela tinha por volta de 60 anos, bigode branco e um cabelo grisalho e ralo na altura dos ombros. Ao perceber que tinha rasurado a prova, ela agachou-se ao meu lado, enrolou meu cabelos entre seus dedos e, com um sorriso medonho no rosto, começou a socar minha cabeça contra a parede.

Enquanto isso, ela falava pausadamente.

—Você... não... pode... rasurar... a... prooova! Esse é um documento muito im...por...tan...te! Sua porca nojenta!

Sozinha na sala com aquela velha louca, que eu já havia visto bater no rosto de um menino da minha classe e torcer o dedo de outro, entrei em pânico. Chorando baixinho, pedi desculpas e, com medo de que me batesse de novo, não me mexi mais até acabar o horário determinado para a entrega da prova. Quando ela saiu da sala e fiquei sozinha, comecei a tremer. Depois, fui até o banheiro, lavei o rosto e fingi que nada havia acontecido. Na hora em que tudo aconteceu, só queria minha mãe ali comigo, mas a verdade é que eu já tinha visto minha mãe brava e, com medo de sua reação, resolvi não contar nada. Ela poderia ficar fora de si e eu tinha horror a isso. Uma vez a tinha visto assim quando o atendente de um supermercado insinuou que ela tinha pegado algo sem pagar. Minha mãe ficou tão indignada que agarrou o sujeito pelo colarinho e exigiu falar com o gerente para tirar tudo a limpo. Fez com que ele revistasse sua bolsa e, depois de comprovar que o atendente estava errado, saiu e nunca mais pisou naquele lugar. No caminho de volta para casa, ela tremia e vomitava de nervoso. Não, eu não podia correr o risco de vê-la desse jeito outra vez. Por isso, quando saí da escola, corri até ela e apenas a abracei. Para poupá-la, resolvi não dizer uma só palavra sobre o que tinha acontecido comigo.

Os dias foram passando e, por causa desse episódio, fui ficando mais quieta do que o de costume. Geralmente tagarelava o tempo inteiro e isso independentemente de haver alguém me ouvindo ou não. Brincar sozinha era tão bom quanto com os amiguinhos, porque, no final, sempre me divertia. Já o Guga, meu irmão, era

bem diferente. Ele era gordinho e sofreu muito com a crueldade das outras crianças. E, claro, tinha a personalidade dele que sempre foi mais retraída do que a minha, o que não o ajudava muito. Quando a gente era bem pequeno, no período do jardim da infância, todo dia era um tormento. Minha mãe nos deixava na escolinha e o Guga ficava agarrado na grade que dava para a rua, gritando, chorando, implorando para que minha mãe não esquecesse de buscá-lo. Era difícil ver aquilo. Ainda mais porque ele repetia a mesma pergunta até não poder mais.

— Mãe, que horas você vem me buscar? — ele dizia entre soluços.

Lembro que minha mãe tentava mostrar segurança, dizer que estava tudo bem, que nunca esqueceria ele ali, mas nada adiantava. Eu ficava olhando, ali parada, no meio do caminho entre a tristeza dessa cena e a alegria do que me esperava dentro da escola: um cercadinho de areia, vários amiguinhos, gangorra, balanço e tudo o mais que, no auge dos meus 4 anos, poderia querer da vida. Mas a verdade é que eu nunca consegui ser feliz no presente. Nunca consegui entrar na escola e simplesmente sair correndo para brincar como as outras crianças. O sofrimento do meu irmão me torturava e me fazia sentir mal. Como poderia estar tão feliz e ele tão triste pelo mesmo motivo?

— Então... que horas você vem me pegar, mãe?! — ele repetia sem parar.

— Meio-dia, Guga. Agora vai brincar com seus amiguinhos.

— Mas, mãe, você promete? — e, então, seu nariz já começava a escorrer.

— Prometo — respondia minha mãe sempre com a mesma paciência.

— Mesmo?

— Claro, Guga. Fica tranquilo — ela respondia ainda calma.

— Então, fala de novo a hora pra ver se você não esqueceu.

— Meio-dia, Guga. Nunca vou te esquecer aqui, prometo — reafirmava minha mãe com um sorriso no rosto.

Na terceira vez que ele perguntava, eu é que já não aguentava mais ouvir aquele refrão suplicante e intervinha enérgica.

— Guga, vem brincar! Entra! A mamãe já te ouviu.

— Mas, Nana... — e aí eu é que virava o sujeito de sua dúvida — a que horas ela vem buscar a gente? Ela não vai esquecer? Promete? Repete, que hora ela vem buscar a gente?

— Aaaai, Guga, meio-dia. Ela já falou! Ela sempre vem!

— Mas, e se acontecer alguma coisa? — ele falava baixinho e com medo, como se o som da própria voz pudesse provocar uma desgraça.

Para me livrar daquele mantra de angústia, tinha que sair correndo para dentro da escola antes que ele continuasse o raciocínio. Meu coração ficava partido de deixá-lo ali sozinho mas, intuitivamente, já achava que a vida era composta de palco e plateia. Assim, se não tivesse mais ninguém para ele perguntar, naturalmente ele procuraria outra coisa para fazer. Só depois de alguns minutos é que ele vinha se juntar a mim e às outras crianças. Para poder tirar dos olhos dele aquele ar de tristeza profunda, sempre que íamos para a escola deixava que ele ganhasse todas as brincadeiras de mim. Mas, confesso, nem assim conseguia vê-lo realmente feliz. Talvez por isso minha mãe amasse mais meu irmão do que a mim.

Eu não tinha ciúme do Guga. Tinha era raiva da minha mãe. Não era justo ela fazer tanta diferença entre os dois filhos. Na minha cabeça, ela fazia de um jeito que parecia que ele era muito mais filho do que eu.

No primeiro grau, as coisas melhoraram um pouco. O Guga continuava perguntando a que horas a mamãe viria nos buscar, mas, pelo menos, já não chorava mais e, então, eu podia ir brincar menos culpada.

Durante toda a nossa infância, apesar de ser um ano mais nova, sempre protegi o Guga. Quando estávamos só nós dois, a gente brincava e brigava o tempo todo. Mas, quando tinha mais gente brincando, eu o defendia acima de tudo. Uma vez, saindo para o recreio, eu o vi no canto do pátio com a cabeça baixa. Quando cheguei perto, vi que seus olhos estavam inchados e aquele olhar angustiado tinha voltado.

— Que isso, Gu?! — segurei sua cabeça, erguendo seu queixo.

— Nada.

— Fala! O que aconteceu?!

— Nada — e, então, ele desviou o olhar como se sentisse vergonha.

— Foi o Fabão, né?! Aquele repetente desgraçado fez alguma coisa de novo com você?!

— Ele jogou areia no meu olho... — meu irmão respondeu bem baixinho.

Nessa hora, segurei o choro para não deixá-lo ainda mais fragilizado.

— Vou acabar com ele... — falei apertando o maxilar.

Em menos de um minuto já tinha localizado o tal Fabão perto da cantina. Um garoto problemático, que já tinha repetido duas séries e, por isso, era muito maior do que a gente. Ele sempre implicava com meu irmão. Ao vê-lo, não pensei duas vezes. Fui até ele, cheguei bem pertinho e fiquei na ponta dos pés para conseguir segurá-lo pelo pescoço.

— A próxima vez que você fizer qualquer coisa com o meu irmão, eu arrebento você! Entendeu?

Ele começou a rir e, quanto mais ele ria, mais me deixava com raiva. De repente, sem mais nem menos, dei um chute com o joelho na coxa dele.

— Aaaiii! — sua expressão mudou de sarcasmo para dor.

— É pra doer mesmo, seu idiota! E se você reclamar na diretoria, adivinha? Quem vai sair perdendo é você! Primeiro, porque foi você quem começou, jogando areia no olho do meu irmão! Segundo, porque sou a melhor aluna dessa escola e você é um repetente! Um burro repetente! Pra quem você acha que as freiras vão dar razão, hein?! — perguntei sem deixá-lo responder.

— Eu vou...

Ele ainda tentou falar, mas não dei chance.

— Agora vê se aprende a lição e vai procurar alguém do seu tamanho! E não o meu irmão que nunca te fez nada! — Soltei o Fabão, mas antes que ele pudesse pensar, desapareci: — E tem mais uma coisa: se tiver uma próxima vez, meu chute vai ser um pouco mais pra cima, seu ignorante!

Não sei se pelo chute ou pelo discurso, mas o Fabão nunca mais chegou perto do meu irmão. Ele era daquele tipo que só exibia sua força para quem ele tinha certeza que não revidaria. Quem o desafiasse, era respeitado. E foi o que fiz. Mas não sem depois me trancar no banheiro e chorar muito. Chorar de raiva do Fabão, de nervoso, e, principalmente, de tristeza pelo meu irmão.

Mas quando a injustiça era comigo, minha reação era outra. Ficava paralisada. E foi exatamente por isso que quando apanhei da minha professora, em vez de enfrentá-la, fiquei calada. Minha mãe percebeu que alguma coisa estava errada mais ou menos uma semana depois.

— Mariana, você anda tão quieta... aconteceu alguma coisa?

— Não — e cocei o nariz como fazia sempre que mentia.

— Mariana, eu vou te perguntar de novo. Alguma coisa aconteceu para você estar assim, o que foi?

— A professora me bateu — disse de uma vez enquanto um gosto ruim subia para minha boca.

— O quê????!!!! — gritou minha mãe segurando firme meu braço.

Eu, que já estava apavorada, nessa hora abri o berreiro. A cada palavra que dizia, minha mãe se indignava e apertava mais meu braço. De repente, ela começou a me chacoalhar.

— Pois fica sabendo que ninguém encosta a mão em filho meu!!! Da próxima vez que alguém tentar te bater, você revida, está me ouvindo?! Você devia ter dado um chute nela e ir direto para a diretoria contar tudo! Uma professora não pode bater num aluno! — minha mãe gritava enquanto me sacudia cada vez mais, fazendo meu corpo parecer um boneco de Olinda.

— E tem mais, Mariana! Se isso acontecer de novo e você não me contar fique sabendo que quem vai te bater sou eu! Vou te dar uma surra tão grande que você nunca mais vai esquecer! Arranco seu couro! — ela gritava enquanto sua voz ia ficando cada vez mais fina. E quando isso acontecia, era porque ela estava realmente muito nervosa.

Nessa altura, já sentia meu braço formigar de tanto que ela apertava. Por pouco ela não começou a me espancar ali mesmo. Ela parecia uma dessas mães que começam a bater no filho quando, sem aviso, a criança sai correndo pela rua e quase é atropelada. Puro desespero.

Quando finalmente ela me soltou, meu braço estava roxo. O Guga, que tinha visto tudo, também começou a chorar. Minha mãe se aproximou dele e falou com a voz mais calma do mundo.

— Vem cá filho, já passou, não é nada viu? Foi só a sua irmã que não fez o que devia, mas isso não vai acontecer de novo — e abraçou o Guga como se tivesse sido ele quem tivesse apanhado enquanto olhava para mim com ar de desaprovação.

Nessas horas, achava que talvez fosse verdade quando o Guga dizia que eu tinha sido achada na lata do lixo.



Capítulo 3



Sempre tive certeza de que minha mãe protegia mais o Gustavo do que a mim. Mas, o que mais me incomodava é que eu achava que ela também o amava mais. E não era pouco.

Nas férias de julho, nós sempre íamos ao parque de diversões. Lembro que uma vez, com muito empenho, ganhei uma bola colorida gigante. Apesar de estar frio, havia sol e o parque estava lotado de crianças correndo e gritando em volta dos brinquedos. Nesse dia, o Guga e eu recebemos da minha mãe a mesma quantia em dinheiro para gastarmos como quiséssemos. Enquanto o Guga ia do carrinho bate-bate para o pula-pula, passando pela roda-gigante e vários outros brinquedos que produziam adrenalina instantânea, fiquei apenas em uma barraca, a única que me daria alegria por mais tempo. Era uma barraca de pistola d'água e, para ter aquela bola, maior do que todos os meus sonhos, era preciso encher a boca do palhaço com água até a sirene apitar.

Após muitas e muitas tentativas frustradas, e com o dinheiro quase acabando, finalmente consegui encher a boca do palhaço e ganhar a bola mais linda do mundo. Minha alegria era tanta que durante todo o caminho de volta para casa parecia ouvir a sirene tocando dentro da minha cabeça. Para completar a alegria, com o trocado que sobrou da minha quantia de dinheiro mais com o que sobrou do Guga, compramos uma maçã do amor e dividimos: uma mordida para cada um, alternadamente.

No dia seguinte, passei a manhã olhando para aquela bola, analisando cada tom de cor diferente, sem coragem de tocá-la. Ela

era meu mundo, minha recompensa por ter me esforçado tanto e eu queria perpetuar esse sentimento de ser merecedora de algo até onde fosse possível. Mas, infelizmente, não conseguia usufruir dessa alegria em paz.

Todos os dias, o Gustavo chegava perto de mim e pedia para que lhe desse a bola. Eu dizia que podia emprestar, mas dar não. Ela era minha. Até que numa tarde, ele começou a barganhar.

— Troco minha coleção de figurinhas pela sua bola — disse, todo animado.

— Não gosto de jogar bafinho. Pode ficar com as suas figurinhas — respondi sem prestar muita atenção.

— Troco meu esquadro de desenhar por sua bola — ele tentou de novo.

— Hum... não — respondi, confesso, com um pouco de dúvida.

Cada vez a oferta ia ficando mais tentadora.

— Nana, te dou minha espingardinha pela bola!

— Para, Guga. Deixa eu ficar com ela em paz! Ganhei e pronto — falei e agarrei minha bola.

Mas meu irmão não descansou até conseguir a bola. Menos de uma semana depois, ele finalmente me convenceu. A gente estava vendo Tv e nem reparei quando ele saiu da sala. De repente, ele apareceu de novo com um plástico colorido todo engruvinhado na mão.

— Nana... olha, sua bola está furada. Ela não serve para mais nada. Agora você dá ela para mim?

Olhei para a minha bola com lágrimas por vê-la assim, morta. E, sem conseguir desviar minha atenção daquele pedaço de plástico, com um fiozinho de voz, concordei.

— Tá bom, pode ficar — disse, desolada.

Antes de continuar essa história, é preciso deixar claro que nós fazíamos tudo juntos. Brincávamos, brigávamos, íamos para a

escola, comíamos, apanhávamos, dormíamos e acordávamos, um grudado no outro. E foi juntos que um dia fizemos um acordo. Quando um dos dois dizia “juro”, isso era palavra de honra e não se podia voltar atrás. Muito inteligente, tenho que admitir, mas totalmente equivocado em seus métodos, no momento em que concordei em lhe dar a bola, o Guga abriu um sorriso gigante.

— Você jura que me dá?!

— Juro — respondi olhando para aquele plástico murcho que, em nada, lembrava a minha bola.

— Não vale voltar atrás, hein.

— Já sei! Pode ficar com ela. Não dá para fazer nada com isso assim... — e segurei o plástico não acreditando no que via.

— Então, jura de novo! — ele ainda disse mais uma vez.

— Tá, Guga, juro, já disse! Agora, deixa eu ver o desenho em paz!
— soltei o que restou da bola e voltei minha atenção para a Tv.

O Gustavo voltou para o quarto e, menos de dois minutos depois, apareceu na sala de novo. Meus olhos não podiam acreditar no que estava acontecendo. Minha bola tinha ressuscitado. Aquela bola engruvinhada tinha vida outra vez, estava colorida e gigante nas mãos de meu irmão. Pulei de alegria.

— Minha bola!

— Agora é minha, Nana. Você jurou — meu irmão disse, confiante.

Ainda levei alguns segundos para entender o que tinha acontecido e, confesso, mesmo com muito esforço, não consegui. Gustavo precisou mostrar seu truque. Ele simplesmente tinha tirado o pino da bola e deixado que esvaziasse para que pensasse que havia furado.

— Mas, Guga, isso não vale! — gritei.

— Jurou, está jurado. Assim que é — ele respondeu, sem me dar chance alguma de argumentar.

Olhei para a minha mãe implorando para que intercedesse. Mas seu comentário não deixou dúvidas sobre de que lado ela estava.

— Em assunto dos dois, não interfiro. Vocês resolvam suas coisas.

Não tenho certeza, mas acho que nessa hora minha mãe abriu um leve sorriso pela esperteza que o Guga tinha demonstrado.

Eu também estava admirada com a inteligência dele, é verdade, mas estava ainda mais espantada por ter sido passada para trás impunemente. Minha mãe sempre nos ensinou a diferença entre o certo e o errado e aquilo me parecia muito errado. Senti que começaria a chorar. Agora, não restava mais nenhuma dúvida. Para aceitar aquela sujeira, só tinha uma explicação: ela realmente gostava mais do Gustavo do que de mim.

Fui dormir magoada. Queria que a bola, o Gustavo e minha mãe fossem para o inferno, desaparecessem da minha vida. Tudo o que conseguia pensar era “ainda bem que tenho o meu pai”. Aos poucos, fui ficando cada vez mais apegada a ele e, conseqüentemente, mais distante de minha mãe.

Alguns meses depois, meu pai fez uma viagem a trabalho para os Estados Unidos. Assim que soubemos, eu e o Guga sentimos um misto de saudade antecipada e empolgação. Sabíamos que ele voltaria de lá com vários presentes para a gente.

— Pai, traz um *video game*! — pediu o Guga.

— E, pra mim, um videocassete! E também uma boneca e um patins novo! — pedi, toda animada.

— Filha, tudo não dá. Escolhe uma coisa só — ele respondeu, com carinho.

No dia de sua partida, descemos até o térreo para esperar o táxi que vinha buscá-lo para ir ao aeroporto. Minha mãe e ele conversavam enquanto eu e Guga brincávamos de esconde-esconde. Quando o táxi chegou, nos despedimos e, assim que meu pai entrou no carro, corri para lhe dar mais um beijo. Minha mãe ficou abraçada ao Guga na portaria, um pouco mais distante, dando tchau. Quando entramos no elevador, olhei para a minha mãe e

percebi que ela estava transtornada. Chegando em casa, ela mandou o Guga ir para o quarto. Imediatamente, fui atrás do meu irmão para brincar, mas minha mãe colocou a mão no meu ombro.

— Você não, mocinha...

Naquela tarde, descobri que não são os fatos, mas as suas interpretações que fazem as pessoas sofrerem.

— Olha aqui, Mariana, presta atenção porque vou falar uma só vez: quem tem que dar o último beijo no seu pai sou eu e não você! Eu sou a esposa dele! Você é a filha. Ponha-se no seu lugar, você está me entendendo?

Atônita, eu olhava para ela. Não, eu não estava entendendo. Definitivamente nenhuma das palavras que ela dizia fazia sentido para mim. Claro que eu não era a esposa dele, era a filha, a princesinha, a Pitukinha dele. E era só por isso que eu tinha lhe dado mais um beijo. Na minha cabeça, nem passou que era o último, e que esse último deveria ser da esposa. Só tinha dado mais um de um milhão que ele adorava receber, tanto quanto eu gostava de dar. Meu coração estava apertado. Estava sendo injustamente acusada de uma coisa que nem sabia que existia. Só tinha demonstrado meu carinho e isso não podia ser uma coisa ruim. Por que ela estava falando tudo aquilo? Mas, mesmo com a certeza de não merecer aquele discurso, sabia que as coisas poderiam piorar ainda mais.

Isso porque antes do meu pai viajar, minha mãe fez a mala dele com roupas e alguns objetos pessoais que poderia precisar. Na minha total ignorância sobre o complexo de Electra, para fazer uma surpresa para meu pai, coloquei escondida uma cartinha entre suas camisas.

“Papai, te amo muito. Já estou com saudade. Volta logo e não esquece da gente. Te amo muito, de novo. Da sua Pitukinha, a Mariana.”

Na manhã seguinte, meu pai ligou para a minha mãe. Era para dizer que tinha chegado bem mas, no meio da conversa, deve ter

comentado sobre a cartinha amorosa da filha. Vi quando minha mãe segurou o tranco, repetindo, na minha frente, as palavras dele.

— Ah, uma cartinha... carinhosa, sei... tá bom... hã, hã... não, está, está tudo bem sim... melhor a gente desligar que a ligação daí deve ser cara. Outro. Tchau — ela bateu o telefone e passou por mim como se eu não existisse.

Mais uma vez sabia que ela estava magoada comigo, mas não entendia o que tinha feito para isso. Mais uma vez, demoraria dias para que as coisas voltassem ao normal entre nós. Mais uma vez, me sentiria responsável por sua tristeza.

E, nessas horas, ela costumava chorar no quarto e eu ia atrás dela.

— Mãe, o que foi? — eu perguntava, com o nariz colado na porta.

— Nada — ela respondia secamente.

— Mas, mãe... eu fiz alguma coisa?

— Se você está perguntando, é porque sabe que fez.

— Juro que não sei! — falava, já começando a chorar.

— Agora não adianta ficar assim. Pensasse nisso antes de fazer.

— Mas fazer o que mãe? O que você está falando?!

— Mariana, não tem nada que me irrite mais do que você se fazer de sonsa. E vai pro seu quarto que não quero conversa.

E lá ia eu para o meu quarto chorar também. Muito.

Se minha mãe, muitas vezes, ficava distante, meu pai, por outro lado, sempre era carinhoso comigo. Quando bebê, dormia no seu colo, chupando a gola do seu colarinho. E, o pior: ele morria de aflição disso, daquela baba molhada no pescoço. Dizia que “só segurava firme porque o prazer de me embalar valia qualquer coisa”.

Essa era uma grande diferença entre os dois. Enquanto meu pai ressaltava como era prazeroso alguma coisa, apesar de ter que abrir mão de outra, minha mãe preferia falar primeiro que abdicava de alguma coisa pela obrigação de outra. Com ele, depois do trabalho,

restava a alegria. Já com minha mãe, como a grande maioria das mães, estava ali noite e dia, no prazer sim, mas, principalmente, na obrigação de educar. E só hoje sei que isso faz toda a diferença no jeito como uma criança olha um adulto.

Depois de vários dias em que minha mãe só falava comigo o essencial, tentei uma reaproximação.

— Mãe?

— Hum?

— Você ainda está brava por causa da cartinha?

Ela me olhou como se não estivesse ali.

— O que você quer, Mariana?! — e colocou de lado o pano que estava bordando, ameaçando sair da sala sem escutar a minha resposta.

— Conversar...

— Já falei tudo o que tinha pra falar.

— Não foi por mal — respondi.

Ela me encarou, agora sim com um olhar fixo e rasgante.

— O que você fez não tem desculpas. Você tem que mudar seu comportamento!

— Mas, o que foi que eu fiz, mãe? — perguntei tentando entender, com todas as minhas forças, onde havia errado.

— Não se faça de cínica! — ela esbravejou.

Quase cinco anos tinham se passado desde a primeira vez em que ouvira essa palavra. E, agora, eu já sabia o significado.

— Quer dizer que você não acredita em mim? — falei triste — ...mãe, me abraça...

— Essas lágrimas não me comovem. E, da próxima vez, pense nas coisas que você faz antes de magoar os outros!

— Mãe, por favor... eu te amo.

— Pode parar por aí hein, Mariana! — exclamou num tom de voz mais severo.

Enquanto ela falava, comecei a chorar ainda mais. Agora já não era mais por ela ter ficado brava comigo, mas por ter conseguido me convencer de que eu era uma criança má, de que, de alguma maneira, tinha feito de propósito, só para magoá-la.

— Chega de teatro, Mariana! — ela ainda acrescentou e depois saiu da sala, me deixando ali sozinha com minha culpa.

Não sei quanto tempo se passou até que me acalmasse, mas, por todo o tempo em que fiquei sozinha, chorei. E tanto que no dia seguinte meus olhos ainda estavam inchados. Da minha mãe, não tive nenhuma palavra de compreensão. Em momento algum ela se pôs no meu lugar. Cedo percebi que nunca e nada faziam ela voltar atrás. Qualquer história sempre terminaria com o ponto final dela.

E foi assim, entre tantos desencontros, que descobri que existiam duas Marianas: a filha da minha mãe e eu.



Capítulo 4



Com um irmão quase da mesma idade, era difícil ter um dia inteiro de paz dentro de casa. A gente competia o tempo todo.

— Nana, tira esse pé daí que a partir daqui é meu — e lá ia o Guga apontando o dedo para uma linha imaginária no sofá.

— Guga, ontem você tomou banho antes, hoje é a minha vez de ir primeiro — e já saía correndo, trancando a porta do banheiro.

— Se você escolher o canal de Tv agora, à noite é minha vez!

Nossa vida era uma sucessão de negociações. E, como não poderia deixar de ser, era na hora de comer que a gente mais competia. Quando o assunto era comida, na maioria das vezes era o Guga quem sempre começava a implicar. Mas minha mãe fazia questão de ignorar isso. Afinal, ele era o preferido dela.

Até hoje, me lembro de um dia em especial. A briga foi por causa de um suco.

— Mãe, você colocou mais macarrão para ela — reclamou o Guga.

E minha mãe colocava mais três fios de macarrão no prato de Guga.

— Mas você colocou mais molho pra ele — respondia.

E minha mãe colocava uma colher de molho a mais no meu prato.

— Tem mais suco no copo dela — apontou Guga para o meu suco de laranja.

— Não tem, não! Você pôs mais suco no copo dele — respondi.

— Então, põe seu copo do lado do meu para ver — disse meu irmão enquanto arrastava o copo até o meu.

—Tá vendo, tem quase um dedo a mais no seu copo, Guga. Põe mais pra mim, mã...

Não tive tempo de acabar a frase. De repente, ela segurou meu queixo, ergueu minha cabeça e despejou toda a jarra de suco pela minha goela abaixo. O Guga ficou mudo. Eu, atônita. Minha mãe saiu da cozinha brava.

— Se você quiser, te dou meu suco... — o Guga disse baixinho num misto de piedade e culpa por ter começado.

Não conseguia nem respirar. Passado o susto, comecei a chorar. Alguns minutos depois, minha mãe voltou para a cozinha. Nós dois ainda estávamos paralisados. Pensei que ela fosse se desculpar, me colocar em seu colo e dizer o que tinha acontecido. Mas, em vez disso, ela disse taxativa.

— Daqui pra frente, um reparte e o outro escolhe. E cada um para o seu quarto agora! De castigo!

Mesmo tendo achado a solução dela incrível, não era isso que, naquele momento, importava para mim. Estava me sentindo órfã de uma explicação. Por que ela havia feito aquilo comigo e nada com o Guga? No mínimo, ela poderia ter despejado metade da jarra garganta abaixo de cada um, já que ela se dizia tão justa. Até hoje não sei o porquê da explosão mas, depois disso, foram tantas que, com o tempo, já nem me assustava mais. Para mim, aqueles altos e baixos de humor simplesmente faziam parte da personalidade dela do mesmo jeito que sua dificuldade de conversar com a gente sobre algo mais profundo.

Especificamente num outono, as aulas já tinham começado e, depois de passar a manhã toda no colégio, eu e Guga não víamos a hora de voltar para casa. Morávamos numa rua sem saída e lá podíamos brincar tranquilamente com as outras crianças da vila. Uma tarde, após ficar horas jogando queimada, cheguei em casa louca para fazer xixi. Nessa hora, vi minha calcinha suja e levei um

susto. Sem pensar no que estava fazendo, tirei a calcinha e corri até a cozinha onde minha mãe estava preparando o jantar.

— Mãe, olha! Desculpa, juro que só fiz xixi.

— Que é isso? — minha mãe falou, olhando para minha calcinha.

— Que isso? — repeti. — Acho que cocô... desculpa, mãe — respondi abaixando os olhos de vergonha por não ter limpado direito o bumbum.

— Nana, por que você não vai tomar seu banho enquanto acabo de fazer a comida? — minha mãe perguntou já chamando meu pai com o canto do olho.

— Tá — respondi, sem coragem de olhá-la.

Antes de entrar no banheiro, ainda pude ver minha mãe e meu pai conversando baixinho. Logo em seguida, ele saiu.

O jantar já estava na mesa quando meu pai voltou. Ele tinha um saco de supermercado em uma das mãos e, na outra, um buquê de rosas. Para a minha surpresa, desta vez ele não deu as flores para a minha mãe.

— São para você, Nana. Agora minha Pitukinha virou mocinha — e entregou as flores para mim, sorrindo.

O Guga achou graça daquilo.

— A Nana virou mocinha?! Até parece. Ela é uma pirralha!

— Não sou não! — respondi brava. — Sou mulher!

— Os dois ainda são crianças. O que seu pai quis dizer foi outra coisa — minha mãe interrompeu antes que começássemos a brigar.

O jantar seguiu em silêncio. Bem mais tarde, meu pai entrou no meu quarto. Eu já estava deitada. Ele se sentou na beirada da cama.

— Já rezou? — ele perguntou.

— Já. Você veio me dar um beijo de boa noite?

— Também. Vim para conversar com você — e se ajeitou de um modo que pudesse me abraçar.

— Que foi? — sentei-me na cama mais perto dele.

— Você sabe por que ganhou as flores? — perguntou, acendendo a luz do abajour.

— Porque você é o melhor pai do mundo?!

— Também — e sorriu com seu jeito sincero. — Mas também pelo que disse lá na mesa: hoje você virou mocinha. — Não entendi e olhei para ele enquanto franzia a sobrancelha.

Meu pai sempre foi meu amigo. Na verdade, mais do que pai, ele sempre fez questão de conversar com a gente. Mesmo ficando pouco tempo em casa, sempre estava disposto a ouvir sobre minhas angústias, medos ou alegrias. E, nesse dia tão especial, não foi diferente.

— Nana, hoje a sua calcinha estava com aquela mancha porque você teve sua primeira menstruação.

— Mens... que isso?

— É um sangue que sai todo mês da mulher — ele explicou, tentando ser o mais claro possível.

— Eu vou morrer?! — perguntei meio assustada.

— Um dia, como todo mundo. Mas não disso. E, com certeza, não agora — depois riu da minha preocupação. — Olha, filha, o que aconteceu hoje é normal.

A partir daí, a conversa ficou mais técnica, mas nem por isso menos íntima. Ouvi, pela primeira vez, termos como ovulação, período fértil, sexo, TPM e absorvente.

— Você entendeu tudo o que te falei, Nana?

— Hã, hã — respondi, sem muita certeza. — Então, era absorvente que tinha naquele saco do mercado que você entregou para a mamãe?

— Era.

— Cadê? Quero por! — falei, entusiasmada com minha nova condição de adulta.

— Espera um pouquinho que vou pedir para a mamãe te ensinar.

— Pai, se isso é coisa de mulher, por que a mamãe não veio conversar comigo? — indaguei desapontada.

— Porque cada um tem um jeito, Nana. Ela queria vir mas, você sabe, a mamãe é meio fechada, né?

— Ela não gosta muito de mim... — falei conformada.

— Mas que absurdo é esse? Claro que ela gosta de você. Ela te ama tanto quanto eu. E ama você tanto quanto o Guga.

— Não é verdade... — discordei, triste comigo mesma por duvidar do amor da minha mãe.

— Filha, sua mãe teve uma infância difícil, agora que você já está mocinha, precisa entender isso — ele disse meio inseguro.

Mas, apesar de ter menstruado, eu ainda não era uma mocinha. Era apenas uma criança precoce de 10 anos. E meu pai sabia disso. Tanto que quando pedi explicações sobre o tal período difícil que minha mãe tinha tido na infância, ele se recusou a falar.

— Às vezes ela faz as coisas de um jeito... mas não é por mal. É porque ela não sabe direito como fazer, entende?

— A mãe dela não ensinou ela a fazer?

Meu pai respirou fundo.

— Filha, por muito tempo sua mãe não teve a mãe por perto — respondeu apreensivo, com medo de que puxasse conversa.

— Por quê? — perguntei curiosa.

— Filha, está tarde. Agora é melhor todo mundo ir dormir — e desviou o assunto de um jeito que só ele fazia para me convencer.

— Você não quer que o papai vá trabalhar cansado amanhã, quer?

— Não. Boa noite, pai.

— Boa noite, Pitukinha — ele disse já apagando a luz e dando um beijo em minha testa.

Demorei para conseguir dormir. Fiquei imaginando o que será que tinha acontecido no passado da mamãe para ela ser assim.



Capítulo 5



Quando meu pai viu minha mãe pela primeira vez ele tinha 18 anos e, ela, 16. Estavam num ônibus voltando de uma domingueira, um tipo de festa que acontecia aos domingos em alguns clubes. Ela estava de cabeça baixa, olhando fixo para os próprios joelhos. Tinha cabelos lindos na altura da cintura e era muito magra. De aparência frágil, ao levantar os olhos, meu pai pôde perceber que aquela menina era diferente e quis entender por que ela estava tão triste. Um sentimento de proteção tomou conta dele. Mesmo com o coração aos pulos, ele se aproximou dela.

— Posso sentar aqui? — perguntou, apontando o assento ao lado.

— Está vazio.

— Isso é um sim? — ele sorriu meio sem graça.

Ela sorriu de volta e não falou nada.

— Como é seu nome?

— Helena.

— Tito — ele estendeu a mão, mas não foi correspondido.

— Se você quiser, sento em outro lugar...

— Não — respondeu minha mãe. — Não precisa. Desculpa, é que hoje não estou num bom dia.

— Ainda bem que já está chegando a noite, então...

Minha mãe olhou para ele um pouco mais animada.

— Agora, falando sério, você está bem? Por que você está triste?

— Não é nada não... — respondeu minha mãe, sem muita convicção.

— Se você quiser, sou um bom ouvido. E, além do mais, salto só no ponto final. Brigou com o namorado?

— Não tenho namorado.

— Bonita assim, não tem porque não quer.

— Mais ou menos.

— Hum... já sei... seus pais pegam no seu pé?

— Só tenho pai — respondeu minha mãe, com o olhar perdido na janela.

—Você mora com ele? — meu pai perguntou, curioso.

— Não... ele mora no interior. Eu vim pra São Paulo morar com uma tia.

— Puxa, que legal!

— Mais ou menos — ela respondeu, seca de novo.

— São Paulo ou sua tia?

—Mais ou menos legal morar com minha tia. É de favor, não me sinto bem. E tem meus primos lá, é muita ciúmeira.

— E você está triste por isso?

— Tenho saudade do meu pai, dos meus irmãos.

— Quantos irmãos você tem? — perguntou meu pai, tentando distraí-la da tristeza.

— Comigo somos três.

— Quantos homens e quantas mulheres?

— Eu e mais dois homens. E bravos.

— Sério?!

— Sério — respondeu minha mãe, com um sorriso maroto.

— Tudo bem. Posso conquistá-los com minha simpatia e mostrando minhas boas intenções — falou meu pai como se

tentasse convencer a si mesmo.

— Você é muito pretensioso. Primeiro, você tem que conquistar a mim! E não estou interessada — provocou minha mãe.

— Então, lá vai... — meu pai disse e depois falou tudo de uma vez, sem respirar: — Helena, quando vi você entrar no ônibus meu coração disparou, minha garganta ficou seca e a única coisa que pensei foi que daria a minha vida para não ver você assim, com os olhos tristes, como você estava... por favor, dê uma chance de você me conhecer melhor, você vai ver que sou um bom moço, trabalhador, honesto e nunca falei isso para nenhuma outra mulher porque você...

— Ei, calma... — interrompeu minha mãe, vendo que o rapaz, ali ao seu lado, estava realmente interessado nela.

— Posso te convidar para tomar um sorvete amanhã? — disse meu pai, visivelmente ansioso.

— Você vai ter que pedir permissão para a minha tia — minha mãe respondeu, reticente.

— Até para o Papa — ele disse confiante.

Menos de dois anos depois eles se casaram. Durante o namoro, meu pai ficou cada vez mais apaixonado por minha mãe. E, se por um lado, isso foi graças à beleza e encantos dela, por outro, foi por toda a fragilidade que ela representava. Sua história de vida não tinha sido nada fácil e meu pai achava que só ele poderia salvá-la de tanto sofrimento.

Eu nunca soube direito sobre a infância da minha mãe. Tudo que sabia era de ouvir um comentário aqui, outro ali. Mas, da boca da minha mãe mesmo, a pessoa que me parecia mais próxima da verdade, nada. Nas vezes em que tentei falar com ela sobre isso, até para poder entender melhor as coisas, ela se limitou a comentários evasivos. Imagino que tenha agido assim para se defender das lembranças dolorosas. Talvez tenha dado certo, mas o fato é que isso acabou me causando um mal terrível: tive que lidar com minhas

fantasias. E qualquer fantasia, pelo menos para mim, é sempre pior do que a realidade.

O que eu sabia era que meu pai tinha tido uma infância marcada por uma doença séria, desencadeando uma proteção exagerada por parte da minha avó Lola e da irmã dele, minha tia Maria João. Já da minha mãe, a única coisa que sabia era que, aos 4 anos, ela tinha sido entregue para ser criada por uma família que não conhecia.

Apesar de minha mãe ter dito que só tinha pai, isso não era verdade. Ela também tinha mãe e estava bem viva. Meu pai só descobriu isso quase um ano depois de estarem namorando, quando Dona Lúcia, mãe de minha mãe, apareceu sem avisar e sem ser convidada na casa de meu avô Hugo, o pai de minha mãe, no dia em que eles estavam fazendo um churrasco para anunciar o noivado.

— Agora que estou trabalhando com carteira assinada e terminando os estudos, Seu Hugo, quero pedir a mão de sua filha, a Helena, em casamento — disse meu pai, erguendo um copo de cidra.

— Finalmente, meu filho! Acho que posso te chamar assim, né? A Helena é jovem, mas se é o que ela quer, desejo a vocês toda a felicidade do mundo. Vocês têm a minha bênção. Só peço uma coisa: netos!

Nesse momento, minha mãe, que estava encostada na mesa, disfarçou e saiu apressada em direção ao portão da casa como se tivesse visto uma assombração. Meu pai estranhou e foi atrás sem que ela percebesse. Confuso, ele viu algo que jamais poderia imaginar.

— O que você está fazendo aqui?! — minha mãe perguntou baixinho para a senhora de cabelos loiros tingidos e muita maquiagem que estava parada do outro lado do portão.

— Eu tenho direito...

— A senhora não tem direito nenhum desde que abandonou a mim e aos meus irmãos há quase quinze anos!

— Eu sou...

— É melhor nem tentar terminar a frase. Vai embora, Dona Lúcia!
Agora!

Minha mãe falou séria e virou-se para entrar de novo na casa quando se surpreendeu ao ver meu pai ali.

— Tito?!

— Quem é ela, Helena? — perguntou meu pai, atônito.

Minha mãe olhou para a senhora e falou.

— Alguém que confundiu o endereço. Vem, vamos entrar.

— Filha... me escuta — chamou a tal da Dona Lúcia, minha avó, quando minha mãe já estava de costas.

Surpreso, meu pai segurou o braço da minha mãe.

— Filha?! Ela te chamou de filha, Helena?!

— Tito, não quero falar sobre isso...

— Filha, por favor... — insistiu minha avó outra vez.

Minha mãe fingiu não escutar.

— Tito, presta atenção: eu disse que só tinha pai! Essa mulher não me interessa — e começou a chorar baixinho enquanto minha avó, ainda na calçada, apelava para o meu pai.

— Rapaz, estou vendo que você gosta muito dela, da minha filha. Por favor, diz para ela falar comigo, pelo menos me ouvir...

Sem entender direito o que se passava, meu pai abraçou minha mãe enquanto fazia sinal com a mão para a minha avó se afastar.

— Tito, pede para ela ir embora, me tira daqui — sussurrou minha mãe, antes de ter uma crise de choro.

Mais tarde, depois que todos já tinham ido embora, meus pais conversaram sobre o que tinha acontecido. E, pela primeira e única vez, minha mãe falou da mãe dela para o meu pai.

— Helena, eu pensava que sua mãe tinha morrido.

— Pra mim, morreu mesmo, Tito — ela respondeu, com os olhos vermelhos de chorar.

— Mas, aquela senhora...

— Ela é minha mãe sim, mas não quero vê-la nunca mais! Ela fez muita gente sofrer. Por causa dela, meu pai foi preso!

— Preso? — meu pai perguntou, surpreso.

Minha mãe, então, continuou depressa como se soubesse que se parasse de falar provavelmente não conseguiria contar a história até o fim.

— É. E tem mais! Por causa dela, eu fui dada para uma família que nem conhecia. E meus irmãos também. Cada um foi parar num canto...

— Helena, vai mais devagar, que história é essa?

— Aquela senhora que você viu no portão, Tito, é uma mulher egoísta que só pensou nela a vida inteira e agora quer voltar, sabe lá Deus o motivo. Melhor se tivesse morrido de verdade...

— Não fala isso, Helena — interrompeu meu pai. — É pecado.

Nessa hora, minha mãe não se conteve e chorou como uma criança ao reviver tudo o que tinha acontecido com ela.

— Pecado é trair o marido como ela fez! Pecado é ser perdoada e depois trair meu pai de novo! Pecado é fazer tudo isso na própria cama e ser pega em flagrante pelo marido! Pecado foi meu pai ter atirado no amante daquela senhora, que se diz minha mãe, e ter sido preso! Pecado é essa mulher ter fugido e largado os três filhos enquanto meu pai estava na cadeia por causa dela! Justo meu pai, que você conhece, e que você sabe que é a melhor pessoa do mundo! Pecado foi ter sido criada por uma família que não era a minha e que me fazia de empregada quando eu tinha só 4 anos de idade. Pecado, Tito,... olha para o meu nariz, está vendo esse osso aqui mais saliente? Pecado é isso... ele foi quebrado depois que a dona da casa onde eu morava me empurrou porque deixei cair um copo sem querer... eu era tão pequena... Pecado, Tito, foi meu pai e

meus irmãos termos sido separados uns dos outros porque ela não quis saber de nada a não ser de se assanhar por aí. Eu não aceito, Tito. Como ela tem coragem de aparecer aqui agora?! Preferia que tivesse morrido, sim!

Depois do desabafo, minha mãe nunca mais quis tocar no assunto. Quando meu pai tentava puxar conversa, ela era categórica.

— Por favor, Tito. Não insista. Para mim, esse assunto morreu.

Apesar de meu pai ter respeitado a decisão da minha mãe, depois de alguns meses, minha avó Lúcia, sem minha mãe saber, o procurou.

Ele estava indo para o trabalho quando ela o abordou no ponto de ônibus em que ele parava todos os dias.

— Você é o Tito, não é? — ela disse.

— Desculpe, mas a senhora...

— Sou a mãe da Helena sim — e abriu um sorriso falso.

— Claro, me desculpe. Não a reconheci...

— Tudo bem rapaz. A situação em que fomos apresentados não foi das melhores. Você tem tempo para um café? — ela disse, sem enrolar.

Meu pai olhou para o relógio e, mesmo vendo que estava em cima da hora, aceitou. Além de estar curioso, acreditava que, de alguma maneira, poderia diminuir aquela mágoa entre mãe e filha.

— Se for um só, tudo bem. Tá em cima da minha hora.

— Tem algum lugar aqui perto?

— Tem, logo virando a esquina — respondeu meu pai, achando aquilo tudo muito estranho.

Quando chegaram à padaria, meu pai começou a falar.

— Desculpa, mas como você me achou?

— Tenho te seguido. Sei que você trabalha no centro e que todos os dias pega o ônibus nesse ponto às 7h15 — disse minha avó, sem olhar para o meu pai.

— Me seguido por quê?

— Preciso da sua ajuda — ela falou, sem rodeios.

— Minha? Mas para quê?

— Sei que você é um bom rapaz, que gosta da minha filha. Preciso que converse com ela, peça para ela, ao menos, me ouvir. Isso é o pedido de uma mãe desesperada, por favor... — e abaixou os olhos, na tentativa de parecer frágil.

Atônito e com dó daquela mulher à sua frente, meu pai não conseguiu dar outra resposta senão a de que faria todo o possível para conseguir uma reconciliação entre as duas. Mas, antes, quis ouvir a versão da minha avó.

— Dona Lúcia, a senhora me desculpe, mas a Helena me contou coisas muito sérias sobre o motivo do rompimento de vocês. Posso tentar ajudar, até porque acho que a família é a coisa mais importante que existe, mas gostaria de saber, da senhora, o que aconteceu.

— Provavelmente o que a Helena contou é verdade... mas eu era muito jovem, e um dia, meu rapaz, você vai ver que na juventude a gente faz coisas das quais se arrepende depois. O problema é que a gente só descobre depois que não dá para refazer de novo.

Com meu pai cada vez mais atento a cada palavra, minha avó Lúcia contou sua versão sobre tudo o que tinha acontecido.

— Eu me casei com o pai da Helena, o Hugo, aos 13 anos. Imagina, eu era uma menina. Tinha sonhos, mas aí, menos de um ano depois, veio o primeiro filho. O segundo, no ano seguinte. Depois a Helena, minha caçulinha... enfim, tive os três antes dos 16 anos! Eu era jovem, bonita... imatura também. O Hugo era um bom homem, mas nunca soube do que uma mulher precisa, se é que você me entende? — ela disse de um jeito que meu pai se sentiu desconfortável.

— Não, Dona Lúcia, desculpe, não entendo — respondeu, tentando mostrar valores morais, mas num tom educado.

Minha avó ignorou o comentário de meu pai e continuou.

— Tinha um amigo... eu não queria... bom, mas aconteceu. Foi um bandido que me seduziu, prometeu cuidar de mim e dos meus filhos, juro, mas aí, depois de alguns meses, vi que era mentira! Sabe, nunca imaginei que iria acabar em tragédia essa história. Nunca teria feito nada se soubesse que meus filhos seriam entregues para outras pessoas, que o Hugo seria preso... que ele perderia a cabeça! Ele chegou em casa e viu aquele desgraçado saindo e pronto, atirou nele! Eu tive que fugir... a cidade toda ia ficar sabendo... tive muita vergonha... por favor, me ajude a reconquistar meus filhos... — ela disse e começou a chorar.

— Calma, Dona Lúcia, fique calma... prometo que vou falar com a Helena, mas a senhora sabe, ela tem um gênio forte e está muito magoada... foram anos longe da senhora, tentando continuar a vida... talvez demore algum tempo, mas prometo que vou tentar, está bem? — respondeu meu pai.

Vendo que meu pai estava coberto de boas intenções, minha avó Lúcia abraçou-o fortemente, deixando-o ainda mais sem graça.

— Obrigada, muito obrigada, você é um anjo.

— Tudo bem, Dona Lúcia, não precisa agradecer...

— Quando posso te ligar para ver como andam as coisas?!

— Olha, eu e a Helena vamos casar em dois meses. Então, é melhor eu ligar, para ela não desconfiar que a senhora está por trás disso, ela tem... bem, desculpe dizer isso, mas ela tem muita raiva de tudo o que aconteceu. É melhor ir com calma...

Minha avó começou a chorar de novo.

— Minha caçula vai casar e eu não vou poder ver...

— Infelizmente, não — respondeu meu pai, com pena daquela mulher.

O casamento foi lindo. Simples, mas lindo. Estavam todos os irmãos de minha mãe e ela entrou na igreja pelos braços do meu avô Hugo, exatamente como tinha sonhado a vida inteira. Minha avó paterna, Dona Lola, meu avô Ramón e minha tia Maria João também estavam felizes e emocionados com o casamento do seu eterno caçulinha.

Já meu pai tinha um sorriso diferente no rosto. Uma expressão que só pude perceber anos depois nas fotografias. Era um sorriso de satisfação. Talvez porque, finalmente, estivesse sentindo que poderia exercer o papel de protetor. E não ser só o protegido, como estava acostumado a ser tratado pelas mulheres de sua família.



Capítulo 6



Sempre pensei que fosse possível economizar em gestos e palavras, mas não em sentimentos. Isso, ou você tem, ou não tem.

Quando nasci, Guga não tinha nem completado um ano. Minha mãe conta que, naquela época, ele começava a ensaiar os primeiros passos e assim que me viu, parou de andar. Com a minha chegada, ele não só perdeu seu pequeno mundo perfeito, como também seu reinado: pai, mãe, avós paternos e nossa tia Maria João, que moravam no apartamento da frente, deixariam de dar toda a atenção só para ele. Agora, eu dividia com ele o centro das atenções. Diferentemente dele, que foi vítima de minha presença, o sentimento que em mim nasceu com o passar dos anos foi o de culpa. Por minha culpa, meu irmão havia regredido; por minha culpa, meus pais, na época lá pelos 20 anos, tiveram que se desdobrar ainda mais para cuidar de dois filhos. E, o que é pior: à medida que fui crescendo, por minha culpa, tinha certeza, minha mãe se sentia cada vez mais excluída do nosso núcleo familiar por causa da minha relação com meu pai.

— Quando eu estava grávida do seu irmão, só queria chupar limão com sal. Seu pai dizia que era frescura minha, que, imagina, falta de coisa melhor para pensar... Aí, quando você nasceu, quem queria chupar limão com sal era ele! — contava minha mãe em tom de brincadeira, mas não sem uma ponta de tristeza sempre que o assunto gravidez surgia.

Confesso que nessas horas sentia uma felicidade enorme por ter uma conexão com meu pai mesmo antes de ter nascido. O que eu

não imaginava, e acho que nem poderia por ser muito criança, é que minha mãe se ressentia dessa minha alegria. Mais do que isso, ela nunca perdoaria meu pai por não ter conseguido se desvincular das mulheres fortes da família dele para formar uma nova, só com ela.

Tito, meu pai, nasceu na Espanha. Era o filho caçula do meu avô Dom Ramón, um professor ginásial, e minha avó Lola, uma cabeleleira conhecida por fazer os penteados mais bonitos da cidade, inclusive em pessoas da corte, muito próximas ao rei. Eles vieram para o Brasil quando a Espanha estava sob o domínio do general Franco. Uma época difícil, de pobreza e autoritarismo. Sem saber falar o português, meu avô não podia mais lecionar, e, então, começou a revender cortes de boi, porco e galinha de frigoríficos de fundo de quintal.

— Dom Ramón, essa semana o senhor me traz 12 quilos de linguiça e cinco peças de presunto. Mas vê se faz um desconto porque o seu Armando da venda da rua de baixo disse que tem fornecedor novo na praça e o senhor sabe, eu quero ajudar, mas tudo tem limite e não posso me prejudicar... —escutava meu avô sem reclamar e já fazendo um abatimento na mesma hora, com medo de perder os poucos clientes que tinha.

Essa atividade não garantia o sustento da mulher e dos filhos, mas ajudava com um extra todo mês destinado ao sonho da família: comprar uma casa para que um dia pudessem viver com a tranquilidade de não terem mais que pagar aluguel. Enquanto isso, minha avó trabalhava dia e noite nos pequenos salões que montava na sala de cada uma das casas em que viveram.

Minha família sempre foi simples. Mas é preciso deixar claro de que tipo de simplicidade estou falando. Não era apenas economicamente, mas de um jeito mais profundo. Imagino que de um modo que nem o tempo, nem o dinheiro, que viria muitos anos depois, poderiam modificar. Tia Maria João, seis anos mais velha do que meu pai, conta que quando eles eram crianças, às vezes, faltava comida em casa e minha avó Lola deixava de almoçar para garantir que, tanto ela quanto o pequeno Tito, tivessem o que comer. Foi

esse instinto protetor que fez com que minha avó Lola enxergasse meu pai como um filho frágil, que deveria estar sempre sob seu olhar atento. E isso mesmo depois de ele já ter se casado o que, segundo minha mãe, contribuiu, e muito, para as brigas dos dois.

Aos 4 anos meu pai ficou doente, quase morreu. Minha avó, que já tinha perdido um filho ainda bebê, redobrou os cuidados com o pequeno varão da família. Com medo de que a história se repetisse, ela acabou negligenciando, mesmo sem querer, minha tia Maria João e voltou todas as suas atenções para meu pai que, além de inúmeras restrições alimentares, ainda teve de ficar na cama por mais de um ano.

Enquanto isso, tia Maria João crescia sentindo-se também responsável pela família. Além de ajudar na casa, era ela quem cuidava de meu pai enquanto minha avó trabalhava.

— Maria João, você que já é grande, pode ir na venda comprar açúcar e café para as freguesas. E volta logo para me ajudar a segurar os grampos, enquanto faço os penteados, e depois poder ficar um pouco com seu irmão até ele dormir — dizia minha avó, com carinho, mas ignorante sobre o sentimento de responsabilidade que isso gerava em minha tia ainda menina.

Quando o pequeno Tito chorava, tia Maria João fazia palhaçadas. Se ele ficava bravo, ela cantava. Mas, enquanto a vida passava como um pesadelo durante o dia, à noite meu pai dormia e tia Maria João ficava mais acordada do que nunca.

Com o dia a dia difícil, pouco dinheiro e a perspectiva de uma vida melhor cada vez mais distante, meus avós acabavam brigando semana sim e outra também. E foram tantas vezes que tia Maria João tinha certeza de que um dia minha avó abandonaria meu avô. Torcendo para que os pais se separassem e a gritaria de todos os dias acabasse, logo que a discussão começava, tia Maria João, prevenida, arrumava a mala com suas roupas, do meu pai e de minha avó, caso Dona Lola resolvesse ir embora durante a noite. Mas isso nunca aconteceu e como a pequena tia Maria João não podia prever o futuro, a ela só restava apoiar o rosto delicado sobre

a mala e se deixar levar pelas lembranças de um tempo bem longe dali. Um tempo de inocência, vivido por uma menina tão diferente da maioria, mas, no fundo, com o mesmo sonho de todos: apenas ser feliz.

Na pequena cidade de sua primeira infância, onde morou até os 7 anos, tia Maria João tinha a impressão de que o tempo tinha a velocidade das nuvens. Devagar em dias de chuva, rápido demais em dias ensolarados. No período pós-guerra, a vida era difícil para toda a família. Mas não era isso que a fazia diferente de seus amigos, aliás tão pobres quanto ela. Pelo contrário. Repartir com as outras crianças os cogumelos pegos na beira do trilho de trem, onde sua avó trabalhava, na verdade eram os raros momentos em que se sentia igual a todas as pessoas que a cercavam.

No íntimo, tia Maria João sempre soube que era especial. Mesmo sem ainda racionalizar, seu coração já batia em descompasso. Na medida em que crescia, percebeu que o que a diferenciava não vinha de fora. Não era ser mais pobre ou mais bonita, mais alta ou mais baixa, mais ou menos gorda, mais loira ou menos falante. Sua singularidade vinha de suas inquietações, de um lugar que ela ainda não conhecia o caminho, mas que já sabia perfeitamente existir.

Enquanto as meninas de sua idade brincavam de casinha, tia Maria João brincava de casar. Mas sempre com uma outra menina. E a fantasia crescia quando isso acontecia debaixo da mesa da cozinha de sua casa. Ali, beijaram-se Maria João e Joana. Maria João e Mercedes. Maria João e Carmem. Não importava o nome de seu amor momentâneo. Era sempre ela e ela. Alguns meninos até que tentavam se exibir colocando seus pintinhos para fora da calça, mas numa idade em que isso apenas provoca risos, Maria João não era diferente das outras crianças e achava graça daquilo, igualzinho às outras meninas. O que ela não sabia é que aquele risinho continha um nervosismo beirando o histérico, como se adivinhassem que, mais cedo ou mais tarde, elas não iam poder ser apenas observadoras de uma anatomia, mas sim cúmplices de um ato.

Foi nessa época que tia Maria João teve a impressão de que, além do corpo, a alma também poderia sentir. E hoje, mesmo tanto tempo depois, debruçada sobre a mala, escutando a discussão entre meus avós que parecia não ter fim, ela se lembrava daquele dia que poderia ter sido igual a tantos e, no entanto, foi doloroso.

Numa manhã em que o cheiro de café fresco invadia a casa, tia Maria João ouviu, ao longe, algumas vozes estranhas. Olhou pela janela de seu quarto e viu, na rua, uma caminhonete parada em frente ao portão. Estranhou. Naquele dia sua mãe não a acordara para ir ao colégio. Primeiro ela pensou que tivesse febre e talvez estivesse sendo poupada, mas a verdade é que sentia-se tão bem que esse não poderia ser o motivo. Correu até o armário, vestiu o uniforme e depois agarrou seu pequeno caderno de colorir. Mas, antes mesmo que pudesse ir para a escola, sua mãe entrou em seu quarto, interrompendo o caminho da imaginação de tia Maria João que, a esta altura, já estava com seus amiguinhos contando como tinha sido seu dia anterior. Antes de perceber algo diferente em minha avó, tia Maria João achou graça ao descobrir que os pensamentos são mais rápidos do que a vida. Mas, diante do sorriso aflito de Dona Lola, sua descoberta logo perdeu importância. Minha avó caminhou até ela e colocou a mão sobre seus ombros como se ali fosse o único lugar em que poderia apoiar toda sua angústia. Um gesto com tanta propriedade que tia Maria João achou que seu ombro tinha passado a existir só a partir daquele instante. Depois disso, tudo o que ela se lembrava era de um carinho trêmulo, entrecortado por algumas palavras desconexas.

—'Outro país... adeus... mocinha. Para de chorar.'

Foi assim que a manhã, que deveria ser como tantas que já conhecia, transformou-se em sua primeira grande perda. Enquanto isso, meu pai dormia profundamente. Com quase 2 anos, a verdade é que no Brasil, China ou Islândia, sua vida mudaria muito pouco. Tia Maria João tinha ciúme dessa ignorância infantil, mas não podia fazer nada em relação a isso. Ela era mais velha e, ele, um bebê inocente que não sabia das coisas. Isso era um fato e, mesmo que ela ainda não soubesse, se transformaria no modelo de relação que

teria com meu pai por toda a vida, para desespero e revolta da minha mãe.

Quando minha avó saiu do quarto, tia Maria João não sabia o que pensar. Sentou-se na beira da cama e passou longos minutos olhando para a ponta de seu único sapato boneca. Mais tarde ela foi ao colégio. Mas, dessa vez, apenas para se despedir. Seus pais tinham resolvido se mudar para outro país em busca de uma vida melhor. A cada *hasta luego* que dava, tia Maria João sentia seus olhos marejados. Não queria partir, não queria começar de novo, não queria dizer adeus a tudo que conhecia por sua vida. Mas, como sua mãe havia dito, ela já “era uma mocinha e deveria entender que tudo aquilo seria para melhor e, por isso, não tinha motivos para chorar.”

Seus amigos pareciam tão perplexos quanto ela. Ao se aproximar de cada um deles, ela simplesmente estendia a mão e dizia adeus. Alguns questionavam para onde ela estava indo mas, como um ser programado para não sofrer, ela só respondia: “Vai ser para melhor”, deixando as outras crianças, assim como ela, repleta de sentimentos órfãos.

No final da manhã foi pior. Encontrou Carmem, sua melhor amiga. Olharam-se nos olhos. Tia Maria João percebeu que qualquer mudança para melhor não mudaria o fato de ela estar deixando para trás o que de realmente importante havia acontecido ao longo da sua tão breve vida. Percebendo que nunca mais iriam se ver, não disseram nada. A verdade é que a dor antecipada da saudade ficaria impressa em suas vidas.

Tia Maria João tinha 6 anos quando meus avós descobriram que ela era diferente das outras meninas. Foi numa tarde de nuvens baixas. Passando pelo quintal, minha avó Lola viu quando ela brincava de fazer desenhos com um pedaço de galho na terra batida que tinha no fundo da casa. Quando minha avó chegou perto da filha, a expressão de alegria em seu rosto mudou. Tia Maria João havia desenhado ali um coração e, dentro, o nome Carmem. Na ignorância de sua criação provinciana, vó Lola começou a sorrir tia

Maria João, deixando-a com as pernas marcadas e o rosto inchado por muito tempo.

No dia seguinte, as nuvens do céu sumiram, mas outras nasceram em seu coração. O susto de Maria João foi tão grande que, até hoje, ela tem aflição de sentir terra sob os pés descalços. Não demorou muito até que percebesse que essa ida para outro país não era mais do que uma fuga. Do país, do autoritarismo e da vergonha de ter uma filha diferente. O que seus pais não sabiam é que seria uma fuga para a liberdade dos sentimentos cárceres de tia Maria João.

De repente, os berros cessaram. O coração de Maria João disparou. Perdida em suas lembranças dos tempos de menina na Espanha, ela não percebeu se a briga de seus pais tinha acabado bem ou mal.

—Maria João, vai pra cama agora! — gritou Dona Lola lá da sala como se respondesse aos pensamentos da filha.

Sem raciocinar ou discutir, tia Maria João desarrumou a pequena mala com meia dúzia de roupas e se atirou na cama aos prantos. Mas não sem antes cobrir o irmão numa mistura de raiva e carinho.

— Se você não fosse tão pequeno, aposto que minha mãe teria coragem de largar meu pai e a gente estaria livre desse inferno. A culpa é toda sua, Tito. A culpa é sua — ela disse baixinho, antes de adormecer segurando a mão do irmão e mexendo em cada um de seus dedinhos para que ele soubesse que ela estava ali e sempre o protegeria.

Os dias foram passando e o pequeno Tito ficando cada vez mais forte. Era um menino doce, educado e, sob um certo ponto de vista, até meio boboca. Não desobedecia, não criava caso, brincava com os amigos da rua como qualquer criança. Seu apelido entre a molecada era "espanhol", mesmo não tendo nenhum sotaque e, diferentemente de tia Maria João, também nenhuma lembrança de seu país.

Quando meu pai Tito tinha uns 10 anos, começou a trabalhar de office-boy para ajudar em casa. Tia Maria João já trabalhava dando duro de dia, estudando à noite e passando roupa para fora aos finais de semana. Era com esses trocados extras que comprava balas jujuba para o meu pai, algumas revistinhas de que ele gostava e ainda conseguia economizar umas moedas para seus passeios de bonde pela cidade.

Meu pai conta que, uma vez, quando tinha uns 14 anos, depois de sair do banco com sua pequena maleta cheia de pagamentos, ele parou num bar para tomar um refrigerante. Na saída, acabou esquecendo a maleta e só quando estava no ônibus, indo para outro banco, lembrou-se dela. Fez sinal para o cobrador parar e saltou como um coelho atocaiado. Correu o mais que pôde em direção ao bar na tentativa de reaver sua maleta. Desviava das pessoas nas ruas como se visse fantasmas. “Meu Deus, se alguém pegou essa maleta, tô perdido. Além de ir para o olho da rua, a Maria João vai comer meu fígado” — ele pensava enquanto punha os pulmões para fora na maior corrida que deu em toda sua vida. Apesar de sentir-se asfisiado pela proteção de tia Maria João, ela sempre fora um exemplo para ele. E, pelo menos por enquanto, ele sentia que seriam os dois contra o mundo no caso de uma guerra nuclear ou se qualquer outra coisa parecida acontecesse.

Por sorte, o dono do bar era um sujeito honesto e, ao perceber que alguém tinha esquecido uma maleta, tratou de guardá-la até que o dono viesse buscar. Em agradecimento, meu pai passou a tomar refrigerante só naquele bar. Quanto à tia Maria João, ao saber o que tinha acontecido, falou tudo o que queria e, principalmente o que não devia, para meu pai até ter certeza de que ele aprendera a lição: ser mais responsável.

Depois, quando ele já tinha ido dormir, ela entrou no quarto, cobriu-o como fazia quando ele ainda era pequeno, beijou sua testa e falou baixinho, muito mais para que ele não ouvisse do que para não acordá-lo

— Tenho muito orgulho de você, Tito.

Hoje penso que, num ambiente assim, meu pai não tinha muitos recursos psicológicos para, de alguma maneira, romper com sua família antiga e construir uma nova, só dele. E, infelizmente, era exatamente disso que minha mãe precisava quando eles se casaram.

Nem bem meus pais voltaram da lua de mel e os problemas com a família “dele” começaram. Minha mãe queria privacidade mas, com meus avós sendo vizinhos de frente, era difícil. Quase todos os dias alguém tocava a campainha na casa dos meus pais.

— Oi, Helena. Trouxe carne de panela que o Tito adora — minha avó disse, já entrando no apartamento com uma travessa nas mãos.

— Puxa, obrigada Dona Lola, mas a gente tinha marcado de comer uma pizza com uns amigos — respondeu minha mãe, sem maldade.

— Ah, mas a pizza pode ser outro dia, né? Já a carne não, porque estraga — minha avó contestou, sem dar chance para minha mãe.

— Tem razão. Vou ligar para os nossos amigos e marcar outra noite, quem sabe...

— Olha, aqui tem bastante carne, dá para umas seis pessoas, viu?!

Percebendo onde minha avó queria chegar, minha mãe cedeu.

— Bom, a senhora, seu Ramón e a Maria João não querem, então, vir comer com a gente mais tarde?

— Ótima ideia! Assim aproveito para ver meu Tito... já tem mais de dois dias que a gente não sabe dele! Pobrezinho, trabalha demais... — continuou minha avó até que minha mãe deu um basta.

— Bom, Dona Lola, a conversa está boa, mas como a gente já vai se ver à noite, a senhora me dá licença que tenho muito o que fazer. Tem roupa pra passar, pra lavar, a casa pra arrumar. Como a senhora pode ver, não é só o Tito que trabalha muito nessa casa, né?

— Oh, minha filha, de jeito nenhum. Não foi isso que quis dizer, imagina... é só que ele tem patrão. E, às vezes, isso é difícil, tem que escutar o que não quer... mas o Tito é diferente, até o chefe

gosta dele, não tem rapaz melhor no mundo. Você teve sorte — disse minha avó num tom acima da admiração.

Mas minha mãe, que nunca teve papas na língua, não deixou barato.

— Ele também teve sorte, Dona Lola, ou a senhora pensa que é fácil achar uma boa moça de família por aí? — e olhou minha avó nos olhos deixando bem claro que naquela casa quem mandaria seria ela ou, pelo menos, tentaria.

— Não precisa ficar brava, Helena. Não falei por mal...

— Está certo, Dona Lola, está certo... melhor deixar para lá.

Quando meu pai chegou em casa, ele já sabia de tudo o que tinha acontecido. E, o pior: não tinha sido pela boca da minha mãe.

— Puxa, Helena, que história foi essa com a minha mãe? — meu pai perguntou.

— Como assim?! Sua mãe já te falou?! — minha mãe respondeu, surpresa.

— Bom... — meu pai gaguejou percebendo que, sem querer, estava piorando a situação. — Ela ligou lá pro serviço pra dizer que eles vinham jantar aqui em casa e aí comentou que parece que houve um mal-entendido entre vocês, sei lá... foi sem maldade alguma.

— Sei... e você acreditou que tudo que ela falou era sem maldade? Inclusive ligar para você e dar a versão dela primeiro?! Tá bom...

— Que foi, Helena? Por que você está assim? Que eu saiba, foi você que quase pediu para ela ir embora porque você tinha muito o que fazer — respondeu meu pai. — É natural que ela tenha ficado magoada.

— Aaah, e ela ainda coloca você contra mim?! Olha aqui, Tito, eu não casei com sua família. Eu casei com você! Todo domingo a gente tem que almoçar com eles, querendo ou não! Pelo menos três vezes por semana eles passam aqui para ver como o "Titozinho"

está sendo cuidado! E, agora essa, ela liga para contar “sem maldade” o que foi que aconteceu e você chega em casa de cabeça feita?! Quer saber, cansei! Ou você explica de uma vez por todas para a sua mãe que a sua mulher sou eu ou... ou... ou nem sei! Não vou aturar isso por muito tempo não... Você precisa dar um basta nisso, Tito! Aliás, antes de sua mãe, você precisa entender que, agora, sua família sou eu! — minha mãe começou a gritar.

Vendo que ela estava começando a ficar nervosa de verdade, meu pai tentou colocar panos quentes.

— Mas é claro que você é a minha família, minha amiga, meu amor, minha mulher, Helena... que bobagem, pode deixar, vou falar com minha mãe — meu pai disse num tom mais conciliador. — Mas tenta compreender, eles não têm mais ninguém aqui no Brasil, somos só nós, entende? E ela me trata assim por causa daquela história na minha infância... lembra que fiquei doente... aí ela acha que tem que me proteger até hoje...

Minha mãe interrompeu antes de ouvir, pela milésima vez, a mesma história.

— Sei, Tito, conheço de cor essa história. Acontece que você não morreu e também não é mais criança. É bom ela entender logo isso! — minha mãe falou mais uma vez enquanto era abraçada pela cintura.

Nesse momento, a campainha tocou. Eram meus avós e tia Maria João que vinham para jantar. Antes de abrir a porta, minha mãe olhou para o meu pai uma última vez.

— Por favor, Tito, não me decepcione.

Mas meu pai a decepcionou. Diferentemente do que minha mãe esperava, ele se comportou como se nada tivesse acontecido. A verdade é que ele não queria prolongar o mal estar entre as duas e muito menos ter que mostrar que uma era mais importante do que a outra. Até porque, para ele, as duas eram importantes e igualmente amadas: uma, como mãe, e outra, como esposa. Mas minha mãe

não entendeu. Nunca. Ela queria que ele tomasse partido e isso era pedir demais para ele. Esse foi o início do fim.

Para piorar, quando meu irmão nasceu, meus pais convidaram tia Maria João para a ser a madrinha. Mais do que feliz, ela sentiu-se realizada, afinal ela mesma não teria filhos nunca.

— É claro que quero ser a madrinha dele! E olha, me comprometo a cuidar como se fosse meu filho — ela respondeu, já pegando Guga nos braços.

Agora, além da família do meu pai morar no apartamento da frente e sempre aparecer para uma visitinha, tia Maria João sentia-se na obrigação de acompanhar de perto o crescimento de seu afilhado. E, apesar de se dar bem com minha mãe, ela tinha o gênio tão ou mais forte que o da cunhada.

— Helena, não quero me meter, mas o Guga está com umas pintinhas na barriga. Você já o levou ao médico?

— Isso é o calor, Maria João. Não precisa se preocupar.

— Mas, e se não for?

— É, Maria João. Ele já teve outras vezes e o médico me garan...
— minha mãe tentou argumentar, mas foi interrompida.

— Ah Helena, não sei não. Em que médico você levou? Vou perguntar no meu trabalho qual o melhor pediatra de São Paulo.

— Não precisa. Além disso, ele vai no médico que o plano cobre e não em um particular.

— De jeito nenhum! Faço questão de pagar. É presente meu. Imagina, meu único sobrinho e afilhado tem que ter o melhor! — respondeu minha tia.

— Maria João, não sei se o Tito concorda... — ainda tentou ponderar minha mãe.

— Com o meu irmão, me resolvo depois... ele não pode ser machista e ficar ofendido só porque vou pagar.

Mesmo com a melhor das intenções, minha tia Maria João foi assim a vida inteira: dava o melhor para todo mundo, mas exigia, sem perceber, que tudo fosse feito do jeito que ela queria.

Infelizmente, seria uma questão de tempo para minha mãe colocar um ponto final em tudo. A única dúvida era: quanto tempo?



Capítulo 7



Nunca senti medo do meu pai. Já da minha mãe, sim. Não era medo de apanhar, era medo de magoar. Bastava um olhar dela e já sabia que aquela situação de mal-estar, da gente não se falar direito, iria durar dias. Eu tinha tanto pavor de ela ficar chateada que, com o tempo, comecei a fazer de tudo para agradá-la. Inclusive, muitas vezes, deixar de ser eu mesma.

Foi mais ou menos na adolescência que comecei a agir como mãe dela e não como filha. Tentava poupá-la de qualquer coisa de ruim que pudesse acontecer. Um erro pelo qual acabei pagando a vida inteira pois, se de um lado eu era uma criança, achando que estava fazendo certo, por outro, ela era uma mulher adulta, que tinha certeza de que eu estava agindo errado. Mas, para infelicidade de nós duas, ela não sabia verbalizar isso. Então, em vez de sentar e me explicar as coisas como elas deveriam ser, sua reação foi irracional e, pelo menos em relação a mim, muitas vezes sentia que ela tinha uma mágoa contida. Já com meu irmão, as coisas eram diferentes. Ele foi um típico adolescente rebelde, provocativo e desafiador. Nas férias, então, as coisas ficavam piores.

— Vou sair sim e quero ver quem vai me impedir! — meu irmão desafiou um dia, já na porta de casa.

— Gustavo, me obedeça! Sou sua mãe e estou dizendo que não vai sair e pronto! Essa festa é muito tarde e você ainda não tem idade pra isso — ela respondeu, tirando a chave da porta.

— Não tenho aula amanhã! Posso dormir a hora que quiser.

— Esse não é o ponto. Eu tô dizendo que você não vai sair e acabou! Imagine um moleque de 16 anos na rua, sabe lá com quem, até de madrugada! Era só o que me faltava!

— Quem você pensa que é?!

— Sou sua mãe e você vai me obedecer por bem ou por mal!

— Fica, então, com essa merda de chave, você vai ver uma coisa...

— Fala assim mais uma vez que te faço engolir os dentes! — e minha mãe já fechava a mão ameaçando bater.

Nessa altura, eu começava a chorar e pedir para que ela se acalmasse.

— Não faz isso mãe, por favor, para!

— Não se mete, Mariana! Não se mete ou você também vai apanhar! E vai pro seu quarto!

Meu irmão, ainda revoltado por ter que obedecer minha mãe, continuava provocando.

— Vai, pode vim bater, bate mesmo! Sempre soube que você era ignorante! Só assim você consegue as coisas, né?!

— Gustavo, Gustavo... você vai se arrepender.

— Não, quem vai se arrepender é você de não me deixar sair, sua louca! É isso que você é, lou-ca! — meu irmão falou pausadamente como se esfregasse as letras na cara da minha mãe.

Gota d'água. De repente ela vira um tapa na cara dele. Olho para o Guga e vejo sua mágoa misturada com raiva. Olho para minha mãe e, por mais que ela se julgue certa, percebo que está ainda mais triste do que ele por ter feito isso. Meu irmão não fala mais nenhuma palavra e sai da sala. Ela também não fala mais uma palavra e sai da sala. Sobro eu, ali, sozinha. Ainda chorando. Da cena que acabei de presenciar, a sensação que tenho é que foi selado um pacto entre os dois. Por mais triste que ambos estejam, isso os uniu ainda mais. São mãe e filho. A mãe tem que mandar, o filho tem que obedecer. Eles entenderam isso. Minha mãe costumava

dizer que ela podia esfolar vivo um dos filhos, mas que ninguém mais podia tocar um dedo. Era o direito da maternidade. O direito de errar porque estava tentando acertar. Algo sagrado.

Vou até o quarto do meu irmão e a porta está fechada. Lá dentro, silêncio. Minha mãe também se trancou no quarto dela. Ouço ela chorando baixinho. Algumas horas depois, ela sai. A dor de ter batido no meu irmão fica evidente em seus olhos inchados. Ela vai até o quarto do Guga e bate na porta.

— Guga... Guga...

Nenhuma resposta. Ela tenta de novo.

— Guga, abre essa porta que estou mandando — ela fala, autoritária, mas com carinho.

Alguns segundos depois, a porta se abre. Meu irmão está na escrivaninha, de costas para minha mãe.

— Filho, você tem que entender uma coisa: existe idade para tudo. E ainda não está na hora de você sair à noite.

Sem olhar para trás, meu irmão responde seco.

— Todos os meus amigos vão. To-dos!

— Você é você. Eles são eles.

— Eu sou o ridículo que tem a mamãezinha que não deixa!

Nessa hora minha mãe começou a ceder.

— Se você for, vai ter hora para voltar. E seu pai é quem vai te buscar, está bem?

— Mas mãe, isso é pra crian...

Nem bem ele acabou de dizer a frase, minha mãe interrompeu, firme.

— Não tem negociação. É isso ou nada.

— Tá bom — o Guga respondeu contrariado.

Minha mãe se aproximou dele, colocou a mão nos seus cabelos e deu beijo em sua cabeça. Nenhum dos dois precisou dizer mais

nada. Estava tudo bem.

Por alguns segundos, quis estar na pele do meu irmão. Ter enfrentado minha mãe sem medo de magoá-la. Ter levado aquele tapa. Ser o alvo de sua proteção. Sentir que o amor perdoa. Saber que sou a filha e, ela, a mãe. Algo simples assim.

Mas comigo as coisas eram um pouco mais complicadas. Se por um lado minha mãe protegia mais meu irmão, por outro ela fazia algumas coisas por mim que demonstravam seu amor imenso. Isso era o que me deixava mais confusa.

Lembro quando torci meu pé jogando basquete no colégio. A diretora ligou para a minha mãe e, em cinco minutos, lá estava ela, parada na porta da quadra com cara de preocupação. Ela se aproximou de mim e perguntou se estava doendo. Respondi que não muito. Mas quando ela viu meu tornozelo inchado, me segurou pela cintura e, em menos de quinze minutos, já estavam tirando uma radiografia do meu pé.

A clínica era grande e o médico que me atendeu bastante simpático.

— Bom, agora é só aguardar o resultado para ter certeza que não quebrou nada.

Em poucos minutos, a secretária entrou na sala com a chapa na mão. Logo percebi que o resultado não era dos melhores. O médico pediu para falar a sós com minha mãe. A coisa era mais séria do que podia imaginar. Depois de alguns minutos na sala ao lado, minha mãe voltou com os olhos vermelhos, amparada pelo médico. Mal sabia eu que em pouco tempo teria uma prova de amor justamente de quem a vida toda pensei não gostar tanto de mim.

— Que foi, mãe?! — perguntei, num misto de susto e receio.

— Nada — sua resposta veio seca.

O médico, então, começou a falar.

— Então, Mariana, agora você vai ter que engessar esse pé mas, mais para frente, vamos ter que fazer outros exames.

— Que exames?!

— Filha, não discute. Vamos fazer o que tem que ser feito e depois vamos para casa.

No carro, sentada no banco de trás para poder apoiar a perna, vi pelo retrovisor o semblante triste da minha mãe. Pensei em perguntar de novo que exames tinha que fazer mas, como sempre, para não aborrecê-la, resolvi deixar para lá.

Alguns dias depois, no café da manhã, percebi que ela não estava tomando café, o que era estranho porque ela bebia umas cinco xícaras por dia.

— Você não quer café? — perguntei, já com a térmica na mão para servi-la.

— Na... na... não precisa pôr, não — e segurou a minha mão no ar. — Não vou mais tomar café..

— Como assim, mãe? Você adora café! — falei achando que era uma piada.

— Não vou tomar mais café e pronto — ela respondeu, sem dar nenhuma explicação.

— Mas, mãe, não quer nem misturar com leite?

— Não insiste, Mariana! Nunca mais vou tomar café!

Deixei de novo a térmica sobre a mesa e fiquei olhando para ela, saindo da cozinha, brava. Olhei, então, para o meu irmão que estava ali sentado.

— Foi promessa. E por sua causa — ele disse em tom grave.

Quase cáí para trás. Do que o Guga estava falando?

— Pera aí... você sabe de alguma coisa? — perguntei.

— Só você não sabe, Nana.

— Então, me fala!

— De jeito nenhum! Depois, sobra pra mim — ele respondeu, com o egoísmo típico dos adolescentes.

— Ai, Guga, num creio! Te dou minha coleção de disco da Olívia Newton John se você me contar!

— É sério. Dessa vez não tem troca que me faça falar.

— Como assim?!

— Nana... não quero sua coleção de disco... quero que você fique boa... — e, estranhamente, o vi baixar a cabeça.

Meu irmão ameaçou sair da mesa, mas segurei seu braço. Pela primeira vez tínhamos uma conversa de adultos.

— Guga, por favor, o que está acontecendo? Não é justo a mamãe ter contado para você uma coisa sobre mim e não ter contado para mim!

— Ela não me contou nada, Nana... eu ouvi quando ela disse pro papai...

— Disse o quê?! Por favor, Guga, você sabe que ela não fala muito as coisas para mim! Por que ela está sem tomar café? O que tem a ver comigo? —perguntei quase chorando.

— Tá bom, Nana, vou te falar. Mas se você contar pra alguém que te falei, nunca mais, mas nunca mais mesmo, eu falo com você, tá?

— Tá.

— Promete?

— Prometo.

— Jura?

— Juro.

Finalmente, ele desembuchou.

— Você está com alguma coisa na perna.

— Gesso! — respondi, com humor.

— Engraçadinha. Não é só isso. Parece que acharam uma mancha no seu osso quando tiraram a radiografia.

— E por que a mamãe parou de tomar café?

- Fez uma promessa para não ser nada de grave com você.
- Sério?! — perguntei com um sorriso enorme.
- Você parece feliz...
- Eu tô, Guga, você nem imagina como tô.

Duas semanas depois, veio o resultado do teste. Não era câncer como o médico supôs, e minha mãe tanto temia, mas sim uma mancha sem importância. Algo que muito provavelmente nasceu comigo e que, aos poucos, iria desaparecer. Mas, para mim, seria inesquecível. Ficaria para sempre. Minha vontade era de emoldurar aquela radiografia. Ela era a prova de que minha mãe me amava.

Apesar dessa descoberta, nosso relacionamento não melhorou. Ao contrário. O fato de entender as coisas não significava que elas eram sentidas de um jeito diferente. Depois de ter a prova de que minha mãe me amava, comecei a tentar me aproximar dela. Mas, em quase todas as vezes, falhei. O discurso, eu já sabia de cor, mas mesmo assim, tentava.

— Mãe, quero ser sua amiga — eu dizia.

— Nunca vou ser sua amiga. Sou sua mãe. Amiga, você tem na escola — era o que, invariavelmente, ela respondia.

Hoje sei que na cabeça dela isso significava colocar limites, dizer o que é certo ou errado e proteger como uma mãe tem obrigação de fazer. E, como para ela, ser amigo não exigia essas coisas, ela jamais seria minha amiga. Pena que ela não sabia que dava para ser as duas coisas ao mesmo tempo. Com o passar dos anos, tive certeza: minha mãe jamais mudaria. E foi por isso que, aos 15 anos, tentei me matar.



Capítulo 8



Na minha adolescência, minha imaginação superou, em muito, qualquer realidade. Percebi que resistir aos conflitos só fez com que eles ficassem cada vez maiores.

Passei a maior parte da juventude trancada em meu quarto. Ali escutava música, dormia, escrevia e engordava. Costumava trazer bolo e pão da rua e esconder dentro das gavetas, bem no fundo, embaixo das roupas para ninguém achar. Assim, não precisaria sair dali para almoçar. Foi uma época muito difícil para mim. Virei hippie. Não me depilava, não fazia as unhas e meu cabelo vivia embaraçado. A verdade é que tudo que se aproximava de ser mulher e, dessa maneira, se parecer com a minha mãe, eu rejeitava. Nem de longe queria ter algum tipo de semelhança com ela. Não era ódio. Era uma espécie de constrangimento: tinha medo que ela achasse de novo que estava disputando meu pai com ela. Principalmente agora que o casamento deles já não parecia tão perfeito.

Com o passar dos anos, a amizade entre mim e meu pai foi aumentando e deixou minha mãe cada vez com mais ciúme. Ela só não percebia que era o fato de ela ser tão distante de mim que me empurrava cada vez mais para o lado do meu pai.

- Mariana! Guga! O jantar está na mesa.
- Ué, mas o papai ainda não chegou... — respondi.
- Ele sabe que isso aqui não é hotel e tem hora para comer.

— Mas, mãe, ele está trabalhando! Você fala como se ele estivesse jogando baralho com os amigos... — falei indignada.

— E eu? Não trabalhei o dia inteiro? Não arrumei a casa, levei o cachorro para passear, fiz o almoço, o jantar, fui ao supermercado...

Antes que ela continuasse com a lista sem fim, cedi.

— Tá bom, mãe... tá bom. Vamos comer.

— Pra ficar com essa cara não precisa. Você vai jantar agora, Gustavo?

E, antes mesmo que ele respondesse, ela foi para a cozinha.

— Pode esperar seu pai, Mariana — ela falou e saiu com ares de superioridade.

Nunca entendi porque minha mãe não aceitava o amor que eu tinha pelo meu pai como algo natural. Afinal, ela também adorava o pai dela. Eu e meu irmão nos entreolhamos.

— Aconteceu alguma coisa entre vocês antes? — o Guga perguntou.

— Não.

— Ela está com tpm? — ele disse com ironia.

— Não sei. Ela não fala dessas coisas comigo... — constatei triste.

Meu aniversário estava chegando. Completaria 15 anos no meio do ano e, como sempre, a maioria dos meus amigos estava viajando. Era uma época em que normalmente as meninas escolhiam entre festa de debutante ou viagem para a Disney. Não quis nenhuma das duas coisas. Preferi uma Tv. Assim, poderia passar ainda mais tempo sozinha no meu quarto. Mas, em vez de aliviar a tensão entre mim e minha mãe, meu distanciamento causou-lhe uma mágoa enorme. Se antes havia um buraco entre nós, nesse ano o buraco me engoliu.

Sabia que nossa relação não era boa, mas nunca tinha me sentido desprotegida. Pelo menos não até aquele dia. Minha mãe sempre foi uma leoa quando o assunto era defender a mim ou ao Guga.

Independentemente do clima que estivesse entre nós. Segundo seu jeito mais simples de ver a vida, minha mãe costumava dizer que com filho dela ninguém se metia. Mas, o que antes sempre me pareceu verdade, de repente, da noite para o dia, virou uma mentira.

Estava vendo Tv quando, do nada, me veio uma imagem na cabeça. Uma imagem tão nítida que eu sabia que tinha acontecido na vida real, mas que “por trauma eu tinha apagado por tanto tempo”, disseram meus analistas, anos depois. Completamente atordoada, sentindo-me humilhada e indefesa, entrei na cozinha onde ela estava fazendo um bolo.

— Mãe... — chamei baixinho, quase sem forças.

Ela não ouviu. Tentei mais alto.

— Mãe...

— Quê? — ela respondeu, sem virar a cabeça.

— Queria te falar uma coisa — continuei confusa.

— Fala, Nana. Que foi? Não posso parar de bater o bolo agora — e continuou mexendo a massa.

— Lembrei de uma coisa... quer dizer, acho que aconteceu uma coisa, mas não tenho certeza. Ou melhor, tenho certeza...

Ela me interrompeu.

— Não enrola, Nana.

Procurei ser mais direta.

— Lembra quando a gente mudou para esse apartamento?

— Que é que tem? — ela perguntou, sem dar muita importância.

— Primeiro foi feita uma reforma, né?

— Hum, hum — ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Quantos anos eu tinha? Seis, 7 anos?

— Péra... 6 anos. Por quê?

Respirei o mais fundo que pude e senti que iria desmaiar.

— Teve um eletricista. Não sei se eu sonhei, mas acho que não... foi verdade.

— Mariana, o que você quer falar?

— Então, lembro de passar pelo corredor que dava para os quartos... — gaguejei — ... e esse eletricista me agarrou com força e me beijou! A língua dele foi na minha garganta...

Minha mãe só me olhava enquanto eu continuava cada vez mais nervosa e desconexa.

— ... ele mexia lá dentro... a mão dele subindo nas minhas pernas, ai que ânsia... mexendo...

Enquanto vomitava a cena toda que vinha na minha cabeça, minha mãe não conseguia olhar para mim. Era como se ela não pudesse encarar o fato de que não estava presente quando precisei. Comecei a tremer.

— ... e depois, só lembro de ser muito pequena e precisar ficar na ponta dos pés para lavar a boca na pia da cozinha! — terminei de falar de uma vez só, quase sem respirar.

Alguns segundos de silêncio. Minha mãe ficou sem reação. Ela parou de bater o bolo e sentou na mesa da cozinha. Pela primeira vez, em quinze minutos, me olhou nos olhos.

— Mariana, o que você está falando é muito sério. Deve ser sua imaginação ou talvez você tenha mesmo sonhado.

Quase não acreditei no que ouvi. Também a olhei nos olhos.

— Aconteceu, mãe.

E como se precisasse ouvir as próprias palavras, ela falou pausadamente, não deixando margem para continuar o assunto.

— Você não pode acusar ninguém sem provas.

Engoli seco. Apesar de todas as nossas diferenças, ali, na minha frente estava minha mãe, e eu queria muito que ela tivesse me abraçado, me protegido. Se não no momento que aconteceu, já que ela não sabia, pelo menos agora, que eu estava contando. Foi como

ser exposta à mesma violência de novo. Eu me senti humilhada. E, exatamente nesse momento, para mim, a vida deixou de querer viver.

Fiquei triste durante meses. Pela primeira vez senti ódio da minha mãe. Como era possível ela escolher não acreditar no que eu tinha contado? Decidi me matar. E, de alguma maneira, fazê-la se sentir culpada.

Calculei tudo. Como não tinha coragem de acabar com todo aquele sofrimento com minhas próprias mãos, pensei em me enganar e deixar o destino cuidar disso. Minha ideia era simples. Morava no nono andar e sempre me assustei fácil. Às vezes, até quando o telefone tocava, levava susto e pulava da cadeira. Por isso, pensei: " Vou sentar no parapeito da janela com as pernas para o lado de fora. Se alguém bater na porta do quarto, me assusto e caio." Não seria tão difícil.

Mas, antes de sentar na janela, escrevi um pequeno conto sobre um jovem que queria matar a mãe, mas que não conseguia porque a mãe morria antes, do coração, sem dar chance ao filho de matá-la. Depois disso, o jovem definhava porque descobria que, para ele, se ela era o tormento, também era o alívio. Era meu jeito de dizer que a odiava, mas que também a amava.

Deixei o conto em cima da cama. Queria que minha mãe fosse a primeira a achar. Meu maior desejo era que ela lesse e sentisse tristeza pela minha tristeza, que sentisse remorso. Mas nada aconteceu do jeito que planejei.

Não sei por quanto tempo fiquei ali, sentada na janela, com as pernas balançando ao vento. De repente, vi que algumas pessoas começaram a se aglomerar na rua lá embaixo e apontar os dedos para mim. Senti vergonha daquela situação e entrei no quarto de novo. Estava arrasada. Não tinha coragem de me matar, nem vontade de viver. Por sorte ou azar, como ninguém bateu na porta, não pude morrer em paz.

Mesmo sem saber, já estava com depressão. Nos meses seguintes, engordei quase 20 quilos. Era mais uma tentativa de não me sentir

mulher. Só que, dessa vez, não era só medo da minha mãe achar que eu competia com ela. Era medo de qualquer homem. Depois que lembrei do que havia acontecido com o eletricista, comecei a ter pânico de chamar atenção. Afinal, se ainda criança eu tinha provocado aquilo num homem, imagine agora, começando a ter formas de mulher.

Minha mãe não associou esse quadro à tristeza, mas sim aos hormônios da adolescência. Para ela, o fato de eu ficar o dia todo no quarto significava rebeldia. Nessa hora, eu era igual ao meu irmão.

Os dias foram passando e só eu sabia desse segredo, dessa tentativa frustrada de chamar a atenção. Não havia cumplicidade na minha dor. Minha mãe nem imaginava a angústia que me consumia e, com meu irmão cada vez mais rebelde, praticamente deixei de existir. Felizmente, não para o meu pai.

— Pitukinha, vem cá — ele disse, batendo com a palma das mãos nos joelhos.

— Eu já sou grande pai — sorri.

— Pra mim, não. Vem aqui.

Não resisti. Sentei em seu colo e, como quando era criança, deitei minha cabeça em seu ombro.

— Filha, o que está acontecendo?

— Nada.

— Sei... você acha que me engana? — disse com a sua voz tranquila.

— Não é nada, pai. Bobagem...

— Nada do que acontece com você é bobagem. Pode desembuchar. Tô vendo que você anda triste. Você é transparente, igualzinha a mim.

Não falei nada sobre a minha tentativa de suicídio, nem sobre a lembrança que tive do eletricista. Sei que isso o deixaria arrasado e tudo o que não queria era deixá-lo triste. Em vez disso, fui direto ao ponto.

— Ainda bem que me pareço com você e não com a mamãe...

— Filha, a mamãe tem um monte de problemas. Releva, deixa para lá...

— Tá... já sei... tenho pena dela... mas não consigo entender, pai. É como se eu não existisse pra ela. Parece que ela só gosta do Guga. Só presta atenção nele. Só se importa com o que acontece com ele!

Meu pai ficou em silêncio. Percebi que ele concordava, de alguma maneira, com minha observação.

— Não é isso... é só que ele dá mais trabalho do que você.

— Ah, é isso, então?! Preciso causar mais problemas para ela gostar mais de mim? Desculpa, pai... isso não é justo.

— Não, você tem razão. Não é justo, filha, mas um dia, quando você for adulta e tiver os seus filhos, vai entender.

— Não vou entender nunca!

Meu pai me puxou mais para junto dele.

— Os pais dão mais atenção para aquele filho que precisa mais da gente...

— Eu preciso... — e comecei a chorar.

— Eu sei, filha, desculpa... eu vou melhorar e vou conversar com sua mãe também. Não está certo você se sentir assim.

— Você não precisa melhorar, pai. Te amo.

— E eu mais ainda — respondeu com o olhar perdido na chuva que batia na janela da sala.

Uma das coisas que mais me comoviam em meu pai era sua humildade. Ele sempre estava disposto a ver os próprios erros e a melhorar no que pudesse, mesmo se já estivesse tudo bom. Já minha mãe tinha muita dificuldade de admitir qualquer erro. Não é que ela se achasse perfeita. Era pior: ela não admitia errar.

Apesar dela fazer, emocionalmente, diferença entre mim e meu irmão, no resto, era tudo igual: o que um tinha, o outro tinha

também. E isso para o bem ou para o mal. Se um ganhava um presente, o outro ganhava também. Se um tinha sobremesa, o outro tinha também. E até se um apanhava, o outro apanhava também, mesmo não tendo culpa.. Mas, no final daquele ano, foi diferente: o mundo desabou na cabeça do meu irmão. Finalmente entendi porque minha mãe fazia tanta diferença entre nós.



Capítulo 9



Em parte graças ao empenho do meu pai em reaproximar minha mãe da minha avó materna, alguns meses depois do casamento elas voltaram a se falar. No começo foi difícil. Minha mãe se recusou, por muito tempo, até a conversar sobre a possibilidade de reencontrá-la. Mas, um dia, meu pai armou um encontro entre as duas num café.

— Você nunca tinha me trazido aqui, Tito — disse minha mãe, parecendo gostar do lugar.

— Na verdade, também nunca tinha vindo. O pessoal do trabalho é que fala desse lugar. Dizem que é um dos melhores cafés da cidade.

— Bom, vou pedir o meu com leite.

— Quero um puro. Sem açúcar — respondeu meu pai.

— Nossa! Assim tão forte?

O primeiro pensamento do meu pai foi enrolar minha mãe, dizer que foi uma coincidência encontrarem minha avó ali. Mas, sabendo como minha mãe era, dificilmente ela acreditaria. Então, resolveu ir direto ao assunto.

— Helena, por favor não fique chateada.

— Com quê?! Imagina, está tudo uma delícia: cinema, sorvete, cafezinho...

— Na verdade, tem uma razão para a gente estar aqui.

— Qual?

— Marquei um encontro com sua mãe.

Minha mãe se levantou para ir embora na mesma hora, mas meu pai segurou seu braço.

— Helena... ela está sofrendo muito... perdoe.

Minha mãe foi irônica.

— Perdoar quem? Ela ou você por essa palhaçada?

— Helena, não faz assim. Você sabe que tenho razão... sei também que você quer muito perdoar sua mãe e só não faz isso porque acha que o que ela fez não tem desculpa.

— E tem, Tito? — minha mãe perguntou, seca.

— Talvez não. Mas pelo menos escute o que ela tem a dizer. Imagine quando a gente tiver um filho, errar com ele e quiser se descul...

— Não começa, Tito...

— Tudo bem, você está certa. Não quero fazer drama, nem apelar. Só gostaria que vocês conversassem, só isso. Família é muito importante...

Apesar de contrariada, minha mãe se acalmou. Ela também queria aquele encontro. Ouvir o porquê de ter sido abandonada.

Meu pai ainda estava a convencendo a ficar quando minha avó chegou. Minha mãe sentou-se de novo. O clima era tenso.

— Oi... filha — disse minha avó.

Minha mãe riu nervosa.

— Era só o que me faltava. Filha?

— Helena, por favor... — falou meu pai baixinho.

— Por favor, o que, Tito? Eu já estou aqui, não estou? Vou ouvir o que ela tem para falar, se é que tem alguma coisa para dizer, mas pedir que eu faça parte desse teatro de "filha" já é demais para a minha cabeça... — retrucou minha mãe.

— Está certo, Helena, está certo — continuou minha avó. — Bom, obrigada por ter aceitado falar comigo.

Minha mãe não se conteve.

— Só vou esclarecer uma coisa: eu não aceitei falar com a senhora. Eu fui enganada. O Tito me trouxe aqui sem eu saber de nada, senão jamais viria.

— Nesse caso, obrigada, Tito, por trazer minha filha, quer dizer a Helena.

— A senhora aceita um café? — perguntou meu pai.

— Não, obrigada. Vou ser rápida... sei que a minha presença incomoda a Helena — disse minha avó, olhando para a minha mãe.

Minha mãe evitou o olhar. Minha vó respirou fundo.

— Helena, só quero que você... me desculpa... filha. Me perdoa. Do fundo do coração, te peço... se pudesse voltar atrás... eu sei que errei...

me desculpa...

Minha mãe interrompeu sem piedade.

— Sabe qual o problema? O problema é que eu não acredito na senhora. Acho que se você pudesse voltar atrás, faria tudo igualzinho. Não foi só uma vez que você enganou meu pai. E não foi só um filho que a senhora abandonou. Por isso, Dona Lúcia, esse papo não me engana.

Meu pai achou melhor interferir antes que a coisa piorasse.

— Helena, sua mãe errou, mas está pedindo perdão.

— Tá bom, Tito, tá bom. A senhora quer meu perdão, tudo bem, mas fica assim então: a senhora vai viver a sua vida e eu a minha. Aliás, como sempre foi. A gente não precisa conviver — disse minha mãe decidida.

— Por favor, Helena, me dá uma chance.

— Chance de quê? Para quê?

— De ficar mais perto de você... você é a única filha que não me aceitou de volta, os seus irmãos entenderam...

— Ah, eles te perdoaram é? Vai ver que é porque nenhum deles tem memória! Mas me lembro muito bem da família que quebrou o meu nariz. E lembro muito bem da cara do meu pai, da decepção dele, de todo o sofrimento meu, dos meus irmãos... a gente largado, não sabendo se um dia ia se ver de novo... o pai na cadeia. A senhora colocou na cadeia a melhor pessoa do mundo! A senhora é que merecia estar presa, sabia?! E num lugar para loucos! Como a senhora pode...

Vendo que a conversa estava tomando um rumo perigoso, meu pai a interrompeu.

— Bom, Helena, é melhor a gente ir embora...

Minha avó baixou a cabeça.

— Não, Tito, tudo bem. Eu mereço... se é esse o preço que tenho que pagar para tê-la de volta, aceito.

— Pode perder as esperanças! A senhora nunca vai me ter de volta, tá entendendo?! — retrucou minha mãe.

— Helena, só preciso que você me deixe tentar. Só tentar. Se, com o tempo, você achar que não pode me perdoar, juro que vou embora para sempre. Eu desapareço da sua vida, mas me deixe tentar mostrar para você que mudei. Eu era muito nova... você sabe, quando casei com seu pai... era uma criança...

Nesse momento, minha avó se emocionou e começou a chorar. Minha mãe abaixou a guarda.

— O que a senhora quer de mim?

— Ligar de vez em quando, poder te ver nem que seja só para um café, falar com você... saber como vão as coisas... contar o que estou fazendo... só isso, mais nada, filha, juro.

Minha mãe ficou em silêncio. Meu pai sabia que esse era seu jeito de dizer "sim" e ficou aliviado. Pelo menos a bronca que ele levaria depois por ter armado esse encontro teria valido a pena.

— Bom, Dona Lúcia, acho que já está tudo falado, né? Agora é melhor cada um ir para sua casa e deixar o tempo cuidar do resto.

Minha avó segurou a mão do meu pai e a beijou de um jeito meio teatral.

— Que isso, Dona Lúcia?! Por favor, não faça isso! — ele disse.

— Se não fosse por você, isso nunca teria acontecido — e olhou para a minha mãe na busca de uma palavra.

Minha mãe continuou calada. Apesar de ceder ao apelo do meu pai em dar uma nova chance para minha avó, ela sentia que aquilo tudo não era verdadeiro. E que, de novo, cedo ou tarde, minha avó iria magoar alguém. Infelizmente, minha mãe estava certa. Foi só uma questão de tempo. Mais precisamente dois anos depois, quando meu irmão nasceu.

Mas, apesar de não terem um relacionamento caloroso nem íntimo, nos anos seguintes, pelo menos uma vez por mês, minha avó e minha mãe conversavam por telefone. Como ela morava no interior, a distância era grande, a vontade pequena e elas acabavam se vendo uma ou duas vezes por ano, no máximo. Por isso, foi um susto quando o interfone tocou avisando que minha avó estava na portaria. Eu e o Guga tínhamos acabado de chegar do colégio.

— Oi, seu Everaldo?!

— Boa tarde, dona Mariana. Sua avó está aqui embaixo — disse o porteiro.

— Ela veio com o meu avô Ramón?

— Não... acho que é sua outra avó — respondeu o porteiro.

— Outra avó?!

— É... diz que chama Dona Lúcia.

Tapei o bocal do interfone e consultei meu irmão.

— Guga, o seu Everaldo está dizendo que a nossa avó Lúcia está aí embaixo. O que a gente faz?!

— Manda subir, ué... — respondeu ele, tão surpreso quanto eu.

— Mas e se for alguém querendo se passar por ela?

— Pera aí que vou olhar pela janela.

Meu irmão foi até a janela, olhou lá para baixo e confirmou. Era mesmo a nossa avó pela qual não tínhamos nenhum sentimento.

— Ela tem o cabelo loiro, né? — perguntou Guga.

— Da última vez que a gente viu, tinha.

— Então, parece que é ela mesma. E se prepara, acho que ela está com uma mala na mão!

— Não acredito!!! Espera um pouco... Alô, seu Everaldo, manda subir, obrigada. Que a gente faz, Guga?

— Sei lá. Fica aqui na sala conversando até a mamãe chegar do mercado.

— Espero que ela não demore... — falei num tom mais alto do que o normal com a esperança de um anjo passar e dizer amém.

Ela era a nossa avó e, mesmo não tendo nenhuma intimidade com a gente, chegou como se fosse de casa. Sem nenhuma cerimônia, ela colocou sua mala sobre um dos sofás, pediu um café e fumou seu cigarrinho enquanto eu e o Guga olhávamos incrédulos. Menos de meia hora depois, minha mãe chegou. Pela cara que ela fez, o susto foi grande.

— Oi, filha. Não disse que um dia iria aparecer? — sorriu minha avó.

— Ma... mas a senhora não avisou nada... — respondeu minha mãe, gaguejando.

— Eu estava passando e resolvi de última hora. Vim para visitar uns primos meus que moram por aqui e achei que poderia ser bom passar dois dias com você e com as crianças. Você acha que o Tito vai se incomodar?

— Não — minha mãe disse seca.

— Então, vem me dar um beijo! — tentou minha avó, forçando a barra.

— Por favor, menos — respondeu minha mãe. — Você quer um café, um suco?

— Seus filhos, aliás super-educados, já me ofereceram um café, obrigada — minha avó disse enquanto era fuzilada pelo olhar da minha mãe.

Não demorou muito e minha mãe pediu para que a gente fosse jogar *video game* no quarto; assim, elas podiam ficar mais à vontade para conversar.

— Por que a senhora veio?! — perguntou minha mãe, brava com o atrevimento.

— Eu já disse, estava de passagem e achei que poderia ser uma boa ideia ficar um pouco junto com vocês, perto da família.

— A gente já tinha combinado que, se um dia a senhora fosse vir, avisaria. Não se chega assim na casa dos outros. O Tito trabalha, eu tenho coisas para fazer, as crianças têm colégio...

— Não vou atrapalhar. E não precisa ter medo.

— Não estou com medo. Só acho a logística da senhora ficar aqui em casa um pouco complicada. Se a senhora tivesse avisado antes...

Minha avó interrompeu.

— Se tivesse avisado antes, você inventaria uma desculpa para eu não vir. Estou certa?

Minha mãe não respondeu.

— Quantos dias a senhora pretende ficar?

— Dois ou três, no máximo.

— Menos mal.

— Olha, Helena, eu já falei, mas vou repetir, não precisa ter medo...

Minha mãe ficou apreensiva.

— O que a senhora quer dizer com isso?!

— Nada. Absolutamente nada. Aliás, se você quiser que eu vá embora, vou. Pronto — defendeu-se minha avó.

Nesse momento, minha mãe se sentiu mais dona da situação e relaxou.

— Não, tudo bem. Mas, por favor...

Antes que ela acabasse a frase, minha avó interrompeu.

— A que horas o Tito chega?

À noite meu pai chegou com uma pizza. Minha mãe já tinha ligado para ele avisando sobre a visita inesperada. Na hora do jantar, todos estavam visivelmente desconfortáveis, menos minha avó, que falava sem parar.

— Ano passado conheci Poços de Caldas. Sabia, Mariana, que no hotel que fiquei tinha uma piscina aquecida construída na época do Presidente Juscelino?

— Sério? — respondi, tentando mostrar algum entusiasmo.

— Pois tinha. As mulheres de lá são muito bonitas. Me deu uma saudade da minha época...

— A senhora tem cara de quem foi bonita — falei.

— Ah, fui. Os homens da minha cidade que o digam — suspirou minha avó.

Minha mãe engoliu seco. Meu pai percebeu o quanto aquela conversa estava incomodando.

— Helena, você quer mais um pedaço de catupiry?

— Não, Tito, obrigada.

— E a senhora, Dona Lúcia, aceita?

— Não também, obrigada. Já estou mais do que satisfeita. Alguém quer jogar baralho? — perguntou minha avó deixando todo mundo sem saber o que responder.

Meu irmão aproveitou a deixa.

— Não posso porque vou sair.

Minha mãe não gostou do jeito como foi comunicada.

— Como assim, vai sair?! — ela perguntou, indignada.

Eu achava que aquele clima pesado era só pelo fato da nossa avó não ter nenhuma intimidade com a gente. Engano meu. No meio do jantar, veio a surpresa.

— É isso mesmo que você ouviu. Vou sair e não tenho hora para voltar — meu irmão repetiu, agora ainda mais desafiador.

Minha mãe encrespou.

— Espera aí, mocinho! Primeiro, que tom de voz é esse? Segundo, você tem que pedir permissão. Isso aqui não é um hotel.

— Por quê? Só avisar não está bom?! — Guga retrucou, bravo.

— Não, não está bom! Porque enquanto você não tiver dezoito anos, quem manda nessa casa e em você sou eu!

— Meu pai também manda em mim! Então, se ele deixar, eu vou — meu irmão provocou.

Meu pai, que não gostava de briga, tentou amenizar, mas acabou fazendo com que a minha mãe se sentisse desautorizada.

— Bom, Guga, você tem que falar onde vai.

— Não senhor. Só avisar não! Tem que pedir permissão! — contestou minha mãe.

O Guga, que estava na idade de ainda precisar testar limites, continuou provocando.

— Vou na festa do Rafa. Pronto, avisei, está bom assim? Agora quero ver quem vai me impedir! Meu pai deixou, não é pai?!

— Filho... — começou meu pai, quando foi interrompido por minha mãe.

— Ah, mas desse jeito não vai mesmo!

Minha avó resolveu interferir.

— Helena, o menino já falou onde vai, qual o problema dele ir...

— A senhora não se meta! Eu educo meu filho, está me entendendo?

— Mas, Helena...

— Nem mais uma palavra, por favor!

Nessa altura, eu só olhava. Já tinha muita gente envolvida, protagonizando a cena.

— Helena... — começou meu pai. — Eu posso levar o Guga e ir buscá-lo depois na casa do Rafa — ele disse, tentando por um fim naquela situação.

— Tito, para com isso. Você sabe muito bem que esse não é o ponto! E tem mais, você está tirando minha autoridade na frente do menino!

— Menino não, meu nome é Guga — provocou meu irmão.

— Guga, não me provoque ... — ameaçou minha mãe.

— Senão, o quê?! Vai me bater de novo?

— Deixa ele ir logo, Helena! — minha avó se intrometeu mais uma vez.

— Já falei para a senhora não se meter!

— Como assim, não me meter?! — disse minha avó mais exaltada.

— Aeeeh vó! — o Guga vibrou.

Minha mãe bateu com a mão na mesa.

— O filho é meu e quem sabe o que é melhor para ele sou eu! A senhora está me ouvindo?!

A conversa já tinha virado discussão e faltava muito pouco para se transformar em briga.

— E desde quando bater é educar?! — provocou minha vó.

— Com que direito você vem na minha casa questionar como educo meus filhos?! — esbravejou minha mãe.

— Calma, Helena... — interrompeu meu pai.

— Calma?! Essa senhora, que você ajudou a colocar aqui dentro da nossa casa, Tito... e você sabe muito bem o que ela fez... agora quer se meter e você me pede calma?!

Meu irmão, no auge de sua adolescência, continuou provocando.

— Como você quer que te respeite se você também não respeita a sua mãe?!

Pensei que nessa hora minha mãe fosse fazer meu irmão engolir todos os dentes mas, surpreendentemente, ela baixou o tom da voz. Seu maxilar estava duro. Meu irmão percebeu que tinha passado dos limites.

— Acontece que a minha mãe me abandonou. E eu nunca, nunca, nunca, te abandonei. Nem mesmo... — os olhos da minha mãe se encheram d'água.

— Helena! — interrompeu meu pai.

— Nem mesmo o quê? — perguntou Guga.

— Helena, por favor, não... — tentou mais uma vez meu pai.

— Nada — disse minha mãe.

— Agora fala, está com medo de quê? — desafiou meu irmão.

— Nem mesmo quando você merece que eu suma e tire férias de filhos por um mês! — disfarçou minha mãe.

Meu pai respirou aliviado, mas não por muito tempo. Quando minha avó começou a falar, vi a cara de tensão dos meus pais.

— O que ela queria falar, meu filho, é que... — começou minha avó, mas foi interrompida pelo meu pai.

— Chega!!! Não quero ouvir mais nenhuma palavra. E de ninguém! Guga, vai para o seu quarto. Agora.

— Mas, pa...

— Agora! — ele repetiu.

— Nana, para o seu quarto também. Acabou o jantar!

Mas antes que desse tempo para que saíssemos da sala, ouvimos minha avó desabar.

— Não aguento mais essa situação! São mais de quinze anos nessa mentira!

Minha mãe bateu de novo com a palma da mão na mesa.

— Situação que a senhora criou! Portanto, é melhor aguentar! — minha mãe respondeu, cerrando os dentes.

— Não fale assim comigo ou nem sei o que faço! — minha avó ameaçou.

Nessa hora, eu e meu irmão, em vez de obedecermos ao nosso pai, nos escondemos atrás da porta do corredor. Alguma coisa estava acontecendo ali e nós queríamos descobrir o que era.

— A senhora está me ameaçando?! Sabia que a senhora não tinha mudado. E nunca vai mudar! Está vendo, Tito, não disse? Todos esses anos foram só fingimento. A essência ruim está aí. A senhora só pensa em seu umbigo! Dane-se o que os outros sentem, né? Sempre foi assim, por que mudaria agora, não é mesmo?! — minha mãe gritou.

Eu e o Guga nos entreolhamos sem entender onde aquela conversa ia chegar. Meu pai tentava acalmar os ânimos.

— Dona Lúcia, por favor, vai embora.

— Vou, sim. Mas antes, quero falar com o Guga...

A paciência da minha mãe chegou ao limite.

— A senhora não tem nada para falar com o meu filho!!! Você não vai fazer ele sofrer como fez com todo mundo à sua volta, tá me entendendo?!

Guga, que estava ouvindo toda a conversa do corredor, não pensou duas vezes e voltou para a sala. Ainda tentei segurá-lo, mas a vontade de provocar minha mãe foi maior do que a força da minha mão em seu braço.

— A senhora quer falar comigo, vó? Pode falar.

Minha mãe ficou muda. Meu pai ficou branco. Minha avó, bem, nesse exato instante provou que nunca foi flor que se cheirasse.

— Muito bem, Guga, você já é um rapaz e merece saber a verdade — ela disse.

— Que verdade?

— Dona Lúcia, pense bem no que a senhora vai falar...

— Já pensei.

— Mãe, por favor, a senhora vai magoar mais uma vez alguém que não merece — minha mãe ainda tentou.

— Não vou magoar ninguém! Talvez ele até goste de saber.

— Saber o quê?! — perguntou meu irmão, impaciente.

Minha avó chegou perto do Guga e colocou a mão no ombro dele.

— Bom, tem uma coisa que queria te contar faz tempo. Espero que você entenda...

Meu irmão estava aflito.

— O que vocês estão me escondendo? Fala logo. Já sou um homem, eu posso aguentar.

— Foi o que pensei — retrucou minha avó, com um olhar de vitória.

— A verdade Guga, querido, é que você tem duas mães!

— ...

Meu irmão olhou para todos na sala e depois de novo para minha avó.

— Não entendi...

— Bom, Guga, a verdade é que você é meu filho — disse minha avó abrindo um sorriso forçado.

Meu irmão deu um passo para trás. Arregalei os olhos e levei a mão à boca, tentando segurar o susto. Ninguém dizia uma palavra. Minha avó continuou falando.

— Espero que você entenda, não foi por mal. Vou te explicar tudo direit...

Mas, antes que ela continuasse a falar, meu irmão deu um grito.

— É mentira!!!! — e olhou para a nossa mãe. — Mãe, diz que é mentira!

Meu pai tentou acalmá-lo indo para perto dele.

— Guga, meu filho, vem aqui.

Meu irmão estava incrédulo.

— Pai, diz que essa senhora está louca! Isso é mentira, né?!

Minha avó tentou de novo falar com ele.

— Filho, vou te explicar o que aconteceu. Sei que você vai me entender. Você é tão inteligente e já é um rap...

Meu irmão gritou de novo.

— Não me chama de filho! Sai daqui!

Olhei para a minha mãe e ela estava chorando. Ela não se sacudia, não levava as mãos na cabeça, não mostrava desespero algum. Parecia uma estátua. Simplesmente as lágrimas iam escorrendo sobre seu rosto sem parar. De repente, ela chegou perto do Guga. Serena.

— Filho, eu te amo muito... muito mesmo. Você é a coisa mais importante da minha vida. Você e sua irmã — e chegou bem perto dele, tentando olhá-lo nos olhos. — Isso que a sua avó está dizendo é verdade. Ela é sua mãe biológica. Mas você é meu filho do coração. Desde o primeiro dia você é meu filho e vai ser para sempre. Nada vai mudar isso.

Meu irmão parecia não conseguir raciocinar. Minha mãe percebeu e tentou ajudar, explicando uma coisa que não tinha explicação: minha avó abandonar os filhos.

— Filho, sei que esse não é o melhor jeito de você ficar sabendo... olha, não importa o que aconteceu...

Meu irmão estava revoltado.

— Importa sim! É a minha vida que vocês inventaram para mim! É meu direito saber a verdade! E ele? Ele é meu pai ou também não tenho pai? Vocês transaram?! — e olhou para a minha avó referindo-se a ela.

— Claro que não, filho! — e abraçou forte meu irmão que começou a chorar. Minha mãe olhou para a minha avó com mágoa.

— A senhora viu o que a senhora fez? Agora, vai embora! Some dessa casa, da nossa vida! Para sempre!

Dessa vez meu irmão não desafiou minha mãe. Pelo contrário, ele se virou para a nossa avó e falou com raiva.

— Não está ouvindo o que a minha mãe está dizendo?! Vai embora!

Minha avó não tinha abandonado só minha mãe quando era pequenininha. Quase vinte anos depois, ela engravidou de um caminhoneiro que mal conhecia e, de novo, quis dar o filho para alguém criar. Mas minha mãe não deixou. Ela falou com o meu pai e os dois, recém-casados, ainda sem filhos, resolveram adotar meu irmão. Minha mãe só fez uma exigência: que fosse tudo dentro da lei, que ela tivesse a guarda definitiva. E assim foi. Com meses de vida, meu irmão passou a ser o primogênito dos meus pais. O xodozinho da minha mãe.

O silêncio tomou conta da sala. Meu pai segurou a cabeça com as mãos. Minha avó olhou para baixo, nitidamente envergonhada. Minha mãe tentou segurar a mão do Guga, mas ele se afastou. E eu? Eu não acreditava no que meus ouvidos tinham acabado de escutar. Como assim, meu irmão não era meu irmão?

Em questão de segundos, compreendi por que minha mãe parecia amar mais meu irmão. Ela tinha medo de que ele se sentisse menos amado e tentava compensar o fato dele ser adotado. Era isso: um preconceito às avessas.

Olhei para o Guga e vi que ele continuava chorando. Queria dizer que o amava, abraçá-lo, mas ele foi mais rápido e, de repente, sem

dizer nenhuma palavra, entrou no quarto. Da sala podíamos ouvir o som no último volume.

— Vou falar com ele — disse meu pai.

— Tito, espere... talvez ele precise de um tempo para absorver tudo — ponderou minha mãe, sem forças.

— E, depois que se acalmar, talvez queira falar comigo — disse minha avó que, mesmo não sendo bem-vinda, ainda não tinha ido embora.

Minha mãe riu, nervosa.

— A senhora é a pessoa mais baixa, mais egoísta, mais mesquinha e ordinária que já conheci. Pessoas como você deveriam nascer secas! — gritou minha mãe.

Minha avó respondeu de um jeito arrogante.

— Desculpe se o meu jeito e as minhas decisões abalam tanto você. Talvez seja porque você queira viver a vida como eu vivi. E não ficar aí enfurnada em casa o dia inteiro, fazendo comida e cuidando de criança!

Meu pai finalmente deu um basta.

— Agora chega, Dona Lúcia! Não sei como me enganei tanto com a senhora. Mas não caio nunca mais na sua ladainha. Nem tente contar comigo de novo! Pena que não acreditei na Helena lá atrás, quando ela me disse que a senhora era doente! E, agora, para fora dessa casa!

Meu pai se levantou e abraçou minha mãe. Minha mãe estendeu os braços para mim. Fiquei aconchegada ali também. Por um segundo tive pena da minha avó, mas passou rápido quando vi o Guga entrando de novo na sala, transtornado.

— Eu odeio todos vocês! — ele gritou e voltou para o quarto.

Minha mãe começou a chorar e tentou ir atrás dele, mas dessa vez foi meu pai quem a deteve.

— Helena... calma, vai passar. Ele ainda é adolescente, um garoto... mas já já vai entender tudo.

— Tito... e se ele me odiar? Achar que menti, que o enganei todos esses anos? Eu não vou aguentar.

— Ele te ama... na verdade, não podia ter uma mãe melhor.

Nesse momento olhei para a minha mãe e falei o que me veio no fundo do coração.

— É verdade. A gente não podia ter uma mãe melhor no mundo — e também a abracei o mais forte que pude.

Depois de cinco minutos fui bater na porta do quarto do meu irmão.

— Guga, é a Nana... abre pra mim?

Nenhuma resposta.

— Guga, por favor... ouvi mais coisas na sala que posso te contar — falei baixinho.

A porta se abriu. Meu irmão estava de costas, olhando pela janela.

— Guga...

Nenhuma resposta.

— Tá bom, já vi que você não quer falar. Mas olha, quero que você saiba que para mim não mudou nada, por isso esquece se você acha que vou te tratar como um coitadinho.

Vi que, apesar de ter chorado muito, ele conseguiu sorrir levemente e fui para perto da janela olhar os carros lá embaixo junto com ele. Após alguns minutos quieta, falei o que realmente estava sentindo.

— A mamãe é uma pessoa muito legal, né...

— O papai também — ele retrucou.

— Esse, nem se fala! Mas o papai, todo mundo sabe que é legal! A mamãe não... a gente pensa que ela é dura, mas, nossa, acabei de perceber que ela é uma puta mulher... tá certo que meio

esquentada, que vocês brigam um monte, mas é porque você provoca. Eu que devia estar triste. Você sabe que para ela “todos os filhos são iguais, mas você é mais igual, né?”. Puxa, sei lá, o que ela passou não deve ter sido fácil...

Meu irmão me interrompeu.

— Você sabia que eu era adotado?

— Não.

— Jura, Nana?

— Nossa, juro por Deus, Guga. Te mostro todos os meus dedos... olha, não tô cruzando nenhum.

— É estranho...

— O quê? — perguntei.

— Passar a vida acreditando numa coisa e, de repente, não ser nada daquilo.

— É e não é — filosofei.

— Hã?

— Ah, sei lá por que disse isso. Acho que porque, é sério, pelo menos para mim, vai continuar sendo tudo igual.

— Eu tava pensando... acabei de decidir uma coisa: vou estudar fora — ele disse com uma certeza admirável.

— Fora, onde?! — me assustei.

— Em outro país, sei lá. Tem um monte de amigo meu que já foi. Dizem que é legal. Você não tem vontade?

Fiquei sem resposta. Nunca tinha imaginado a possibilidade de me separar do meu irmão. Nós sempre fomos muito grudados. Escola, festas, cinema, passeios, brigas, brincadeiras, viagens, a gente fazia tudo juntos.

De repente, comecei a chorar. Como poderia ficar longe do meu irmão? Ele era a parte de mim que me situava no mundo. Era o de igual para igual, com quem eu compartilhava os pontos de vista

quando era o mundo contra nós: esse professor é muito chato, a mamãe não entende a gente, detesto salada, vamos pedir aumento de mesada? Sem dúvida, se ele fosse mesmo para outro país, sentiria muito a sua falta.

Apesar dos dias seguintes terem sido de muita conversa entre meus pais e o Guga, eu sabia que nunca mais as coisas seriam iguais. Meu irmão parecia mais maduro.

— Filho, a gente quer que você saiba que você pode fazer o que seu coração mandar — disse meu pai.

— Eu sei, pai — ele respondeu firme.

— A gente não vai ficar magoado se você quiser ir atrás dela, conversar, sei lá... — disse minha mãe, referindo-se à minha avó.

— Não, não quero. Para falar a verdade, também não gostaria que ela viesse aqui. Ela é só a avó com a qual nunca tive nem vou ter nada em comum. Você é que é a minha mãe! — ele disse, enquanto minha mãe sorria.

Na verdade, todo mundo falava que as coisas continuariam iguais, mas o que senti, nos meses seguintes, é que estava tudo mudado. Pela primeira vez percebi que o Guga começou a respeitar, de verdade, a nossa mãe. Já meu pai parecia mais corajoso, disposto a defender a família, com menos passividade. Quanto à minha mãe, ela estava mais serena, como se finalmente pudesse ser ela mesma, como se estivesse livre de um peso muito grande. Eu, bom, eu estava no meio disso tudo, coadjuvante de uma história que não era a minha, apesar de saber que ela também me afetaria profundamente. Principalmente se meu irmão realmente fosse morar fora e tivesse que ficar sozinha com minha mãe.

Guga decidiu estudar oceanografia. Em princípio, meus pais foram contra porque não era exatamente uma profissão que oferecesse boa remuneração, mas, no final, acabaram aceitando. Ele olhou várias universidades, em várias partes do mundo, e acabou optando por uma na Austrália.

Antes de ir, Guga quis vender tudo que era dele: Tv, som, LPs, coleção de figurinhas. Dizia que era para ajudar a pagar a passagem. Mas eu sabia que, no fundo, era uma tentativa de deixar para trás o passado. Acho que meus pais perceberam isso também.

— Tudo bem você querer juntar um dinheirinho para a viagem, mas vender sua coleção de carrinhos já é demais, Guga! — disse minha mãe.

— Tá bom, vou guardar para brincar com ela quando voltar — ele respondeu, em tom de brincadeira.

— Posso guardar para você. Quem sabe, um dia, você não dá para os seus filhos? — falei.

— Para os meus filhos vou dar um carro de verdade! — ele riu.

Apesar de orgulhosos da transformação de rebelde em rapaz responsável, meus pais estavam com medo de uma coisa: de que o Guga estivesse se sentindo, de alguma maneira, devedor pelo fato de ter sido adotado. E isso eles não admitiriam porque, para eles, Guga era tão filho quanto eu. Aliás, para minha mãe, até mais, porque ela queria compensar o fato de ele ser adotado...

Pensando nisso, eles fizeram um acordo com o Guga: ele estudaria fora, como queria mas, até lá, teria que fazer análise. Foi uma decisão mais do que acertada porque o Guga sofreu demais com tudo o que aconteceu. Principalmente quando meus pais, algum tempo depois, decidiram se separar e meu irmão achou que era, em parte, culpado. Mal sabia ele que eu achava que a outra parte da culpa era minha.

Foi numa viagem que fizemos para o interior, para visitar uns parentes, que minha mãe, pela primeira vez, tocou no assunto divórcio. Meu pai levou um susto. Ele achava que estava tudo bem, pelo menos em relação ao que se pode esperar de um casal que está há muito tempo junto. Mas minha mãe não pensava assim. Aliás, ela pensava de forma bem diferente desde o início do casamento. A gota d'água foi quando meus avós paternos e tia Maria João resolveram fazer uma reunião lá em casa para decidirem

como cada um deveria agir em relação ao Guga depois de tudo o que aconteceu.

— Mas, Helena, eles são os avós e minha irmã é a madrinha dele... é justo que queiram conversar sobre o assunto, decidir o que é melhor — argumentou meu pai.

— Tito, esse é um assunto da nossa família — ela respondeu.

— Mas meus pais também são a nossa família... tenta entender...

— Impressionante como você insiste nisso, Tito! Eles são a sua família, não a nossa. Casando, você deveria ter formado um outro núcleo, sabia? A Nana, o Guga e eu. É o que a gente resolver que vai valer.

— Mas, Helena, eles estão preocupados com o Guga, se ele vai deixar de gostar deles... ainda mais depois que ele decidiu viajar — insistiu meu pai.

— Ai, era só o que me faltava... é óbvio que ele vai continuar gostando de todo mundo igual, você sabe disso... olha, fala para eles que nada vai mudar! O Guga vai continuar tratando eles como avós e a Maria João como tia. Não tem por que ser diferente. Se o Guga tivesse mudado seu comportamento com os avós, até entenderia a reunião, mas ainda não aconteceu nada... e nem vai acontecer... eles estão fazendo muito drama!

— Não fala assim, por favor, Helena. Eles têm a melhor da intenções, não custa todo mundo se reunir e...

— E o que, Tito? Corta o cordão! — minha mãe falou impaciente.

— Helena... faz um esforço... — meu pai ainda insistiu.

E antes que ele retomasse o discurso, minha mãe, muito contrariada, cedeu exausta.

— Aaaaai Tito, quer saber, tá bom! Marca um almoço e não me enche mais a paciência... olha Tito, presta atenção, tô por aqui com tudo, por aqui — disse, passando o dedo indicador pela testa.

Era verdade. Três meses depois ela pediu a separação.



Capítulo 10



No dia em que meu pai saiu de casa, para mim, o que mais doeu foi ver o Guga chorar. Eu, no fundo, torcia para que eles se separassem e fossem felizes com outras pessoas. Mas o Guga não pensava assim. Por um segundo, no olhar triste do meu irmão, lembrei daquele menino inseguro, na porta do colégio, que sentia medo de ser abandonado. Talvez, lá no íntimo, num lugar ao qual ele não tinha acesso racionalmente, sentisse que uma vez já tinha sido abandonado e, por isso, chorava tanto. Meu consolo foi saber que, em breve, em algumas semanas, ele estaria num país novo, conhecendo pessoas diferentes e começando a própria história. Ele merecia isso.

Apesar de ter de certeza de que seria melhor para cada um seguir seu caminho, viver o processo de separação de meus pais não foi fácil. Lembro deles discutindo por coisas banais, mas, na minha opinião, mais do que os fatos, foram as diferentes expectativas que os separaram. Quando minha mãe se casou, além de muito nova, ela tinha acabado de chegar do interior e estava morando de favor com um parente. Ter sua própria casa e acreditar no sonho de construir uma família só dela talvez tenha sido o que mais se assemelhava à ideia que ela tinha do que era amor. Já meu pai, apesar de ter se encantado com minha mãe, acho que também confundiu seus sentimentos. Ao vê-la no ônibus, o que ele enxergou foi uma moça frágil que precisava de seus cuidados. E, provavelmente, por trás disso, sua chance de virar o jogo e, pela primeira vez, ser o protetor em vez do protegido da família. Juntos, finalmente, poderiam ser um homem e uma mulher de verdade.

Mas, o que a princípio parecia uma união perfeita, com o passar dos anos se revelou um desastre. Não que um não respeitasse e tivesse carinho pelo outro, mas o amor, em si, acabou sendo substituído pelas convenções da sociedade: filhos, cachorro e um carro na garagem. Enquanto eles tiveram algo em comum pelo que lutar, o casamento funcionou. Isso tanto para o lado pessoal, como criar bem os filhos, quanto para o lado material, como ficar sócio de um clube ou mudar para um apartamento melhor. Recordo que cada vez que a gente mudava para uma casa que precisava ser reformada, eles ficavam extremamente felizes. Era como se, nesses momentos, se lembrassem o porquê de estarem juntos. Eles tinham um objetivo em comum.

Com a ida do Guga para outro país, eles ficaram mais expostos aos defeitos um do outro e imagino que, um dia, quando se olharam, não mais reconheceram a pessoa com quem haviam se casado. Sei que continuaram sonhando, mas, sem dúvida, não eram mais os mesmos sonhos.

Confesso que depois da separação o que mais queria era ir morar com meu pai. Mas tive pena de deixar minha mãe sozinha. Se o motivo da minha opção de ficar com ela não foi dos mais nobres, nossa convivência, apesar de conturbada, acabou fazendo com que percebesse o quanto ela me amava, mesmo que, por muitas vezes, não soubesse demonstrar.

Não foi uma, mas foram inúmeras as vezes em que pensei que ela era mais dura comigo porque tinha medo de que eu, de alguma maneira, a abandonasse como sua mãe havia feito com ela. Esse era meu jeito de dizer para mim mesma que ela gostava de mim, mas tanto, tanto, que preferia me afastar primeiro antes de sofrer de novo.

No começo foi difícil. Nós nunca ficamos assim, só nós duas. Mas, com meu irmão na Austrália e meu pai em outra casa, fomos obrigadas a ficar mais próximas. E, tendo que ser só minha mãe, nossa relação ficou mais evidente. Não que a gente não conversasse, mas a verdade é que, antes, falávamos apenas sobre

amenidades. Se por um lado era bom porque evitava brigas, por outro era horrível. Parecíamos duas estranhas numa conversa de elevador. Depois que ficamos sozinhas em casa, qualquer assunto que exigisse opinião, a gente normalmente discordava e acabava em discussão.

— Por que você não quer mais falar com o papai? — perguntei uma vez no meio do jantar.

A resposta veio seca.

— Isso não é assunto seu.

— Não, eu sei, mãe... mas não acho que o fato de vocês terem se separado signifique que tenham que ser inimigos, né? — falei no tom mais amistoso possível.

— Mariana, por favor — ela largou os talheres sobre a mesa.

— Tá bom, só queria ajudar, desculpe.

No mesmo segundo em que desisti de puxar conversa, minha mãe pareceu querer comprar briga.

— Ajudar o que, Mariana? Você não tem que se meter! Não tem que tomar partido. Vou continuar sendo sua mãe e ele seu pai, mas cada um agora tem a sua vida!

— Justamente. Você é minha mãe e ele meu pai — e continuei a conversa querendo ser amiga. — Ele te fez alguma coisa?

— É exatamente esse o ponto: ele não fez a vida inteira!

— Mas, mãe, se você está falando da vovó, do vovô e da tia Maria João, isso é besteira... ele sempre te amou — continuei num tom mais carinhoso.

Apesar de querer ajudar, minha mãe se sentiu invadida e, pela milésima vez, achou que eu havia ficado do lado do meu pai.

— Como é que é, mocinha?! Olha aqui, ele é o seu pai e só. Nunca foi seu marido, então, você não pode dizer se é besteira ou não! Só eu posso julgá-lo como marido. Está me entendendo?!

— Não precisa gritar, mãe.

— Ahhhh, e a senhorita ainda quer me dizer como tenho que agir também?

Respirei fundo.

— Tá, mãe, deixa para lá... — e agora fui eu que larguei os talheres, desistindo de comer.

— Hum, hum... só eu sei o que passei, viu, Mariana?! Só eu sei quantas noites fiquei sem dormir cuidando de você e do seu irmão sozinho! E quantos domingos tive que ir almoçar lá na sua avó porque seu pai tinha dó da mamãezinha dele. Ele nunca me perguntou se eu queria ir. Dó de mim ninguém tem, né?! Sou sempre a megera...

— Mas, mãe...

— Mas, mãe nada, Mariana! Seu pai nunca me defendeu! Nunca ficou do meu lado!

— Isso não é verdade, mãe... — tentei.

— Você está me chamando de mentirosa?!

— Não quis dizer isso, mãe... — respondi, quase chorando de desespero por ser tão mal compreendida.

— E não começa a chorar porque se tem alguém aqui que tem motivo pra chorar, sou eu!

Sabia que ela estava preocupada com meu irmão, com o fato de ele estar sozinho, em outro país, depois de tudo o que tinha acontecido. Olhei bem para os olhos dela.

— Então, por que você não chora, mãe?!

Nunca mais esqueci sua resposta.

— Porque eu quebro, mas não envergo, Mariana — ela falou e levantou-se da mesa.

Não sei por que minha mãe sempre achou tão importante parecer dura. Ou talvez não fosse isso. Talvez ela simplesmente não tivesse aprendido que, sendo de outro jeito, também era possível viver. O

fato é que, independentemente do motivo, ao final o resultado era o mesmo: ela fazendo com que me sentisse cada vez mais culpada.

Lembro, até hoje, de um dos piores dias da minha vida. Ela estava na sala quando cheguei da escola.

— Oi mãe. Amanhã o pessoal vai para a praia passar o fim de semana. A gente vai ficar na casa da Dani...

— Sei.

Pelo tom, vi que alguma coisa estava errada.

— Que foi, mãe?

— Nada.

— Tudo bem se eu for? — perguntei deixando minha mochila sobre a mesa.

— Está. Tudo bem. Tudo ótimo.

— Mas mãe, você está falando de um jeito...

— Que jeito você quer que fale, Mariana? — e olhou para mim como se eu soubesse o porquê daquela resposta.

— Você quer que eu fique? — perguntei torcendo para não ouvir um "sim".

— E passar o fim de semana todo de bico? Não, obrigada — ela respondeu seca.

— Que foi, mãe? O que eu fiz agora?

— Nada, Mariana... você passa a semana toda fora, vem só para almoçar, isso quando vem, eu lavo sua roupa, passo, faço seu jantar... e chega o fim de semana e você só avisa que vai viajar. Você acha isso certo, Mariana?

Às vezes, achava impossível entender a lógica da minha mãe.

— Mas, mãe, eu passo a semana fora porque tô na escola de manhã e, à tarde, tem inglês ou vôlei... — respondi, sem saber direito o que ela queria ouvir.

— Você está achando que isso aqui é hotel e eu sou sua empregada, é? — ela gritou.

— Nunca disse isso... — respondi baixinho.

— Mas está agindo como se fosse. E isso é até pior!

— Mãe, eu já disse para você colocar uma empregada aqui para te ajudar...

Ela me interrompeu ainda mais brava.

— Com que dinheiro, mocinha? O dinheiro que seu pai gasta por mês é para pagar sua escola, seu plano de saúde, suas roupas, seus livros, suas viagens, seus remédios...

Eu queria dizer que ela estava sendo injusta. A gente não tinha luxo, mas não faltava nada para nenhuma de nós. Pelo contrário.

— Eu já disse que pago, mãe! Você sabe que economizei a vida toda o dinheiro que ganhei de Natal e de aniversário da tia Maria João, da vovó e do vovô. E tem mais: o ano que vem, quando entrar na faculdade, vou começar a trabalhar e aí não vai mais ter problema... — eu falava cada vez mais nervosa.

— Problema? O que você entende de problemas?! Você não sabe o que é ter um problema de verdade! — ela continuou com a voz elevada.

Ela nem imaginava, mas naquele minuto eu passava pelo maior problema da minha vida. E não podia pedir sua ajuda. Comecei a chorar.

Minha mãe deu um basta.

— Chega Mariana! Agora quem não quer que você fique aqui no fim de semana sou eu! — ela disse e foi para o quarto batendo os pés.

O que mais me entristecia é que eu também tinha minha vida, mas isso nunca estava em pauta. Naquele dia eu estava muito triste e ela nem percebeu. O pior é que era quase sempre assim.

Por muito tempo, não entendi sua reação. Só depois de adulta, quando fui fazer análise, é que entendi que a raiva que ela sentiu era por eu ter tentado assumir um papel que, no fundo, deveria ser o dela: o de provedora. E não o contrário como, sem perceber, tentei fazer.

Meu final de semana acabou sendo horrível. Mas ela só saberia disso muitos anos depois. Até porque não havia clima algum para que eu contasse tudo o que tinha acontecido. Domingo à noite, quando voltei, o clima ainda estava péssimo.

— Oi, mãe.

— Oi — ele respondeu sem me olhar na cara.

— Você já jantou?

— Não estou com fome.

— Eu também — menti para não ter que ficar naquele clima.

—... bom, vou dormir, boa noite.

— Boa noite.

Muitas vezes não é o que se diz que magoa, mas o tom com que se fala que faz toda a diferença. E eu conhecia todas as variações de voz da minha mãe para saber que aquele clima não melhoraria no dia seguinte, nem no outro.

No meu quarto, eu deixava o rádio debaixo do travesseiro e ouvia música bem baixinho. Na maioria das vezes, chorava. Era meu jeito de liberar aquela angústia toda que sentia pelo relacionamento que tinha, ou melhor, não tinha, com a minha mãe. Pensava que com o Guga estando longe, nós ficaríamos mais próximas, amigas. Mas não foi o que aconteceu. De repente, percebi que o Guga não tinha nada a ver com a nossa história. Ele, existindo ou não, minha relação com ela seria sempre ruim.

Felizmente, me enganei.



Capítulo 11



Um dia acordei e, antes mesmo de abrir os olhos, me dei conta de que amava uma pessoa mais ideal do que real. Acho que isso fez toda a diferença no julgamento que tinha sobre a minha mãe e de como isso se refletia em nosso relacionamento. Acreditava saber de cor suas reações, mesmo sem entender direito as razões, mas, para minha surpresa, me enganei.

Uma vez, já era noite, e nós estávamos assistindo jornal na Tv quando percebi que ela estava pálida.

— Que foi, mãe?!

— Nada.

— Mas, mãe, você está branca.

— Não é nada, já disse.

— Quer um pouco de água?

Como ela não respondeu, fui até a cozinha e trouxe um copo d'água. Aproveitei e trouxe um pouco de sal também.

— Deve ter sido a pressão mesmo — ela me olhou diferente antes de acabar a frase. — Obrigada, filha.

Gostava quando ela me chamava de filha. Por alguma razão, achava que era seu jeito de mostrar que estava se sentindo próxima a mim; caso contrário, se estivesse brava, era Nana ou Mariana.

De repente, vejo sua boca começando a ficar roxa.

— Mãe, o que foi?! Pelo amor de Deus, o que você está sentindo?!

— Não é nada, já vai passar... só me ajuda a deitar um pouco — ela respondeu sem conseguir mexer direito os braços e as pernas.

Levei-a para deitar-se no sofá da sala. Enquanto se acomodava peguei o telefone e liguei para o meu pai.

— Pai, me ajuda! A mamãe não está passando bem! Sei... tá bom, então, vou ligar para a ambulância...

A ambulância chegou cinco minutos antes do meu pai.

— A pressão está um pouco baixa — disse um dos paramédicos.

— Ela costuma ter a pressão mais para baixo mesmo — respondeu meu pai e depois virou-se para a minha mãe.

— Helena, o que você está sentindo?

— Minhas pernas...

— As pernas estão dormentes? — perguntou meu pai.

— É. Não consigo mexer — ela respondeu meio mole, como se estivesse dopada.

— Igual àquela vez que você viu uma briga na rua e ficou nervosa?

— Hum, hum. Mas já vou avisando que não quero ir para nenhum hospital, hein... está tudo bem, vou ficar bem.

Meu pai virou-se para o médico que acabava de tirar o estetoscópio do peito da minha mãe.

— Doutor, ela não gosta de hospital. O senhor acha necessário?

— Olha, os batimentos estão normais, nós fizemos alguns testes e ela respondeu bem, o que aparentemente não indica nenhum AVC. Só o que me preocupa é essa dormência nos membros inferiores; por isso, talvez seja necessário alguns exames e só no hos...

Minha mãe não deixou o médico acabar de falar.

— Olha aqui, doutor, agradeço, mas não saio da minha casa!

— Mas, mãe, talvez seja melhor vo...

— Mariana! — ela disse baixo, mas firme.

— Tá, mãe, faz como você achar — respondi contrariada.

— Helena, a menina só estava tentando... — intercedeu meu pai e acabou levando uma também. Mesmo passando mal, ela se fazia ouvir.

— E você, Tito, não tem nada que ficar aqui! A gente não é mais casado. Se precisar de alguma coisa, já tem médico suficiente...

Meu pai ignorou os protestos de minha mãe e chamou o médico de lado.

— Doutor, uma vez ela ficou muito nervosa e teve exatamente esses sintomas. Depois de mais ou menos uma hora, quando ela se acalmou, voltou a sentir os braços e as pernas. Acho que a gente não vai conseguir levá-la para o hospital de livre e espontânea vontade...

— Tudo bem, senhor...

— Tito, pode me chamar de Tito — respondeu meu pai.

— Então, seu Tito, alguém tem que assinar um termo de responsabilidade. A nossa recomendação é que ela vá para um hospital. Se ela não quiser, a gente não se responsabiliza pelo que possa acontecer...

— Eu entendo — e depois de alguns segundos pensando, meu pai perguntou para o médico. — Onde assino?

Os médicos foram embora e minha mãe começou a se acalmar.

— Bom, Tito, obrigada, mas, por favor, agora vai embora... foi só a pressão.

— Tá, Helena, mas eu te conheço. Alguma coisa te deixou nervosa... muito nervosa... o que foi?

— Nada — respondeu minha mãe, olhando de canto de olho para mim.

Meu pai, que sempre foi insistente, aliás um dos defeitos que minha mãe não suportava, continuou tentando saber o que tinha acontecido, até que foi quase expulso de casa por ela.

— Helena, se é alguma coisa em relação à Nana, eu, como pai, tenho direito de saber, você não acha?

— Não é nada, Tito, já falei!

— Vocês brigaram de novo? Você bateu nela, Helena?! Você sabe que isso não admito, hein. Eu sou banana, mas bater não...

Minha mãe interrompeu.

— Não seja ridículo, Tito!

— Mas, então, o que foi? Do nada é que você não passou mal...

— Tito, você está me deixando nervosa de novo! Quer, por favor, ir embora e me deixar em paz!

— É alguma coisa com o Guga? Ele ligou? Aconteceu alguma coisa com ele e você está me escondendo?!

— Tito, chega de ser paranoico! Vai embora agora, eu tô mandando! Essa é a minha casa e você não é bem vindo aqui!

Meu pai sossegou, mas antes me chamou para acompanhá-lo até o elevador.

— Filha, o que aconteceu? — ele perguntou baixinho para minha mãe não ouvir.

— Não sei, pai... de repente ela estava pálida, com as pernas daquele jeito...

— Vocês discutiram?

— Por incrível que pareça, não. A gente só estava vendo Tv.

— Vendo o quê?

— O jornal.

— E aí, do nada, ela começou a passar mal?

— Foi.

— O que vocês comeram?

— Na verdade, a gente ainda nem jantou.

— Hum... alguém ligou?

— Não.

— Tudo bem, Nana. Não importa. Às vezes a pressão da sua mãe cai mesmo... olha, vou agora direto para casa, mas se acontecer qualquer coisa, você me liga, tá? Mesmo que ela não queira, que diga para não ligar, você me liga que depois eu me resolvo com ela. Promete?

— Prometo.

— Promete mesmo, filha? Não vai querer acudir sozinha que você sabe como é quando ela fica nervosa, hein?!

— Não, pai, pode deixar que te ligo — respondi.

— Você ainda está com o telefone da ambulância?

— Tô.

— Então, deixa por perto para qualquer coisa, tá?

— Ih pai, detesto admitir, mas sabe que às vezes a mamãe tem razão: você é meio neurótico — falei já rindo.

Meu pai sorriu também. Ele tinha consciência de que exagerava, mas, mesmo assim, repetiu.

— Tá bom, filha, mas qualquer coisa já sabe, liga!

Ao fechar a porta para o meu pai, senti os olhos da minha mãe na minha nuca.

— Mariana...

Pelo tom, vi que alguma coisa estava errada. Ela começou a falar pausadamente, as palavras saiam entre os dentes.

— Nunca mais, mas nunca mais, você me chame seu pai aqui, entendeu?

— Mas, mãe...

— Eu posso estar morrendo, a casa pode estar pegando fogo, o Papa pode pedir!!! Mas, seja o que for, nunca mais chame seu pai aqui para ajudar em nada!

— Mãe, posso falar?

— Não, não pode falar, mocinha. Hoje você vai ouvir. Preste bem atenção: eu não sou mais casada com seu pai. Ele não tem mais nada para fazer aqui nessa casa. Quando você quiser vê-lo, você vai à casa dele, sai com ele, o que for, mas não quero que você o chame aqui...

Apesar de tê-lo chamado por causa dela e não por minha causa, resolvi não piorar as coisas e fiquei quieta. Minha mãe continuou expressando todas as mágoas.

— Você está me ouvindo, Mariana?

— Tô.

— Então, espero que você tenha entendido... — depois continuou, sentida — ... porque quando eu precisei dele, onde ele estava? Na mamãezinha. E quando você e seu irmão choravam, onde ele estava? Na mamãezinha...

— Tá mãe, tá bom... — disse, querendo terminar a conversa.

— Você sempre protegendo seu pai, né, Mariana?

— Não tô protegendo ninguém! Eu não disse nada...

— Não disse, mas pensou...

Nessa hora, não consegui ficar quieta. Tentei argumentar, de uma maneira civilizada, falando baixo, mas não adiantou muito.

— Mãe, como você mesma disse, ele não é mais casado com você. Não tinha nenhuma obrigação de vir aqui e eu pedi porque... — tentei explicar, mas fui interrompida.

— Exatamente. Ele veio aqui não para ver se eu estava bem. Ele veio porque você pediu! — ela disse, num tom mais alto do que o de costume.

Percebi que sentimentos reciclados só servem para constatar a existência dos anteriores. Mesmo depois de tantos anos, minha mãe ainda me via como sua concorrente. O que ela não entendia é que a gente concorria, mas não como mulher e, sim, como amiga. Eu via em meu pai mais do que um pai. E ele me tinha como filha, mas também como uma amiga. Sabia que podia contar comigo para

tudo, tanto quanto podia contar com ele. Minha mãe tinha ciúmes disso. Afinal, quem deveria ser minha amiga era ela. Mas isso ela jamais permitiria porque precisava manter-se superior a mim, precisava ser mãe, uma categoria que a colocava em outro patamar. Um nível ao qual eu nunca teria acesso e que, na verdade, se mostrava cada vez mais distante de mim cada vez que ela dizia algo como “você me respeite porque sou a sua mãe”, “goste ou não, sou a única mãe que você tem”, “infelizmente, a gente só dá valor para mãe depois que morre” ou “você só vai entender quando tiver os seus filhos”. A mim, só restava aceitar.

Alguns dias depois, ela, sempre caseira, começou a sair de casa quase todas as noites. Estranhei. Imaginei que tivesse começado a namorar, mas como a gente não tinha muita intimidade, a conversa sempre ficava meio tensa. No final, ela sempre acabava deixando bem claro quem mandava ali.

— Vai sair? — perguntei quando a vi com a bolsa na mão.

— Vou.

— Posso saber onde?

— No mesmo lugar que fui ontem, Mariana — ela respondeu, calma.

— Mas você não me falou que lugar é esse.

— Mariana, a gente já conversou sobre isso. Eu te disse ontem que precisava sair, que qualquer coisa você pode ligar no meu celular que vou atender, mas que é um assunto meu e não quero falar sobre ele!

— Você fica cheia de segredinhos e depois reclama que sou mais amiga do papai... — provoquei.

— Olha, Mariana, vamos parar essa conversa por aqui. Tenho que sair e pronto. Qualquer coisa, tem comida na geladeira, você esquenta no micro... — e, antes que ela terminasse, perguntei enciumada.

— Você está traindo o papai?

Minha mãe, que até agora estava tranquila, se transformou.

— Como é que é, mocinha?!

— Nada.

— Nada, não! Eu ouvi muito bem! Olha aqui, presta bem atenção: não estou traindo seu pai porque não sou mais casada com ele! E, se por acaso eu estivesse saindo com alguém, seria um direito meu, e não tenho que dar satisfação da minha vida nem para você, nem pra ninguém! A senhorita tá me ouvindo?

Quase respondi que era impossível não ouvir já que ela estava gritando, mas achei melhor não piorar as coisas.

— Tô — respondi emburrada.

— Você não sabe da missa a metade... — ela falou baixinho, ao mesmo tempo querendo e não querendo que eu escutasse.

— Então, por que você não fala? Agora fala, fica aí sempre falando que não sei das coisas. Eu só não sei da missa a metade porque você não me conta. Aliás, você nunca me conta nada!

— Olha, Mariana, você vê o que você quer ver — ela respondeu com um tom de mágoa.

— O que você quer dizer com isso?!

— Pergunta para o seu papaizinho querido...

— Perguntar o quê? — falei baixinho, com medo da resposta.

— Quem traiu quem. Seu pai não é tudo isso que você pensa, não... só eu sei o que já tive que aguentar.

— Você não pode falar assim! Isso não é verdade! — gritei.

Minha mãe pegou a chave do carro, olhou para o relógio e encerrou a conversa decidida a sair naquele segundo.

— Olha, Mariana, não me interessa se você acredita ou não. E até logo, que tenho que sair!

— Pra você qualquer coisa é mais importante do que eu, né?!

Ela olhou para mim, não disse uma palavra e saiu.

Fiquei ali na sala sozinha. Eu e meus fantasmas. Resolvi ligar para o meu pai. Queria tirar a limpo aquela história, mas a verdade é que não consegui. Para mim, meu pai era como um herói, uma pessoa correta até debaixo d'água. Descobrir que ele poderia não ser tão perfeito assim seria um choque. E, confesso, descobrir que minha mãe estava certa e que eu estava sendo injusta seria ainda pior. Talvez ela tivesse mesmo razão quando dizia que só ela poderia falar dele enquanto marido. Se eu o achava incrível como pai, como homem nunca poderia julgá-lo. Só a minha mãe. Em sua opinião, ele tinha deixado, e muito, a desejar. Será que era verdade o que ela disse? E se fosse, ficaria do lado dela? Fui fraca e resolvi não perguntar nada para ele. Alguma coisa me dizia que ela estava falando a verdade. Eu queria manter o meu pai como um ser perfeito para sempre. Mesmo sabendo que ele não era, nem nunca seria, porque, exatamente como eu ou qualquer outra pessoa, ele era humano.

Mas a verdade é que alguma coisa tinha mudado em mim, não em relação a ele, mas em relação a ela.

Depois de ouvir que meu pai havia traído minha mãe, senti que em vez de tentar mudá-la a qualquer custo, precisava tentar mudar o meu ponto de vista sobre ela. Eu já tinha sentido isso antes, na época em que soube da adoção do meu irmão. Lembro de ter admirado aquela mulher, de ter pensado que ela guardou um segredo por tanto tempo e que nunca ficou falando de si, do quanto era boa, mesmo quando meu irmão era grosseiro. De repente, veio uma imagem na minha cabeça: minha mãe era como um doce de mil folhas, com várias camadas, e só se chegava ao creme tirando cada folha antes.

Por mais duas semanas ela continuou saindo quase todas as noites e, exatamente como no primeiro dia, não dizia onde ia. Por volta de 7 horas ela ia para rua e só voltava mais ou menos depois das 10 horas. Numa quarta-feira, ela demorou um pouco mais. Eram quase 11h30 e nada de ela chegar. Preocupada e mesmo com medo de que brigasse comigo, liguei para o meu pai.

— Pai?

— Oi, Nana, tudo bem?

— Mais ou menos.

— Que foi?! O que aconteceu? — ele perguntou, preocupado.

— Então, pai, acho que não é nada, eu não queria te dizer... mas, bom, acho que a mamãe está namorando, mas esse não é o ponto...

— falei, me enrolando cada vez mais.

Meu pai sentiu o golpe. No fundo, ele tinha esperança de voltar com minha mãe.

— Não entendi, filha, você me ligou para dizer isso?

— Não, pai... é que todo dia, quer dizer, toda noite, ela sai e volta umas 10 horas. Hoje ela ainda não voltou e agora tô preocupada.

— É por isso que você acha que ela está namorando?

— Hum, hum...

Silêncio. Sabia que meu pai queria saber mais sobre o assunto, mas precisava resolver primeiro o sumiço da minha mãe.

— Já tentou falar no celular dela?

— Já. Cai direto na caixa postal.

— Filha, fica tranquila que não deve ser nada. Daqui há pouco ela estará em casa...

Eu sabia que ele estava dizendo isso mais para me tranquilizar. Minha mãe sempre foi muito pontual e responsável para deixar alguém preocupado com ela à toa. Tinha certeza de que tinha acontecido alguma coisa. Só não poderia nunca, nem em sonho, imaginar o quê.

Em quinze minutos meu pai chegou em casa. À meia-noite, ele resolveu chamar a polícia. Na delegacia, disseram que para uma pessoa ser considerada desaparecida era preciso que se passassem vinte e quatro horas. Meu pai, então, começou a ligar para todos os pronto-socorros da cidade. Nada. Ninguém com o nome dela ou com

suas características. A gente não tinha muito mais a fazer além de esperar. E rezar.

Foi minha mãe quem me ensinou a rezar. Quando eu era bem pequena, todas as noites ela se sentava na beirada da minha cama ou na do meu irmão e dizia para a gente colocar as mãozinhas juntas enquanto orava: “Quatro esquininhas tem a minha cama, quatro anjinhos que me acompanham, dois nos pés, dois na cabeceira e a Virgem Maria é a minha companheira. E ela me dizia: dorme, repouse e não tenhas medo de nenhuma coisa. Amém.” Depois, ela dava um beijo na nossa testa, apagava a luz, encostava a porta do quarto e saía. Era o momento mais especial do meu dia.

Eu sei que, nesse caso, deveria rezar um Pai Nosso ou uma Ave Maria, mas a oração que me veio foi aquela da minha infância, a que a minha mãe havia me ensinado. Assim, de alguma maneira, me sentia mais conectada a ela. De repente, uma mistura de sentimentos tomou conta de mim. Se, por um lado, eu pedia a Deus que nada de mau tivesse acontecido com ela, por outro, um pensamento horrível passou pela minha cabeça: se ela morresse, poderia morar com o meu pai sem me sentir culpada. Comecei a chorar. Eu me senti um monstro por pensar aquilo e rezei ainda mais. Fui até a cozinha, acendi uma vela e me ajoelhei.

— Senhor, por favor, cuida da minha mãe e me perdoa pelo pensamento que tive. Por favor, por favor, eu a amo e quero que viva, por favor, proteja minha mãe...

Meu pai tentou mais algumas vezes o celular. Continuou caindo na caixa postal. Já era quase uma da manhã quando, finalmente, alguém atendeu o telefone dela.

— Alô.

— Alô, boa noite. É do celular da Helena? — perguntou meu pai.

— É sim, mas ela não pode falar — respondeu uma voz de homem do outro lado da linha.

— Como assim? Quem está falando?! — perguntou meu pai.

— Aqui é da delegacia de polícia.

— Delegacia?

— Vigésima quarta — continuou o homem.

— Como?! Desculpe, deve estar havendo algum engano. Esse celular pertence à Helena?

— Positivo.

— Não estou entendendo. Olha, eu sou o marido dela, quer dizer, o ex-marido... estou aqui com a minha filha, a gente está muito preocupado... qual o seu nome?

— Delegado Marcos... e não posso ficar aqui falando a noite inteira não. É melhor o senhor dar um pulo aqui se não quiser que ela passe a noite no xadrez...

— Como assim... ela está bem?!

— Ela está, mas o sujeito que ela acertou está no hospital.

— Acertou? Ela bateu o carro?!

— Não. Desculpa, mas não posso falar mais não... se o senhor quiser, já sabe... Vigésima Quarta DP.

Meu pai me olhava incrédulo. Eu, que tinha ouvido só parte da conversa, não estava entendendo nada. Mas, pelo menos, me sentia aliviada sabendo que ela estava viva.

— Aaaai pai, por favor, o que aconteceu com a mamãe?!

— Parece que ela está bem, senta aqui, calma, mas ela está presa...

— Presa?!?! Como assim?

— Não sei, Nana, tô indo pra lá.

— Vou junto!

— Não, filha, delegacia não é lugar pra mulher.

— Mas a mamãe é mulher e está lá! Eu vou também!

Diante desse argumento, meu pai não teve como me impedir. Estava apavorada de pensar na minha mãe numa delegacia.

Entramos no carro e mais de quarenta minutos depois chegamos num bairro de classe média baixa.

As paredes da delegacia estavam descascando e o único poste em frente estava com a lâmpada piscando. Meu pai não queria que eu entrasse, mas diante da opção de me deixar ali no carro, segurou firme minha mão e disse para que não me afastasse.

— Por favor, gostaria de falar com o Delegado Marcos — ele falou com o único atendente atrás do balcão.

— Ele saiu numa ocorrência. Posso ajudar?

— Minha mulher, quer dizer minha ex-mulher, parece que está aqui...

Interrompi meu pai e comecei a chorar.

— Ela é a minha mãe! Por favor, o que ela está fazendo aqui? Deixa ela sair!

Meu pai tentou me acalmar.

— Calma, filha. Vai dar tudo certo. Por favor, rapaz, como é o seu nome?

— Juarez.

— Então, seu Juarez, o nome dela é Helena. Na verdade, a gente não sabe por que ela está aqui, o que aconteceu, nada. Simplesmente parece que ela está aqui. Será que voc...

— Ahhh... Helena — ele respondeu, enquanto olhava algumas fichas — Mulher brava essa sua hein... não dá para negar que é corajosa. Mas também é o velho ditado: "Mexeu com filho da gente, a gente vira onça" — ele disse enquanto acabava de datilografar alguma coisa.

— O senhor sabe o que aconteceu? A gente pode ver ela? — perguntei.

— Se você é a filha dela só posso te dizer uma coisa: tomara que você seja uma filha bacana, porque sua mãe te ama muito, mocinha.

Ao ouvir isso, meu coração disparou. Entrei em estado de choque. Como assim, um estranho me diz o que sonhei a vida inteira ouvir da boca da minha mãe? O que ele sabia que eu ignorava completamente? Se ela foi capaz de dizer isso para aquele sujeito, por que nunca disse para mim? Não, alguma coisa estava errada. Olhei para o meu pai.

— Seu Juarez, qual é o procedimento? O que a gente faz para tirar ela daqui?

— Tem que pagar fiança. Mas isso é só com o Delegado Marcos... por falar nele, olha aí quem está chegando e, pelo jeito, com mais um malandro para “esquentar cimento”...

Meu pai foi atrás do Delegado Marcos e fui atrás do meu pai até a sala do delegado. Era um lugar simples e pequeno, bem parecido com o que eu já tinha visto em novela. Apenas uma mesa e um arquivo enorme. No teto, um ventilador e, atrás da cadeira, uma persiana cinza, pendendo mais para um lado. Não sei por que, mas qualquer coisa meio torta sempre me incomodou.

— Pois muito bem, como vocês sabem, a Dona Helena cometeu uma infração grave: agressão física...

Meu pai não acreditava no que ouvia.

— Agressão física?! Como assim? Contra quem?

— E por quê? — perguntei.

— Você deve ser a Mariana.

— Como o senhor sabe?!

— Pelo depoimento que ela prestou — respondeu o delegado.

— Mas o que minha filha tem a ver com essa história?!

Por alguma razão que eu e meu pai desconhecíamos, assim como o primeiro rapaz que nos atendeu, o Delegado Marcos também parecia nutrir uma certa simpatia por nós.

— Olha... a gente entende que a Dona Helena tenha suas razões para fazer o que ela fez, mas as coisas não podem ser desse jeito,

não senhor...

Eu e meu pai nos entreolhamos.

— Não dá para fazer justiça com as próprias mãos, não! É para isso que a gente está aqui. A polícia serve pra isso, prender quem age em desacordo com a lei.

— Desculpa, mas o senhor pode explicar tudo desde o começo?

— Bom, segundo o depoimento da própria acusada, há quase três semanas ela está de plantão na casa de um antigo suspeito da polícia...

Meu pai estava muito ansioso e a todo momento o interrompia.

— Ela estava seguindo alguém? Quem?!

— Um suspeito de abuso sexual que estava foragido, quer dizer, pelo menos até ser encontrado pela Dona Helena...

Quando o Delegado acabou a frase, gelei. Não, não era possível. Será que era o que eu estava pensando? Após tantos anos minha mãe achou aquele eletricista e foi acertar as contas com ele? Mas, como ela descobriu onde ele estava? E se for verdade, então ela acreditou em mim quando contei que ele tinha abusado de mim? Meu Deus, por que ela fingiu não ter acreditado?!

Meu pai estava completamente perdido. Ele não estava entendendo absolutamente nada, principalmente porque nunca lhe contei essa história, com medo de que fizesse alguma loucura.

— Seu Marcos, não estou entendendo... — disse meu pai, gaguejando.

— Vou resumir. E você, Mariana, me corrija se estiver errado. — O delegado virou a cadeira em direção do meu pai: — Parece que a sua filha, quando pequena, foi molestada por um eletricista que trabalhava na reforma do apartamento que vocês moravam e ...

Meu pai interrompeu assustado.

— O que o senhor está falando?! Como é que é, Mariana?!!!

— Calma, pai, não foi nada... depois te conto... não falei antes porque tinha medo que você fizesse alguma coisa com o cara... ele não me fez nada de tão grave... eu tô bem...

— Eu mato! Eu mato! — gritou meu pai.

O delegado fez um gesto pedindo calma e prosseguiu.

— Pois bem, sua filha contou para a mãe muito tempo depois e parece que a Dona Helena, sua ex-mulher, achou que fosse imaginação da menina. Acontece que, em torno de um mês atrás, deu no jornal o retrato falado desse sujeito, que estava sendo acusado de estupro por uma criança num colégio aqui do bairro. — O delegado, então, virou-se para mim. — Pelo depoimento dela, nessa hora, parece que a sua mãe até passou mal, né?

— A gente tava vendo Tv... ela ficou branca de repente...

Silêncio. O delegado então concluiu, acendendo um cigarro. Meu pai acendeu outro.

— Resumo do angu. Sua ex-mulher resolveu fazer justiça com as próprias mãos e foi atrás desse sujeito.

— Ai, meu Deus! — eu disse baixinho, levando a mão à boca para segurar o susto. — Ela está bem?!

Ele balançou a cabeça positivamente e continuou.

— Ainda de acordo com o depoimento aqui, ela diz que ficou todas as noites de tocaia na casa de uma tia do sujeito, o único endereço de que se lembrava, já que a mulher era faxineira no prédio onde vocês moravam.

— E aí, uma noite o cara apareceu... — meu pai deduziu.

Apesar de ter que seguir a lei, senti que o delegado estava do nosso lado.

— Exatamente — disse o delegado. — Hoje à noite ele apareceu e o resto da história vocês já imaginam: parece que ela voou para cima dele e deu uma surra no sujeito. Ele revidou, mas acho que, com o susto, mais apanhou. A tia que não sabia de nada chamou a polícia e os dois foram presos, mas ele teve que ir ao hospital antes.

Eu estava transtornada. Meu pai, arrasado. Ninguém sabia o que dizer.

— Ela pode sair, mas precisa pagar fiança — disse o delegado, cumprindo o protocolo — e vai ter que andar na linha, agora que ela já não é mais ré primária — ele falou mais em tom de conselho do que de repreensão. Então, levantou-se e pediu para que o acompanhássemos até uma outra sala. Depois, saiu e nos deixou ali sem saber direito o que fazer.

Meu pai andava de um lado para o outro, enquanto eu estava sentada num banquinho sem encosto, de curvim preto rasgado, cheirando a mofo, quando vi minha mãe vindo por um corredor. Ela estava suja, o queixo parecia inchado e o braço tinha vários arranhões. Nunca vou me esquecer do que senti quando a vi assim. Náusea. Imaginar que alguém a tinha machucado doía demais em mim. Principalmente porque era por minha causa.

Eu, que tantas vezes tinha questionado seu amor, agora me perguntava: que tipo de amor eu também tinha dedicado à minha mãe? Afinal, passei anos trancada em meu quarto, ignorando sua presença. Fui egoísta querendo que ela se sentisse culpada pelo meu quase suicídio. Sempre disse que queria sua amizade e, mesmo sem querer magoá-la, claramente preferi a companhia do meu pai. Como será que ela se sentia?

Depois de uma vida toda dando importância a como eu me sentia, foi a primeira vez que me questionei sobre os sentimentos dela.

A verdade é que éramos duas estranhas que não sabiam demonstrar o sentimento que a outra precisava. De repente, tudo me pareceu tão simples e o tempo entre nós tão desperdiçado. Era fato o amor que existia entre mãe e filha, mas os caminhos escolhidos para demonstrá-lo não tinham sido os mesmos.

Ela me olhou. Minha garganta fechou. Meus olhos não conseguiram mais fixar sua imagem vindo em minha direção. Tudo começou a rodar. Desmaiei.



Capítulo 12



Quando acordei, minha mãe estava ao meu lado. Como sempre, pensei. Lembrei-me do dia em que operei a garganta. Eu tinha uns 5 anos e o que mais me marcou não foi a cirurgia, nem a dor, nem os presentes que ganhei por ter ficado no hospital. O que mais me marcou foi a sopa de mandioquinha com cenoura que ela fez para mim. Tinha uma cor alaranjada e cheiro de colo. Como não podia comer nada sólido, cada vez ela fazia uma sopa diferente e essa era a minha favorita. Virou a sopa “dodói” como ela chamava. Depois disso, sempre que eu ou meu irmão tínhamos alguma coisa, minha mãe ia lá e fazia. Podia ser gripe, dor de dente ou só manha. Não importava. Qualquer sinal de que alguma coisa não estava bem com a gente, lá vinha ela com aquela sopa quentinha.

Minha mãe era daquelas que sempre tinha uma solução mágica para cuidar da gente. Para dor de barriga, ela misturava limão com maizena e água. Resfriado, leite quente com açúcar queimado. Febre, pano úmido entre as pernas.

Era ela também quem acompanhava, mês a mês, nossas notas na escola. Houve uma vez que eu e o Guga trouxemos os boletins e ela ficou olhando por alguns minutos. Depois de ver que não havia nenhuma nota abaixo da média, mas também nenhuma excepcional, ela colocou-os sobre a mesa e depois nos olhou sem dizer nada.

- Que foi, mãe? — perguntei estranhando o silêncio.
- Eu é que pergunto — ela disse calma.
- Por quê? Que tem de errado? — o Guga quis saber.

— De errado não tem nada. Só que também não está certo.

— Por quê? Não tem nota vermelha!

— Vocês dois, prestem atenção numa coisa: algum de vocês trabalha?

— Claro que não mãe, que pergunta! A gente ainda é criança. — Respondi rindo no alto dos meus 11 anos.

— Não, vocês não são mais crianças — ela disse séria, mas não brava. — Estão na transição para adolescentes. E claro, nessa idade não trabalham. Portanto têm tempo de sobra para brincar, jogar bola, ir ao clube, ir ao shopping com os amigos, dormir na casa dos seus primos, viajar nos finais de semana e não vamos esquecer o mais importante: qual é a única obrigação que vocês têm?

— Estudar — respondi meio a contragosto.

Minha mãe continuou calma.

— Exatamente mocinha. Pelas notas que estou vendo aqui, nenhum dos dois estudou. No máximo, vocês prestaram um pouco de atenção nas aulas e conseguiram fazer a prova. Mas estudar mesmo, não.

— Mas mãe... — o Guga ameaçou falar e desistiu.

— Eu não estou pedindo para vocês tirarem dez, mas sei que os dois podem muito mais do que isso — concluiu tranquila e depois saiu da sala sem nenhum aviso.

Eu e o Guga ficamos em silêncio. O recado não podia ser mais claro. A partir daquele momento, a cobrança seria da gente com a gente mesmo. A estratégia dela funcionou. Nos meses seguintes, começamos a competir para ver quem tirava a nota mais alta e, com orgulho, íamos correndo mostrar o boletim para minha mãe.

Ainda era quem se preocupava com o que a gente comia. Tudo em casa tinha que ser balanceado. Se um dia ela fazia peixe, no outro era carne e no outro frango. Apesar de eu e o Guga não gostarmos de verduras, ela sempre dava um jeito de a gente comer. Quando éramos menores, contava histórias de como aquele brócolis

era, na verdade, o rabo de um dinossauro disfarçado que ela conseguiu com um açougueiro muito suspeito. A cenoura vinha da colônia dos coelhos mascarados que tinham a barriga azul. Depois, na medida em que crescemos e não acreditávamos mais nessas invenções, as coisas mudaram para a base da negociação.

— Sabe aquele tênis que você quer? Então, custa um quilo de beterraba, três maços de espinafre, dois maços de rúcula e oito abobrinhas, mas deixo tudo pela metade. Ou seja, se você comer verdura por duas semanas, sem reclamar e sem fazer cara feia, ganha o tênis — dizia ela tranquilamente porque sabia que tudo era uma questão de costume e que, com o tempo, pegaríamos o gosto pelas saladas e verduras.

Lembro também que, às vezes, ela compensava com alguma invenção doce de sobremesa. Tinha torta de limão com merengue, bolo de chocolate branco com nozes, brigadeiro com raspas de morango, mousse quente com sorvete. A minha preferida era o bolo formigueiro. Ela jogava um monte de pedacinhos de chocolate na massa branca e levava ao forno. Quando nós íamos comer, estava tudo mesclado e parecia mesmo que um monte de formigas tinham atacado o bolo.

As invenções da minha mãe não paravam por aí. Como ela tinha muito talento para tudo que era manual, era também quem costurava nossas roupas quando queríamos algo diferente. Uma vez, meu irmão tinha uma festa junina para ir, mas não queria estar só de caipira. Minha mãe fez, então, uma busca no guarda-roupa do meu pai e juntou todas as gravatas que ele não usava mais para costurar uma bermuda para o meu irmão. Foi um sucesso, principalmente entre as meninas. Já na minha formatura de ginásio, todos os alunos combinaram de ir com um chapéu diferente. Um foi com gorro, outro usou chapéu de bruxa, outro capacete, mas foi o que a minha mãe fez para mim que mais chamou a atenção. Como ela sabia que eu adorava flores, comprou dois vasos de margaridas e costurou cada flor no meu chapéu. Não teve uma pessoa que não veio falar comigo. Foram alunos, mães e professores elogiando aquele pedaço de jardim na minha cabeça.

Ela também fazia questão de saber com quem os filhos estavam andando. Enquanto a maioria das mães dava graças a Deus de o filho estudar na casa de um amigo, a minha adorava quando as reuniões de estudo eram lá em casa. Só assim ela poderia ver de perto nossas amizades. E tem mais. Nessas reuniões, não teve nem uma só vez que ela não trouxesse lanche, bolo de chocolate, coco ou nozes para todos os meus amigos e do Guga. Engraçado... minha mãe que nunca tinha conversado comigo sobre sexo, nem sabia quais eram meus sonhos ou medos, em vários momentos importantes da minha vida esteve junto comigo e não percebi.

Quando abri os olhos, a primeira coisa que vi foi o teto da delegacia. No canto direito tinha uma infiltração. A tinta da parede já começava a ficar cheia de bolhas de ar. Era só uma questão de tempo para descascar. Minhas costas doíam.

Pensei que talvez eu tivesse dado um mau jeito quando desmaiei. Olhei para o rosto machucado da minha mãe e tive vontade de chorar. Naquele momento só conseguia pedir baixinho para que não fosse tarde demais para tentar mudar o rumo de nossa história. Para que nenhuma de nós tivesse ficado tão amarga a ponto de não conseguir ser melhor com a outra, de ter um olhar mais generoso. A verdade é que, por querer que ela fosse de outro jeito, acabei não valorizando o que eu tinha bem à minha frente: uma mãe que, se por um lado não soube ser minha melhor amiga, por outro foi a melhor mãe do mundo.

Vi quando ela fez um gesto para segurar a minha mão, mas desistiu.

— A gente já vai para casa, filha.

— Você precisa fazer exames no hospital. Pode ter alguma coisa quebrada — respondi.

— Vaso ruim não quebra... — ela disse, dando de ombros.

Essa era a minha mãe, pensei. Mesmo sofrendo, banca a durona. Eu queria tanto abraçá-la, mas sabia que aquela não era a melhor

hora. Ela não gostava de demonstração pública de afeto. Menos ainda de se sentir frágil.

De repente, meu pai, que tinha saído para buscar álcool para passar nos meus pulsos, ao me ver acordada correu na minha direção para me abraçar.

— Pitukinha, filha, como você está?! — e beijou minha testa.

— Deixa a menina respirar, Tito — disse minha mãe afastando um pouco o encosto da minha cadeira.

A diferença entre os dois era gritante, mas, naquele segundo, percebi os dois, cada um à sua maneira, sempre estiveram comigo.

— Bem — respondi.

— Tem certeza? Será que você não bateu a cabeça quando caiu? Está doendo? Melhor a gente passar no hospital...

— Não precisa pai, quer dizer, eu queria que a mamãe fosse...

— Já disse que não, Mariana — ela respondeu, decidida.

Deixamos a delegacia sem olhar para trás. Acho que nenhum de nós queria encarar o que tinha acontecido. Quando chegamos em casa, minha mãe pediu para o meu pai não entrar. Ele me olhou de lado e entendi tudo.

— Pode deixar, pai. Se a gente precisar de alguma coisa, dou minha palavra, juro que te ligo — falei para tranquilizá-lo antes de fechar a porta do elevador.

— Filha... — ele me chamou. — Promete?

— Pode deixar... bom, então, tchau. Fica tranquilo, tá? Te amo, pai. Obrigada.

— Também te amo muito viu, Nana. E não tem que agradecer nada.

— Eu sei. Mas é que agora você fez uma coisa que não foi por mim. Foi pela mamãe, mesmo ela não sendo sempre assim tão legal com você...

Meu pai me interrompeu.

— E quem disse que também fui sempre legal com ela? — perguntou com o olhar baixo e uma certa dor na voz.

Acho que meu pai estava mudando também. Com tudo o que tinha acontecido, desde a revelação da adoção do meu irmão, passando pela separação e o episódio todo na delegacia, uma ficha tinha caído para ele. Talvez agora ele estivesse entendendo o que é família. A tal da família dele da qual minha mãe tanto falava. Nos despedimos com um sorriso doce e cúmplice. Para mim, algo estava claro: se as coisas tinham acontecido daquela maneira para os dois, o melhor que tinham a fazer é seguir em frente, sem repetir os mesmos erros. Para isso, o primeiro passo era aceitar que ambos, de alguma maneira, haviam errado. Da mesma forma que um dia eu tinha torcido para que eles se separassem, naquele momento meu desejo era vê-los juntos novamente. Mesmo sabendo que isso era um sonho infantil. E, pelo tamanho da mágoa de minha mãe, uma realidade impossível.

Quando eu e minha mãe entramos em casa, o clima estava tenso. Lembro do jeito como ela não me olhava. Apesar de ter feito tudo aquilo por minha causa, eu a conhecia muito bem para saber que nunca se perdoaria por não ter acreditado em mim, lá atrás. Mas meu maior medo era que, sempre que me olhasse, sua raiva aumentasse, já que, de alguma forma, bastava a minha presença para que ela lembrasse de sua “incompetência como mãe”.

Depois de quase meia hora sem nenhuma das duas dizer nada, ela começou a falar quase sem respirar.

— Lá no interior, quando era menina, até livro de professora eu ganhava por ser uma boa aluna... sei que já não sou mais tão jovem, mas quero voltar a estudar... em dois anos eu posso fazer o supletivo e depois prestar faculdade de Direito.

Em outros tempos, eu teria ficado chocada. Não devido ao que ela havia falado, mas pelo que tinha deixado de falar. Mas agora, não. Eu já tinha tido provas suficientes de que ela me amava, estava sempre presente e, sim, se preocupava comigo como uma mãe deve se preocupar com uma filha. Percebi que o problema dela era com

ela mesma. Ela não conseguia entrar em contato com algo dentro dela. Lembrei do dia em que meu pai me contou que para ela era difícil ser uma mãe normal, porque não tinha tido uma para poder reproduzir o modelo. Ela sabia ser mãe aprendendo a agir com cada situação, só por intuição ou de acordo com o que julgava ser certo.

Quando se casou com meu pai, ainda não tinha concluído o segundo grau. E, apesar de sempre ter gostado de estudar, os filhos e as obrigações de mãe e esposa daquela época tomaram todo seu tempo; nunca mais havia falado sobre o assunto. Mas agora, com quase 40 anos, aquilo parecia ter sido sempre seu destino.

— Direito? Puxa! — respondi.

— Isso te incomoda? — perguntou desconfiada.

— Não... não! Eu não quis dizer isso... acho interessante — tentei ser gentil.

— Por quê?

— Ah, mãe, sei lá... começar na sua idade... precisa de coragem. Mas acho que isso é o que não falta em você, né? Talvez você possa até ser juíza.

— Filha, hoje... o que aconteceu...

Nesse momento, pela primeira vez, ela começou a chorar. Cheguei perto para abraçá-la, mas ela se afastou. Foram longos minutos de um choro que parecia ter saído de uma vida toda sufocada. No começo, fiquei quieta, mas depois não consegui mais me controlar e comecei a falar tudo o que me vinha à cabeça. Ela não respondia e o pior: a cada frase minha parecia querer chorar mais.

— Está tudo bem, mãe... Não fica assim... Olha, obrigada por me defender... Me desculpa se te magoei... Quer que eu ligue para um médico? Por favor, calma... Ele não me machucou... Eu nem me lembro mais do que aconteceu... Está doendo alguma coisa? Tô ficando preocupada... Mãe, fala alguma coisa... Ó, vai dar tudo certo...

Como não tive nenhuma resposta, me larguei no sofá vencida.

— Tá bom mãe, chora que faz bem...

Depois de anos fazendo dos meus sentimentos uma extensão dos sentimentos dela, pela primeira vez percebi que ela e eu éramos duas pessoas diferentes. As tristezas de minha mãe não eram as minhas e, nem sempre, por minha culpa e vice-versa. De repente, me veio uma certeza. Sentada ali, olhando para sua angústia, estava disposta a nunca mais deixar que nenhum acontecimento dissolvesse nossas identidades. Eu seria eu e faria tudo o que pudesse para que ela fosse ela. Só assim uma poderia realmente ajudar a outra. Sei que seria difícil, mas tomei uma decisão: a partir daquele momento, seu estado emocional não iria produzir uma reação imediata em mim e, aos poucos e com muita paciência, também conseguiria mostrar que minhas tristezas não estavam sempre relacionadas a ela. Só assim, talvez, uma deixasse de ficar sempre na defensiva com a outra.

Minha cabeça fervilhava. Eram tantas ideias para um futuro melhor. De repente me dei conta de que precisava fazer alguma coisa em vez de ficar só nos pensamentos. Então, me levantei e saí da sala. De nada adiantava ficar ali. Era como uma blusa de lã no calor. Só quando você tira percebe o alívio. Antes de entrar no meu quarto, olhei para ela.

— Você é a melhor mãe do mundo.

Fechei a porta do quarto e, lá de dentro, pude ouvir o choro dela diminuindo até que finalmente parasse e, depois de um longo suspiro, ela pareceu ficar em paz.

No dia seguinte, ela acordou mais tarde do que o de costume. Resolvi fazer uma surpresa e coloquei flores na mesa do café da manhã. Apesar de parecer ainda triste, percebeu.

— Bonitas flores.

— Adivinha onde peguei? — falei com entusiasmo.

— Não sei, Nana.

— Ai mãe...

— Não sei, Nana.

— Ah, chuta vai!

Ela respirou profundamente e depois falou baixinho.

— Nana, me respeita, por favor.

Senti o baque. Eu estava feliz por tudo o que tinha acontecido, ou melhor, por tudo que representava o que aconteceu, mas não percebi que para ela as coisas tinham outra conotação. Para falar a verdade, exatamente oposta à minha.

— Que foi que eu fiz?

— Você não fez nada. Por que você tem que achar que tudo tem a ver com você?! — ela respondeu me pegando de surpresa.

Mesmo que no dia anterior eu tivesse visto nossa relação de um jeito totalmente novo, meu espírito ainda não tinha amadurecido o suficiente para deixar para lá algumas coisas, como só os mais sábios fazem. Saí da mesa magoada. Fui para o meu quarto e me tranquei. Torci para ela vir bater na porta, conversar, pedir desculpas, qualquer coisa, mas nada aconteceu. À noite, quando saí do quarto, ela simplesmente perguntou se eu queria jantar naquela hora porque ela gostaria de dormir cedo.

— Não, obrigada — respondi.

Engraçado como em tão pouco tempo você pode ter os maiores sonhos do mundo e depois, por quase nada, acabar completamente sem esperança. Depois que ela foi dormir, liguei para o meu pai.

— Oi, pai.

— Que vizinha é essa? — perguntou já percebendo que eu não estava bem.

— A mamãe...

— Vocês brigaram?

— Não.

— Alguma coisa aconteceu.

— Alguma coisa não aconteceu, pai.

— Que foi?

— Não sei, eu estava feliz, coloquei a mesa... sei lá. Nada do que faço dá certo com ela.

— Filha, eu entendo que você esteja feliz de alguma maneira, mas não pode querer que sua mãe sinta o mesmo. Se para você tudo foi uma grande declaração de amor, para ela foi um atestado de omissão, de pior mãe do mundo!

— Eu sei... tanto sei que ontem mesmo disse pra ela que eu tinha a melhor mãe do mundo. Mas acho que não adiantou.

— Adiantou sim... ela é que tem o tempo dela. E você já devia saber disso.

Era verdade. Minha mãe tinha o seu tempo. Com ela não adiantava tentar encurtar um período de tristeza ou esticar um momento de alegria. Se a gente tentasse fazer isso, considerava drama ou riso forçado. Sentia o quanto tinha que sentir e, depois, acabava. Isso valia tanto para as coisas boas quanto as ruins.

Foi exatamente assim que ela reagiu quando, alguns meses depois, seu irmão ligou para dizer que minha avó havia morrido.



Capítulo 13



Minha avó morreu sem dar explicações. A sensação que tive foi de que ela ficou devedora e deixou na minha família um gosto de coisa inacabada. É verdade que eu não iria sentir sua falta, mas ver minha mãe daquele jeito me deixou triste.

Era dia de semana e a gente ainda nem tinha tomado o café da manhã quando o telefone tocou. Vi quando minha mãe fechou os olhos tentando se concentrar no que tinha acabado de ouvir. Assim que desligou o telefone, ligou para o meu pai.

— Tito?

— Nossa, Helena, que surpresa... tudo bem?

— Minha mãe morreu — respondeu seca.

— Puxa, não sei o que dizer... meus sentimentos. Como você está?
— meu pai disse, constrangido.

— Estranha... mas não importa... o problema não sou eu, Tito.

— Já sei... o Guga... — ele falou, apreensivo.

— O que a gente faz?

— Na verdade não tem muito o que pensar. A gente tem que ligar para ele e contar a verdade. Você quer que eu ligue?

— Não. Eu que tenho que fazer isso — e emendou firme. — Eu sou a mãe.

— Mas, Helena, tenta não falar assim, do jeito que você me contou. Tenta não ser tão direta... lembra que ele está longe,

sozinho e a gente não sabe qual pode ser sua reação...

Minha mãe interrompeu.

— Tá, Tito! Lá vem você querendo dizer como devo agir! Sou a mãe dele e sei como falar... — disse de novo como se quisesse ouvir as próprias palavras para não ter dúvida alguma.

Meu pai percebeu que ela estava insegura e tentou ajudar.

— Helena, só tem uma pessoa que às vezes parece duvidar disso... e não é o Guga.

Minha mãe baixou a guarda.

— Tô com medo, Tito...

— Presta atenção, Helena. Você é quem perdeu sua mãe. A Dona Lúcia nunca, nem em sonho, foi mãe dele. Ele sabe e sente isso. Além do mais, ele foi adotado bebê... ele não passou pela dor do abandono como você. Por você estar sentindo tudo o que está sentindo agora, você acha que o Guga vai sentir também. Mas é diferente...

Minha mãe sabia que ele estava certo, mas não sei porque, muitas vezes, quando meu pai se mostrava seu amigo, ela ficava muito incomodada.

— Você não sabe o que estou sentindo!

— Tem razão. Mas perder a mãe não deve ser fácil em nenhuma situação.

Minha mãe ficou quieta. Algo que meu pai ainda não sabia identificar tinha mexido com ela e, por isso, ele achou melhor encerrar o assunto.

— Olha, se você prefere falar com ele, vou respeitar, mas, por favor, me liga para falar como foi a reação dele, tá? Depois que você contar, quero ligar para conversar um pouco com ele também.

— Tá... — ela respondeu e desligou o telefone sem dizer tchau.

Minha mãe enrolou a manhã toda. Sua preocupação em contar para meu irmão era muito maior do que qualquer coisa que pudesse

estar sentindo. Como toda mãe, passou por cima de si mesma e se preocupou primeiro com o filho.

Naquela semana, o Guga tinha ido passar dez dias na Costa Rica com os amigos da faculdade para estudar a vida marinha local. Foi a sorte. Estando na América Latina, ele poderia mudar a passagem de volta para a Austrália, passando antes pelo Brasil. O voo para cá demoraria o tempo ideal para que pudesse elaborar a notícia caso quisesse vir para o enterro. Um pouco antes do almoço, minha mãe ligou.

— Filho? — disse com a voz trêmula.

— Oi mãe, que saudade! Desculpa que não liguei essa semana, mas é que aqui da Costa Rica está meio difícil de falar... mas manda, tudo bem por aí?

Ele não sabia do episódio da delegacia. Meus pais preferiram não contar para poupá-lo já que, de longe, nada poderia fazer. Mas, dessa vez, mesmo que nada pudesse ser feito, a situação era diferente. Ele tinha o direito de saber.

— Você sabe. Há coisas boas e coisas ruins — ela respondeu.

— Fala primeiro as ruins! Aposto que não é nada de tão terrível assim! — ele disse com um entusiasmo ingênuo de quem ainda não percebeu que realmente havia acontecido alguma coisa grave.

Minha mãe decidiu ir direto ao ponto.

— Filho, a Dona Lúcia... a minha mãe, faleceu.

— Nossa! — respondeu meu irmão.

— Isso, filho, desculpa, é a nossa mãe — minha mãe respondeu num tom triste.

— Não, mãe! Eu falei “nossa” de espanto, de puxa vida e não de “a nossa mãe”! Você é minha mãe! Quantas vezes vou ter que repetir isso? — ele explicou bravo e depois ficou mudo.

Aquela reação não era a do meu irmão. Depois que foi morar fora, nunca mais ele e minha mãe discutiram. Ela logo percebeu que aquele tom de voz tinha a ver com a morte da minha avó e que ele

deveria estar com os sentimentos bem confusos naquele instante. Por isso resolveu intervir no momento em que ele teve dúvidas sobre vir ou não para o velório.

— Bom, quando é o enterro? — ele perguntou como quem não está muito interessado.

— Amanhã — respondeu minha mãe.

— Não sei se consigo chegar... — disse um pouco inseguro — ... você sabe que eu tenho que voltar para a faculdade depois de amanhã.

— Puxa, filho... bom, entendo... mas se você quer saber o que eu acho, gostaria muito que você viesse.

— Mas por quê?! Ela não significava nada para mim.

— Bom, apesar de tudo ela era a minha mãe...

Meu irmão gostou de não ter ouvido que era a mãe dele também.

— Tá bom, vai. Vou tentar, mas não prometo nada. Você sabe como é difícil conseguir voo de uma hora para outra... Mas, é por você! Não é por ela, tá me entendendo?! — ele falou bravo de novo.

— Obrigada — minha mãe respondeu, aliviada.

Sempre achei curioso a quantidade de vezes que uma mesma pessoa dá adeus para seu morto. A cada pouco, alguém se aproxima do caixão e fala alguma coisa. Às vezes, fico imaginando se, um pensamento, quando existe pela última vez na nossa cabeça, também recebe algum tipo de despedida diferenciada como as pessoas, que ganham um velório. Um ritual de adeus parcelado em vinte quatro horas.

Como minha avó morava no interior, meu pai se ofereceu para nos levar. Para minha surpresa, minha mãe aceitou. Só depois soube o motivo: ela havia tomado calmante e dirigir assim seria um risco. Vendo seu rosto tão abatido, constatei que a impossibilidade definitiva que a morte traz de reparar alguma coisa é, muitas vezes, mais dolorida do que a própria morte .

No caminho de três horas até a cidade onde minha avó seria enterrada, nenhum de nós falou muito. Mas todos estávamos pensando a mesma coisa: se o Guga conseguiria chegar a tempo. E se chegasse, qual seria sua reação.

Ele já estava com quase 20 anos, não era mais um pré-adolescente e, desde que tudo tinha acontecido, nunca mais quis tocar no assunto, nem vê-la de novo. Minha mãe se preocupava com isso, mas respeitava sua decisão. Até porque ela tinha agido da mesma maneira muitos anos antes. A diferença é que, de um jeito ou de outro, ela resolveu a questão com sua mãe ao se reaproximarem; já o Guga, não. Ele simplesmente resolveu agir como se ela nunca tivesse existido.

Quando chegamos ao velório, apesar de estarem todos os filhos, nenhum deles parecia estar sofrendo demais. Talvez por tudo que cada um tinha passado e pela mágoa que todos carregavam. É verdade que os três tinham perdoado minha avó por terem sido abandonados, mas acho que nenhum deles pôde construir o vínculo que só a convivência possibilita. Além disso, ela, não importa se por capricho, imaturidade ou egoísmo, abriu mão desse vínculo quando eles ainda eram muito pequenos. Até onde minha mãe tinha conhecimento, meus tios Teodoro e Xavier, seus irmãos mais velhos, não sabiam que o Guga, na verdade, também era irmão deles. Minha mãe, na época da adoção, fez minha avó jurar que nunca diria nada. Realmente não deve ter dito porque, diferentemente da minha mãe, meus tios provavelmente nunca mais olhariam novamente para minha avó se soubessem que ela continuava a mesma. Jamais ela correria esse risco.

Minha avó era tão equivocada em seus valores que, na época em que estava grávida do Guga, disse que faria uma viagem de autoconhecimento durante um ano para que seus filhos não vissem sua barriga crescer. Ao retornar, com meu irmão nos braços, surgiu, sem avisar, na casa da minha mãe para pedir ajuda: queria saber se ela conhecia alguma instituição onde pudesse deixar o menino. Foi assim que tudo aconteceu. No mesmo dia, minha mãe falou com meu pai e eles decidiram adotar o Guga.

Não havia muitas pessoas no velório, mas uma coisa me chamou a atenção: as choradeiras profissionais. Era um grupo de três senhoras que iam a todos os velórios das pequenas cidades da redondeza e rezavam e choravam os mortos, conhecendo-os ou não. Ninguém pagava para elas e até hoje não entendo como podiam chorar tanto a morte de alguém que nunca tinham visto antes.

— Mistérios do interior — era o que dizia meu pai na época em que era casado com minha mãe e ainda a fazia rir.

Ficamos ali quase a noite toda com a minha avó no caixão, bem no centro da sala. Achei interessante pensar que, de alguma forma, ela também foi o ponto central responsável por aquela família ter que juntar os cacos como pôde. Por muito tempo, meus tios e minha mãe ficaram ali, de pé, ao lado do caixão.

Sem saber muito bem o que deveria fazer, procurei meu pai com os olhos. Ele estava num canto, do lado de fora, fumando um cigarro. Fui até ele e sentei-me na mesma mureta onde estava.

— Oi, Pitukinha...

— Você acha que o Guga vem?

— Espero que ele consiga chegar — respondeu, preocupado.

— Por que se ela nunca foi nada para ele?

— Porque a morte tem disso: coloca um ponto final em qualquer questão. E eu gostaria que ele tivesse a chance de enterrar essa história.

— Pai, você tem medo de morrer?

— Acho que num grau ou em outro todo mundo tem.

— Por quê?! Se a gente não lembra de nada antes de nascer, provavelmente também não vai lembrar de nada depois que morrer. Não deve ter dor nenhuma — falei, tranquila.

— Na verdade, não tenho medo. Tenho algumas condições para morrer.

— Já sei, sem dor.

— Claro que ninguém quer morrer sentindo dor, mas não foi isso que eu quis dizer.

— O que, então?

— Eu gostaria de morrer limpo, com o corpo preparado, bem asseado — ele disse de um jeito simples como se fosse a resposta mais óbvia do mundo.

— Mas depois que a gente morre dão banho na gente...

— Sei, mas eu queria já morrer limpo, sem ter tido nenhuma dor de barriga antes, com os dentes escovados, sem estar pelado...

Suas preocupações me surpreenderam. Mais ainda porque ele falava tudo com naturalidade.

— Você queria morrer dormindo?

— Na verdade não, acho que não. Eu não queria sentir dor, claro, mas queria ver a morte chegar, saber que estou na tal passagem. Mas filha, essa história de enterro está colocando sua cabecinha para pensar em coisas que não levam a lugar algum. A gente tem que aceitar a vida e a morte também, não tem jeito. Que tal mudar de assunto?

Olhei para ele com um sorriso maroto.

— Tá bom, você que pediu, hein... alguma vez você sentiu que amava mais a mim ou ao meu irmão?

Meu pai me abraçou carinhoso.

— Eeeeita, vem cá. Nunca, nunca. Você pode até achar que, às vezes, amo mais você, mas também não é verdade. As afinidades é que são diferentes, não o amor. A gente conversa mais, o Guga é mais na dele, mas eu amo vocês dois igualzinho. E antes que você me pergunte, sei onde você quer chegar e já vou responder: sua mãe também ama vocês dois igual.

— Eu sei — respondi do fundo do coração.

Meu pai continuou me falando seu ponto de vista entre uma tragada e outra.

— É completamente normal pai e filha se apegarem mais, como mãe e filho têm uma ligação diferente também. E tem mais: já te falei, e é verdade, a gente sempre presta atenção no filho que precisa mais da gente, mas isso não significa que a gente o ame mais.

— Também já entendi isso.

— Mesmo?

— Mesmo, de verdade. Só que ainda é difícil o contato físico com a mamãe... quer dizer, às vezes é difícil. Por exemplo, agora mesmo eu estava lá com ela, do lado do caixão, e tentei abraçá-la, mas ela não me devolveu o abraço. Só eu fiquei lá, abraçando.

Depois de alguns segundos pensando, meu pai respondeu.

— É porque você está dando uma de mãe dela. E a verdadeira mãe dela acabou de morrer, mesmo que ela não tenha sido presente. Você é filha. Não pode, quer dizer, não deveria proteger. Na cabeça dela, ela é que tem que te proteger. A você e ao Guga.

Fiquei ali pensando no que ele me disse. Eu já tinha percebido que muito do afastamento dela em relação a mim era por medo de me perder. Minha mãe tivera uma experiência de abandono precoce e, mesmo inconscientemente, imaginava que eu poderia abandoná-la também. Aliás, como realmente fiz na adolescência, a cada vez que me trancava no quarto. Mas nunca havia pensado, pelo menos não tão claramente, que tentar protegê-la poderia fazer com que se sentisse mal.

Voltei para a sala onde o corpo estava sendo velado e me sentei numa cadeira de plástico branca. Minha mãe passou por mim.

— Vou comprar uma água. Você quer alguma coisa? — perguntou.

— Vou com você — respondi, já levantando.

— Se você quiser alguma coisa, posso trazer...

— Não, prefiro sair um pouco... está muito abafado...

— Está mesmo — falou, distraída.

Quando chegamos à lanchonete, ela pediu uma água e eu um refrigerante. Nós duas estávamos quietas. O olhar dela, distante. Tive uma sensação ruim. Dessa vez, em vez de tentar abraçá-la, mostrei meus medos.

— Mãe, eu tenho medo de te perder...

Meu pai estava certo. Para minha surpresa, ela deixou a água sobre o balcão e me abraçou com os dois braços.

— Você não vai me perder, filha — e beijou minha cabeça.

Eu me aninhei ali e torci para o tempo ir mais devagar por alguns segundos, mesmo sabendo que isso era impossível. Depois de tantos anos, compreendi que não é que minha mãe não sabia dar. Ela não sabia era receber.

Já estava anoitecendo quando um dos meus tios ofereceu sua casa para eu, minha mãe e meu pai passarmos a noite. Minha mãe não quis. Estava decidida a ficar ali, velando o corpo da mãe a noite toda, mas pediu para que meu pai me levasse até lá.

Na casa do meu tio, pedi que meu pai contasse sobre a morte de meu avô, o pai que minha mãe tanto adorava.

— Você era muito pequena quando ele morreu. Acho que tinha mais ou menos um aninho.

— Ele morreu do que exatamente? A mamãe nunca quis falar direito sobre isso...

— É uma história meio complicada... você sabe que não tenho uma memória muito boa, mas parece que foi erro médico, quer dizer, no fim das contas foi de uma infecção generalizada...

— Ué, eu pensava que tinha sido câncer.

— Ele foi diagnosticado com câncer no pulmão.

— Mas ele foi operado, fez tratamento e depois não foi para casa? Como ele morreu de infecção generalizada? Eu achei que isso se pegava só no hospital.

— Então, tiraram um pedaço do pulmão dele onde estava o câncer, mas só que no meio do processo descobriram que, na verdade, o pulmão que operaram era o que estava bom... aí ele voltou para o hospital, mas foi tarde... ele teve infecção antes de conseguir operar de novo.

— Como é que é?! — perguntei, indignada.

— Sua mãe não gosta de falar sobre isso porque quem operou seu avô foi um meio-irmão dele que era médico. Eu não o conheci direito, mas dizem que seu avô gostava muito dele...

— Nossa! — eu estava cada vez mais surpresa.

— Sua mãe ficou sem saber o que fazer porque o desejo dela era processar o tal tio, tirar sua licença, mas seu avô, antes de morrer, pediu para que nada fosse feito contra ele.

— E eu que pensava que ele tinha morrido de câncer e que era filho único.

— Esse meio-irmão era por parte de pai, foi fora do casamento. Naquela época não se falava sobre essas coisas, ainda mais em cidade do interior.

— E que fim esse meio-tio da mamãe levou? — perguntei.

— Sua mãe não fez nada contra ele, como seu avô pediu, mas nunca mais quis vê-lo. Isso é tudo que sei.

— Mamãe deve ter ficado arrasada...

— Não gosto nem de lembrar... ela, que já era magra, ficou transparente. Eu tinha medo de que ela não conseguisse pegar você ou o Guga no colo sem deixar cair. Ela chegava a envergar...

— Você foi no velório do vovô? Como a mamãe ficou? Acho tão estranho nem ela nem os irmãos chorarem agora na morte da mãe deles...

— No enterro do pai, o olho da sua mãe nem abria direito de tanto que chorou no velório. Para ela, ele era o pai e a mãe ao mesmo tempo.

— E depois que ele morreu, você é que ficou sendo pai e mãe dela, né?

Meu pai não respondeu. Ele sabia que isso era verdade. E o pior: depois da separação, ele começou a fazer análise e lá descobriu que tendo agido dessa maneira, mesmo sem querer, tinha contribuído para agravar a crise do seu casamento. Até porque qualquer filho, de alguma forma, mais cedo ou mais tarde, quer romper com os pais .

Quando acordei no dia seguinte, só a empregada estava na casa, colocando café em três garrafas térmicas para levar ao velório.

— Bom dia. A senhora deve ser a Dona Dita, né? — disse, ainda sonada.

— Dia. Você deve de ser a Mariana. Seu tio me falou que você ia posar aqui essa noite.

— É... ele já levantou?

— Nem veio dormir aqui — respondeu.

— E o meu pai, um barbudo, a senhora viu que horas ele saiu? — perguntei, pegando um pedaço de pão com manteiga.

— Eu tô aqui pra mais de duas horas, desde as 7, e ninguém entrou nem saiu ainda não...

— Obrigada — respondi já saindo da cozinha. — Vou voltar lá pro velório... o enterro é ao meio-dia, né?

— É. A senhora quer mais alguma coisa? Café, leite? — perguntou, já com as térmicas nas mãos.

— Não, obrigada. Até logo, então.

Só quando voltei para o quarto para pegar minha bolsa é que vi um bilhete do meu pai: "Voltei para o velório. Qualquer coisa me ligue no celular. Bj do Papai 2030". Meu pai tinha esse costume. Sempre que deixava um bilhete para mim assinava e depois colocava um ano muito mais à frente. Acho que era uma forma dele se garantir sempre presente em minha vida.

Ao chegar de novo ao velório, fiquei sabendo que meu pai só esperara eu dormir para sair novamente e dar uma força para minha mãe. Todos estavam visivelmente cansados. Meus tios abatidos e minha mãe, pálida. Creio que nenhum deles conseguiu pregar os olhos. No canto da sala havia pãezinhos e café. Fui pegar para a minha mãe, mas ela não queria comer nada. Notei que a cada quinze minutos ela olhava o relógio. Imaginei, na hora, que era preocupação pelo Guga e me aproximei.

— Fica tranquila, mãe... daqui há pouco o Guga chega — disse tentando acalmar sua angústia.

— O enterro é meio-dia... — respondeu sem me olhar.

— Então, ainda faltam duas horas. Ele já deve estar na estrada vindo para cá.

— Ele não atende o celular...

— Mas está desligado ou dá caixa postal? — perguntei imaginando que talvez o voo dele tivesse atrasado. — Se ele disse que vem, ele vem!

Mesmo sabendo que o Guga costumava fazer tudo o que falava, ela não pareceu acreditar.

O dia estava quente e eu via moscas por toda a parte. Lembro de ter pensado que no interior deveria haver mais insetos do que nas grandes cidades por causa da quantidade de pão doce nas casas. Lá, era costume, ao acordar, ir até a padaria, a pé, e trazer pão francês e pão doce para o café da manhã. As pessoas do interior não conviviam com a pressa, o perigo e o congestionamento das grandes capitais, especialmente de São Paulo, onde eu vivia e, como a imensa maioria, já estava acostumada ao pão de forma.

Na rodoviária da cidade onde minha mãe e meus tios tinham nascido, chegavam dois ônibus por dia. Um antes do almoço, outro no começo da noite. Por isso, quando o relógio marcou 10h30 da manhã, minha mãe chamou meu pai de lado.

— Tito, você pode ir até a rodoviária buscar o Guga? — ela disse, querendo acreditar que meu irmão estaria lá.

— Vou.

— É que o ônibus chega daqui a pouquinho...

— Eu sei, Helena, você me disse isso ontem.

— Ah, já te falei, é?! — perguntou espantada por não se lembrar.

— Hum, hum... mas não fica preocupada. Falta de sono, mais tudo que está acontecendo, faz isso mesmo com a gente. Bom, deixa eu ir para ele me ver assim que descer.

Do velório até a rodoviária não levava mais do que quatro minutos de carro. Por isso, quando passava pouco das 11 horas, meu pai já estava de volta. Para desespero da minha mãe, vinha sozinho.

— Tito, cadê o Guga?! — minha mãe perguntou.

— Ele não veio, Helena.

— Ai meu Deus, será que aconteceu alguma coisa?! — ela falou quase chorando.

— Calma, Helena... não aconteceu nada. Ele só preferiu não vir.

— Você sempre colocando panos quentes... como você pode dizer isso com essa tranquilidade?! — falou, brava.

— Porque verifiquei se o avião dele tinha pousado e se ele tinha comprado passagem no ônibus que vem para cá — meu pai respondeu, enquanto tirava do bolso uma folha de papel dobrada.

— Que isso, Tito?! Não estou com cabeça pra nada... — ela disse num fio de voz.

Meu pai, então, segurou sua mão e ali colocou o papel amassado.

— O Guga mandou isso pelo motorista do ônibus. Melhor você mesma ler.

Enquanto minha mãe lia a carta, lágrimas começaram a cair. Não sei dizer se foi dor ou a emoção misturada ao cansaço, mas, de repente, o choro se transformou em soluços. Sem pensar e visivelmente abalada, ela foi até o caixão e agarrou minha avó pelos ombros como se quisesse que ela se levantasse.

— Eu te odeio! Eu te odeio! Como você pôde fazer isso comigo? É a minha família! Te odeio! Te odeio! Nunca vou te perdoar, você está me ouvindo?! — ela gritava e chorava, sacudindo minha avó.

Enquanto estavam todos perplexos e sem reação, meu tio Teodoro foi até minha mãe e a abraçou firme.

— Calma, Helena! Por favor, calma. Calma... vai passar... calma... calma — ele repetiu diversas vezes até que finalmente ela conseguiu se acalmar.

Pensei que aquela reação tivesse sido a maior demonstração de amor ao avesso que já tinha visto na vida. Mas, foi na volta para São Paulo que descobri que estava completamente enganada quando, sem querer, escutei o que meu irmão havia escrito naquela carta.



Capítulo 14



Em cidade pequena é comum ir do velório até o cemitério a pé. E foi seguindo esse costume que minha avó foi enterrada. Às 11h30 o padre entrou no velório. Do sermão de quase quinze minutos, me lembro apenas de algumas partes.

— Num momento de dor... é comum a gente se perguntar o que é a vida, o que é a morte... os mistérios de Deus estão por toda a parte, mas é no perdão onde ele verdadeiramente reside... nossa irmã Lúcia parte para a vida eterna... filhos e netos não devem se entristecer, pois agora ela estará ao lado do Senhor...

Eu acho bonita a fé. Essa necessidade de criar alguém que nos criou. Esse amor incondicional. Ninguém ama Deus se ele fizer ou não alguma coisa. Nesse sentido, parece que Deus é até mais filho do que Pai.

No caminho para o cemitério, notei o rosto de algumas pessoas nas janelas de suas casas. Elas olhavam para nós, mas pareciam nada ver. Ali, enterro ou casamento, parecia pouco importar. De repente, o leve tocar da buzina de um carro chamou minha atenção. Olhei para trás e quase não acreditei. Meus avós, Lola e Dom Ramón e minha tia Maria João tinham vindo para o enterro. Minha mãe não podia acreditar.

— Tito, você falou para eles virem? — ela perguntou, baixinho, para o meu pai, que andava um pouco mais atrás.

— Não. Eu só avisei que vinha — respondeu no mesmo tom, entre feliz e constrangido.

Meus avós e tia Maria João estacionaram o carro e acompanharam o cortejo até o cemitério, sem nada dizer. No caminho, me aproximei deles para dizer um “oi” e, de alguma maneira, mostrar o quão feliz estava por vê-los ali.

No cemitério, minha mãe e meus tios ficaram bem próximos ao túmulo, enquanto as outras pessoas ficaram mais afastadas. Os funcionários começaram a descer o caixão e, depois de alguns minutos, o cobriram com terra. Apesar de ser evidente uma dor no olhar dos três filhos, nenhum deles chorou. Era como se já tivessem perdido a mãe há muito tempo e ali só estivessem cumprindo a formalidade de enterrá-la. Depois de todo o ritual e mais alguns segundos em silêncio na frente da lápide, minha mãe se aproximou de meus avós e da tia Maria João.

— Obrigada por terem vindo — disse sinceramente comovida.

— Imagina, não tem que agradecer nada, Helena — respondeu minha avó, com respeito.

— Tem sim, Dona Lola, tem sim — minha mãe disse de novo abaixando os olhos.

— Nossos sentimentos, Helena... — falou meu avô sem saber direito com agir.

Minha mãe estava cada vez mais admirada. Aquelas pessoas que não precisavam estar ali, que ela não via desde que tinha se separado do meu pai, há anos, foram ao enterro por ela.

Depois de alguns segundos, ela se virou para o meu pai e disse, surpresa.

— Não sei o que dizer... nem os filhos dos meus irmãos quiseram vir ao enterro...

Meu pai interrompeu.

— Mas é que sua mãe não foi exatamente uma avó para eles, enquanto você, de um jeito ou de outro, era da família para os meus pais...

Minha mãe sorriu. Finalmente ela entendeu porque o conceito de família para meu pai abrangia tanto aquelas pessoas. Eles eram assim, intrometidos, quase autoritários, mas, se isso tinha um lado ruim, minha mãe acabava de perceber que também tinha um lado bom: estarem juntos também nos momentos difíceis.

Na volta para São Paulo, meu pai foi com meus avós, já que tia Maria João pediu para ir com a gente.

— Deixa que eu dirijo... você passou a noite em claro — ela disse para minha mãe, que não teve como recusar.

— Tá bom, se você não vai se cansar, aceito — respondeu.

— Imagina, assim aproveito para ficar mais com a Nana e colocar o papo em dia com você... faz tempo que a gente não se vê né, Helena?

Minha mãe sempre gostou da tia Maria João. Ela a admirava por tudo o que havia passado para assumir sua homossexualidade e também por ter lutado muito, a vida toda, para construir seu patrimônio. Não que fosse rica, mas graças a muita luta, determinação e uma pitada de sorte, minha tia, hoje, tinha uma casa confortável e podia ainda ajudar meus avós com algumas regalias na velhice, como empregada todos os dias e um pequeno apartamento no Guarujá para irem sempre que desejassem.

A gente já estava na estrada há alguns minutos quando minha tia resolveu quebrar o silêncio.

— Você está bem, Helena?

— A gente vai levando né, Maria João...

— Olha, imagino que deva ser difícil para você toda essa situação...

Minha mãe olhou para trás e, como eu estava de olhos fechados, pensou que estivesse dormindo.

— Muito... você não sabe da missa a metade...

— Por quê?!

— Fala baixo porque não quero que a Nana acorde. Ela só ficaria preocupada...

Nessa hora quase abri os olhos e perguntei por quê. Depois, imaginei que se fizesse isso nunca mais saberia o que estava acontecendo e não poderia ajudar. Então, decidi fingir que dormia, o que não era difícil de acreditar porque, desde pequena, bastava entrar no carro para que eu adormecesse.

— Você está falando do Guga?! — minha tia cochichou.

— Hum, hum... meu filho... — minha mãe falou emocionada.

— O que foi, Helena? O que aconteceu?! Tenho falado com ele por telefone e ele me parece ótimo, feliz!

— Feliz até demais, você não reparou, Maria João? — minha mãe respondeu meio sarcástica.

Minha tia não entendeu, minha mãe respirou fundo.

— Eu não sei o que fazer, Maria João. Desde o velório não penso em outra coisa...

— O Tito me disse que achava que ele vinha.

— Eu também achava. Mas ele não veio. E não foi por mim ou pela minha mãe que ele não veio.

— Foi por que, então?! — minha tia perguntou apreensiva.

— Ai, Maria João... foi por causa de droga... — minha mãe cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar baixinho.

— O quê?! Quem te disse isso?!

— Ele mesmo — minha mãe respondeu sem rodeios.

— Quando?

— Hoje, quer dizer, ele não me disse, ele escreveu uma carta. Tito me entregou no velório.

— Não acredito, mas que insensibilidade a do Tit...

Surpreendentemente, minha mãe defendeu meu pai.

— Dessa vez o Tito não teve culpa, Maria João. Eu só acreditaria que ele estivesse bem se o Tito me desse uma prova do motivo pelo qual o Guga não veio para o enterro. E ele me deu. Está aqui... — minha mãe tirou a carta do bolso da calça — ... já li... já reli mil vezes e ainda não consigo acreditar.

Minha tia parou o carro no primeiro posto de gasolina e começou a ler a carta. De repente, ela abraçou a minha mãe e as duas começaram a chorar juntas. No meio de toda aquela emoção, só consegui ouvir algumas frases, coisas que provavelmente meu irmão escreveu.

— Ele está pedindo desculpas... — disse minha tia.

— Acho que ele também está pedindo ajuda... — completou minha mãe.

— Sem dúvida. Se não, por que outro motivo ele iria dizer que estava metido com essa merda?!

— Acho que ele não aguentou o tranco...

— E a gente aqui achando que ele estava bem, feliz...

— Foi muita pressão — minha mãe falou, se sentindo culpada.

Minha tia respondeu, brava.

— Mas Helena, isso não justifica!

— Eu não disse que justificava, eu só disse que ele não aguentou o tranco!

Minha tia aliviou.

— Desculpa, Helena. Eu entendi o que você quis dizer. Mas é que não dá para entender o Guga envolvido com cocaína! Ele sempre foi tímido, medroso até.

— É verdade — minha mãe disse e olhou para o alto como se tentasse ouvir uma resposta de Deus. — Meu filho, por quê? Por quê?!

— Calma, Helena. O importante é que agora, como ele quis que a gente soubesse, a gente vai poder ajudar... procurar uma clínica,

fazer o que for preciso para tirar ele dessa.

— Aqui ele diz que começou há alguns meses... que se a gente o visse, ia se assustar com sua aparência, pois emagreceu muito...

O lado mais objetivo da minha tia falou mais alto.

— Será que ele é só usuário, ou está envolvido com tráfico também?

— Pelo amor de Deus, Maria João!

— Desculpa de novo, Helena, mas é que são coisas bem diferentes. Um acaba em internação, o outro dá cadeia! — ela sussurrou para não me acordar.

Nesse momento, minha mãe, mais severa, a mesma que há muitos anos eu tinha ouvido dizer “eu quebro, mas não envergo”, saiu de dentro dela.

— Prefiro meu filho morto do que na cadeia!

— Não fala besteira, Helena, imag...

Minha tia mal conseguiu completar a frase e minha mãe continuou o raciocínio.

— Imagina você, Maria João! O que você acha que acontece com um rapaz como o Guga na cadeia?! Vão bater nele... no mínimo, ele vai ser surrado todos os dias! E bonito, jovem do jeito que é, ai, não quero nem pensar... — ela disse com os dentes cerrados.

Diante de tal realidade, minha tia se calou. Eu, que no começo fingi estar dormindo, agora preferia estar dormindo de verdade, só para depois acordar e ver que tudo não havia passado de um pesadelo. Mas, infelizmente, era a mais pura verdade. Meu irmão, que eu tanto amava, tinha, sim, sofrido sabe lá Deus o quanto, sozinho, do outro lado do mundo. De repente, minha tia desabou com a carta na mão.

— Aqui ele diz que precisa ficar alguns dias sozinho, mas que no final de semana vai para sua casa... por favor, Helena, eu queria te pedir uma coisa...

Minha mãe não disse nada. Minha tia continuou.

— Deixa eu estar junto quando ele chegar... não sei se você entende isso, mas o Guga e a Nana são como filhos para mim também...

Pela expressão da minha mãe, percebi que havia se passado um filme em sua cabeça sobre como a família do meu pai tinha se intrometido a vida inteira na dela. Mas, diferentemente do que imaginava, a resposta que ouvi foi uma surpresa. Minha mãe também estava mudando.

— Fica tranquila, Maria João. Aviso assim que ele chegar. Quem sabe, se você puder, não janta com a gente nesse dia? Aí a gente pode conversar com calma... acho que assim ele pode sentir o amor de toda a família e vai ficar mais fácil qualquer tipo de tratamento.

Minha tia sorriu num misto de alívio e agradecimento. Ela também achava que a família se metia onde não era chamada e, por isso, se emocionou com a resposta. O resto da viagem as duas fizeram num silêncio afetuoso.

Um pouco antes de chegar a São Paulo, fingi acordar. Minha cabeça não parava de pensar um minuto sobre tudo o que tinha ouvido. Foi então que tomei uma decisão: contar a verdade para a minha mãe sobre ter ouvido toda a conversa. Só desse jeito poderia ajudar. Se é que poderia.

— Mãe, preciso te dizer uma coisa — falei sem rodeios assim que nos despedimos da tia Maria João.

— Ouvi a conversa sobre o Guga. Desculpa, não foi exatamente sem querer, mas não foi por mal — disse, sabendo que não tinha agido corretamente.

Ela não respondeu. Seus olhos se encheram d'água. A verdade é que, mesmo sem falar, seu olhar disse tudo o que precisava ouvir. Ali havia carinho, havia entrega, havia uma mulher olhando para sua filha sem defesa. Havia cumplicidade. A perda da minha avó, o sofrimento do meu irmão, a solidariedade da família de meu pai, minha história com o eletricitista, a questão das drogas, a decisão de

fazer uma faculdade, a separação... tudo, em tão pouco tempo, fez com que minha mãe ficasse mais flexível, mais generosa e, de alguma forma, olhasse a vida com mais doçura.

— Tudo bem, filha — respondeu tranquila. — Agora é pensar sobre o futuro, no que a gente pode fazer para tirar o Guga dessa.

— Vou estar sempre do seu lado — falei e a abracei com um nó na garganta que até então nunca havia sentido.

Ela recebeu o abraço naturalmente, depois, segurou meu queixo e me olhou nos olhos.

— Eu sei. E presta atenção no que vou te falar porque você sabe que só falo uma vez. Eu vou sempre estar ao seu lado também. Não importa o que aconteça. Você é minha filha e eu te amo desde o dia em que soube que estava grávida de você. E assim vai ser até o dia em que eu morrer. Seja amanhã ou daqui a cem anos.

Esperiei minha vida toda por esse momento. Minha alegria era tão grande que chegava a doer. Parecia que eu tinha levado uma surra. Um misto de sangue correndo quente nas veias contra a pele fria. De repente, comecei a chorar, chorar e chorar. Ela aninhou minha cabeça em seu ombro e esperou passar. Simples assim. A sensação que tive foi a de que, até aquele momento, nós duas havíamos ensaiado uma peça e que, só agora, após tantos anos, iríamos finalmente estreiar em nossos papéis: o de mãe e de filha.



Capítulo 15



Eu estava com 18 anos e muita coisa já havia acontecido em minha vida sem que minha mãe ficasse sabendo. Por falta de intimidade e por acreditar que, na maioria das vezes, não seria compreendida, simplesmente não contava as coisas para ela. Mas depois de ver como ela tinha reagido aos últimos acontecimentos, senti vontade de mudar isso.

Não foi nada planejado, mas o fato é que, naquela semana, antes do Guga chegar, nós nos falamos como a vida toda não havíamos feito. Foram longas conversas, muitas vezes doloridas, e a verdade é que algumas acabaram sem respostas, mas até hoje penso que foram os dias mais importantes da minha vida e que, de uma forma muito positiva, influenciaram a mãe que um dia eu também me tornaria. E isso tanto para as coisas que desejava fazer igual com meus filhos, como para aquelas que não gostaria de repetir. Eram erros e acertos ali, peneirados, para mim.

Como eu fazia cursinho no período da manhã e, minha mãe, faculdade de Direito no período da noite, só sobraram as tardes para que colocássemos o passado no lugar. Um lugar onde ele ficaria para sempre depois daquela semana.

No dia seguinte ao enterro, lembro de ter olhado para a minha mãe e pensado que ela estava muito diferente dela mesma. Puxei assunto sem nenhuma pretensão, apenas porque queria dizer exatamente o que estava sentindo.

— ... mãe, achei muito legal você convidar tia Maria João para vir aqui quando o Guga chegasse — falei durante o almoço.

— Já dizia meu pai que só não muda de opinião quem é ignorante — respondeu, sem dar muita importância.

— Você o amava muito, né?

— Ele era uma pessoa muito especial... — disse sem conseguir acabar a frase direito.

— Mãe, tem muita coisa que escutei, sei lá, fiquei sabendo de orelhada, mas queria ouvir de você a verdade. O que aconteceu com o vovô?

Para minha surpresa, ela falou no assunto.

— Você quer saber o que exatamente?

— É verdade que ele matou uma pessoa?

— Não. Ele atirou numa pessoa — respondeu, constrangida.

— Por quê?

— Olha Nana, não gosto de falar sobre isso...

Antes que terminasse a frase, interrompi.

— Puxa, você nunca me conta nada — falei muito mais triste do que em tom de cobrança.

— Filha, essa história mexe muito comigo. Não são momentos felizes que gosto de lembrar, são coisas que me marcaram. Eu não fico contando porque não é uma coisa da qual me orgulhe e, falar dessa história, é resumir seu avô numa pessoa que não era ele, não era o todo... foi só um momento em que ele perdeu a cabeça. Sei que não foi certo, mas foi assim que aconteceu. O importante é você saber que seu avô era a melhor pessoa do mundo. Você pode perguntar para quem quiser — ela disse, emocionada.

Pela primeira vez entendi que não era por mim que ela nunca tinha contado aquela história, mas por respeito a ele, pela imagem do pai que ela queria tanto preservar. Achei aquilo bonito, digno.

— Você acha que se o vovô estivesse vivo, ele deixaria o Guga ser entregue para adoção mesmo sabendo que o filho não era dele?

— Nunca! Ele criou os três filhos debaixo de chuva e de Sol. Às vezes, Nana, a gente nem tinha direito o que comer, mas mesmo assim ele dava um jeito — ela disse, orgulhosa.

— Que jeito? — perguntei realmente interessada em descobrir quem era minha mãe.

— A gente morava perto de um rio e lá tinha muita rã. Ele juntava os filhos e dizia: se um dia é da caça e o outro é do caçador, a noite é sempre do caçador! Aí a gente saía de madrugada e pegava um monte de rã pra comer... — de repente, ela mudou o tom e percebi tristeza em sua voz. — Mas, às vezes, também não tinha rã, e aí ele dava limonada pra gente com bastante açúcar para ficar bem enjoado e a fome passar...

— ... que triste.

— Era e não era. Quer dizer, nenhuma criança no mundo deveria passar fome, mas seu avô fazia de um jeito que eu e seus tios acabávamos nos divertindo. Ele dizia que era dia de acampamento e, como um bom escoteiro, a gente tinha que se virar com o que tinha. Depois de tomar aquela coisa melada todo mundo dormia na sala. Ele estendia o lençol em cima das cadeiras e fingia que era a nossa cabana. A gente era pobre, mas muito unido... feliz de verdade.

De repente me veio uma memória de infância.

— Nossa! Eu lembro quando você também jogava o cobertor em cima dos sofás e brincava comigo e com o Guga de esconderijo!

— Então, aprendi com seu avô... — ela disse com saudade.

— Mãe... você acha que o Guga vai sair dessa?

Minha mãe ficou com o olhar distante e falou de um jeito ameaçador.

— Eu entraria no inferno para tirar você ou o Guga de lá.

Na hora não entendi direito o que ela quis dizer com aquilo, mas uma semana depois, quando o Guga chegou em casa, compreendi tudo.

No dia seguinte, acordei para ir ao cursinho, mas como não conseguia prestar atenção na aula, voltei para casa antes mesmo do almoço. Minha mãe estava na cozinha fazendo bife à parmeggiana.

— Ué, não teve aula hoje, Mariana? — perguntou estranhando me ver em casa tão cedo.

— Teve — respondi desanimada.

— E por que você está aqui? Você não está se sentindo bem? — ela disse já colocando a mão na minha testa como sempre fazia quando eu ou o Guga reclamávamos de algo.

— Eu tô bem. Só não consigo pensar em nada.

— Você quer dizer que não consegue parar de pensar em muitas outras coisas, não é?

De alguma maneira, sua resposta me emocionou. Talvez porque, para mim, foi uma surpresa ela ter lido tão bem minha alma naquele momento. Afinal, quem costumava fazer isso era meu pai, não ela.

— Hum, hum — respondi fazendo que sim com a cabeça, mas sem conseguir falar.

— Filha, vai dar tudo certo. Prometo — disse, tentando me acalmar.

Com aquele clima entre a gente, me deu vontade de desabafar, de dividir com ela minha vida.

— Mãe... tem tanta coisa que você não sabe...

— Tudo bem. Ninguém precisa saber de tudo. Todo mundo tem direito à sua privacidade.

Mesmo sem que viesse me abraçar ou me fazer carinho, conseguia ver que ali estava minha nova mãe, que eu não identificava, apesar de já gostar muito. De repente, uma dúvida surgiu: será que eu tinha estado cega durante tanto tempo?

— Mãe, não te reconheço... desculpe dizer, mas você está tão melhor... espero que você entenda isso não como uma crítica, mas como um elogio.

— Sei que fui dura algumas vezes, mas será que fui só eu que mudei? — e me olhou como quem diz que só agora eu estava tendo boa vontade também.

— Eu sei... desculpa — respondi de coração, com a certeza de que as coisas começavam a melhorar.

No ano anterior, em minha festa de formatura do colegial, conheci um rapaz chamado Miguel. Ele era magro e lindo. Os olhos, amendoados. As pessoas próximas a ele diziam que era uma pessoa diferente, com um brilho especial. Doce e sensível, para mim seria muito mais do que um rapaz que gostava de música, futebol e poesia. Seria meu primeiro amor. Miguel não foi meu primeiro beijo, mas foi minha primeira transa. Não poderia ter escolhido ninguém melhor. Depois da festa, a turma toda foi para a casa de um dos formandos para continuar bebendo e comemorando até amanhecer. Eu disse para os meus pais onde estaria, mas não disse fazendo o quê. Deixei o telefone e o endereço da casa com eles e expliquei que lá morava a Pati, uma amiga muito querida que conheciam, mas com a qual não tinham muito contato. Com a desculpa de nenhum dos pais precisar ir nos buscar de madrugada, menti que junto com outras duas amigas dormiríamos lá e que, na manhã seguinte, voltaria para casa de ônibus. Com telefone e endereço em mãos, meus pais ficaram tranquilos e confiaram em mim. Até porque nunca fui de mentir. Mas o fato é que estava com segundas intenções e, por mais aberto que fosse meu pai, não tinha nenhuma vontade de dizer para ele que queria dormir fora porque ficaria com um garoto.

No meio da festa, Miguel se aproximou de mim com um cigarro na mão.

— Oi Mariana, lembra de mim?

— Você é o primo da Pati... só não lembro seu nome, desculpe...
— respondi, fingindo não estar muito interessada.

— Bom, já é um começo. Meu nome é Miguel.

— Claro, Miguel. Agora lembrei... quer dizer, você me lembrou.

— Você aceita? — e me ofereceu o cigarro.

— Não, obrigada. Não gosto muito de cigarro...

— Mas esse é *outro* tipo de cigarro.

— Eu sei, é maconha — respondi mesmo nunca tendo chegado tão perto de um baseado antes.

— E das boas.

— Por quê?

— O fornecedor é o de Santos.

— Na verdade, não entendo muito dessa parte, eu mesma nunca comprei. Sempre filei de amigos.

— Ah, então você é da turma?! — ele disse mais descontraído. — Estava com um pouco de medo de oferecer... sei lá, você tem uma cara de certinha.

— Na verdade, até sou. Só fumei algumas vezes, por curtição.

— E aí? Tá a fim de curtir hoje? — disse abrindo um sorriso enorme e lindo.

Eu o olhei fixamente para deixar claro qual era minha intenção naquele segundo.

— Vai depender de você...

Miguel ficou encabulado. Eu estava jogando e ele não esperava por isso. A Pati já tinha me contado que ele tinha ido perguntar sobre mim para ela e que ela falou exatamente o que pensava: "Ela é muito legal, mas bem diferente das meninas que você está acostumado a pegar". Depois fiquei sabendo que ela também disse que eu era mais madura e segura do que qualquer outra garota da turma. Adorei. A Pati sempre percebia rápido as coisas e eu a admirava por isso.

A verdade é que, pela primeira vez, eu participava ativamente do jogo da sedução. Queria o Miguel, mas jamais me jogaria em seus braços. Ele teria que batalhar para me ter, me conquistar. Não era exatamente direta, mas subjetiva, de um jeito que deixava tudo muito claro. Quem olhasse de fora, talvez achasse que era uma

garota até bem experiente. Mas o fato é que eu ainda era virgem e, como a maioria, sentia um pouco de medo e muita curiosidade. Olhei para o Miguel e resolvi que o melhor a fazer era ser eu mesma.

— Olha, se você quer saber, nunca transei antes. Se você acha isso um problema, ok. Para mim é motivo de orgulho. Sempre soube que queria dar pela primeira vez para alguém legal. Não transformar num bicho de sete cabeças, claro, mas também não deixar ser uma coisa banal.

Apesar de ser cinco anos mais velho, percebi que Miguel estava num misto de constrangimento e admiração.

— Desculpa se te deixei sem graça, mas sou assim. Falo a verdade. Mesmo que seja a minha verdade. E quer saber, acho que agora quem está ficando sem graça sou eu... melhor ir embora.

Eu me levantei e ameacei sair quando ele me segurou pelo braço.

— Uou, a Pati me disse que você era diferente, mas isso é ser muito diferente — ele falou enquanto dava um pega no baseado. — Por que a gente não vai para a edícula conversar?

Sorri. Na edícula, a música chegava distante, a luz era de abajur e o sofá mais parecia uma cama, de tão grande. Enfim, tudo perfeito para um bom início de alguma coisa.

— Posso te beijar? — perguntei, direta.

— Isso não está acontecendo... — ele respondeu.

— Está — disse tranquilamente enquanto me aproximava dele. — E agora, tudo o que quero é fechar os olhos e apenas sentir.

Miguel não aguentou esperar que fosse até ele e me puxou pela cintura.

— Acho que assim vou me apaixonar — ele disse.

— Que bom, eu também — respondi.

De manhã acordamos abraçados no sofá. Levantei-me primeiro e vesti minha roupa. Ele me olhava e apenas sorria. Éramos dois

jovens cheios de vida, apenas felizes por estarmos ali. A noite tinha sido exatamente como sempre imaginei. Delicada.

— Você é linda...

— Já sei disso. Mas pode falar porque é sempre bom ouvir de novo — disse, sorrindo.

— Você é linda mesmo. Sério — ele falou mais uma vez. — Acho que você não vai me achar um babaca se eu disser que você é linda por dentro também.

— Vou adorar.

De repente, levantei e prendi um rabo de cavalo.

— Onde você vai?!

— Então, eu queria ficar, mas prometi para a minha mãe que voltaria para casa ainda hoje de manhã.

— Ah, não... fica mais — ele disse eufórico e pulou da cama para me abraçar.

— Desculpe, mas não posso mesmo. Nunca passei a noite fora de casa. E como pretendo passar outras, melhor não dar motivo para preocupação agora...

— Seus pais sabem que você está aqui?! — ele perguntou, surpreso.

— Mais ou menos — respondi sem graça. — Não gosto de mentir, mas ao mesmo tempo não consegui dizer que queria perder minha virgindade e por isso ia dormir fora. Então, só disse que iria dormir na casa de uma amiga, o que não deixa de ser verdade.

Ele riu gostoso.

— Quer dizer que foi tudo planejado, hein?!

— Claro que foi. Eu nunca faço nada que não queira — respondi séria.

— Você é muito madura para sua idade.

— Considerando que os homens amadurecem bem mais tarde, você também é. Muito.

Miguel me olhou com admiração.

— E inteligente também... então, eu caí como um patinho, né...

— Hum, como um gatinho... — e ri feliz por poder impressionar exatamente quem gostaria de ter impressionado.

— A gente vai se ver depois?

— Você me liga. E olha, se não ligar, você é quem vai sair perdendo, hein — falei, antes de dar-lhe um beijo demorado.

As semanas seguintes foram mágicas. Nós namoramos escondido porque era assim que eu queria. Não tinha nenhum motivo específico para isso, mas, daquele jeito, parecia mais gostoso para mim. Além disso, meus pais tinham acabado de se separar e achava que o clima não era dos melhores para que apresentasse meu primeiro namorado.

Estava tudo bem até que numa quinta-feira, ao acordar, senti meus seios tão doloridos que não consegui nem colocar sutiã. À tarde encontrei Miguel no estacionamento de um shopping. Ele me beijou assim que cheguei, mas seu cheiro me enjoou.

— Que foi, Mari? — só ele me chamava assim. — Você está estranha.

— Não sei. Acho que comi alguma coisa estragada... e também tô com um pouco de tpm, meu peito está doendo.

— Muito?

— Não consegui nem dormir de bruços essa noite...

Miguel me interrompeu.

— Quando vai descer sua menstruação?

De repente, percebi onde ele queria chegar.

— Não pode ser... — olhei para baixo com os olhos já cheios d'água — ... na verdade era para ter descido anteontem...

— Vamos agora comprar um teste de gravidez na farmácia — ele falou sério.

Fiz o teste no banheiro do shopping mesmo. Deu positivo. Meu mundo parou de girar e eu estava prestes a despencar. Ficar grávida aos 17 anos não estava em meus planos. O pior é que a gente se cuidava, nunca tínhamos transado sem camisinha. No máximo, brincávamos um pouquinho sem preservativo, mas acho que a fertilidade da idade acabou falando mais alto.

Quando saí do banheiro, Miguel estava no corredor, andando de um lado para o outro. Pelo meu olhar, percebeu na hora que estava grávida. A expressão não era nem de tristeza, nem de alegria. Como eu, ele também estava em suspenso. Seu rosto estava pálido.

Resolvemos ir para um drive-in. Ali poderíamos conversar sem que ninguém nos interrompesse. A primeira frase dele, apesar do tom carinhoso, foi decisiva para mim.

— A gente ainda é tão jovem... — disse, lamentando-se.

— A gente não precisa ter — falei, entre decidida e magoada.

— Você teria coragem? — ele me perguntou.

— Não sei se teria coragem é de ter... — respondi triste. — Minha mãe não pode ficar sabendo nunca! Ela é absolutamente contra aborto. Ela costuma dizer que só Deus pode dar ou tirar uma vida, que mesmo que tenha só um dia de vida já é um ser humano e tam... — nesse momento, não aguentei e comecei a chorar.

Miguel me abraçou e pude sentir sua respiração mais ofegante do que o de costume. Ele estava chorando também.

Quando nos acalmamos, olhei para ele e disse algo impensado, mas que sentia com uma certeza profunda.

— Miguel, sei que esse é o fim do nosso começo.

Miguel se assustou.

— Que isso, Mari?! Não fala assim! A gente vai ficar junto para sempre!

— Não vai, Miguel. Por mais que a gente se ame, agora tem uma coisa que mudou em mim, ou melhor, que sei que vai mudar.

— Mas o que foi que eu fiz? Eu tô do seu lado para o que você quiser fazer. Olha, vamos ter o bebê! Eu só não quero te perder!

— Não foi uma coisa que você fez, Miguel. Deixa para lá. Olha, se acalma... nada vai mudar entre a gente, tá?

— Promete?

— Prometo tentar — respondi no ápice da minha sinceridade.

Marcamos o procedimento para dali a uma semana. Disse para minha mãe que passaria o fim de semana na praia com a minha querida amiga Dani. Assim, teria tempo para o aborto e mais um dia para descansar antes de voltar para casa. O Miguel cuidou de tudo, até arranjou o apartamento de um amigo que morava sozinho para passar mais tempo comigo.

No dia da intervenção, foi assim que o médico chamou meu aborto, eu estava muito triste, mas calma. A certeza de que não criaria um filho tão bem quanto gostaria naquela idade me confortava. Além disso, havia também o Miguel. Ele era um cara doce, bacana, estava tão apaixonado quanto eu, mas, como ele mesmo disse, “a gente era tão jovem”. O fato é que ter ouvido isso me abalou. Talvez, se ele tivesse vibrado, encararia. Mas como poderia cobrar-lhe isso, se eu mesma também não havia demonstrado essa alegria?

Não me lembro de nada do procedimento. Minha única lembrança é a de uma enfermeira orientando-me para que relaxasse, enquanto me aplicava a anestesia. Depois, acordei num pequeno quarto, com Miguel ao meu lado. Ele sorria. Mas era um sorriso nervoso.

— Como você está?

— Com sede — respondi meio sonolenta.

— Você só pode molhar a boca com esse algodão por enquanto — ele disse, enquanto umedecia um pedaço de algodão.

— Foi tudo bem? — perguntei.

— Hum, hum — ele fez que sim com a cabeça.

Nunca mais eu quis transar com ele. Nos dois meses seguintes, cada dia foi uma espécie de despedida. Para mim, não havia mais encanto. Do mesmo jeito que não deixei meu filho crescer, também não deixei nosso amor continuar crescendo. Um dia simplesmente nos olhamos e ele entendeu que, por mais que quisesse ficar comigo, não conseguiria de novo. Dissemos adeus. Ele chorou. Eu, senti alívio. Miguel era a realidade, um outdoor com neon, me lembrando, a cada momento, do que eu tinha feito. E tudo que queria era esquecer. A verdade é que nunca esqueci, mas, surpreendentemente, após contar para a minha mãe, a culpa começou a diminuir.

— Mãe, queria te contar uma coisa...

Ela me olhou.

— Lembra aquele dia que cheguei da escola e disse que ia passar o fim de semana na praia com a Dani e a gente acabou discutindo?

— Porque você passava a semana toda fora e eu ach...

Interrompi antes que a conversa voltasse ao mesmo tema.

— Não fui para a praia... — e engasguei emocionada. — Sei que você é contra, também sou... mas fiz um aborto.

Foram minutos de silêncio. Ela esperou que eu parasse de chorar.

— Calma, filha... — e colocou a mão sobre a minha. — Tudo tem uma explicação. Se o bebê não veio é porque você e ele fizeram um acordo numa outra vida para que acontecesse assim. A missão dele era viver só até onde ele viveu. E a sua, talvez tenha sido emprestar seu corpo para que ele pudesse cumprir essa missão.

Fiquei olhando para ela sem entender direito o que estava acontecendo.

— Nunca imaginei ouvir isso de você.

— Deus sabe o que faz, Mariana... — ela disse triste.

Percebi que se referia ao Guga e mudei de assunto. A questão do aborto estava resolvida e, a do Guga, ainda não. E o que eu mais queria era ajudar minha mãe a atravessar esse momento. Ser sua cúmplice.

— O Guga vai sair dessa, mãe. Quem te falou sobre essa história de missão?

— Tenho uma amiga na faculdade que é espírita — respondeu.

— E o que ela fala sobre pessoas que se drogam?

— Algumas pessoas são mais fracas do que outras — ela me olhou adivinhando meu pensamento — infelizmente, é o caso do Guga hoje... e quando isso acontece, os espíritos obsessores se aproveitam desses momentos de fraqueza e geram uma energia tão negativa que influenciam essas pessoas, já debilitadas, a tomarem decisões ruins.

— Você acha mesmo que o Guga vem na próxima semana? — perguntei.

— Espero.

De repente falei o que sempre foi um tormento para mim.

— Sempre achei que você amava mais o Guga do que a mim.

— Um dia você vai entender que é impossível amar mais um filho do que outro. O que existe são afinidades.

— Mas quais afinidades você tinha com ele e não tinha comigo? — perguntei, ressentida.

— Seu irmão sempre me desafiou, como a maioria dos filhos na adolescência, mas ele nunca me rejeitou como você, que passava horas trancada no quarto — respondeu, triste.

Mesmo o assunto sendo denso, nenhuma de nós estava na defensiva. Tinha medo de que aquela conversa terminasse em briga mas, para minha surpresa, ficou tudo bem. Ambas queríamos o mesmo. Um novo começo.

— Você achando que eu te rejeitava e eu achando que você não gostava tanto de mim... — falei, sentida.

— Virou um círculo vicioso, mas o que importa é daqui pra frente.

— Mas você defendia mais o Guga — saiu sem que eu quisesse provocar.

Minha mãe manteve a calma.

— Acho que tentava compensar o abandono que o Guga sofreu sendo mais flexível com os erros dele do que com os seus.

— Você quer dizer que comigo podia ser você mesma e com ele tinha que ser a mãe mais que perfeita com medo dele se sentir preterido?

— Mais ou menos isso. Mas acho que foi um erro.

Eu sabia que ela estava se referindo às drogas e, da mesma maneira que me acalmou em relação ao aborto, agora era minha vez de tentar amenizar a culpa que ela sentia pelo meu irmão.

— Olha, mãe, não quero te causar mais preocupação, mas eu também fumei maconha e saí dessa. E nossa educação foi a mesma. Então, você não tem culpa de nada, viu?

Tinha contado só a parte do aborto e não do baseado. Até porque, para mim, tinha sido só uma experiência e pronto. Mas para a minha mãe aquilo era demais.

— Isso eu não admito, Mariana! Droga não leva a lugar algum! — falou, chocada.

Minha mãe estava começando a se exaltar. Dois filhos com esse tipo de problema ela não aguentaria. Tentei amenizar a situação.

— Mãe, por favor... a gente só está conversando. Disse que experimentei, mas não estou mais nisso. Foi coisa de adolescente... e não tenho motivo algum para me drogar... fica tranquila, por favor. Juro que nunca mais experimento nada, tá?

— Promete, filha? Por favor, promete — disse aflita como nunca tinha visto antes.

— Prometo, mãe. Calma... — respondi me sentindo a filha mais amada do mundo.

Exatamente como tinha prometido, nunca mais experimentei drogas. Até hoje sei que foi a melhor decisão que poderia ter tomado. Principalmente depois de ver a atitude desesperada que minha mãe teve ao encontrar, na semana seguinte, o Guga se drogando no banheiro de casa. Sem dúvida, a cena mais triste que eu, meu pai e minha tia presenciamos em toda a nossa vida.



Capítulo 16



Finalmente chegou o fim de semana. E, com ele, meu irmão de volta para casa. Muito mais magro do que da última vez que o vi, agora ele tinha a barba até o meio do pescoço, dois piercings em cada orelha e a tatuagem de um alvo do lado esquerdo do peito.

Apesar da tensão, a recepção foi calorosa. Minha mãe chamou minha tia, meus avós e meu pai para jantarmos juntos. Em sua opinião, quanto mais meu irmão se sentisse bem vindo, mais forças teria para sair das drogas.

Quando a campainha tocou, corri para debaixo da cama dele. Era uma brincadeira nossa de criança. Sempre que um chegava, o outro se escondia em algum lugar da casa para dar um susto no outro. Ganhava o jogo, o que, pelo nosso acordo, significava ficar com uma parte da mesada do outro, quem não soltasse um pio na hora do susto. Lembro de uma vez que ele se escondeu debaixo da minha cama, mas antes encheu as mãos com gelo. Assim que me sentei na cama, ele segurou meu calcanhar. Na hora pensei que tinha um morto agarrando minhas pernas. Gritei tanto, mas tanto, que até ele se assustou. Nesse dia, nenhum dos dois teve que abrir mão de uma porcentagem da mesada. Agora era a minha vez de dar o troco mas, como quase sempre, ele foi mais esperto.

Quando chegou e não me viu, Guga logo imaginou que tinha ido me esconder. O primeiro lugar que olhou foi debaixo da cama. Ele se agachou no chão, ergueu a colcha e não disse uma palavra; apenas colocou uma lanterna acesa dentro da boca e sorriu. Os dentes pareciam de Halloween e quase desmaiei de susto.

— Ahhhhhh, seu fio da pulícia! — falei, batendo a cabeça no estrado da cama.

Ele riu. Depois do susto, ri também. Saí debaixo da cama e pulei em cima dele, tascando um beijo no seu pescoço.

— Nem precisava da lanterna. Só com essa barba já dá para assustar qualquer um! — disse, abraçando-o com força.

— Engraçadinha... — respondeu, me dando outro beijo na testa.

Minha mãe nos observava da porta do quarto com um sorriso que iluminava tudo. O tipo de sorriso de quem entende por que a vida vale a pena.

— Você disse para ele onde eu estava né, mãe? — perguntei, rindo.

— Você sabe que entre os dois, não me meto! — ela também respondeu rindo.

— Viu Guga, você vai e volta e aqui continua tudo igual...

O clima era de descontração. Apesar de muita coisa ter acontecido, o amor entre a gente continuava o mesmo. Nem eu nem minha mãe falamos sobre drogas ou qualquer outro assunto pesado com ele. A tarde passou com a gente vendo fotos de mergulho da última viagem que ele tinha feito.

— Aqui embaixo parece que o mundo não existe... — ele disse apontando uma foto em que estava cercado por um cardume azul e amarelo.

— Só de... ver... isso... fico sem... aaaar — brinquei, prendendo a respiração.

— Boba, a gente aprende a respirar diferente, e também há tubos de oxigênio. Não dá falta de ar — respondeu, tranquilo.

— Eu hein! Só de entrar em piscina, já escuto a música do tubarão, tan tan tan tan tan tan... — e abri a boca.

— Ah, para... — ele disse, desacreditando.

— Sério! E, no mar, é pior. Só entro com aquelas meias de hidrogenástica antiderrapantes, sabe? Bem de velhinha...

— Por quê? — perguntou, curioso.

— Odeio pisar no que não tô vendo... acabo gritando e aí todo mundo olha... é pior.

— Uma vez fiz mergulho noturno — ele disse, orgulhoso.

— Você nunca bateu muito bem mesmo... — respondi, rindo.

— Mas acho que agora tô pior — ele falou, num tom de desabafo.

Eu e minha mãe nos entreolhamos. Ela resolveu mudar de assunto.

— Chamei todo mundo para jantar aqui em casa hoje!

— Todo mundo quem?

— Seu pai, sua tia e seus avós — ela respondeu como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Meu irmão me olhou.

— Que deu nela?!

— Pelo filhinho da mamãe, ela faz qualquer coisa... — falei em tom de deboche.

Minha mãe viu que estava brincando e entrou na onda.

— Todos os filhos são iguais, mas uns são mais iguais que os outros, né... — ela disse rindo da própria provocação.

— Puxa, e depois você fala que está tudo igual aqui, Nana?!

Eu e minha mãe nos olhamos de novo. Pela primeira vez éramos cúmplices. Estávamos sendo amigas, mãe e filha e, acima de tudo, companheiras numa causa muito maior do que qualquer dor do passado.

De repente meu irmão ficou sério e perguntou sem cerimônia.

— Mãe, do que foi que ela morreu?

Silêncio. Minha mãe estava apreensiva.

— Enfarte — respondeu depois de alguns segundos.

— Onde? — ele continuou, sem tirar os olhos das fotos que tinha na mão.

— Num restaurante. Quando a ambulância chegou, já não estava mais respirando.

Naquele momento, percebi que meu irmão não era um, mas dois. Um Guga que teve sua história interrompida no dia em que soube de toda a verdade e decidiu que tinha morrido sem ter parado de viver. E, outro, que nunca tinha saído de perto da gente. Ele baixou a cabeça e, mesmo sem conseguir ver direito, tenho certeza que estava chorando. Chorando para dentro. Era como se ele não tivesse permissão para se sentir triste. Ou melhor, como se sua tristeza não pudesse ser legítima.

— Você acha que ela sofreu? — perguntou baixo.

— Não sei... espero que não — minha mãe respondeu sincera.

— Eu também — ele disse e, depois de pedir licença, foi para seu quarto.

Fiz menção de ir atrás, mas minha mãe me convenceu do contrário.

— Talvez ele queira ficar sozinho, Nana...

— É... pode ser... mas e se ele estiver sofrendo? — perguntei.

Ela respondeu sofrendo também, mas segura:

— Não tenho dúvida de que ele está sofrendo, mas só com tempo vai digerir isso. A gente ficar em cima, por melhor que seja a intenção, só vai adiar uma dor que ele precisa sentir em algum momento para, um dia, conseguir enterrar de vez.

Após meia hora meu irmão voltou. Parecia que nada tinha acontecido. Pelo contrário. Ele estava até mais feliz do que antes.

Meu pai foi o primeiro a chegar para o jantar. Na verdade, ainda faltavam três horas para o jantar quando ele tocou a campainha. Minha mãe abriu a porta.

— Não aguentei esperar...

— Entra, Tito, não faz mal... ele chegou tem só uma hora. Já ia mesmo te ligar...

— E como ele está? — meu pai perguntou, baixinho.

— Parece feliz, muito feliz... o que me preocupa — minha mãe respondeu também em tom de cochicho. — Ele também perguntou como ela tinha morrido e depois não tocou mais no assunto. Agora ele está lá dentro com a Nana, mostrando mais fotos das viagens...

Meu pai colocou a mão sobre o braço de minha mãe.

— Vai dar tudo certo, Helena.

— Eu não sei o que vai acontecer... rezo todos os dias para acordar desse pesadelo. Pelo nosso menino — ela disse, emocionada.

— A gente tem que ser forte. Ter consciência de que isso é uma doença e que deve ser tratada como tal.

— O que você quer dizer com isso?! — minha mãe perguntou, assustada.

— Que a gente tem que estar preparado para tudo. Inclusive para internar o Guga, se for preciso... — meu pai disse, triste.

Minha mãe olhou para baixo. Ela sabia que meu pai estava certo, mas imaginar o filho internado doía demais. Naquele momento, não havia mais nada para ser dito. Eles não sabiam a gravidade da dependência química do meu irmão e não seria exatamente perguntando que teriam certeza. Até porque um viciado costuma mentir muito e, dentro do melhor que podia ter acontecido, o Guga já tinha tido bastante coragem para contar tudo e pedir ajuda. Agora era esperar e ver como as coisas iriam se desenrolar. Mas, infelizmente, não foi preciso esperar muito para que todos descobríssemos a que ponto as drogas o tinham levado.

Meu pai se aproximou do Guga por trás e assoprou sua orelha. Era o que sempre fazia quando chegava em casa depois do trabalho. Meu irmão riu.

— Você acha que ainda tenho 8 anos?

— Cinco — respondeu meu pai, rindo.

— Acertou — disse Guga, descontraído e já se levantando para abraçá-lo.

Quando os dois se olharam de frente, a emoção tomou conta de meu pai.

— Meu filho... — foi só o que conseguiu dizer, abraçado ao Guga.

Meu irmão não disse nada. Ele sabia o motivo para tanta emoção. Depois de alguns segundos assim, Guga resolveu brincar com o choro do meu pai.

— Está ficando velho, hein?!

— Nem me fale... — meu pai respondeu, enxugando o nariz na manga da camisa mesmo.

Apesar de ninguém tocar no assunto, cada palavra ou gesto era carregado pela sombra do vício que tinha tomado conta do Guga. Sua própria volta para casa era por esse motivo, então era difícil não associar cada sentimento a isso. Meu pai, que sempre foi ansioso, começou a falar.

— Filho, eu, sua mãe, sua irmã e a tia Maria João estamos aqui do seu lado para te ajudar a superar qualquer coisa. Seus avós também, claro, mas como eles estão velhos a gente preferiu não falar na...

Antes de continuar, minha mãe achou melhor mudar de assunto. Para ela, sabiamente, cada coisa tinha sua hora.

— Tito, o Guga acabou de chegar! Vamos matar a saudade. Depois, se ele não estiver muito cansado, a gente conversa.

Meu irmão despistou com ironia.

— Uou... que vai ter de comer?

— Qual seu prato predileto?! — perguntei para o Guga, provocando minha mãe, que eu sabia também ter feito minha sobremesa favorita.

— É, estrogonofe para o meu filhão — ela sorriu para mim — ... e depois, brownie com sorvete para a Nana.

Apesar do motivo daquele jantar ser triste, de alguma forma, eu estava feliz. Era a minha família novamente reunida. Tudo diferente da última vez, mas tudo igual, quer dizer, melhor. Sim, porque agora meus pais já não brigavam tanto, eu não sentia mais ciúme do meu irmão e minha mãe estava cada vez mais perto de mim. Segundo o novo formato, com pais separados, éramos uma família feliz e unida, acima de tudo.

Meus avós e minha tia também não aguentaram esperar. Às 7 horas, uma hora antes do que minha mãe havia marcado, eles chegaram. Minha mãe, imaginando que isso poderia acontecer, já tinha deixado tudo preparado. Os aperitivos estavam postos e a mesa linda. Ela tinha tirado o jogo de porcelana húngara que ganhara em seu casamento há mais de vinte anos. Os talheres eram de um faqueiro que foi da mãe da minha avó e, em cima de cada prato, um porta guardanapos no formato de uma flor. Como meu irmão gostava de incenso, ela deixou alguns espalhados pela sala. No lavabo, toalhas com renda que ela comprara em uma das viagens que fez com o meu pai para o Nordeste. No aparador, fotos minhas e do meu irmão, com nossa família, com amigos, em vários momentos de nossas vidas. Uma, em especial, me emocionava muito. Eu tinha uns 3 anos e usava um vestido azul-marinho com babado branco que minha mãe havia feito. Meu irmão estava ao meu lado e vestia uma blusa de manga comprida e shorts azul. Nós dois usávamos aquelas botas ortopédicas e estávamos no meio de uma rua de terra. A foto foi tirada no momento em que me desequilibrei e meu irmão me segurou. Linda. Pensei que talvez agora fosse a minha vez de ajudá-lo a se reequilibrar.

Quando meus avós e tia Maria João chegaram, abraçaram o Guga demoradamente. Minha tia, apesar de todo o amor que tinha por nós, sempre foi mais dura e, por isso, após alguns minutos, não se conteve e começou a falar em códigos para que meus avós não entendessem.

— Um absurdo, Guga, esse tipo de coisa não perdoo...

Minha mãe tentou disfarçar, mas meu irmão já tinha respondido. O clima ficou tenso.

— A vida é minha, só minha! — ele respondeu, seco.

Minha avó, que já estava um pouco surda, interrompeu.

— Ai filho, rezei tanto para você ser um bom rapaz. Acreditar em Jesus. Todas as noites rezo um Pai Nosso para você, outro para a Mariana, outro para o Titinho, para a Maria João, para o Ramón, para a minha irmã Esperança, para...

Antes que a lista de protegidos de minha avó se mostrasse infinita, meu irmão levantou-se e, antes de sair da sala, exclamou: — Reza mesmo, vó, mas agora pro Diabo, porque Deus esqueceu de mim!

Minha avó, sempre com uma espécie de botão para se desligar do mundo quando desejava, nesse momento acionou seu mecanismo de defesa.

— Helena, você precisa de ajuda?

Meu avô, que até agora nada havia dito, se manifestou.

— O que você falou para o menino que deixou ele tão nervoso, Maria João?

— Nada, pai. Nada. Deixa para lá. Vocês sempre acham que eu estou errada mesmo...

Minha mãe observava da porta da cozinha com ares de quem já tinha visto aquela cena milhares de vezes. Meu pai entrou na conversa.

— Calma, gente, por favor. Vamos todos ter muita calma. A situação não é fácil, é tudo novo pra todo mundo, mas não vai adiantar nada a gente começar a brigar. A gente está aqui para ajudar o Guga.

— Mas o que ele tem? — meu avô perguntou.

— Bem que achei ele muito magro. Ele não deve estar se alimentando direito. Vocês não podiam ter deixado ele ir morar em outro país... — minha avó completou.

Respirei fundo.

— Mãe, a que horas a gente vai comer?

— Já está tudo pronto. Você não quer chamar seu irmão? — ela disse, tentando antecipar tudo para que todos fossem embora mais cedo, antes que surgisse alguma discussão.

A porta do quarto do Guga estava fechada. Fiquei ali, do lado de fora, tentando ouvir alguma coisa. Nada. Nem o som, nem a Tv ligada. Olhei pela fechadura e vi o que mais temia. Meu irmão cheirando uma carreira de cocaína. Depois, outra. Quase em estado de choque, voltei para a sala.

— Ele disse que vem em vinte minutos — menti.

Não sabia quanto tempo levava para a cocaína fazer efeito. E, menos ainda, quanto tempo levava para deixar de fazer efeito. Assim, resolvi dar um tempo para o Guga se recompor. Após meia-hora, minha mãe resolveu bater na porta do quarto. Felizmente, o Guga abriu.

— Filho, as pessoas estão aí para ficar com você. Não é legal você ficar aqui no quarto... vem, vamos lá na sala que já está tudo pronto. Só falta servir a batata palha, mas isso é um minutinho.

— Tô indo, mãe — ele respondeu, entusiasmado.

Quando Guga voltou à sala, estava agitado. Meus pais perceberam, mas ficaram sem ação. Primeiro porque não tinham certeza de nada; segundo porque ninguém esperava por isso, que o Guga se drogasse descaradamente em nossa própria casa, e, menos ainda, em um jantar com toda a família. Mas as drogas já tinham afetado muito o discernimento e a postura do meu irmão em relação à vida, ao que é certo ou errado e, principalmente, ao seus sentimentos em relação aos outros. Para ele, não importava o que os outros pensassem, se iriam ou não sofrer. Entre uma fungada e outra, ele conversava animadamente com todos.

Os únicos realmente felizes ali eram meus avós, que não faziam ideia de que aquilo era química e não alegria. Meu pai, minha mãe e minha tia estavam estarecidos, mas, em respeito à idade de meus avós, resolveram nada dizer enquanto eles estivessem em casa. Depois de o Guga contar sua última façanha embaixo d'água, descer em uma jaula rodeada de tubarões, de repente ele esbravejou, com raiva:

— Isso aqui tudo é uma hipocrisia!

Nos olhamos assustados. Onde estava o rapaz bem-humorado de cinco segundos atrás?

— Credo, Guga! — eu disse brava.

— É isso mesmo! A começar por você, Nana! Antes de eu ir embora, você e a mamãe viviam de picuinha. Que foi que aconteceu? De repente vocês resolveram se amar? — ele disse irônico.

Não respondi. Muita coisa tinha acontecido para que eu pudesse explicar em tão pouco tempo, e o pior, para alguém que não estava em seu estado normal.

— Guga, para com isso — pedi, com lágrimas nos olhos.

— Está todo mundo me olhando! Pensam que não sei que vocês estão me julgando? — e continuou num misto de agressividade e euforia — ... por que vocês querem posar de família feliz se está todo mundo na lama?

Minha mãe mostrou sua autoridade sem nem levantar os olhos.

— Se você continuar não respeitando essa mesa, pode se levantar que o jantar acabou.

— Ah, sabia que as coisas não tinham mudado tanto. Olha aí o autoritarismo barato. Só falta agora você dizer que é a minha mãe, que manda em mim, blá, blá, blá...

Dessa vez foi meu pai quem falou.

— Filho, você está nervoso... cansado da viagem. Acho melhor todo mundo ir embora... aí, você descansa e a gente conversa

amanhã.

— Esse é o problema de vocês! Por que tem que deixar tudo para amanhã? Amanhã a vida já passou. Quem garante que vou estar vivo? Amanhã, todo mundo aqui vai estar comendo capim pela raiz!

— Olha aqui, Guga, todo mundo tem problemas e nem por isso faz o que você está fazendo! — tia Maria João falou, brava.

— Ah é, sua sabe tudo?! Fala, o que estou fazendo? — meu irmão desafiou.

Minha tia ficou quieta.

— Viu como é todo mundo é hipócrita, falando com meias palavras... — ele continuou num tom mais baixo.

— Guga, a vovó e o vovô estão ficando assustados... — tentei.

Não sei exatamente o que se passou na cabeça do meu irmão nessa hora, mas o fato é que ele se acalmou.

— Desculpa, vó, desculpa, vô — disse, carinhoso.

— Acho que todos aqui merecemos desculpas — minha tia completou.

— Esquece — meu irmão respondeu, com um sorriso forçado.

— Sabe, eu quero dançar. Abriu alguma boate bacana por aqui, Nana? Mas eu quero uma com música boa, mulher boa e bebida boa!

De repente, foi como ver o mesmo filme. Minha mãe bateu a mão na mesa, sem elevar o tom de voz.

— Hoje o senhor não vai sair.

— Helena, por favor... — meu pai disse, baixinho, já prevendo que aquele bate-boca acabaria mal.

A verdade é que os anos se passaram, mas o Guga continuava precisando se sentir amado. Por isso ele desafiava minha mãe, exigindo sempre limites.

A situação estava ficando fora de controle, quando minha avó não resistiu e fez seu comentário.

— Esse menino não está bem. Será que ele anda rezando para o... credo, não consigo nem dizer o nome... — ela disse, ingenuamente.

Mas, diferentemente da minha avó, meu avô percebeu que o problema era mais sério.

— Helena, estava tudo ótimo, mas você sabe, com os remédios que tomo, não consigo ficar acordado até tarde... amanhã volto para ver se está tudo bem — ele disse para minha mãe que logo entendeu sua tentativa de proteger minha avó, tirando-a dali.

— Ai Ramón, mania de velho! — minha avó falou, sendo injusta sem querer.

— Desculpa, Lola, mas você sabe como sou...

— Há mais de cinquenta anos que sei!

— Não tem problema, Dom Ramón. De qualquer maneira, obrigada por terem vindo — minha mãe agradeceu, constrangida.

— Nós é que agradecemos o convite — ele respondeu, triste. — Você vem também, Maria João?

— Vou levar vocês e depois volto para a sobremesa. Isso se não atrapalhar, Helena...

Minha mãe concordou com a cabeça.

Quando tia Maria João voltou, a cena era praticamente a mesma.

Dizer que qualquer um de nós estava preparado para aquilo era mentira. Em nossa ignorância, o máximo que sabíamos é que havia uma alternância muito grande de humor em dependentes químicos, geralmente oscilando entre euforia excessiva e agressividade depressiva.

De repente, meu irmão se levantou para ir ao quarto. Minha mãe ainda tentou convencê-lo do contrário.

— Guga, primeiro come a sobremesa, filho.

Mas meu irmão não deu ouvidos.

— Olha aqui, seu moleque, você tem noção do sofrimento que está causando a todo mundo? — tia Maria João não se aguentou.

Antes de entrar no quarto, a gente ainda ouviu o Guga gritar.

— E vocês, têm noção do meu sofrimento?!

À mesa, meus pais, tia Maria João e eu estávamos arrasados.

— Não existe outra possibilidade. Ele não bebeu nada desde que chegou... deve ser mesmo a droga... — minha mãe falou, não querendo acreditar.

— Mas você viu alguma coisa? — perguntou meu pai.

— Não.

— Melhor a gente não se precipitar então. Vai ver que é estresse...

— Ai, Tito, por favor, você não quer ver o quê? Se ele mesmo já confessou na carta! — minha mãe respondeu impaciente.

Meu pai concordou. Foi, então, minha vez de falar.

— Por favor, não briguem. Eu vi... — e abaixei a cabeça.

— Viu o quê, Nana? — tia Maria João exclamou.

— Antes do jantar, aquela hora que você pediu para chamá-lo, sabe, mãe? Eu vi ele cheirando.

— Viu mesmo, Nana? — minha mãe falou com o coração na mão.

— Duas vezes. Por isso disse que ele iria demorar uma meia hora... eu achei que nesse tempo o efeito já teria passado e vocês não precisariam presenciar isso tudo... eu queria poupar vocês...

— Você devia ter dito antes, Nana! — minha tia falou quase descontrolada.

— Não mudaria nada, Maria João! — meu pai me defendeu.

— Calma, Tito. A Maria João não disse por mal, você conhece sua irmã...

Minha tia olhou para mim.

— Desculpa, Nana. Eu não sei por que disse isso. Sem dúvida não teria mudado nada, mas é que sei lá. A gente...

— A gente não é Deus, Maria João. Há um limite para o que a gente pode fazer ou não. Até onde a gente pode intervir. Você fica sempre frustrada com as coisas porque acha que pode tudo e descobre, a todo momento, que não pode. É uma equação entre a onipotência e a impotência que acaba com a gente — meu pai tentou falar com carinho, sem magoar.

— Por isso, vamos ter calma. Planejar exatamente o que vamos fazer e como vamos fazer. Acho que a gente tem que conversar com ele...

— E se ele não quiser conversar, mãe?

— Existem clínicas onde ele pode ser internado mesmo se não quiser — respondeu tia Maria João.

— Meu Deus... — minha mãe segurou o choro tapando a boca com a mão.

— Calma, Helena. Isso não vai ser preciso. Se foi ele mesmo quem quis falar para a gente sobre o vício é porque está aberto para o tratamento — ponderou meu pai.

Minha mãe concordou. Mas, infelizmente, eu e minha tia pensávamos diferente. Talvez ele quisesse apenas chamar a atenção e não exatamente deixar as drogas, como estávamos imaginando. Tratamento era uma interpretação nossa e não um pedido explícito de meu irmão.

— Acho melhor a gente consultar alguém que entenda do assunto, um médico talvez, antes de conversar com o Guga — meu pai falou e olhou para a minha mãe, buscando sua aprovação.

— Também acho, Tito — ela concordou.

— Eu posso ver alguém, o melhor médico... — tia Maria João se prontificou.

— Você acha que consegue marcar uma consulta para amanhã?

— Deixa comigo, Helena, amanhã mesmo prometo que vamos ter mais respostas sobre isso tudo — ela disse emocionada.

Além de cansados, estávamos todos tristes também. Por isso combinamos de nos falar no dia seguinte. Como era de costume, tudo o que tia Maria João se comprometia a fazer, fazia na mesma hora. E foi exatamente o que aconteceu. Assim que ela chegou em casa, ligou para meia dúzia de pessoas e, no dia seguinte, às 9h30 da manhã, já havia marcado uma consulta com um *expert* no assunto. Diante do médico, estávamos eu, meus pais, minha tia e meu avô, que, após perceber o que estava acontecendo, quis participar também.

— Bom, Doutor Thiago, desculpe a invasão. O senhor deve estar estranhando tanta gente no seu consultório... — meu pai começou a conversa quando foi interrompido pelo médico.

— Na verdade, seria ótimo se a família de todos os meus pacientes comparecessem como vocês. Mas, por favor, em que posso ajudar?

— Nosso filho... — meu pai olhou para a minha mãe — ... na verdade a gente não sabe qual a gravidade do vício dele.

O médico interrompeu de novo enquanto fazia anotações.

— Desculpe, mas de qual substância nós estamos falando aqui?

— Cocaína — respondi.

— Alguma outra misturada? — o médico quis saber.

— Nós não temos ideia... — minha tia respondeu.

— Ele estava morando fora, fazendo faculdade na Austrália... — meu pai disse orgulhoso e depois ponderou — ... gente jovem às vezes faz umas coisas.

— Bom, o fato é que a gente não estava perto para saber quais substâncias ele usava, se é que era mais do que uma — disse tia Maria João indo direto ao ponto.

— Geralmente é. Às vezes álcool, às vezes com heroína para obtenção do "speedball". Enfim, há várias substâncias que,

misturadas, podem aumentar a sensação de prazer.

— Desculpa a ignorância doutor, mas qual a reação de quem usa cocaína e quanto tempo dura esse estado “doidão”? — perguntei.

— São várias as reações e o tempo do estado eufórico varia de caso para caso. Geralmente, entre quinze e quarenta minutos. Claro que depende também da quantidade. Quanto às reações, existem as psicológicas e as fisiológicas. Vamos lá. Do ponto de vista médico, pela contração dos vasos sanguíneos, há um aumento da temperatura corporal, frequência cardíaca e pressão arterial. Geralmente causa excitação, o dependente fica eufórico, supercomunicativo, sentindo-se poderoso. Em grande quantidade, intensifica os efeitos sobre os consumidores, mas também pode levar a um comportamento estranho, às vezes violento, acompanhado de tremores, tonturas, espasmos musculares, paranoia e, depois de repetido o consumo, uma reação tóxica muito semelhante à produzida pela anfetamina. Alguns usuários também relatam sentimentos de agitação, irritabilidade e ansiedade. Eu tô indo muito rápido? Vocês estão conseguindo me acompanhar? — perguntou o médico em tom paternal.

Nós respondemos que sim com a cabeça.

— Como a gente pode saber o quão viciado está o dependente? — minha mãe perguntou com um fio de voz.

— É difícil responder. Mas uma coisa é fato. O uso de cocaína gera tolerância. Então, exige do usuário doses cada vez maiores e mais frequentes para que o cérebro registre o mesmo nível de prazer experimentado nas primeiras vezes de uso.

— Ela mata? — meu avô, que até agora não tinha se manifestado, perguntou sem rodeios.

— Infelizmente, sempre há o risco de uma overdose.

— Se a gente quiser internar o Guga, meu sobrinho, sem ele querer, é possível? — tia Maria João perguntou.

— Sim. Mas só o tratamento de desintoxicação, apesar de fundamental, não é suficiente. O ideal é que haja um

acompanhamento psicológico também — respondeu categórico o Doutor Thiago.

Nós estávamos arrasados. Nossas dúvidas básicas tinham sido esclarecidas, mas, no lugar delas, muitas outras tomaram conta da minha família. Onde nós tínhamos errado? Quando meu irmão havia começado a se drogar? Por que ele tinha feito isso? Se ele estivesse perto da gente, como teria sido? Será que com um tratamento ele conseguiria sair dessa? E, a mais difícil: ele realmente queria se livrar do vício ou isso era um desejo só nosso?

Quando saímos do consultório, ninguém conseguiu dizer nada. Só no estacionamento é que começamos a falar. Meu avô foi o primeiro.

— Helena, sei que esse momento está sendo muito difícil para você, para todos nós, por isso peço para esquecermos tudo o que já vivemos e ficarmos mais unidos do que nunca... pelo Guga. A Lola finge que não sabe de nada, mas desconfio que ela está percebendo alguma coisa...

Meu pai interrompeu, preocupado.

— Por que o senhor acha isso, pai?

— Eu não queria falar nada, mas ontem eu a vi tomando medicamento para a pressão escondida... e depois ela foi chorar no banheiro...

Minha tia ficou nervosa.

— Mas pai, o senhor devia ter me chamado! Talvez a gente devesse levar a mãe ao médico, Tito!

— Calma, Maria João. Assim é você quem vai ter pressão alta... — meu pai respondeu.

Antes da conversa não ter mais fim, como geralmente acontecia entre meu pai e minha tia quando o assunto era minha avó, minha mãe resolveu responder à pergunta do meu avô pegando em sua mão, num gesto de aprovação.

— Não se preocupe, Dom Ramón.

De repente, meu pai se virou para mim e viu que eu estava emocionada.

— Nana, minha filha, não fica assim... seu irmão vai sair dessa, te prometo — e me abraçou forte.

— Eu sei, pai, no que depender da gente vai...

— Por que você está dizendo isso?

Eu não segurei o choro.

— Porque até agora a gente não conseguiu conversar com ele. Ninguém sabe nada da vida dele! Tô com tanto medo... medo de ele morrer.

— Isso não vai acontecer filha — ele disse segurando meu queixo e me olhando nos olhos.

Minha mãe começou a chorar também. Tia Maria João, que era muito sensível, mas não conseguia lidar bem com situações muito emotivas, mais uma vez foi direto ao ponto.

— Eu vou ver as clínicas para tratamentos de dependentes químicos. O próprio Doutor Thiago, ontem, por telefone, já havia me dito que poderia, se fosse o caso, indicar duas.

Meu avô, que tinha dito para minha avó que saíra de casa para uma sessão de fisioterapia, ofereceu novamente sua ajuda antes de anunciar que tinha de voltar para junto de sua Lola. Como era quase hora do almoço, minha mãe convidou meu pai e minha tia para almoçarem em casa, já que na noite anterior, com o Guga daquele jeito, a gente perdeu o apetite e sobrou muita comida.

Quando chegamos, Guga estava na sala, vendo Tv.

— Nossa, parece aquele filme que tem o dia da marmota! A mesma cena se repetindo todos os dias! — disse, sorrindo ao ver a família reunida de novo.

Houve um segundo de silêncio. Acho que todos pensamos a mesma coisa. Ninguém sabia dizer se ele estava drogado ou não. Pelo tom que falou, parecia apenas um rapaz divertido

cumprimentando a família. O jeito era esperar e ver. Minha mãe quebrou o clima.

— Hoje vai ter comida francesa: “restô dontê”.

Guga não entendeu. Ele estava há muito tempo fora para saber as novas piadinhas da minha mãe.

— É brincadeira, o jeito dela dizer que a gente vai comer “o que restou de ontem”, com sotaque francês para parecer chic. Entendeu?

Ele fez que sim, com a cabeça, sem dar muita bola. De repente, fungou.

— Você está gripado? - perguntei.

— Pneumonia — respondeu, irônico. — Quer um pouquinho? — ele falou, depois colocou o dedo dentro do nariz e ameaçou passar em mim.

Éramos os velhos e bons Nana e Guga.

— Ai que nooojo!!!!!!! — gritei rindo.

Mas o que poderia ser mesmo só uma brincadeira, durante todo o almoço se mostrou algo muito pior. A verdade é que o Guga não parava de fungar e, infelizmente, eu sabia porquê. Na noite anterior, antes mesmo de irmos ao médico, eu tinha feito uma pesquisa na internet e, entre várias coisas, li que a cocaína pode levar o usuário à perda de olfato, inflamação crônica e destruição dos ossos do nariz que, muitas vezes, só podiam ser reparados com colocação de próteses durante intervenções cirúrgicas.

Cada vez tinha mais certeza de que o caso do Guga era ainda pior do que parecia. Sendo assim, sua recuperação seria mais difícil do que qualquer um de nós gostaria. Meus pais e minha tia, que desconheciam essa informação, pensaram que o Guga estivesse realmente gripado. Até que seu nariz começou a sangrar.

— Filho, que isso, Guga?! Espera um pouquinho que seu nariz está sangrando... — minha mãe levantou já com um guardanapo na mão.

O Guga, que até agora estava conversando com todo mundo numa boa, de repente mudou de humor.

— Merda! — ele falou bravo.

Quando minha mãe foi tentar estancar o sangue, ele segurou seu braço com força.

— Não me toca!

Diante da surpresa de todos, ele tentou disfarçar.

— Não é nada demais, mãe... deve ser o ar seco de São Paulo. Pode deixar que eu limpo. Já não sou mais criancinha — levantou-se, indo em direção ao banheiro.

Na mesa, nós nos entreolhamos. Era óbvio o que estava acontecendo. Conteí sobre o que tinha lido na internet e o medo começava a tomar conta da gente. Será que ele se drogava todos os dias? Se sim, quantas vezes? Ele já tinha se drogado na noite anterior e será que estava fazendo isso de novo naquele momento?

Decidimos conversar com ele assim que voltasse do banheiro. Depois de termos tirado as dúvidas com o médico, não podíamos mais perder tempo. Mas antes mesmo do Guga voltar, aconteceu o inesperado.

Como a gente morava num apartamento antigo, a janela do banheiro dava para a área de serviço e não para a rua, como é mais comum. Por isso, minha mãe, que se levantara para pegar um pano para limpar as gotas de sangue que tinham caído no chão, viu pelo vidro quando o Guga, dentro do banheiro, tirou do bolso um saquinho branco e colocou sobre a pia. Sem raciocinar, num ato primitivo e puramente emocional, ela passou voando pela sala e entrou no banheiro. Antes que qualquer um de nós entendesse ou pudesse fazer alguma coisa, ela já estava lá, dentro do banheiro, com o Guga. Num impulso, minha mãe agarrou aquele saquinho, rasgou-o, jogando no próprio rosto todo o pó que caía. Sem dúvida, a cena mais triste que já tinha visto em toda a minha vida. Enquanto tudo isso acontecia numa fração de segundos, ela gritava e chorava ao mesmo tempo.

— Olha aqui, Guga, mas presta bem atenção! Se eu precisar conhecer o inferno para te tirar de lá, eu vou!

Meu pai tentou segurá-la, mas ela o empurrou.

— Agora você vai entender o que é ver alguém que você ama bem “doidão”! Se matando na sua frente!

Em poucos segundos, a droga começou a fazer efeito na minha mãe. Eu chorava, minha tia chorava, meu pai chorava.

Quanto ao meu irmão, ele olhava tudo, incrédulo.



Capítulo 17



Nos primeiros minutos, nenhum de nós soube o que fazer. Minha mãe apoiou as mãos na bancada da pia e baixou a cabeça. Meu pai se aproximou e segurou seu braço.

— Helena, você está bem?

— Hum, hum — ela balançou a cabeça dizendo que sim e depois começou a rir.

Minha tia olhou para o Guga.

— E agora... o que acontece?!

Assustado e confuso, ele apoiou o peso do corpo na porta do banheiro e foi descendo até o chão sem conseguir dizer uma palavra.

— Meu Deus do céu, Helena, o que você foi fazer?! — minha tia perguntou nervosa.

Minha mãe ergueu a cabeça e olhou no espelho.

— Agora vou saber o que ele sente e ele... — ela olhou duro para o Guga — ... ele vai ver o que a gente sente! Só sei de uma coisa, Maria João, ficar de braços cruzados, vendo meu filho se matar... isso eu não consigo... — e os olhos dela se encheram de água.

Quando a droga começou a fazer efeito, sua postura mudou completamente. Os olhos pareciam mais abertos do que o normal. Primeiro, ela riu. Depois, começou a falar quase sem parar e de um jeito agressivo e irônico ao mesmo tempo.

— Você é louca! Está satisfeita agora, é?!

— Depende.

— O que você ganha com isso?!

— E você, o que ganha? — ela parou de dançar e perguntou séria.

— Te odeio! — ele disse.

Minha mãe falava alto como se tivesse uma música tocando no fundo de sua cabeça e ela não pudesse ser ouvida.

— E eu te amo. Mas para fazer o que você está fazendo, deve odiar mesmo... e não só a mim, a todo mundo aqui... sabe que tenho uma impressão tão grande de te conhecer que até desconheço quem sou se não for pela referência de quem você é?

Antes que a verborreia continuasse, Guga interrompeu.

— Não dá para falar com você assim!

Ela não respondeu. Meu pai olhou para o Guga e finalmente entendeu onde minha mãe queria chegar. Ela queria, de alguma forma, conscientizá-lo, tirá-lo daquele estado, mesmo que fosse com um choque de realidade às avessas, fazendo com que se visse num espelho. Percebendo o quanto o Guga estava consciente naquele instante, meu pai resolveu colaborar com o jogo de minha mãe.

— Que bom que você percebe isso, filho...

— Para que ela precisa fazer isso?! Já não chega eu?! — meu irmão disse, nervoso, com a mão estendida na direção da minha mãe.

Nesse momento, tia Maria João colocou um pedaço de gaze na mão do Guga e, aproveitando que ele tinha baixado um pouco a guarda, tentou conversar.

— Quanto tempo demora para passar o efeito disso?

— Varia de pessoa para pessoa... depende da quantidade... — ele respondeu em tom rebelde.

— Será que a gente não devia levar a mamãe no hospital? — perguntei, angustiada.

— Tá louca?! Isso dá merda... só se ela passasse mal... — ele disse.

— E como a gente sabe se ela não está passando mal? — meu pai perguntou preocupado.

— A gente saberia, pode ter certeza — o Guga respondeu com propriedade, deixando bem claro que, ele mesmo, já havia passado por maus bocados.

De repente, meu irmão se levantou e ameaçou sair da sala. Meu pai e a tia Maria João olharam-se preocupados. Guga percebeu e falou provocativo.

— Não se preocupem, ela fez o favor de acabar com tudo!

A hora seguinte foi uma sucessão de imagens deslocadas da realidade da minha mãe. Ela ria, chorava, dançava, falava sem parar. Nós apenas assistíamos. E, exatamente como numa peça, não tínhamos controle algum sobre a próxima cena.

Após mais ou menos uma hora ou duas, minha mãe, finalmente, não era mais uma versão desconhecida de si mesma.

— Mãe...? Como você está? — perguntei.

— Não sei — ela disse largada no sofá.

— Mas você está passando bem? — perguntou minha tia.

— Está tudo bem — ela respondeu mais afirmativa.

Entre uma frase e outra, Guga não dizia nada. Só olhava de relance.

— Você quer alguma coisa? Um copo d'água? — meu pai disse já indo em direção à cozinha.

— Um whisky — ela respondeu como se fosse a coisa mais natural do mundo e olhou de novo para o Guga de um jeito bem duro. — Você me acompanha?

Depois de tudo o que tinha acontecido, nós esperávamos que as coisas fossem acalmar, mas, para nossa surpresa, minha mãe estava

realmente falando a verdade quando disse que iria até o inferno para tirar o Guga de lá.

— Que isso, Helena?! — meu pai perguntou assustado.

— Não discute, Tito... — ela disse impaciente — ... senão, deixa que eu mesma pego.

Minha tia tentou argumentar.

— Helena, pelo amor de Deus, o que você está fazendo?! Não adianta nada você agir assim e tem...

Mas antes que minha tia continuasse, minha mãe se levantou.

— Vamos ver se não adianta — e de novo encarou o Guga.

Meu irmão explodiu.

— Você é doente?! Sabia que não devia ter voltado! Por que você me chamou aqui, hein? Para me torturar? Não basta o que você já fez a vida inteira comigo?

Minha mãe perdeu a calma e começou a gritar.

— E o que foi que eu fiz hein, rapazinho?! Te criei, te eduquei, te amei... mas isso não foi suficiente, né? Aliás, acho que meu erro foi dar tudo em excesso pra você! Você sempre teve o que queria... devia ter tido uma vida mais difícil, ter começado a trabalhar quando seu pai quis te levar para o trabalho dele e não deixei porque achei que você era muito novo! Meu erro foi te proteger demais... aí não ia ficar fazendo besteira com a única vida que você tem!

Meu irmão soltou uma risada irônica.

— É, tive tudo sim...

— Olha aqui, não pensa que vou ter dó de você não! Você não sabe o que é fome, nunca sentiu frio, estudou nas melhores escolas, teve uma família que sem...

De repente o Guga gritou e nós entendemos sua revolta.

— Essa família não é minha!

Parecia que todos tínhamos congelado e só nossa respiração continuava existindo. Então era isso que o Guga sentia? Mesmo sem ninguém dizer nada, o sentimento de tristeza ficou evidente em cada um de nós.

Minha mãe mudou completamente de postura. Ela se aproximou do Guga com carinho e disse bem baixinho, como se falasse com alguém que ainda está acordando.

— Não diz isso... — sua voz saiu trêmula. — Você teve um pai e uma mãe junto de você em todos os segundos da sua vida. A gente nunca, nunca te abandonou. Para de ter pena de você mesmo e começa a olhar o que você tem. Nunca você esteve sem mãe. A gente te ama e, afinal, não é isso o que realmente importa?

Num primeiro momento, meu irmão ficou sem reação. Para ele, era mais fácil brigar. Depois, começou a esquivar o olhar como um cego que busca focar em algo que nunca irá conseguir enxergar. Ele sabia que minha mãe estava falando dela e que, mesmo tendo passado por coisas muito mais difíceis que ele, seu caráter e sua postura em relação à vida nunca tinham sido abalados.

— E o que você quer que eu faça, se é isso que eu sinto?! — ele disse, confuso.

— Começar um tratamento para dependentes químicos já é um bom começo — respondeu minha tia pragmática.

Mas, Guga ainda não estava preparado para admitir o grau de sua doença e perdeu a paciência.

— Não sou viciado! Eu paro quando quiser, porra! Essa vida é uma merda. Só estou curtindo um pouco!

Minha mãe virou o copo de whisky.

— Eu também vou curtir um pouco — ela disse e depois pediu para o meu pai servir outra dose.

— Você acha que me abala assim?! Eu só tenho é pena de você...

Minha mãe o interrompeu.

— Eu não tenho pena de você.

Nessa hora, Guga saiu da sala. Nós ouvimos quando ele bateu a porta do quarto. No mesmo instante, minha mãe se levantou e jogou o resto do whisky fora. Sem ele presente, ela não precisava continuar a encenação.

— Meu Deus, o que a gente faz? — meu pai se perguntou em voz alta.

— Não faz. Ele é que vai ter que fazer — minha mãe respondeu firme, mas não tão convicta quanto gostaria.

— Não que ache isso certo, mas é bom lembrar que a gente pode interná-lo mesmo se ele não quiser... — disse Maria João.

— De jeito nenhum! — respondeu meu pai enquanto minha mãe balançava a cabeça, mostrando que tinha dúvidas.

Com aquele impasse tomando conta da nossa família, acabei falando o que há muito estava na minha cabeça, mas que só agora parecia ser apropriado dizer.

— Acho que nós vamos ser dependentes de um dependente por muito tempo.

Tia Maria João me olhou sem entender onde eu queria chegar.

— O que eu quero dizer é que o Guga está doente e se a gente não souber como agir, todo mundo pode ficar doente junto — falei, segura.

— E o que que a gente pode fazer?

Eu não queria desviar o assunto da internação do meu irmão, mas naquele momento achei que o mais importante era que todos nós ficássemos bem para poder tomar a melhor decisão. Uma decisão que ajudasse o Guga e não que apenas aliviasse nossa dor ou um possível sentimento de culpa que pudesse surgir.

— ... pesquisei na internet e vi que existe um núcleo de apoio a familiares de toxicômanos e alcoólatras — respondi, sem rodeios.

— Meu Deus... a que ponto chegamos... — meu pai exclamou, desolado.

— Pai, se a gente não encarar o fato de ele estar doente e precisar de tratamento, vai ser muito mais difícil ele mesmo aceitar isso e querer se tratar!

Meu pai desanimou e agora sua voz já não era tão firme.

— Eu sei, filha, eu sei... é só que é muito triste tudo isso.

— Vamos deixar a tristeza de lado e fazer o que é preciso... — disse minha mãe com uma objetividade espantosa. — Maria João, como funciona a clínica que você falou, quanto custa, quanto tempo leva para ele se...

— Espera um pouco, Helena, você não pode estar falando sério. As coisas não se resolvem assim — meu pai ainda tentou tirar essa ideia da cabeça de minha mãe.

Mas a velha Dona Helena estava de volta e continuava firme.

— Ah, não?! E como se resolvem? A gente sentando e esperando, ou você sugere que todo mundo saia correndo atrás dele, com medo de ele se drogar cada vez que tranque uma porta?

— Mas e se ele não quiser? Ele é maior de idade! — meu pai argumentou.

Não sei se era a clareza típica de uma mãe, o desespero, ou as duas coisas juntas, mas o fato é que ela estava irredutível.

— Tito, nesse caso não tem querer! Eu sou a mãe dele, decido e pronto! Se eu achar que isso é o melhor para ele, acabou. Não tem mais conversa. E tem mais. Uma só pessoa assinando, se responsabilizando por ele, já basta! Não preciso que você concorde comigo para interná-lo...

Meu pai não gostava daquela atitude autoritária e deixou isso bem claro.

— Você está sendo ignorante como antigamente! Pensei que você tivesse melhorado, mas continua a mesma! É melhor primeiro a gente usar o diálogo com ele! Ele já está revoltado e assim vai piorar ainda mais as coisas...

Olhando de fora, eu conseguia ver que os dois, apesar de terem opiniões muito diferentes, estavam cobertos de razão. O problema era saber qual era a razão que mais fazia sentido nesse caso.

— Faça-me o favor, Tito. Se você não consegue ajudar, pelo menos não atrapalhe. Você não está vendo que a situação é pior do que a gente imaginava? Ele está viciado! Está no sangue, no cérebro dele, sei lá onde! — minha mãe continuou cada vez mais decidida. Mas meu pai também não desistia.

— Mas ele pode conseguir largar sozinho... ou pode, por vontade própria, querer se internar... a gente não precisa ser tão radical!

— Olha aqui, Tito, se você não consegue largar esse seu cigarro maldito, apesar de saber todo o mal que ele faz, acha que o Guga vai largar cocaína assim tão fácil?!

Meu pai não respondeu. Ele era viciado em nicotina há mais de trinta anos e todas as vezes que tentou largar, não conseguiu. Minha mãe ainda tinha um último argumento e, talvez, o mais convincente

— E tem mais. Agora que já sei o que ele sente quando cheira essa merda, vou falar uma coisa: ele não vai largar esse vício assim tão fácil. Ele precisa de tratamento! Essa droga é boa, é muito boa, a sensação de ser mais... de ser invencível... superior, sei lá... é incrível, é maravilhoso! Você não entende...

Meu pai finalmente cedeu e baixou a cabeça, tentando disfarçar a emoção.

— Maria João, se precisar me interno junto com o Guga... acompanho o tratamento, fico no mesmo quarto...

— Não sei se eles permitem isso, Tito — minha tia respondeu, também emocionada.

— Provavelmente não... deve atrapalhar o paciente, por mais que a intenção seja boa — minha mãe falou, mas, dessa vez, sem intenção de agredir.

— De qualquer maneira, vou verificar — disse tia Maria João, encerrando o assunto e olhando para mim:

— Nana, esse lugar que você falou, que vai a família, como funciona?

Antes que eu conseguisse responder, meu pai interrompeu, cético:

— Não sei se acredito nisso. Ficar lá ouvindo todo mundo falar a mesma coisa... — disse, relutante.

Tentei convencê-lo do contrário.

— Não é bem assim, pai. As pessoas têm os mesmos problemas, mas a reação de cada dependente é diferente. E aí acho que a gente pode aprender o que fazer, como agir em cada situação, além do que ver que tem gente passando pela mesma coisa dá um certo conso...

Minha mãe não esperou pela conclusão.

— Eu vou, Mariana. Vê bem onde e quando é, que quero ir, sim!

— Eu também — reforçou tia Maria João, olhando para o meu pai.

Estávamos nos preparando. Seriam longos meses de incertezas, torcida e muita perseverança por parte de cada um de nós, mas, acima de tudo, por parte do meu irmão. Sem que ele decidisse realmente se curar, mesmo fazendo o tratamento, de nada adiantaria nosso empenho, pois cedo ou tarde ele voltaria a se drogar. A mudança teria de ser como uma explosão. Partindo de um ponto pequenininho dentro dele e indo para fora, tomando conta de tudo ao redor. Seus hábitos teriam que mudar, seus amigos de balada, seu modo de encarar a vida e, sobretudo, na minha opinião, sua capacidade de lidar com frustrações.

Ele teria que aprender a não mais fugir para as drogas quando as coisas não saíssem como desejava. E o mais difícil: teria que buscar a felicidade em outro lugar, num lugar mais verdadeiro e não na química que, apesar de promover alegria, destruía seu corpo e, pouco a pouco, sua capacidade de raciocínio e convivência com as pessoas. Mas essa era uma decisão que pertencia a ele. Só a ele.

Olhando para os rostos tristes da minha família, vi que, apesar de sabermos muito bem o deveríamos fazer, no fundo a gente torcia por um milagre. Parecia que se a gente não se mexesse, se possível a ponto de nem respirar, aquela realidade triste poderia ficar congelada no tempo e, aos poucos, deixaria de existir. Mas, infelizmente, as coisas não funcionavam assim.

Quando meu irmão saiu do quarto, minha tia falou sem meias palavras.

— Guga, a gente gostaria de internar você.

— Ninguém vai me obrigar a fazer nada!

Meu pai tentou contornar a situação.

— Ninguém está falando de obrigar você a fazer o que você não quer. Sua tia se expressou mal. O que ela quis dizer... o que todos nós pensamos é que, talvez, seja uma boa coisa você se internar para se tratar, se desintoxicar. O que você acha?

— Quero ver quem vai me internar! Eu mato qualquer neguinho que vier dar de médico para cima de mim, com injeção sossega leão e o escambau. E tem mais: depois de matar o cara, me mato!

— Não fala assim, Guga! Você quer deixar todo mundo ainda mais preocupado do que já está? — eu disse.

Ele continuou, em tom desafiador.

— Quero só ver... pensa que eu sou otário, Nana?! Vocês falam que está tudo bem e aí um dia eu acordo e tem cinco caras em cima de mim, falando que vai ser o melhor para mim e toda essa babaquice de vocês... eu mato, hein! E para ninguém achar que é só ameaça, já vou avisando que vai ter sempre uma faca comigo, escondida no quarto ou debaixo do meu travesseiro! E se alguém tirar, ponho outra. Faço até melhor, compro uma arma! Aí, pum, é rapidinho.

De repente, meu irmão parou no canto da sala, olhou para a varanda vazia e falou como se visse alguém ali: — Sai daqui!

Ficamos mais assustados. Em nenhuma das outras vezes em que o vimos alterado, Guga demonstrou ter algum tipo de alucinação. Mas agora ele estava vendo coisas. Minha tia fez sinal para minha mãe e eu ficamos na sala enquanto ela e meu pai foram para o quarto de Guga. Menos de dois minutos depois, a explicação. Minha tia estava com uma caixinha na mão e, dentro dela, havia dois saquinhos plásticos. Um a gente já conhecia, estava cheio de cocaína, e o outro continha uma cartela com vários adesivos pequenos com desenhos divertidos. Fiquei pálida. Eu já sabia o que era aquilo.

— O que foi, Nana? — minha tia perguntou.

Olhei para o meu irmão e vendo-o ali, no canto, tão frágil, comecei a chorar.

— Não tenho certeza, mas acho que isso é ácido.

Meus pais se entreolharam. Se eles tinham alguma dúvida, naquele instante ficou claro o que fazer. Minha mãe estava em estado de choque. Meu pai chegou perto de tia Maria João.

— Você tem o telefone daquela clínica com você?

Tia Maria João não respondeu, simplesmente abriu a bolsa e tirou um papelzinho. Meu pai ligou e meia hora depois ouvimos o som de uma ambulância entrando na rua.

Enquanto meu irmão estava viajando, minha mãe o olhava, tentando reconhecer seu filho. Em vão. O Guga não estava mais entre a gente. Ele agora estava num mundo de mentiras e medo, alucinações e gangorra emocional.

O interfone tocou.

— Pode subir — meu pai respondeu apertando os lábios para segurar o choro.

É difícil lembrar exatamente o que aconteceu nos minutos seguintes. Tenho flashes das cenas, mas não consigo acabar de montar o quebra-cabeça. Todos nós chorávamos. Quatro homens vestidos de branco tentavam domar meu irmão como se ele fosse

um bicho enfurecido. Muitas coisas da casa ficaram quebradas pelo chão. Tenho a impressão de ter visto o coração da minha mãe ali também, entre os cacos de vidro dos porta-retratos. Ela chorava sozinha. Minha tia me abraçou. Meu pai abraçou minha tia. Minha mãe recusou qualquer abraço. No meio de tudo, lembro de ouvir meu irmão gritar para que o soltassem, dizendo que nunca mais faria aquilo, que, pelo amor de Deus, lhe déssemos uma chance. Lembro de um dos enfermeiros segurando seu braço para aplicar uma injeção. Lembro da minha mãe tentando pegar uma mochila para colocar algumas roupas do Guga e um pedaço de bolo e um dos rapazes dizendo não ser permitido. Lembro da expressão da minha mãe, perdida em meio à pior surpresa que a vida lhe preparara. Recordo da tia Maria João segurando fortemente minha mão todas as vezes em que eu ameaçava desabar. Lembro do telefone tocar no meio de tudo aquilo e ninguém atender. Não esqueço do olhar triste de cada um. Mas, do que não consigo mesmo esquecer, é da última coisa que ouvi naquele dia: "pode levar". E, o mais surpreendente, foi meu pai quem falou.



Capítulo 18



Minha mãe sempre adorou ver o Brasil jogando futebol. Toda vez que havia jogo da Seleção ela fazia pipoca, pegava cobertor, armava um verdadeiro circo na sala para ficar ali, nas duas horas seguintes, torcendo pela Seleção Canarinho. A cada gol ela gritava, pulava e tocava corneta. Na hora do replay, só de brincadeira, ela se empolgava de novo, como se o gol tivesse acontecido naquele segundo.

Mas, nos seis meses seguintes, o mundo ficou fora de foco. Os sentimentos, sem sentir. Com meu irmão internado, mesmo os momentos felizes eram só um contorno do que é a felicidade. Lembro de um dia em que o Brasil jogava pelas Eliminatórias. Era sua última chance. Dependendo do resultado daquele jogo, ele iria para a próxima Copa ou manchava a história do futebol brasileiro e voltaria para a casa “com o rabo entre as pernas”. Minha mãe nem sabia que haveria jogo.

— Vem, mãe! Vai começar o jogo do Brasil! — disse já me ajeitando no sofá.

— Ah é... já vou — ela respondeu da cozinha sem muito entusiasmo.

— Começa em três minutos! Já está tocando o hino!

Olhei em direção à cozinha e a vi encostada na porta, com o olhar perdido.

— Será que seu irmão está assistindo? — ela falou com o pensamento longe.

Há quase cinco semanas o Guga tinha sido internado. No primeiro mês de tratamento, a clínica preferia que o dependente não tivesse contato algum com parentes e amigos. Por isso, contávamos só com a nossa imaginação.

— Claro que está, mãe. E, o melhor, sem drogas! — disse tentando animá-la.

— O próximo final de semana vai ser o primeiro de visitas... — ela falou como quem pensa em voz alta.

— Eu sei. Comprei uns DVDs, espero que ele goste — respondi e tentei mudar de assunto. — Agora vem que está começando...

Apesar de ela ter assistido o jogo todo, e do Brasil ter ganho de dois a um, não vi, em momento algum, qualquer sinal de alegria no rosto de minha mãe. Ela até chegou a comentar a injustiça de não terem marcado um pênalti, mas, até isso foi sem emoção. Era como se estivesse vendo um capítulo de uma novela qualquer em um idioma do qual nunca ouvira falar.

— Mãe, não adianta ficar assim. Você tem que reagir...

Mas minha mãe não estava muito receptiva quando o assunto era esse.

— Como você quer que eu fique, Nana?

— Só estou falando para o seu bem... — respondi na defensiva.

Tentando não se alterar, ela falou tranquila.

— Não adianta tentar explicar. Você só vai entender no dia em que tiver filhos.

É impressionante como todas as mães usam essa frase com propriedade. Mas, como eu ainda não era mãe, continuei tentando conversar. Para mim, era uma equação racional.

— Sei que você está sofrendo por causa do Guga. Mas ir para uma clínica foi o melhor que aconteceu para ele. Você tem que entender que ficar assim não adianta nada, você vai acabar ficando doente...

Dessa vez minha mãe não teve tanta paciência e me interrompeu.

— Mariana, por favor, me deixa quieta.

Se por um lado entendia sua reação, sua vontade de se recolher para dentro de si mesma, por outro, eu tinha muito medo disso. Não era a primeira vez em que a via triste e sua tendência para a depressão era um fator que deveria ser tratado com muito cuidado.

Com meu irmão internado, toda minha família ficou focada no assunto a maior parte do tempo. Se eles não estavam falando com médicos, estavam fazendo pesquisas na internet, conhecendo grupos de apoio, pensando em como iriam fazer para pagar o melhor tratamento, resolvendo quais seriam os passos seguintes à saída dele da clínica e muitas outras coisas relacionadas à dependência química que, eu sei, exigiam o máximo de sua dedicação.

Com tudo isso acontecendo, eu sentia falta de atenção, mas o curioso é que essa situação acabou abrindo um novo mundo para mim. Pela primeira vez, estava vivendo por conta própria. Escolhia o que ia comer, dormia a hora que queria, me vestia sem me preocupar com opiniões e, principalmente, sem dar satisfações de para onde ia ou com quem estava. Para mim, o gosto da liberdade era doce. E descobri, um pouco tarde que, quando não se tem maturidade o suficiente, é amargo também.

Conheci Daniel na faculdade. Professor de Literatura, 25 anos mais velho do que eu e casado. Inteligente, charmoso, olhos verdes e do tipo *blasé*, ele fazia sucesso com a maioria das alunas. Algumas eram mais atiradas e escreviam bilhetinhos para ele com comentários mais picantes. Outras chegavam até a convidá-lo para sair, mas ele nunca aceitou, o que deixava a mulherada ainda mais atijada.

— Nossa, além de ma-ra-vi-lho-so, o cara ainda é fiel! — era o comentário mais ouvido.

Na “amígdala”, um lugar escuro que ficava entre a quadra e a cantina, onde muitos alunos iam para fumar um baseado, diziam que ele chegara às vias de fato com uma aluna há alguns anos e

que, inclusive, ela havia engravidado. Mas nunca conseguiram provar nada, até porque a tal garota perdeu o bebê num aborto espontâneo semanas após ter deixado a faculdade.

Longe de ser bonito, eu sabia identificar em Daniel um homem extremamente charmoso, mas acho que até pelo fato de todas as mulheres o desejarem, acabei ficando mais na minha.

Além de ter brilho próprio, ele era um professor conceituado. Toda a diretoria o respeitava e suas aulas eram sempre concorridas. Ele tinha fama de, em toda sua carreira na faculdade, nunca ter dado uma nota dez. Mas, em uma determinada prova, quebrei esse tabu. Estava inspirada e, em vez de responder à única pergunta da prova com uma dissertação, escrevi uma poesia. Não que fosse brilhante, mas nesse dia ele percebeu que eu era, no mínimo, diferente. Ou, pelo menos, muito corajosa. Afinal, do mesmo jeito que ele gostou, poderia ter odiado e me dado um zero.

— Bom, tem uma prova nessa classe que eu gostaria de ler para vocês antes de devolver — ele falou com uma folha na mão.

Mesmo sem falar meu nome, algo me dizia que a prova que seria lida era a minha. Abaixei a cabeça e fechei os olhos até que ele acabasse de ler. A classe toda ficou em silêncio. Quando terminou, imaginei que iria dizer meu nome e eu iria buscar a prova, mas, para minha surpresa, ele sabia quem eu era e veio até minha carteira.

— Parabéns, Mariana — e me entregou a prova, enquanto eu sentia o olhar da mulherada atravessando minha nuca.

Impressionante como funciona essa coisa de opinião. De repente, de uma aluna normal, passei a uma das alunas mais interessantes da faculdade. E tudo isso porque alguém que era admirado mostrou sua admiração por mim. “Bando de ovelhas”, era o que pensava ao ver as pessoas discretamente apontarem seus dedos para mim quando eu passava.

Minha vida estava no modo “opostos”. Em casa, passava despercebida. Na faculdade, era uma amostra de celebridade. Mesmo sendo uma pessoa introspectiva, resolvi viver o que a vida

estava me oferecendo naquele momento. Pela primeira vez me sentia importante. Comecei a fazer teatro, curso de artes plásticas e violão na mesma semana. Além disso, comprei um caderno de capa roxa e arrisquei minhas primeiras poesias. No fundo, acho que até eu comecei a virar uma ovelha e me tornei parte do rebanho. Se eles achavam que eu era especial, por que eu mesma não me acharia?

Na semana seguinte à leitura da minha prova, encontrei, por acaso, o professor Daniel. Eu estava na cantina, tomando café e rabiscando algumas linhas, quando ele me viu, de longe. Fingi não tê-lo visto. Não por esnobismo, mas por medo de ser descoberta como uma farsa. Imaginava que se ele quisesse conversar, teria pouco o que dizer, ou melhor, até conseguiria falar horas sem parar mas, provavelmente, nada que o surpreendesse muito. E eu não queria isso. Após experimentar o sabor de ser admirada, não queria abrir mão desse sentimento tão facilmente.

Mas acho que fingir não vê-lo só aguçou seu lado caçador. Ele estava acostumado a ser notado e não abriria mão disso. Quando parei de escrever e ergui a cabeça, ele estava sentado na mesa ao lado da minha.

— Daniel?! — exclamei, realmente surpresa ao vê-lo tão perto.

— Desculpa, te assustei, Mariana? Olha, se eu estiver atrapalhando, vou embora... — ele disse tentando parecer o mais natural possível.

— Não. Desculpa eu. É que eu estava escrevendo aqui e me distraí.

— Eu vi e não quis atrapalhar, mas confesso que fiquei curioso — ele respondeu dando um gole em seu capuccino.

— Curioso por quê?

— São mais poesias? — ele perguntou olhando para o meu caderno.

— Tentativas.

— Ler muito é a única maneira que conheço para se tornar um grande escritor.

Eu sorri e não respondi. Ele continuou puxando assunto.

— Faz tempo que você escreve?

— Horas — respondi tentando parecer inteligente.

Ele riu. Funcionou, pensei.

— E você, também escreve?

— Não. Prefiro ler os bons escritores — ele disse de um jeito humilde.

— Será que um dia você pode fazer uma lista para mim de seus autores preferidos? Os livros que considera importantes...

Ele me interrompeu.

— Faço agora. Você pode anotar?

Peguei minha caneta toda mordida na ponta e comecei a escrever o que ele falava, inclusive suas observações como “esse autor é ótimo porque brinca com a terceira e primeira pessoa” ou “esse tem heterônimos como escape da realidade”. Assim poderia, depois, estudar cada escritor já com uma base maior de informações. Enquanto ele ia discorrendo sobre os livros que achava essenciais, percebi o brilho nos olhos de alguém que faz o que realmente gosta. Mais do que um professor brilhante, agora o via como um professor apaixonado. E apaixonante também.

— E você, Mariana, de quem mais gosta?

Para variar, resolvi usar minha sinceridade. A verdade é que eu não tinha uma boa formação literária e ficar inventando uma pessoa que eu não era não combinava nada comigo.

— Olha, não tenho nem um terço do seu conhecimento. Fico até com vergonha de dizer, mas, para ser sincera, nunca li metade dos escritores que você falou — disse olhando em seus olhos.

— Vai ver que é por isso que você escreveu aquela poesia tão bonita.

— Já entendi. Você não quer que eu fique constrangida pela minha ignorância.

— Não. É sério. Sua poesia tinha algo de inédito. Você, definitivamente, não é uma pessoa contagiada pelos grandes autores.

— Obrigada. Mas isso significa que tenho que continuar ignorante? — falei rindo.

— Não. Isso significa que, intuitivamente, você já tem a literatura dentro de você — ele disse sério.

Aquela conversa começava a me interessar.

— Bom, quando eu era criança gostava muito de Monteiro Lobato e dos gibis do Maurício de Sousa. No colégio curti muito Fernando Pessoa e Agatha Christie. Ah, e entre uma fase e outra, sucumbi a Sidney Sheldon. Mas acho que essa parte é melhor pular, né?! — falei rindo, enquanto ele gargalhava.

— É sério! Todo mundo diz que é um autor de banca de jornal, que queima o filme gostar dele, mas me lembro que realmente gostava do cara! Eu devia dizer para você que gosto de Jorge Luis Borges. Aí sim você ficaria impressionado.

— E você gosta? — ele perguntou interessado.

— Sinceramente, tentei. Mas não, não gosto. É tanta referência que ele usa que fico meio perdida. Acabo me sentindo ignorante em vez de estimulada a continuar lendo. E você, gosta?

— Minha tese de mestrado foi sobre ele.

— Bom, você era jovem e jovens costumam cometer mais erros.

Ele sorriu.

— Você é mais especial do que eu pensava — ele disse.

Senti um frio na barriga e não respondi.

— Você não devia ter dito isso — falei sem graça.

— Por quê?

— Porque você é casado! — respondi ingenuamente.

— Bom, eu não perguntei se você queria namorar comigo. Só disse que você era especial.

Fiquei mais sem graça ainda. Ele só tinha feito um elogio e, no auge do meu convencimento, achei que ele estava me paquerando.

— Desculpa, você tem razão. Estou superenvergonhada. É que já passei por uma situação, quando criança, que me deixou meio traumatizada... Na verdade, não sei me relacionar e costumo afastar qualquer investida, até mesmo antes que ela aconteça, como você pode perceber...

Enquanto tentava me explicar, ele me interrompeu.

— Você quer jantar comigo?

— Você está querendo me enlouquecer?!

— De novo, não estou te pedindo em namoro — ele riu e agora percebi uma malícia em seu olhar.

— Tá bom... se é assim, quando? — respondi na lata.

— Amanhã. Pego você na sua casa. Onde você mora?

— Prefiro ir com meu carro — falei desconfiada.

— Sério? Por quê? — ele achou estranho.

— Porque se eu quiser ir embora na hora que você me pedir em namoro, vou — falei e depois saí sem olhar para trás.

Exatamente como combinamos, a gente se encontrou em um restaurante japonês. Eram 8 horas e nem minha família, nem a dele, iriam sentir nossa falta já que, nessa hora, ambos devíamos estar na faculdade. Assim que o vi, fiquei tensa.

— Boa noite — ele disse galanteador.

— Oi — respondi tentando disfarçar meu nervosismo.

— Quer dizer que você gosta de japonês, é? — ele disse olhando a decoração.

— Hum, hum... mas antes que você me pergunte, nunca li nenhum haikai.

— Eu não ia perguntar.

— Ótimo. Porque esse negócio de achar que sou um gênio está me incomodando um pouco.

— Eu não disse que você era um gênio. Falei que você era especial.

— Desculpa... — respondi quase cochichando — ... te falei que sofro de falta de memória recente?

— Então, vou falar de novo: você é muito especial.

Eu sabia que era especial, mas aquele homem charmoso, inteligente, quase um mito na minha faculdade, dizendo isso para mim de um jeito tão seguro, me fez acreditar que eu era a pessoa mais especial do mundo.

— Obrigada — respondi séria e depois emendei em tom casual. — Mas continuo achando que não está certo a gente aqui jantando, afinal você é casado... tá, tá, já sei que você não me pediu em namoro, mas...

— Mas vou pedir — ele me interrompeu.

Eu não sabia se ele estava falando sério ou apenas repetindo as minhas palavras antes de sair da cantina, mas o fato é que aquilo tudo estava mexendo comigo. E ele percebeu.

— Olha, Mariana, eu vim jantar com você. A dois e não a três. Mas como você toca no assunto de eu ser casado a toda hora, vou te contar uma coisa. Você já ouviu falar em relação aberta?

Eu fiz que sim com a cabeça, quase não podendo acreditar, afinal, dessa maneira, eu não sentiria nenhuma culpa.

— Então, eu e minha mulher vivemos em casas separadas — ele continuou.

— Funciona?! — perguntei absolutamente espantada.

— Para mim, sim.

Eu estava muito curiosa.

— Ela tem outros?

— Nunca perguntei — ele respondeu calmo.

— Sei... e imagino que ela também nunca te perguntou — falei meio que duvidando.

— As mulheres são mais ciumentas, é verdade. Mas a regra é: o que vale para um, vale para o outro.

— Nossa, acho que racionalmente entendo e até admiro, mas emocionalmente... não sei se foi o jeito que eu fui criada...

Antes de eu acabar de falar ele segurou minha mão.

— Quer namorar comigo?

Eu não sabia o que pensar. Há uma semana ele era só mais um professor entre tantos que eu tinha. Nunca havia olhado para ele de uma maneira diferente e imagino que nem ele para mim. Agora essa pessoa, que tinha a mesma idade do meu pai, estava ali, na minha frente, me pedindo em namoro. E o pior: mesmo não estando apaixonada, estava gostando de tudo aquilo.

Para ter mais tempo para pensar e, principalmente, para melhor conhecer meu pretendente, resolvi ser um pouco mais difícil. Não sei por quantos minutos fiquei olhando para ele sem responder nada, mas o fato é que ele ficou ali, me olhando de volta, sem dizer nada também, sem tentar nada, sem nenhum sinal de ansiedade, simplesmente esperando o meu momento chegar.

— Vamos fazer o pedido? — falei de repente.

Ele soltou minha mão e sem se abalar pegou o cardápio ainda sorrindo.

— Claro.

Para mim, aquela mistura de charme com segurança era uma bomba relógio. Sabia que era um jogo, só não entendia por que resolvi jogar se o fato de ele ser casado, mesmo que numa relação moderna, ia, sim, contra meus princípios. Só muito tempo depois e,

infelizmente tarde demais, descobri o motivo: em algum lugar dentro de mim, eu não queria que desse certo.

Só assim eu poderia ser tão infeliz quanto minha mãe tinha sido.



Capítulo 19



Passei boa parte da minha vida alternando entre querer ser igual a minha mãe ou ser tudo o que ela não era. Mas, o mais curioso é que, em ambos os casos, a referência era a mesma. Até quando eu queria ser completamente diferente dela, era nela em quem me espelhava.

Foi assim quando comecei a me vestir de um jeito mais masculino, usando tênis e gravata, só porque minha mãe usava sempre salto alto e saia. Foi assim quando fiquei mais de dois anos sem comer carne porque ela adorava churrasco. Foi assim quando disse que queria ser hippie e parei de me depilar. E foi assim também quando resolvi levar adiante a história com o Daniel, só porque eu sabia que nunca daria certo. Exatamente como o casamento de minha mãe não havia dado.

Com mais de o dobro de minha idade, Daniel sabia muito bem ter paciência para conseguir o que queria. E de uma maneira que, quem olhasse de fora, poderia jurar que era eu quem estava no comando da situação.

- Não, não quero namorar com você — falei ao final do jantar.
- Tudo bem. Mas a gente pode ser amigo?
- Amigo, amigo? — perguntei.
- Tem outro tipo de amigo?
- Não sei.

— Bom, então do tipo de amigo que você quiser — ele disse tranquilo.

Relaxei. Se era eu quem determinaria o futuro daquela relação, ter um amigo charmoso, culto, inteligente e, o melhor, que me fazia esquecer dos problemas naquele momento da minha vida em que tudo parecia triste por causa do meu irmão, pareceu ser a melhor coisa que podia me acontecer.

Foram semanas conversando por telefone, principalmente à noite, antes de dormir. Nós contávamos como tinha sido o nosso dia, as coisas que vimos, ouvimos, os sonhos da noite anterior, os desejos para um futuro próximo, as dúvidas, medos, as pequenas porções de alegrias e, no meu caso, as tristezas de família que tanto estavam me consumindo.

— Daniel, você está me ouvindo? — perguntei incomodada com um barulho ao fundo.

— Oi, Nana, pode falar... espera aí que vou abaixar a Tv... pronto, agora sim.

— Desculpa tocar nesse assunto de novo, mas, para mim, a questão do Guga é uma angústia tão grande. Tenho tanta saudade dele. Do Guga que era o meu irmão... daquele que cresceu comigo.

— É natural. No fundo é uma saudade de você mesma também. Parte do que você é se formou através dos olhos dele. E é isso que você quer resgatar.

— Mudou tanta coisa na minha vida depois de tudo o que aconteceu com ele. Parece outro enredo. Parece que a vida não me pertence mais do jeito que eu conhecia... — de repente, mudei o tom de voz — ... mas não quero ficar falando de problemas, enchendo você...

Docemente ele me interrompeu.

— Nana, me escuta. Você não está me enchendo. Sou bastante crescido para colocar um ponto final em qualquer história, contada ou vivida, se eu achar que devo. Você me entendeu?

Tanta atenção, tanto cuidado pelo que eu sentia foram, com o tempo, me cativando.

— Você também é uma pessoa muito especial — falei de coração.

— Se eu for especial para você, está tudo certo — ele respondeu feliz.

— Claro que é! Amanhã tenho aula com você.

— E você pensa que eu não sei.

— Sabe é? O quanto você sabe?! — perguntei rindo.

— Sei que na semana passada você estava com uma blusa verde. E, na anterior, prendeu um rabo de cavalo...

Não sei o que me deu, mas, mesmo ele não usando nenhum tom de sedução, aquelas palavras significavam que ele prestava muita atenção em mim e aquilo causou uma reviravolta no que eu sentia. Natural, eu estava me transformando em uma mulher, independentemente do que minha mãe era ou deixava de ser.

— E agora, você consegue adivinhar o que estou usando? — disse em tom sedutor, quase sem conseguir acreditar que estava falando aquilo.

Nós nunca tínhamos ido além de uma conversa. E, apesar de falarmos sobre sentimentos, nunca era sobre o que um sentia ou não pelo outro. Nem segurado na mão um do outro a gente tinha e, de repente, eu estava ali, nas preliminares do sexo por telefone. Ele ficou mudo. Eu, constrangida.

— Desculpa... que vergonha, melhor desligar...

— Não, não desliga... — ele disse rápido — ... você está usando camiseta e jeans? — ele arriscou.

Depois de um segundo de indecisão, parei de pensar no que estava fazendo e comecei apenas a sentir.

— Não mais...

— Só camiseta? — ele disse mansinho.

— Não mais...

— Só jeans?

— Não...

Ele continuou.

— Mais?

— Menos — respondi.

— Que cor?

— Branca.

— Em cima e em baixo?

— Agora, só ficou uma...

— A de baixo?

—... não mais.

Enquanto ele tentava adivinhar, tirei a última peça de roupa. A partir daí, nenhum dos dois disse mais nada.

Apesar de ter adorado cada segundo, durante a aula do dia seguinte, não conseguia olhar para ele. No final, quando eu já estava saindo da sala, ele me chamou.

— Mariana, você pode ficar mais um minutinho? Preciso falar com você — ele disse na frente dos últimos alunos que estavam saindo também.

A tática era boa. Por não fazer nada escondido, era difícil alguém dizer que ele estava dando em cima de mim. A coisa era tão evidente que ficava quase impossível supor o óbvio. Às vezes, até eu mesma duvidava.

Quando o último aluno saiu, ele disse sem rodeios.

— Acho que estou me apaixonando por você.

Não sei se disse isso para me deixar mais à vontade com o que tinha acontecido, ou se era verdade, mas o fato é que funcionou. Olhei para ele.

— Isso não pode acontecer! — respondi assustada.

— Por quê?

— Porque você é casado!

— Bom, já te expliquei que nós temos uma relação aberta...

— Porque você é mais velho que meu pai!

— Antes disso, sou homem. E, para minha sorte, não sou seu pai.

A cada resposta eu ficava mais nervosa e não o deixava continuar.

— Porque você tem três filhos!

— Você vai gostar deles...

— Porque você é meu professor!

— Se for o caso, posso dar aula em outro lugar...

— Porque, bom, porque...

Dessa vez foi ele quem me interrompeu.

— Nana, você pode dar um milhão de razões para não encarar isso tudo, mas, para mim, só uma coisa me faria desistir de você.

— O quê? — perguntei desconfiada.

— Você não sentir nada por mim.

Olhei para baixo. Ele percebeu que eu estava realmente angustiada com toda aquela situação. Vi quando ele tentou pegar na minha mão, mas mudou de ideia.

— Se o que eu disse está fazendo você sofrer, esquece. Pronto, esquece tudo. Você não precisa fazer nada que não queira. Fica calma. Olha, a semana que vem vou ficar vinte dias fora, de férias...

Meu lado racional dizia para me afastar dele, mas, de repente, fui surpreendida pela emoção.

— Vou sentir saudade... — falei sincera.

— Agora é você quem está me deixando confuso.

— Olha, deixa para lá. Vai viajar, vai viver a sua vida. Está tudo bem. Desculpa qualquer coisa... — respirei fundo e saí da sala.

— Você tem certeza? — ainda cheguei a ouvir, mas não olhei para trás.

Nos dias seguintes, ele não me ligou. Depois de tanto tempo falando várias vezes por dia com o Daniel, comecei a sentir sua falta. Perdi a conta de quantas vezes cheguei a pegar o telefone e ameacei ligar, mas desisti. Na faculdade, faltei às suas aulas. Não apareci na cantina e, nas vezes em que o vi de longe, mudei meu caminho.

Sexta-feira acordei agoniada. Eu sabia que ele viajaria no sábado. Liguei sem pensar nas consequências.

— Alô... sou eu...

— Mariana! Que surpresa boa! — ele respondeu parecendo realmente feliz.

— Eu... eu... olha, desculpa... não sei o que falar.

— Eu viajo amanhã... — ele disse meio triste.

— Eu sei.

— Onde você está?

— Num orelhão perto de casa, aquele da padaria.

— Posso ir te ver?

Não pensei, apenas respondi que sim. Quinze minutos depois, ele chegou. Entrei no carro e não disse uma palavra. Acho que o medo de perder toda aquela atenção que ele me dedicava foi o que me impulsionou. Eu tinha me acostumado ao seu carinho. A verdade é que sempre que precisava desabafar, ele estava lá. Agora que ele tinha ficado tanto tempo sem ligar e, ainda por cima, iria viajar, eu estava entrando em pânico.

— Me leva para algum lugar — falei de repente.

Ele ligou o carro e acelerou. Fomos direto para um motel. No meio da transa descobri que também poderia me apaixonar por ele.

— Acho que também estou gostando muito de você — disse baixinho.

Rimos. Conversamos. Dormimos. Transamos. Rimos.

De repente, seu celular tocou. Ele olhou no visor e não atendeu. Achei esquisito, mas preferi não comentar. Levantei-me.

— Vou tomar um banho.

Ele abriu um sorriso.

— Vai que já vou.

Olhei tímida para ele.

— Se você não se importar, claro — ele completou.

— É que nunca tomei banho com ninguém antes.

— Esquenta a água que chego já — ele disse carinhoso enquanto passava uma das mãos pelo cabelo cacheado.

Entrei no banheiro e me olhei no espelho. Eu era bonita. Não perfeita, mas muito bonita. Abri a torneira da pia e molhei o rosto. Puxei de dentro de um armário duas toalhas brancas. Abri o frasco de shampoo e cheirei. O perfume era doce. Sempre preferi os amadeirados, mas achei melhor usar. Não queria chegar em casa suada. Abri a água do chuveiro e, enquanto esquentava, resolvi ir até o quarto chamar o Daniel. Seria mais gostoso se a gente entrasse junto. Quando cheguei no quarto, o vi, de costas, apoiado na janela, falando ao celular. Ele falava baixinho e gesticulava muito com um dos braços. Fui em sua direção para abraçá-lo por trás. Quando cheguei perto, ouvi a conversa.

— Claro que não! Imagina... para com isso. É que me atrasei, só isso... há quanto tempo a gente está junto? Então, e alguma vez te traí?! — ele mudou o tom de voz e ficou mais carinhoso — ... então, amanhã a gente viaja, vai ser tão gostoso... espera um pou...

De repente, ele virou para trás, imagino que para se certificar que eu estava no banheiro. Mas eu não estava. Ele ficou branco.

— Olha, já te ligo... — e desligou o celular olhando nos meus olhos.

Eu estava em estado de choque. Nua, no meio do quarto, minha primeira reação foi agarrar o lençol e me cobrir. Ele tentou se aproximar.

— Mariana, por favor, me deixa explicar.

— Não precisa — respondi seca.

— Não é nada do que você está pensando... — ele tentou, mas eu o interrompi.

— Por favor, não continua... eu esperava, no mínimo, um começo de discurso mais inteligente da sua parte — falei irônica.

— Você tem razão...

— Ótimo. Assim poupo nós dois dessa cena que você estava prestes a construir.

Virei de costas, peguei minhas roupas e entrei no banheiro novamente. Ele ficou ali, no quarto. Ouvi quando seu celular tornou a tocar. Abri a porta do banheiro.

— Atende. Eu não vou fazer nenhum escândalo.

Mas ele não atendeu. Quando saí do banheiro, ele também já tinha se vestido. Caminhei até ele e dei um tapa em seu rosto. Bem forte.

— Isso, me bate, mas, por favor, não vai embora. Pode me bater — ele disse.

Nesse momento, percebi que ele era uma pessoa perturbada.

— Olha aqui, seu desgraçado, nunca mais, mas nunca mais na sua vida, fale comigo, olhe para mim ou tente se aproximar. Você é nojento. E não falo só por minha causa não. Falo porque tenho pena da sua mulher, disso que você acabou de fazer com ela! Você é sujo, egoísta e pequeno!

Ele deu um passo em minha direção.

— Se você der mais um passo, denuncio você para a faculdade, para a coitada da sua esposa, para os seus filhos, para o raio que o

parta!

— Mariana, deixa eu falar...

— Falar o quê?! Ficou me enrolando esse tempo todo com esse papo de relação aberta só para conseguir o que queria! Então, pronto. Já consegui, não precisa continuar com a farsa! Sai de perto de mim.

Por dentro, eu tremia. Minha vontade era de chorar, mas acho que o baque tinha sido tão grande que não consegui produzir nenhuma lágrima. Naquele instante, eu era uma mulher seca. Peguei minha bolsa para ir embora.

— Está tarde, é perigoso. Deixa que eu te levo... — ele ainda insistiu.

— Presta atenção: a sensação que tenho é que, se eu for estuprada, vai ser a segunda vez no mesmo dia!

— Não fala assim, por favor! Me desculpa. Você pode não acreditar, mas te juro, o que falei sobre meus sentimentos era verdade!

Apesar de pronta para ir embora, uma parte minha ainda queria dizer muita coisa, desabafar. O cinismo tomou conta de mim.

— É mesmo? Qual parte? A que você está apaixonado ou a que tenho uns peitos lindos?!

— Você está irônica.

— Bom, pelo menos dei para alguém que me conhece um pouco, né?!

— Mariana. A Amanda, minha mulher, ela é doente. Há anos tento me separar, mas ela me ameaça dizendo que vai se matar...

Eu ri. O cara era de última categoria.

— Sabe que ela devia mesmo. Porque, vou te falar, para ter alguém assim do lado dela, melhor arriscar partir para outra!

— Você está fazendo pouco caso dos meus sentimentos! — ele disse meio alterado.

— Pode ser, mas não chega nem perto do pouco caso que você fez dos meus! — e comecei a me exaltar — ... eu contei coisas da minha família, da minha mãe, do meu irmão... olha aqui, nunca mais fala comigo! — e saí batendo a porta do quarto.

Na minha frente, uma escadinha sem vergonha levava até a garagem onde estava estacionado seu carro. Juro que nunca pensei em fazer nada parecido, mas naquela hora não sei o que me deu. Tirei o chaveiro de casa de dentro da bolsa, segurei firme uma chave e risquei o carro com toda a força que tinha. De ponta a ponta.

Peguei um ônibus para voltar para casa. No caminho, caí no choro. Encostei minha cabeça na janela e despenquei. Mesmo. Não era só ter sido enganada que estava doendo. Era descobrir que alguém podia ter feito isso comigo, mesmo não merecendo.

Mas relacionamento não é uma questão de merecimento. E eu já deveria saber disso.



Capítulo 20



No dia em que levaram meu irmão, me lembro da sala vazia. Mas apesar de toda a dor, houve um segundo mágico. Foi quando minha mãe olhou para meu pai de um jeito diferente. Exatamente no momento em que ele autorizou os médicos a levarem o Guga. Mesmo com os olhos inchados de tanto chorar, tive a impressão de que ela finalmente pôde ver o pulso firme que, muitas vezes, a paternidade exige e que, em tantos momentos, meu pai não conseguiu demonstrar. Era como se a partir daquele gesto ela pudesse respirar aliviada por ter com quem repartir suas decisões. Isso deixou nossa família mais unida.

A ansiedade pelo primeiro final de semana em que visitaríamos o Guga era grande. Meus avós, meu pai e minha tia ligaram várias vezes para combinar como fariam.

— Mas vocês vão sair sábado de manhã? — ouvi minha mãe dizer ao telefone e depois completar — ...entendo, mas prefiro ir sexta à noite, ficar em alguma pousada e já acordar por lá... é, para não perder nem um minuto...

No final, acabamos todos indo na sexta-feira mesmo e sábado, às 8 da manhã, já estávamos na recepção da clínica. Era um lugar alto e com uma vista maravilhosa para duas montanhas verdes que mudavam de cor quando alguma nuvem passava na frente do Sol. Olhando dali, ninguém podia imaginar que aquele era um lugar onde as pessoas sofriam. Mas o fato é que era sim. E, se de um lado havia uma vista linda, do outro, naquela mesma recepção, bastava

olhar para o rosto dos pais aguardando para ver seus filhos para saber que o mundo não era tão bonito quanto parecia lá fora.

Além da minha família, ali, naquela sala, havia pelo menos mais outras quatro, todas unidas por um olhar cúmplice, uma troca de sorrisos que não se completavam.

De repente, a recepcionista começou a falar, mas sem se dirigir a alguém especificamente.

— Para muitos de vocês, esse é o primeiro dia de visitas. Sei que todos devem estar ansiosos para ver seus parentes e amigos, mas é importante respeitar algumas regras. Por favor, bolsas devem ser guardadas nesse armário, alimentos não são permitidos, objetos cortantes como...

O discurso continuou por mais dez minutos. Parecia que estávamos visitando presos numa cadeia. Mais tarde o médico explicou o motivo de tanta cautela.

— Muitas vezes, alguns dependentes químicos desenvolvem algum tipo de problema psicológico como depressão ou mania de perseguição. Por isso, qualquer coisa que possa representar uma ameaça, nós pedimos para ser deixada no armário da recepção.

Depois, um enfermeiro nos levou até uma espécie de galpão que ficava no meio do jardim. Uma placa na entrada dizia “Ponto de Luz”. O rapaz era simpático e tentava deixar todo mundo à vontade, explicando como e onde as coisas aconteciam.

— Aqui eles assistem a palestras, fazem atividades como pintura, marcenaria, têm aulas de culinária, jardinagem, música e até de primeiros socorros. Mais ao fundo, há um telão onde algumas vezes por semana, nós passamos algum filme ou show. Na verdade, eles mesmos votam e decidem o que querem ver. Já do outro lado daquela lagoa... — de repente, o rapaz se virou e nós vimos que ele falava tudo sorrindo, algo raro naquele lugar — ... lá onde vocês estão vendo aquela casa amarela, são os consultórios. Tem sempre um médico presente e, pelo menos, um psiquiatra de plantão. E aquele espaço coberto é uma quadra, onde eles praticam esportes

todos os dias. O refeitório fica do outro lado e, quem quiser conhecê-lo, depois do horário da visita, é só me procurar que eu levo lá.

Sem dúvida aquela era uma boa clínica. Pelo menos do ponto de vista de infraestrutura, era a melhor. Eles tinham tratamento médico e psicológico, uma alimentação equilibrada, praticavam exercícios e várias atividades que estimulavam a autoestima e ajudavam na recuperação.

Era um alívio saber que o Guga estava num lugar realmente dedicado à sua recuperação, mas, depois de tanto tempo, a gente se perguntava o que ele estaria sentindo. Principalmente por ter sido levado contra sua vontade.

Após mais alguns metros, chegamos a um lugar chamado “Pés do Vale”, onde terminava o terreno da clínica e começava uma descida íngreme pela montanha. Ali, havia várias mesas de madeira com um guarda-sol de palha sobre elas e algumas cadeiras para os visitantes. Meu irmão estava de costas para nós, olhando para a montanha. Ele usava uma camiseta verde musgo e, mesmo sem conseguir ver seu rosto, já dava para perceber que tinha engordado um pouco.

Quando minha mãe o viu, acelerou o passo, e foi a primeira a abraçá-lo. Nós paramos de andar, à espera de que os dois se reencontrassem. De longe, dava para ver que ela sorria ao mesmo tempo em que chorava. Meu irmão apontou uma cadeira para ela sentar, mas, antes mesmo que ela se ajeitasse, ele olhou em nossa direção e franziu as sobrancelhas.

— Guga! — disse e saí correndo em sua direção.

Diferentemente do que eu esperava, ele foi frio.

— Oi — respondeu.

Logo depois chegaram meu pai, minha tia e meus avós. Meu irmão olhou para mim de um jeito debochado.

— Para que tudo isso?

— Puxa, não fala assim. Tava todo mundo louco para te ver.

— Sei... — ele respondeu seco.

Sem dúvida, o encontro não seria do jeito que a gente tinha imaginado. Apesar de Guga saber que a internação tinha sido para seu bem, ele estava revoltado. Minha avó Lola, não sei se por ser distraída, ou se por sabedoria, começou a falar de outro assunto.

— Na minha Espanha, de pequena, eu morava num lugar bem parecido com esse. Era perto de uma estação de trem, sabe, Guga?

O Guga fez que sim com a cabeça. Olhei para ele.

— Tudo bem que isso não é uma viagem de férias, mas você não está feliz por ter se livrado das drogas?! — disse indignada.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra — ele respondeu evasivo.

— Tem sim... — disse tia Maria João — ... lá fora você podia estar morto numa hora dessas!

— E aqui você acha que estou como?! — ele disse agressivo.

Minha mãe resolveu interceder, do seu jeito prático.

— Guga... olha... os médicos acham que, no mínimo, um paciente deve ficar seis meses, mas a verdade é que você pode sair a hora que quiser.

— E fazer o quê? Voltar a morar com você?! Prefiro ficar aqui...

— Você está sendo injusto! — respondi tentando defender minha mãe.

— Queria ver se tivessem levado você à força!

— Filho... — meu pai começou — ... não tinha outro jeito... foi pelo seu bem... você estava totalmente fora de controle. Você não se lembra?

— E me mandar para cá era a saída, né?! Aí ninguém ia precisar se preocupar comigo... que bonito esse conceito de família... todo mundo lavando as mãos!

Além de agressivo, meu irmão estava irônico. Mas nós sabíamos que ele não era assim. Aquilo era revolta. Acho que, de alguma maneira, ele tinha se sentido rejeitado de novo. A primeira vez, por sua mãe biológica e, agora novamente, quando o internamos à força. O que ele não conseguia ver era que, se da primeira vez foi por falta de amor, da segunda, era por excesso.

— Guga, para e pensa! — falei um pouco mais alto do que o normal.

— Pensar o quê, Nana?! É fácil falar na sua posição... — ele resmungou.

Aquela sua atitude me revoltou. Eu via como minha família estava preocupada, triste e se esforçando ao máximo para segurar a onda por causa dele. Não era justo deixar que continuasse com aquele discurso de mal-amado.

— Não é não, garoto!

— Ahhh, agora sou garoto?! Não sou mais o Guga, né? — provocou.

Se havia alguém que não tinha problema algum em falar de igual para igual com ele, era eu. Afinal, eu não tinha que amá-lo acima ou apesar de qualquer coisa porque não era nem sua mãe nem seu pai. Era apenas sua irmã. E entre irmãos, ainda mais da mesma idade como a gente, se pode falar qualquer coisa sem culpa. Tudo passa.

— Olha aqui, tô cheia desse seu papinho, garoto! Vê se cresce! Sou eu que fico o dia inteiro com o papai, com a mamãe, com a tia, o vovô e a vovó! Só eu sei o que eles tão passando por sua causa, o desespero, o medo de você não sair dessa! Todo mundo te ama, então, para de se fazer de vítima e luta pela sua vida, já que, como você adora falar, não fizeram isso quando você nasceu! Você se acha um azarado por tudo o que te aconteceu, é?! Queria ver se nada disso tivesse acontecido na sua vida! Aí sim era para você ser um infeliz! Ser criado por qualquer um! Sei que nossa família é neura, mas é unida, é a melhor família do mundo! E você faz parte dela, querendo ou não, entendeu?!

Minha mãe tentou me interromper.

— Agora chega, Mariana! Enquanto eu estiver viva, meus filhos não vão brigar na minha frente! — ela disse me puxando pelo braço.

— Ou será que você “precisa” ser infeliz para dar a desculpa de se drogar?! — ainda provoquei.

Dessa vez foi meu pai quem tentou me segurar.

— Nana! Por favor, filha, você está nervosa... vem, vamos tomar um suco... isso não vai levar a nada...

Mas meu pai estava enganado. Eu e o Guga éramos cúmplices dos mesmos medos, desafios, conquistas e frustrações. E isso fazia toda a diferença. Por isso, eu sabia que ele estava me ouvindo e o que eu dissesse ia fazer alguma diferença. Como não tinha que dar nenhum bom exemplo, nenhuma lição de moral como nossos pais, o jeito como ele me via facilitava, e muito, a nossa comunicação. A gente falava a mesma língua.

— Não entendo por que vocês o defendem! O moleque tem tudo! Tem amor, tem família, tem todo mundo pensando em como cuidar dele e ainda fica mal-agradecido?!

Meu irmão não respondeu. Isso era um bom sinal. De repente, minha avó falou do nada.

— Guga, o começo é mais difícil, até o corpo se acostumar e a cabeça parar de pensar, de querer... — ela disse e abriu um sorriso forçado — ... olha, mais alguns meses e você vai ficar bom mesmo! Para comemorar, quando você sair, a gente pensou em te dar um carro! O que você acha?

Nunca soube se minha avó era um gênio ou uma lunática. Mas o fato é que funcionou. O semblante de meu irmão mudou. Ele não era interesseiro, mas acho que esse fato deu-lhe novo ânimo. Talvez isso, em sua cabeça, significasse que, apesar de tudo, nós o amávamos e nada mudaria isso. Ou, quem sabe, ele tenha sentido que não precisava se defender e que, interná-lo, significava que nós queríamos seu melhor, seu cuidado, e não sua punição. Prova disso é que agora iríamos presenteá-lo por tanto esforço. Era verdade

que, desde que ele não representasse perigo nem para si, nem para qualquer outra pessoa, poderia sair da clínica a qualquer momento. E, por vontade própria, Guga acabou ficando. Isso tinha seu mérito.

Dali em diante, o clima ficou menos tenso. Ele relaxou e acabou contando como era um pouco seu dia a dia naquele lugar. Também comentou que conheceu vários outros dependentes e que a história da maioria se parecia muito em pelo menos um ponto: a primeira vez que experimentaram qualquer droga foi por curiosidade. E que, com raras exceções, nenhum deles tinha começado com algo pesado.

Notei que quando a gente percebe que os outros têm os mesmos problemas que a gente, isso ajuda a diminuí-los.

Apesar do clima inicial, acabamos voltando para casa animados. O Guga estava, sem nenhuma dúvida, melhor. Agora era uma questão de tempo, paciência e, depois que ele voltasse para casa, de muita determinação para que não tivesse recaída. Mas isso dependia dele. De nada adiantaria ficar pensando no “será?”.

Passamos a visitá-lo todos os finais de semana. Não posso dizer que era uma festa a cada encontro porque a situação era triste, mas, dentro do possível, nós encarávamos de um jeito superpositivo. No último encontro, antes de deixar a clínica, nós fizemos uma camiseta com sua foto. Embaixo estava escrito: “Guga é o nosso campeão.” Era uma brincadeira, tinha até um logotipo, GFC, que significava Guga Futebol Clube.

— Aposto que foi ideia da Nana... — ele disse como se tivesse ficado envergonhado.

— Errou, bebê... foi do vovô! — respondi rindo e, de propósito, o deixei ainda mais constrangido.

— Sei... — ele falou duvidando.

Minha mãe entregou o jogo.

— Ah, tá bom, Nana... — e olhou para o Guga — ... sua irmã não sossegou enquanto não fez todo mundo vestir a camiseta. Se bobeasse, ela fazia até o pessoal da recepção da clínica vestir.

Nós estávamos felizes por aquele ser o último final de semana sem o Guga, mas, ao mesmo tempo, apreensivos. E foi tia Maria João quem deixou isso bem claro.

— Guga, você acha que já está bem para sair daqui?

— Agora não é hora de falar sobre isso, Maria João! — meu pai interrompeu.

Mas minha avó e meu avô concordavam com a pergunta.

— Ela só está tentando ajudar, Tito — disse meu avô Ramón.

— Seu carro vai estar te esperando de qualquer jeito, viu filhinho, não importa se hoje ou daqui a um mês... — vovó Lola completou.

— Gente, deixa o menino respirar — minha mãe tentou aliviar.

Guga, vendo que estava todo mundo tenso, resolveu brincar para quebrar o gelo. Era o meu irmão voltando para nós.

— Acho que preciso ficar mais um ano... — todos olhamos para ele tensos, e depois, ele complementou rindo - ... para ver se dá tempo de vocês todos fazerem análise!

— Não, é sério, Guga. Se você quiser, você pode ficar o tempo que for. Dinheiro não é problema, contanto que você esteja bem... — disse tia Maria João tentando deixá-lo à vontade sobre a questão financeira.

Tia Maria João era assim, em se tratando da família, ela fazia o possível e o impossível para ver todos bem. Mas o Guga parecia decidido.

— Não, tia. Obrigado. Mesmo. Tudo o que mais quero é sair... e ter uma vida normal.

— E de carro novo, né, seu interesseiro?! — falei rindo.

— Ué, prometeu, tem que cumprir — ele disse e riu também.

Meus pais se olharam. O menino deles estava de volta. Meu irmão sorriu. Minha tia e meus avós também. Era o início da nossa família bem outra vez. E, pelo visto, para melhor ainda.



Capítulo 21



Um dia, minha mãe chegou em casa com uma expressão diferente.

— Nossa mãe, você está tão... hum, com um brilho...

— Brilho?

— É, sei lá... está diferente, bonita...

— Será? — ela falou de um jeito descontraído, quase brincalhão.

Na hora percebi que não era só uma impressão minha. Mas como eu sabia que ela era muito reservada em relação aos seus sentimentos, comecei a falar sem parar, brincando, para ela ver que eu não só aprovava, como ficava muito feliz se fosse verdade minha suspeita: que ela havia conhecido alguém.

—Ah, não!!!! Jura?! Quer dizer que a Dona Helena está namorando?! Isso sim que é notícia boa! Me fala, ele é bonito? Tem cabelo, é alto, moreno ou loiro? Tem filhos? Algum está disponível? Quando vou conhecer? Ele vai vir morar aqui com a gente?! É pobre ou posso chamar de paitrocínio?!

Minha mãe começou a rir. Depois de meses triste com a internação do Guga, agora que ele tinha saído, ela parecia querer se abrir para a vida novamente.

— É um integrante novo, lá do grupo de apoio...

— Novo?! — interrompi. — Novo como? Novo tipo a minha idade ou novo porque entrou agora?

— Ai, Nana, que pergunta! E eu lá tenho cara de quem ainda quer trocar fralda?

— Uhuuuu — falei já pulando para cima do sofá — ... e o coroa é bonito?

— Hummm, é charmoso.

— Olha aí a Dona Helena! Vem cá, e vocês já saíram? — perguntei mesmo sabendo que seria demais para ela.

— Ai, Mariana, por favor, né... — ela respondeu já sem jeito.

— E qual o nome dele?

Ela me olhou rindo como dizendo “não vou falar”.

— Tá bom, tá bom, só perguntei porque vai que ele liga e eu atendo, né...

— Ele não vai ligar aqui em casa. Qualquer coisa ele tem meu celular — ela respondeu.

— Nossa, que progresso! Olha, só quero falar mais uma coisa: quando quiser me apresentar ao mister mistério, vou adorar, tá?! — falei e já fui ligando a televisão para fingir uma certa casualidade. Ela riu. Parecia uma adolescente.

Mesmo meu irmão estando em casa há várias semanas, minha mãe continuava a frequentar o grupo de apoio a dependentes químicos. Isso porque eles tinham um programa de continuidade que explicava como se deveria tratar um dependente depois que ele tivesse feito algum tipo de tratamento para desintoxicação. Ela já tinha visto muitas mães que pararam quando o filho estava bom e depois voltavam a frequentar o grupo porque não perceberam algum sinal de recaída e, aí, era tarde demais. E minha mãe não queria isso. Após tudo que ela havia passado, do jeito que eu a conhecia, o mais provável era que ficasse para sempre em estado de alerta. Mesmo quando parecia não estar.

Vê-la assim, empolgada de novo com uma pessoa, era contagiante. Acho que não me lembro de vê-la tão leve em toda a vida. As coisas pareciam não ter mais tanto peso. E eu, que por anos me senti culpada por sua separação, agora me sentia mais aliviada. O clima em casa estava tão diferente que até o Guga notou.

— Ela viu periquito verde? — ele me perguntou quando, numa tarde, ela saiu mais arrumada que o de costume para ir ao grupo de apoio.

— Se é verde, não sei. Mas que é um tipo de passarinho, ah, isso é — respondi rindo.

Meu irmão, lento como a maioria dos homens, finalmente entendeu o que estava acontecendo. Também, como a maioria dos filhos homens, não gostou muito.

— Você conhece? — disse franzindo a testa.

— Não.

— Ele faz o quê? — ele continuou.

— Não sei — e dei de ombros.

— Mas de onde ela conhece, Nana?

— Ih, Guga, virou da polícia? Deixa a mamãe viver!

— Só não quero é que se divirtam com ela! — ele respondeu sério.

— Ah, para. Está com ciúme? — disse e comecei a rir.

— Você acha graça? E se for um safado que quer se aproveitar dela?

— Bom, se ela também quiser se aproveitar dele, está tudo certo.

— Engraçadinha. Está moderninha você, hein?

Vendo que ele estava realmente incomodado, resolvi levar mais a sério a conversa e aproveitei para dar um basta naquilo antes que ele resolvesse implicar na frente dela.

— Olha aqui, Guga, a mamãe não é criança. E quer você queira, quer não, ela é uma mulher!

— Por isso mesmo! Nem você nem ela sabem como os homens pensam!

— Ihhhh, pode parar de querer dar showzinho de ciúme. Você quer o quê? Que ela fique velha e sozinha? Por acaso alguém dá

pitaco quando você escolhe suas namoradinhas?!

— Não é só isso, é que...

— É o quê, então?! Claro que é só ciúme!

— Você não acha que o papai ainda tem alguma chance? — ele falou rápido.

Olhei para o meu irmão e vi uma criança disfarçada naquele homem feito. Era o mesmo menino que chorou na separação deles. Tive pena.

— Guga, “pelamordedeus”, presta atenção numa coisa: eles nunca vão voltar.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Olha, você ficou muito tempo fora e não sabe como é a relação deles.

— Mas eu pensei que eles estavam mais próximos, até mais do que quando eram casados! Eu vi!

— Você viu o que queria ver. Eles estão assim porque aconteceu muita coisa, inclusive com você, o que fez com que ficassem mais unidos, mas isso não significa...

Mas meu irmão parecia não me escutar.

— Se eles estão mais unidos já é um começo.

— Guga, me escuta, eles estão mais próximos por causa da gente e não por causa deles. Na verdade, essa proximidade, como amigos, os distancia cada vez mais de uma relação como homem e mulher, entendeu?!

— Isso na sua opinião.

Meu irmão sabia que eu tinha razão, mas precisava viver essa fantasia de que eles iriam voltar. Pelo menos por enquanto.

— Olha, Guga, por que você não deixa um pouco na mão de Deus? Se for para eles voltarem, eles vão voltar. Se não for, deixa a mamãe e o papai serem felizes com outras pessoas, da maneira que eles quiserem.

— Tudo bem, mas isso não me impede de investigar a vida desse aí que está querendo chegar na mamãe.

Eu já estava quase perdendo a paciência.

— Você vai fazer o quê? Vai seguir a mamãe?! Ah, não acredito! Como você é machista e ultrapassado! Olha aqui, não é legal você invadir a privacidade dela!

— Também acho.

— Ufa, que susto — respondi.

Mas o Guga, quando colocava uma coisa na cabeça, virava ideia fixa.

— Vou fazer melhor. Vou numa reunião do grupo de apoio! Ela não se arrumou toda para ir para lá? Então, deve ser de lá que ela conhece esse fulano.

— Mas Guga...

Meu irmão começou a fazer um gesto com a mão, unindo os dedos médio e polegar com o indicador, quando queria dizer que eu estava falando muito e que ele não ia ouvir mais.

— Blá, blá, blá! — ele disse e saiu atrás dela.

Fiquei em casa apreensiva. E se ela achasse que eu tinha contado para o Guga o que ela me dissera? E se o Guga aprontasse algum escândalo? E se ele estragasse a chance de ela ser feliz? Por outro lado, e se meu irmão estivesse certo e o cara fosse realmente algum tipo de aproveitador?

Quando a gente não sabe o que fazer, melhor é não se mexer. E isso foi o melhor que fiz. Duas horas depois eles estavam de volta. Eu, apreensiva, e minha mãe, feliz porque o Guga quis ir assistir a uma palestra com ela. Mal sabia que sua intenção era outra. Quando ela foi para o quarto, cheguei perto do meu irmão rapidinho.

— E?! — perguntei.

— Ah, agora você quer saber?! — ele me olhou debochado.

— Para de enrolar e fala logo. O que você achou?!

Meu irmão fez suspense.

— Engraçado, parecia que eu conhecia o cara... Bom, se ele for só amigo dela, tudo bem. Mas se quiser algo mais vai ter que pedir permissão.

Eu não conseguia levar aquela reação do meu irmão a sério. Era muito diferente da versão desencanada que eu conhecia do Guga. Em todo caso, tem um ditado que diz que quando mete a mãe no meio, tudo muda. Vai ver que esse era o caso.

— Vem cá, você não está machão demais, não?!

— Você não está levando a sério, né?! Mas pensa um pouco, a mamãe é ingênua. Ela só teve o papai! Ela veio do interior, nunca teve experiência! Não dá para deixar qualquer gabiru chegar assim não!

Olhando por esse ponto, meu irmão até tinha razão. Mas eu não podia continuar alimentando esse tipo de pensamento.

— Tá, Guga, faz como você quiser, mas vê se não vai deixar a mamãe triste!

Ele me olhou com aquela cara de “deixa comigo”. Depois, falou todo metido.

— Quer saber? Seu queixo vai cair: fiquei amigo do cara. Ele até convidou a família para uma pizza na quinta que vem. A ideia foi minha, mas deixei ele pensar que havia sido dele.

Arregalei os olhos. Aquele tempo todo estudando fora o deixara bem mais esperto.

No dia marcado, minha mãe estava especialmente bonita. Vestiu uma calça de linho cru e uma blusa vermelha, drapeada na cintura. Os olhos pintados levemente de preto. Quem olhasse rápido, nem percebia a maquiagem e era exatamente isso, essa leveza, que fazia toda a diferença. Quando ela saiu do quarto, meu irmão quase surtou.

— Nossa, a gente vai para o mesmo lugar? — perguntou.

— Bom, eu vou comer pizza com um amigo que, aliás, foi você quem convidou — ela respondeu de bom humor.

— E você, Nana, já está pronta? — ela perguntou.

— Eu tava pronta... vendo você assim, acho que é melhor mudar de roupa, né? — falei já indo para o quarto.

Minha mãe, como todas, sempre gostou que a gente se arrumasse. Então, naquele dia, achei que seria legal tirar meu jeans e caprichar um pouquinho mais, já que era um momento importante para ela. Assim, ela teria ainda mais orgulho de apresentar os filhos.

Coloquei um vestido floral na altura dos joelhos e uma sandália rasteira. Depois, passei batom, preendi um rabo de cavalo e pronto, um pouquinho de perfume para dar o toque final. Ela aprovou a mudança.

— Agora sim... — ela sorriu e veio na minha direção — ... só falta isso — e, de repente, colocou uma pulseirinha bem fininha de ouro no meu braço.

— Foi a primeira pulseira que consegui comprar com o meu trabalho, depois que cheguei em São Paulo — ela disse.

— Puxa! Nossa! Obrigada, mãe! Depois do jantar te devolvo.

— Não, é sua. Faz tempo que queria te dar, não é muita coisa, mas...

Eu a interrompi.

— É muito valiosa, sim. Pelo menos, para mim, é — e virei de costas para que ninguém me visse emocionada.

Era muito bom poder estar vivendo esse momento com minha mãe e meu irmão. É claro que, assim como o Guga, eu gostaria que meus pais ficassem juntos de novo, mas, por mais que adorasse meu pai, conseguia enxergar o lado de minha mãe. E a verdade é que eu e o Guga éramos felizes com meu pai em casa, mas, minha mãe, não. Então, mais do que depressa, sorri e intimamente agradei aos céus por, depois de tanto tempo sozinha, finalmente minha mãe ter se interessado por alguém.

Logo que chegamos à pizzaria, percebi que o cara tinha bom gosto. Longe de ter um monte de mesas e aquela luz fria no teto, o lugar era aconchegante e supercharmoso. Na entrada, um corredor, todo iluminado por velas, levava ao fundo da casa, um espaço aberto debaixo de uma jabuticabeira imensa decorada com flores de papel brancas. Em cima da mesa, cada prato era diferente do outro. E, ao fundo, clássicos da MPB.

Meu irmão, que continuava enciumado, falou baixinho.

— Bom, pelo menos o cara está querendo causar boa impressão...

Dei uma cotovelada nele. Ainda bem que minha mãe estava andando um pouco mais à frente e não percebeu.

— Aaaai,Guga, para! Se a mamãe te escuta ela vai ficar sem graça! Por que você simplesmente não dá uma chance?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Bom, eu estou aqui não estou?!

— Só isso não basta! Que tal um pouco de boa vontade...

Mal deu tempo de acabar de chamar a atenção do Guga e ouvi alguém chamando minha mãe enquanto, atrás de uma árvore, uma mão acenava no ar.

— Helena... aqui.

Eu conhecia aquela voz. Mas, meu Deus, não era possível. Quando finalmente dei a volta pela árvore, achei que meus olhos estavam me enganando. Minha garganta ficou seca. Quase não ouvi quando minha mãe nos apresentou.

— Bom, o Guga você já conhece... e essa aqui é a minha caçula, a Mariana.

O suposto pretendente da minha mãe estendeu a mão.

— Prazer, Daniel.

— Oi — foi só o que consegui dizer.



Capítulo 22



Por meses seguidos, Daniel tentou falar comigo. Sempre que percebia ser ele, desligava o telefone. Na faculdade, parei de frequentar suas aulas. Na rua, se o visse, desviava o caminho. Mas só agora, tanto tempo depois, é que descobri que ele era mais do que um mentiroso. Ele era perturbado e estava usando minha mãe para se reaproximar de mim. E, o pior: eu não podia fazer nada. Minha vontade era a de gritar, de contar quem ele era, mas estava tão perplexa que mal consegui falar durante todo o jantar.

— O Daniel também tem uma filha, Mariana. Ela tem mais ou menos sua idade... — minha mãe disse tentando iniciar um assunto.

— Ah é?

— O nome dela é Rafaela... — ele respondeu e olhou para mim sorrindo. — E é bonita como você.

Minha mãe sorriu com o elogio. Meu irmão bancou o engraçadinho.

— Então, você podia me apresentar a Rafaela e aí ficava tudo em família!

Todos riram. Fiz o maior esforço para dar um sorriso, mas não consegui. A conversa continuou. De vez em quando Daniel olhava para mim e sorria também. Mas não era um sorriso como se quisesse dar em cima de mim. Era um sorriso mais perigoso, de quem está vendo o outro sofrer e por isso mesmo sente prazer. Eu estava com medo.

Era claro seu poder de sedução, a capacidade de encantar a todos. Até meu irmão que, no começo, estava bicudo, depois de vinte minutos já estava completamente desarmado, contando piadas e histórias da nossa família.

— Quando eu era pequeno, sei lá por que, minha mãe conta que entrei numa fase de quebrar meus brinquedos — ele começou.

— Era praticamente um brinquedo que ele estragava por dia! — minha mãe completou.

— Então, como ia dizendo, eu quebrava um brinquedo por dia. Aí, teve uma vez que ela chegou perto de mim com um saco azul enorme, desses para lixo e falou: está vendo esse saco, foi o Papai Noel que deixou aqui! Aí perguntei: mas o saco do Papai Noel não é vermelho? Ela respondeu: é vermelho quando ele vai dar presente, mas é azul quando ele vai tirar os presentes das crianças que não dão valor para seus brinquedos!

Minha mãe riu da lembrança. Meu irmão continuou.

— Eu não estava entendendo nada. Aí ela disse que se eu continuasse quebrando meus brinquedos, ela iria recolher todos e dar para as crianças da favela.

— Mas ele ainda não sabia o que era uma favela — minha mãe falou.

— Você não vai acreditar no que ela fez... — meu irmão continuou empolgado — ... eu tinha 3 anos, ela me colocou no carro e me levou para conhecer a favela! Enquanto eu ia vendo aquela pobreza toda, ela ia falando que aquelas crianças iam dar muito mais valor para meus brinquedos do que estava dando porque elas, provavelmente, só teriam um para brincar a vida toda! Que seus pais não podiam comprar nem comida, quanto mais brinquedo e que ou eu tomava jeito, ou adeus brinquedos!

— E você fez o quê, Guga?! — Daniel mostrou-se interessado.

— Nunca mais quebrei nenhum brinquedo... — ele olhou para minha mãe — ... cuidado, hein, Daniel, essa cara de santinha esconde uma fera!

— Na verdade, ele quebrou sim, mas foi sem querer e eu deixei para lá, né... — minha mãe disse orgulhosa do filhão.

Como eu não estava falando muito, Daniel resolveu me incluir no assunto.

— E a Mariana, aprontava também?

Para minha sorte, foi meu irmão quem respondeu.

— Coitada, na verdade eu que aprontava mais. E o pior é que lá em casa era assim: quando um apanhava, os dois apanhavam. Mas quando minha irmã fica brava mesmo, sai de baixo.

Daniel olhou para mim. Todos olharam para mim, esperando algum comentário.

— Não sei... não lembro... — falei.

Mas meu irmão estava empolgado.

— Como não lembra? Até hoje ela é assim: boazinha, mas quando explode, nossa, sai de perto!

— Nesse ponto ela puxou a mim — minha mãe disse.

— Então, você assume que é brava? — Daniel perguntou para minha mãe rindo.

— Se pisar no meu calo ou se mexer com os meus filhos, não me responsabilizo!

De repente, por baixo da mesa, Daniel passou um bilhete para mim. Tremi. Não sei como, mas consegui enfiar no bolso do vestido.

— Dá licença, preciso ir ao banheiro — levantei-me da mesa.

Eu mal conseguia caminhar. A sensação que tinha era a de andar como se estivesse bêbada. No banheiro, entrei numa cabine e fechei a porta assustada. Tirei o papel do bolso e chorei antes de abri-lo. Canalha. Ele estava usando a minha mãe para me atingir! E, o pior, estava conseguindo. Abri o bilhete.

“Vou te ligar hoje, uma da manhã. Para o bem de sua família querida, melhor atender.”

Fiquei com medo. E o medo me fez agir. Voltei para a mesa e resolvi mudar de atitude. Em vez de me mostrar acuada, tentaria desmascará-lo, mas o Daniel era muito mais inteligente do que eu pensava.

— E você, seu Daniel, faz o quê? — perguntei fria.

— Eu costumava dar aula, mas agora estou dando palestras. E, por favor, não me chame de seu Daniel, não sou tão velho assim...

— Desculpe, mas é a educação que tive. Qualquer pessoa que tem a idade dos meus pais ou mais, acabo chamando de senhor ou senhora — falei fingindo ser simpática.

— Sabia que ele já deu aula na sua faculdade, filha?! Quando ele me contou, até perguntei se, por acaso, vocês se conheciam, mas ele não lembrava de nenhuma aluna com o seu nome.

— Ah, bem que achei sua cara familiar. Lembra que te falei, Nana? — meu irmão disse.

— É que são muitos alunos... — ele argumentou.

Eu não respondi nem que sim nem que não. Não é porque ele não estava falando a verdade que eu iria mentir também. Resolvi mudar de assunto.

— Olha, se o senhor... desculpe, você, não quiser falar no assunto tudo bem, mas por que você frequenta o grupo de apoio também?

— Mariana! — minha mãe me repreendeu pela indiscrição.

— Não, tudo bem... — ele disse para a minha mãe e depois se virou para mim — ... um dos meus filhos é alcoólatra.

Eu não acreditava no que estava acontecendo. Além de tudo, ele tinha coragem de inventar uma coisa dessas sobre o próprio filho.

— Faz tempo ou é de agora? — perguntei cínica.

Ele percebeu.

— Faz tempo, mas só enxerguei agora. E foi por isso que eu e sua mãe acabamos nos conhecendo...

— Está vendo, mãe?! Você me deve uma! — o Guga falou, brincando.

— Ah, você também mora perto do centro de apoio? — perguntei.

Eu sabia que ele morava bem longe dali. Queria ver a desculpa que ele ia dar para atravessar a cidade já que deveria ter outros grupos de apoio perto da sua casa. Mas Daniel se saiu bem e, o pior, ele falava de um jeito que acabava parecendo que ele era mais bacana ainda.

— Na verdade... não. É até bem complicado chegar nesse centro, mas foi um médico superconceituado que me recomendou... e sabe como é, tem aquela frase que é superverdadeira: pelos filhos a gente não mede esforços... — de repente, ele mudou de assunto — ... e você, Mariana, o que você acha de eu e sua mãe sermos amigos? Ela me disse que você é muito apegada ao seu pai...

— Nossa, olha aí o cara, está até pedindo permissão! — Guga interrompeu, admirado.

— Bom, acho que não tenho mais idade para pedir permissão... — ele riu e depois continuou, todo simpático — ... mas é, sim, uma maneira de mostrar que não quero causar nenhum tipo de constrangimento.

— Sou apegada ao meu pai sim, mas, acima de qualquer coisa, quero ver minha mãe feliz — respondi, seca.

— Fico aliviado em saber disso — ele disse e sorriu de novo para mim.

Ninguém tinha notado, mas eu sabia que aquilo era uma ameaça. Só não sabia qual. Passei o resto do jantar sem conseguir conversar direito. Só ficava pensando no que ele estaria armando. O que tanto ele queria falar comigo? Será que eu deveria atender seu telefonema ou será que deveria contar tudo para minha mãe? Mas se contasse, ela, de novo, se sentiria preterida. Eu ainda me lembrava muito bem de quando era criança e ela achava que eu competia pelo meu pai. Imagina, então, se falasse que aquele cara de quem ela estava gostando, na verdade queria era a mim?!

Eu tinha que dar um jeito de poupar minha mãe, de protegê-la dele. Ainda mais agora que ela estava de novo começando a se abrir para a vida. Por mais que tivesse medo dele, estava resolvida. Atenderia o telefone naquela noite, sim, e diria poucas e boas para esse filho da puta. Iria mandá-lo para o inferno e exigir que nunca mais se aproximasse de minha mãe.

Chegamos em casa por volta de 11 horas. Ainda faltavam duas horas para ele ligar. Como estava angustiada, inventei uma dor de cabeça para ir para o quarto mais cedo.

À uma em ponto, meu coração disparou com o toque do telefone.

— Alô? — falei baixinho.

— Que bom que você atendeu, Mariana — ele respondeu, doce.

Mas eu estava transtornada. Minha vontade era de atravessar o fio do telefone e arrebentar a cara dele.

— Olha aqui, Daniel, isso que você está fazendo é muita sacanagem! Como você teve a coragem de armar um plano tão sujo? Você se aproveitou da fragilidade da minha mãe, do seu sofrimento, para se aproximar! E ainda inventou tudo aquilo do seu filho. Olha, Deus castiga, viu?! Minha mãe não tem culpa de nada...

Ele me interrompeu.

— Mas você tem!

— Eu?! Caso você não se lembre, quem mentiu foi você!

Na mesma hora, ele mudou de assunto de um jeito estranho.

— Vou te contar hein, Mariana. Foi duro aguentar a pizza. Sua mãe é uma sonsa e seu irmão, nossa, um chato que não para de falar! — ele reclamou.

— Não fala assim da minha família!

Ele percebeu que fiquei brava e recuou. Depois tentou falar todo gentil.

— Tá bom, desculpa... Olha, vamos parar de enrolar, o que quero mesmo é saber por que você não atendeu aos meus telefonemas?!

— Porque você, além de mentiroso, é casado! E não me venha com “relação aberta” porque eu ouvi muito bem quando você falou para a sua mulher “nunca te trai” — respondi não acreditando no que estava ouvindo.

— Era isso que eu queria contar para você, não sou mais casado — ele continuou cada vez mais doce.

— Presta atenção, isso não me interessa Daniel! Você já mentiu para mim uma vez e nunca mais vou confiar em você de novo.

— Mas, Mariana... não consigo tirar você da minha cabeça! Eu te adoro...

Minha vontade era de vomitar. Como ele podia dizer aquilo se estava fazendo duas coisas horríveis comigo ao mesmo tempo: usando minha mãe e me chantageando. Além do mais, já tinha passado muito tempo do nosso único encontro e eu não sentia absolutamente nada por ele. Tentei manter a calma.

— Olha, acho que você precisa de ajuda médica...

— Eu não aguento mais ouvir isso! — ele me interrompeu nervoso.

Ah, então eu não era a única que pensava isso. Achei aquilo estranho.

— Olha, Daniel, não sei o que você quer de mim. A gente teve alguma coisa, mas acabou há muito tempo e não dá nem para chamar de rolo, namoro, nad...

— Para mim não acabou...

Eu o interrompi cínica.

— Ah, tá. Então por que você está se envolvendo com minha mãe?

— Mas você é a culpada! Me obrigou a isso! Era a única maneira de me aproximar de você de novo...

— Olha aqui, você não percebe que vai fazer uma pessoa inocente sofrer? Minha mãe não merece isso, eu não vou deixar sua loucura

causar mal a ela!

— Ah, é? E o que você vai fazer?! — ele me desafiou.

— Eu vou contar toda a verdade para ela! — gritei o mais baixo que pude.

— Eu nego tudo... — ele disse tranquilo — ... em quem você acha que ela vai acreditar? Afinal, que eu saiba, você sempre concorreu com ela. Pelo menos, é nisso que ela, no fundo, acredita... não é?

— Mas dessa vez ela vai acreditar em mim, tenho certeza. Ela mudou muito desde que eu era criança — tentei argumentar.

— Pode até ser, mas pensa bem, Mariana. Nunca mais ela vai querer ouvir falar de homem de novo... — ele fez uma pausa e depois continuou tranquilo — ... Você não imagina como as mulheres da idade dela são traumatizadas. Elas acham que homem que não vale nada e, se você contar, só vai dar mais um motivo para ela ter certeza disso.

Ele tinha razão. Se ela soubesse da verdade, talvez nunca mais se interessasse por outra pessoa de novo. E eu não podia deixar isso acontecer. Minha mãe ainda era nova e merecia uma segunda chance de ser feliz. Não, eu não poderia arriscar isso.

— O que você quer? — perguntei seca.

— Por favor, só quero me encontrar com você. Ter uma chance de explicar tudo o que aconteceu...

— E se eu não quiser?

— Eu começo a namorar sua mãe — ele respondeu irônico.

Eu queria acabar logo com aquilo. Ouvir sua voz me dava náuseas.

— Tá bom, tá bom, mas com uma condição: depois você some da vida dela?!

— Prometo.

— E como você vai fazer isso sem magoá-la?

— Falo que surgiu uma oportunidade de trabalho em outro estado, que vou sentir saudade e blá, blá, blá e nunca mais apareço! Simples assim. Ela vai entender e, do jeito que é boba, ainda vai torcer por mim.

Vê-lo debochar da minha mãe me dava vontade de esganá-lo.

— Como vou ter certeza que você vai sumir para sempre seu inf...?

Ele não me deixou acabar a frase.

— Não vai. Só se encontrando comigo para ver. Mas te dou minha palavra de honra!

Fiquei muda. Eu precisava de um tempo para pensar, mas ele não desistia.

— Alô, Mariana?

— Calma, Daniel. Eu tô pensando como vam...

Ele me interrompeu.

— Amanhã. Às 5 da tarde. Pego você na loja de conveniência daquele posto perto da faculd...

— Amanhã não posso! Vou viajar e só volto no próximo fim de semana!

— Você está mentindo!

— Não estou não. Se você não acredita em mim, pergunta para a minha mãe! — arrisquei.

— Ah, é? E como vou perguntar isso para ela? Afinal, se ela não me contou, como eu poderia ter ficado sabendo?!

Aproveitei a deixa.

— Justamente. Você acha que eu ia colocar em risco ela saber de nós dois se não fosse verdade?!

Daniel ficou mudo. Agora ele é quem estava pensando.

— E não dá para adiar sua viagem?

— Não. É o casamento da minha prima no interior. Vai a família toda. Você quer que eu fale o que para a minha mãe? Olha mãe, não vou porque tenho um compromisso importante. Ela ia achar muito estranho, você não acha?!

Finalmente parece que o Daniel se convenceu.

— Tá bom. Uma semana a mais não vai fazer diferença. Mas eu também tenho uma condição.

— Qual?

— Sábado que vem, às 15 horas em ponto, e tem que ser no nosso quarto.

— Onde??? — perguntei achando ter entendido errado.

— No nosso quarto. O mesmo daquela vez. Lembra?

Não, eu não lembrava. Aliás, passei meses fazendo de tudo para esquecer aquele dia. E agora ele aparecia do nada querendo me fazer lembrar do pior erro da minha vida. Precisava pensar rápido.

— Você não pode estar falando sério... — tentei falar, mas ele me interrompeu.

— Eu preciso que seja num lugar particular! A gente precisa conversar.

— A gente não precisa conversar! Você quer falar, vou ouvir. Só isso. E depois você some — disse, brava.

— Olha aqui, Mariana. Acho que você não entendeu direito. Se não for do jeito que eu quero, então não tem acordo — ele respondeu calmo.

Eu tremia toda por dentro. Fiquei muda.

— Mariana? Mariana?! — ouvi sua voz insistindo do outro lado da linha.

— Deixa eu pensar — respondi nervosa.

— Tudo bem. Você tem dois minutos.

Bom, o que ele podia fazer comigo? Se ele tentasse alguma coisa, eu poderia gritar. Me matar, ele não ia. Talvez fosse doente, mas assassino já era demais. Além disso, podia levar uma amiga para ficar de olho a distância.

— Tudo bem, mas não me liga de novo. Deixa que quando voltar de viagem, te ligo. Você ainda tem o mesmo número de celular?

— Tudo igualzinho.

— Tá — respondi, seca.

— Ah, Mariana, só mais uma coisinha: se você me fizer de bobo e não aparecer, marco um encontro com sua mãe na mesma noite. E aí já viu, vou ter que comparecer... não dá para decepcionar uma mulher que está há tanto tempo na seca, né? — ele disse do jeito mais nojento do mundo.

—O que você ganha com isso, Daniel?! — falei, desesperada.

— A companhia dela. Ou você não acha sua mãe uma mulher interessante? Você sempre se achou melhor do que ela, né? Mais inteligente, mais bonita... mas agora chegou a hora de ela ser feliz. Nunca pensei que você fosse tão egoísta, sabia? — ele falou, cínico.

— Olha aqui, ela não é para o seu bico! — grudei a boca no telefone.

— Ah, é? Pois acho que você está é com ciúme...

— Pode achar o que você quiser, mas se você chegar perto dela de novo, eu vou contar tudo. Ela vai saber tim-tim por tim-tim quem você é! E por que está fazendo isso...

— Nossa, mas você está com muito ciúme, né?! — ele continuou em seu raciocínio totalmente equivocado.

Eu estava é com muito nojo dele.

— Para mim, tanto faz. Você é nada! Não estou nem aí para o que você pensa! Só quero proteger minha mãe de você, seu infeliz!

— De mim? Acho que sua mãe tem que se proteger é de você! Afinal, foi você quem competiu com ela a vida inteira...

— Para! Você não sabe de nada!

— Sei tudo o que você me contou... e se entre a gente acabou mesmo, por que você não deixa o caminho livre para a sua mãe e para mim?

— Seu...! Você está invertendo as coisas só para me fazer sentir mal! Mas você não vai conseguir, viu?! Você sabe que se não quero que você chegue perto da minha mãe, é por sua causa! E não por minha! Você é desprezível, nojento, horroroso, covarde!

— Adoro ver você assim, bravinha — ele riu, sarcástico.

— Desisto...

— Mas eu não. Não vou desistir de você. Mariana, eu não quero te magoar... — ele disse de um jeito estranhamente carinhoso.

— Bom, tá tarde, tchau.

— Até sábado que vem.

Desliguei o telefone sem dizer mais nenhuma palavra, mas na mesma hora liguei para a única pessoa que poderia me ajudar: meu pai.

— Alô, filha?! São 2 da manhã! O que foi aconteceu? — ele atendeu, quase enfartando.

Assim que comecei a contar a história, percebi o seu ódio crescendo.

— Eu acabo com esse infeliz!

— Não pai, por favor, não vai fazer nada! Eu não devia ter te contado... ele pode ser perigoso! Por favor, pai, promete que não vai fazer nada.

— Calma, filha. Deixa eu pensar. Olha, vou desligar e já te ligo de volta.

— Tá bom, pai. Mas no celular, para não acordar a mamãe...

Enquanto eu esperava, fiquei pensando em como, às vezes, as coisas acontecem sem que a gente tenha controle sobre elas. E

mesmo quando a gente acha que tem, existe sempre o outro para nos provar o contrário.

Vi quando meu celular vibrou em cima do criado-mudo.

— Alô, oi, pai. E aí, pensou?! — perguntei ansiosa.

— Você disse que marcou um encontro com ele daqui a uma semana, né?

— Hum, hum.

— Então, não se preocupe. Uma semana é mais do que suficiente...

Na hora, não entendi muito bem o comentário.

— Mas pai, o que eu faço?!

Ouvi quando meu pai engoliu seco.

— Você vai ao encontro.

Eu não podia acreditar no que ele tinha acabado de falar.

— O quê?!

Ele respirou fundo e dessa vez foi taxativo.

— Mariana, você disse que ia ao encontro. Então, você vai manter sua palavra e vai ao encontro.

— Mas pai, acho que ele...

Meu pai não me deu chance de continuar.

— Só tem uma coisa, Mariana. Você vai ter que me prometer, jurar, que não vai dar um passo sem me contar, entendeu? Se ele te ligar, te procurar, se vocês marcarem outro lugar ou outro dia, me avisa na mesma hora, no mesmo segundo! Promete?

— Prometo. Só isso? — perguntei, desanimada.

— Não — ele continuou —, eu te amo muitíssimo. Confia em mim.

Eu estava confusa. Claro que confiava no meu pai. E claro que também o amava muito e sabia do seu sentimento por mim. Mas, alguma coisa estava errada. Como assim, ele ia me atirar na boca do

leão? Eu estava me sentindo sozinha. Infelizmente, só muitas noites sem dormir e uma gastrite depois, é que eu ia descobrir que nunca estive tão amparada.

Na semana seguinte, não saí de casa nem um dia. Fiquei com medo do Daniel me encontrar e ver que eu tinha mentido sobre ter que ir a um casamento no interior. Minha mãe estranhou meu estado de ânimo.

— Ué, tá sem aula?

— Ando com muita dor de cabeça. Depois pego a matéria...

— Tem certeza que é só isso?

— Tenho.

— Acho melhor te levar num médico, então — ela disse.

— É. Leva sim. Ouvi ela vomitando no banheiro ontem — meu irmão falou.

Era verdade. De tão nervosa, acabei vomitando várias vezes naquela semana.

— Sério, filha?! Por que você não me chamou?

— Não é nada, mãe. Deve ser uma virose.

— Bem que estranhei... você estava esquisita na pizzaria — meu irmão falou, preocupado.

— É... mas agora estou melhor. É só deitar um pouquinho que passa.

— Primeiro, vamos marcar um médico — minha mãe insistiu.

— Tá, mas hoje não, prometo que se até amanhã eu não melhorar, a gente vai — falei já calculando que mais quarenta e oito horas e já seria sábado, o dia em que essa angústia ia acabar. De um jeito, ou de outro.

— Primeiro sua saúde, Mariana.

— Mas mãe, não é nada! — falei irritada.

— Tenho certeza que é, mas você não quer falar... Mariana, aconteceu alguma coisa, filha? — ela ainda tentou, paciente.

Olhei para ela e tive vontade de contar tudo. Mas seu jeito era tão doce que não me deixou. Justo agora que nós estávamos tão bem, eu não queria pôr tudo a perder. Além disso, aquele cafajeste do Daniel tinha razão quando falou que o choque para ela seria tão grande que, provavelmente, nunca mais ela iria querer conhecer alguém. Na minha cabeça, só passava uma coisa: do mesmo jeito que ela me defendeu daquele eletricista, agora era a minha vez de defendê-la desse verme.

As últimas horas pareciam semanas, mas finalmente chegou o dia. Liguei para o meu pai, como tínhamos combinado.

— Oi pai... então, como você me pediu, tô te ligando para avisar que estou indo lá.

— Vai ser naquele motel que você me falou, né?

— Hum, hum.

— Você ligou para o Daniel para confirmar?

— Sim.

— E?!

— Ele confirmou, ué. Vai ser no mesmo motel, no quarto 15.

— Ele falou mais alguma coisa?

— O de sempre, que precisava conversar comigo, blá, blá, blá... Pai, tô com medo...

— Filha, alguma vez já te deixei na mão?

— Não. Mas, pai... — ainda tentei, mas ele me interrompeu.

— Vai filha, senão você vai se atrasar e periga o cara achar que você desistiu e ir embora!

Não entendi a preocupação do meu pai. O Daniel ir embora era tudo o que eu mais queria.

— Tomara que ele vá mesmo! — falei.

Meu pai percebeu minha aflição.

— Filha, confia em mim. Vai dar tudo certo.

Faltando meia hora para o encontro, peguei um táxi. Pedi para me deixar a uma quadra do motel. Eu precisava respirar um pouco e caminhar, geralmente, ajudava a me acalmar. Por vários momentos pensei em desistir. Mas não podia. Na minha cabeça, ficava indo e vindo o mesmo pensamento: fui eu quem levou aquele sujeito para perto de minha mãe, era responsabilidade minha afastá-lo dela também.

Imaginei cenas horríveis. E se, lá dentro, ele ficasse violento e me batesse? Pior ainda, e se tentasse me estuprar? Como assim vai dar tudo certo, pai?

Chegando na recepção do motel, mostrei minha identidade. Assim que a recepcionista conferiu meu nome e idade, tirou o telefone do gancho. Imaginei que ela estivesse avisando o escroto do Daniel que eu estava chegando, mas para minha total surpresa, alguns segundos depois, um carro com vidros escuros parou bem na minha frente. O lado do passageiro abriu o vidro. Meu coração disparou.

— Mãe?! — falei assustada.

— Não fala nada, Mariana, e entra no carro comigo agora! — ela disse baixinho.

Obedeci sem entender. Entrando no carro, tive uma surpresa ainda maior. No banco de trás, estavam meu pai e um senhor que eu nunca tinha visto antes.

— Pai?! O que tá acontecendo? O que você tá fazendo aqui?!

Meu pai respondeu pausadamente.

— Mariana, agora não posso explicar. Mas fica calma que esse senhor é delegado, amigo da sua tia Maria João. Não sai de perto da sua mãe. Já volto.

Assim que o carro parou em frente ao quarto em que o Daniel tinha marcado comigo, meu pai e o delegado saltaram. Minha mãe pulou para o banco do motorista.

— Mãe, o que está acontecendo?

— Mariana, por favor, não fala nada.

Eu conhecia o tom de voz da minha mãe. Apesar de parecer calma, ela estava furiosa.

Alguns minutos depois, meu pai, o tal delegado e o Daniel saíram do quarto. Daniel estava algemado. Vi quando ele passou pelo nosso carro, olhando, encarando através do vidro escuro. Tenho certeza de que ele sabia que eu estava lá dentro. Senti uma pontada aguda no estômago. Era minha gastrite se transformando em úlcera.

Sem fazer alarde, um carro de polícia os esperava logo na saída do motel. Os três entraram e o carro acelerou.

Enquanto minha mãe seguia a viatura, tentei falar de novo.

— Desculpa, mãe. Sei que você está brava. Mas tudo que fiz foi para te proteger...

Minha mãe continuou quieta. Depois de segundos que pareciam horas, ela respirou fundo.

— Escuta aqui, mocinha, quantas vezes vou ter que repetir que “Eu sou a sua mãe!!!” e não o contrário?!

— Desculpa, mas...

— Você podia ter morrido!

— Ai, mãe, também não precisa exagerar... — falei mansinho.

— Eu? Exagerar?! Você sabia que esse Daniel na verdade se chama Luciano, que ele tem documentos falsos e que foi expulso de outra universidade, por uma só não, mas por duas acusações de assédio sexual feitas por ex-alunas. Isso sem falar de agressão física e falsidade ideológica?!

Eu estava passada.

— Como você descobriu isso tudo?! — perguntei, atordoada.

— Foi seu pai, junto com o delegado, quem descobriu.

Minha mãe olhou para mim. Não consegui encará-la. Minhas pernas tremiam. Comecei a suar frio. Ela percebeu e mudou de tom.

— Tá, Mariana, calma. Eu estou brava, sim, porque você foi imprudente e muito ingênua em achar que poderia resolver tudo sozinha. E porque quem tem que te proteger sou eu e não o contrário! Mas não precisa ficar assim.

Tentei argumentar, mas, apesar de ela pedir para eu me acalmar, ela não interrompeu seu discurso. Essa era a minha mãe.

— É típico da sua idade, né? Achar que pode ter o controle sobre qualquer situação... Mas, agora, você já sabe que não é bem assim. Infelizmente, descobriu de um jeito muito perigoso, mas pelo menos, descobriu.

— Mãe, juro que se eu pudesse fazer diferente...

— Mas não pode, Mariana.

— Já sei...

— O que você pode fazer é aprender com tudo isso. Graças a Deus você está bem. Você podia ter me contado... eu te perguntei tantas vezes o que estava acontecendo!

— Eu sei, mãe, desculpa...

— Olha Mariana, você é uma mulher, jovem e linda e vai chamar a atenção de muitos homens. Você precisa aprender a se defender. E também, a conhecer melhor alguém antes de começar um relacionamento.

Até então, só meu pai tinha me ensinado coisas de mulher. Era a primeira vez que minha mãe estava falando comigo assim, ensinando de mãe para filha, de mulher para mulher. E, apesar desse jeito morde e assopra, eu queria prolongar ao máximo essa experiência. Por isso, minha primeira reação foi concordar com tudo, mesmo pensando diferente.

— Você tem razão, mãe. Não sei o que me deu...

Acho que ela percebeu minha boa vontade.

— Mas também, o cara era professor da sua faculdade! Quando você podia imaginar que ele era um foragido, né?

Não acreditei. Primeiro, ela reconheceu em mim alguém além dela sem a intenção de competir; depois, saiu em minha defesa, contra um argumento que ela mesma tinha usado.

— Foi má sorte mesmo... — ela ainda continuou.

— Ainda bem que acabou tudo bem... — tentei.

— Não, ainda não acabou. A gente tá indo pra delegacia. Você vai ter que fazer uma acusação formal. Aí sim, esse infeliz vai amargar na cadeia. Um lugar em que ele já deveria estar faz tempo!

Foi só nesse momento que me dei conta da gravidade da situação. A coisa era mesmo séria. Alguém iria para a cadeia por algo que eu ia dizer. Fiquei triste. Minha mãe pareceu ler meus pensamentos.

— Filha, eu sei que é difícil, mas você precisa ter muito claro uma coisa na sua cabeça. Ele vai ficar preso por causa das coisas que ele fez. São consequências dos atos dele! E não por sua causa.

Mesmo ela tendo razão, aquilo me incomodava. Mudei de assunto.

— Foi o papai quem te contou do encontro?

Ela tomou fôlego.

— Mariana, quem lava suas roupas?

— Você, mas... — tentei falar sem entender o ponto.

Ela continuou paciente, mas não por muito tempo.

— O bilhete que o falso Daniel te entregou na pizzaria, e que você escondeu da sua mãe, estava dentro do bolso do seu vestido.

— Você leu, mãe?!

— Graças a Deus, né Mariana?! Primeiro porque, claro, estranhei sua reação no restaurante. Depois, porque ouvi sua conversa no telefone, pela extensão... — ela disse, agora sem graça por ter invadido a privacidade de outra pessoa. Mesmo que a pessoa, nesse caso, fosse sua filha e estivesse correndo perigo.

— Juro que nunca quis te magoar, eu queria só... — tentei explicar, mas não consegui.

— Eu sei, Nana. Depois a gente conversa sobre isso — ela interrompeu, mais dura.

— Ele me chantageou... — falei, exausta.

— Olha, Mariana, já disse que depois a gente conversa sobre isso! Mas só para você ir pensando no assunto, você tem que entender de uma vez por todas que eu sou a sua mãe. E não quero mais ter que repetir isso.

Fiz que sim com a cabeça. Eu sabia o que ela estava tentando dizer, que agi muito mal não confiando nela e arriscando minha vida. Para minha surpresa, ela continuou.

— E tem mais. Você realmente acreditou nesse papinho de “traumatizar” uma mulher? Olha Mariana, não é porque uma laranja tá estragada que o saco todo é podre. E isso vale para você também, mocinha. Você encontrou esse traste, mas nem todos os homens são assim.

Eu estava chocada. Era muita informação para mim. Quer dizer que além de me proteger fisicamente, minha mãe também estava me protegendo emocionalmente?

— Obrigada, mãe.

Ela fingiu não escutar. Mudei de assunto também.

— Você escutou minha conversa com o papai também?

— Não. Mas eu vi que você ligou. E, logo depois, ele me ligou no celular para a gente combinar o que fazer.

O resto do caminho, fiz em silêncio. Precisava digerir tanto cuidado, tanto amor. Quando chegamos na delegacia, vi meu pai. O Daniel, ou melhor, Luciano, já tinha sido levado para outra sala.

— Pai?!

Ele me abraçou forte.

— Graças a Deus, filha. Graças a Deus, tá tudo bem!

— Eu achei que você não ia me ajudar, desculpe... — falei e abaixei a cabeça com vergonha de ter pensado aquilo.

Ele me interrompeu.

— Eu sei filha, por favor, me perdoa. Foi tudo um plano. Na verdade, eu precisava que você acreditasse nisso para não mudar de atitude com esse marginal. Senão, ele podia desconfiar de alguma coisa, que alguém sabia algo sobre ele e fugir de novo, sei lá, mudar de identidade e continuar solto por aí.

Ele levantou minha cabeça com a ponta dos dedos.

— Filha, eu nunca deixaria você correr nenhum perigo. Nunca! Mariana, você conhece aquela história das pegadas na praia?

— Não.

— É muito bonita... — minha mãe falou olhando para meu pai com cumplicidade.

Mesmo não sendo religioso, meu pai continuou. E, nas suas palavras, percebi que existia fé. Aquilo me confortou.

— É sobre um homem que estava andando na praia com Jesus. No céu, passavam cenas da vida dele. Para cada cena que se passava, eram deixados dois pares de pegadas na areia. Um era do homem e o outro era de Jesus.

— Isso significa que Deus tá sempre com a gente — falei.

— Exatamente. Mesmo quando a gente duvida. Bom, mas continuando a história, quando a última cena da vida do homem passou diante deles, ele olhou para trás, para as pegadas na areia, e notou que muitas vezes, no caminho da vida, havia apenas um par de pegadas na areia. Ele também percebeu que isso aconteceu nos momentos mais difíceis da vida dele e ficou aborrecido. Então, perguntou para Jesus: — Senhor, Tu me disseste que se eu Te seguisse, Tu andarias sempre comigo, em todo o meu caminho. Mas notei que durante as maiores dificuldades da minha vida, quando eu mais estava sofrendo, havia apenas um par de pegadas na areia.

Não compreendo por que nas horas em que mais necessitava de Ti, Tu me deixastes.

— Agora vem a parte mais bonita, filha. Mas você só vai entender mesmo, com o coração, quando tiver os seus filhos — minha mãe falou, emocionada.

— O que Jesus respondeu, pai?!

— O Senhor respondeu: "Meu precioso filho, eu te amo muito, e jamais te deixaria nas horas que você mais precisava de mim. Quando você viu na areia apenas um par de pegadas, foi exatamente aí que eu te carreguei nos braços".

Ficamos os três, ali, aninhados não sei por quanto tempo. Eu chorava como uma criança. Finalmente, consegui me acalmar.

— Obrigada, mãe, obrigada, pai. Vocês são os melhores pais do mundo.

Meu pai pegou uma carona com a gente. No caminho de volta para casa, minha mãe começou uma conversa que, apesar de eu ainda não saber, mudaria para sempre minha vida.

— Desculpe, mas eu preciso falar — ela desabafou — ... puxa vida, Mariana, você devia ter me contado.

— Mas você já tinha sofrido tanto...

— E você acha que pode me poupar da vida, filha?!

— Eu só queria o seu bem...

— Mas isso não justifica! E olha, você vai ter que fazer um tratamento!

— Helena, você tinha prometido que esse assunto a gente só ia falar em casa — meu pai interrompeu.

— Como assim? Análise?! — perguntei admirada.

Finalmente a Dona Helena que habitava minha mãe nos momentos de tensão emocional se manifestou.

— Exatamente. E por que o susto? Você não acha que está completamente errada essa sua relação comigo?! Eu já disse mais

de um milhão de vezes que você é a filha e não o contrário — ela repetiu, só que dessa vez não tão paciente.

— Helena, calma. Está todo mundo nervoso com tudo que aconteceu, e é normal, mas agora a gente tem que se concentrar nas coisas positivas. Graças a Deus deu tudo certo, a Mariana está bem e esse canalha vai passar anos na prisão! — meu pai disse, tentando pôr panos quentes na situação.

— Tito, por favor, não vai dar uma de Poliana de novo! Nossa filha podia ter morrido! E por quê? Por que queria me proteger?! Ora, me poupe! Ela vai ter que se tratar, quer queira quer não!

Fiquei quieta. Eu sabia que uma parte dos nossos problemas tinha sido por eu achar que ela gostava mais do meu irmão do que de mim e, depois que cresci, por eu agir como se fosse a mãe dela. A verdade é que, se por um tempo funcionou, agora não estava mais dando certo. Ela tinha mudado e há muito tentava ser minha mãe. Eu é que não deixava. Algo estava enraizado em mim de uma maneira tão forte que não conseguia agir diferente, por mais que tentasse.

No resto do caminho para casa, fui pensando nas palavras dela. Talvez ela tivesse razão. Só com terapia eu tinha alguma chance de melhora.

Foi um processo longo. Nos dois anos seguintes, passei por três analistas diferentes, experimentei terapia individual e em grupo, comportamental e até a mais tradicional, em que o paciente se deita no divã e fala sem parar. Em todas, simplesmente desistia do tratamento quando o terapeuta começava a dizer que eu tinha que repensar meu comportamento. Era difícil aceitar que a maior parte do problema era eu.

E a verdade é que, me imaginar ocupando uma nova versão de mim mesma, nunca estive nos meus planos.



Capítulo 23



Enquanto eu ia e vinha de analistas, meu irmão deu um susto na família. Num sábado, meu pai convidou a mim e ao Guga para irmos a um restaurante japonês que ele havia descoberto.

Assim que sentamos, meu pai abriu um sorriso. Ele nunca foi mão de vaca, mas se tinha uma coisa que ele não suportava era pagar caro num restaurante.

— Esse japonês é ótimo e tem um preço bem honesto.

— Bem que estranhei você falar para a gente vir aqui... — e dei um cutucão em sua barriga — ... tem algum motivo especial, hein?!

— Bom, eu ia falar depois, mas já que você perguntou...

— Ganhou na mega sena? — meu irmão disse em tom de brincadeira.

— Vamos ver, ainda não dá para saber... — ele respondeu fazendo suspense.

Eu matei a charada na hora.

— Ih, tá namorando, tá namorando, tá namorando! — falei rindo.

Meu pai sorriu de volta. Era a confirmação.

— Conta tudo, pai! Qual o nome, quantos anos tem, faz o quê, onde você conheceu, tem fil...

— Calma, Nana... assim não consigo nem pensar.

Enquanto nós falávamos animadamente sobre a novidade, o Guga parecia mais retraído. De repente, fez um comentário que jogou um

balde de água fria na minha empolgação.

— Não sei por que você está tão feliz, Nana?!

— Ué, não era para estar?! Faz anos que ele e a mamãe se separaram! Tava mais do que na hora de cada um seguir sua vida...

— Mas a mamãe não seguiu a vida dela! — meu irmão retrucou.

— Não seguiu ainda! Mas pelo menos já se empolgou com alguém... mesmo que não tenha sido pela pessoa certa... — falei, meio triste. Meu irmão me interrompeu, agressivo.

— Culpa sua! Você levou aquele louco pra dentro de casa.

Nessa hora, meu pai me defendeu.

— Não fala assim, Guga! Você sabe muito bem que não está sendo justo!

— *Whatever* — ele respondeu baixo e em inglês, deixando claro que estava pouco se lixando.

Mesmo assim, meu pai colocou a mão em seu ombro tentando ser carinhoso.

— Não estou entendendo, filho, por que você está tão agressivo?

Não sei se o Guga entrou nas drogas por ser inseguro ou se depois das drogas ele tinha ficado assim, mas o fato é que essa insegurança refletia uma outra característica dele: a infantilidade.

— Você não percebe? — ele perguntou admirado.

— O quê?

— Você e a mamãe deviam ficar juntos! — Guga disse indignado.

Mesmo sabendo que aquilo era impossível, meu pai resolveu dar ouvidos ao que ele tinha a dizer. Além de curioso, acho que, no fundo, meu pai sempre teve algum tipo de esperança em relação à minha mãe. Ou talvez, simplesmente, nunca tenha se conformado com o fato de, no entendimento dele, ela ter pedido a separação de uma hora para outra.

— Por que você diz isso, Guga?

— Ué, vocês não fizeram voto de ficar juntos para sempre? Então, é mais do que motivo.

— Credo, Guga, isso não é argumento! Você fala como se vivesse no século passado! — disse quase não acreditando no que tinha acabado de ouvir.

— E você, sendo toda moderninha assim, chegou onde? — ele respondeu.

Se havia uma coisa que me irritava no Guga, era essa mania de responder sem dizer nada concretamente. Minha sensação era de que ele estava enrolando todo mundo. O pior é que ele era superinteligente, não precisava usar esse artifício. Aliás, acho que era o contrário: por ser inteligente, ele fazia isso e deixava todo mundo meio perdido.

— Filho, não estou entendendo... — meu pai tentou voltar ao assunto.

— Não precisa entender, precisa sentir — Guga falou enigmático.

— Você não está vendo que o papai está sentindo?! Só não é pela mamãe, deixa ele ser feliz!

— Daqui há pouco você vai falar que sou egoísta... — Guga completou.

Eu sabia aonde ele queria chegar e não deixei nem que terminasse a frase.

— Adivinhou. É muito egoísmo mesmo de sua parte querer que os dois voltem. Você não fala por eles, você fala por você! Você quer ter a tranquilidade de ver os dois juntos, um fazendo companhia para o outro, para você não ter que se preocupar com ninguém, nem se sentir culpado quando sair para suas baladas. Ou será que você não se lembra de como eles eram infelizes juntos, hein?!

Meu pai, vendo que a gente estava começando a ir por um lado de mágoas do passado, resolveu pôr um ponto final naquela história.

— Nana e Guga, agora chega, por favor. Era para ser uma noite bacana, puxa vida.

— Vai ser difícil com essa notícia — Guga retrucou.

— Mas, filho, você nem conheceu a Manu.

— Só falta você dizer que quer ter filhos com ela.

— Guga, para! — falei revoltada. — O papai é maior de idade, pode fazer o que quiser. A gente não tem que se intrometer!

— Será que alguém pode chamar o garçom? — ele disse meio bicudo.

— Você mesmo pode chamar o garçom — respondi.

— É o que vou fazer mesmo. E quero ver alguém reclamar... — ele disse e levantou o braço — ... por favor, um saquê gelado!

Meu pai me olhou preocupado. O Guga percebeu e respondeu birrento.

— Que é? Eu também sou maior de idade e posso fazer o que quiser. Não é esse seu argumento, Nana?!

Desde que tinha saído da clínica, ele nunca mais havia bebido. A princípio, sua dependência não era por álcool, mas tanto eu quanto meu pai sabíamos que uma coisa podia levar a outra facilmente. Meu pai tentou argumentar.

— Pra que isso, filho?

— Ué, vocês não queriam comemorar, então?! — ele respondeu irônico.

— Puxa, Guga, você sabe que não devia — falei abaixando os olhos sentida.

Meu irmão era assim: às vezes um pouco irracional, grosso e egoísta, às vezes engraçado e, outras vezes, uma manteiga. Quando ele percebeu que tinha realmente me atingido, mudou o tom de voz.

— Também não é para tanto! É só um saquê!

— Então, não bebe — pedi triste.

— É filho, você vai se prejudicar fazendo isso...

— Eu quero ter uma vida normal! — ele falou revoltado. — Isso significa beber socialmente e é o que eu vou fazer!

— Mas, filho...

— Olha aqui, eu era dependente químico e não alcoólatra e vou provar para vocês que posso me controlar!

Há muito tempo meu irmão vinha resistindo a tudo que envolvia qualquer tipo de vício. Na verdade, até em festas, ele tinha deixado de ir para ficar longe de qualquer coisa que pudesse levá-lo de volta às drogas. Ele estava conseguindo bravamente. Mas naquela noite percebi que, assim como um ex-fumante só precisa de uma desculpa para dar uma tragadinha, meu irmão também estava em busca de qualquer motivo para fugir um pouco da realidade. E, em sua cabeça, aquela noite era perfeita. Primeiro porque, com meu pai começando a namorar, seu conceito de família ficava ameaçado. Segundo, apenas porque queria provar que não era um viciado. A verdade é que, na minha opinião, naquela noite ele já tinha saído de casa com essa intenção.

Apesar de estarmos tensos e frustrados, eu e meu pai não podíamos fazer nada. Ele até tentou, mas meu irmão venceu.

— Filho, se você vai beber acho que é melhor a gente ir embora.

— Se você quer ir embora, pode ir. Eu vou ficar e beber meu saquê.

— Filho, por favor...

— Pode parar. Cansei de ser tratado como doente! Se você quer ir, vá. Não estou te obrigando a ficar — meu irmão disse mais agressivo.

Meu pai mudou de ideia. E eu sabia o motivo. Ele não poderia impedir, mas, pelo menos ficando, poderia controlar o Guga, mesmo que de uma maneira indireta.

— Tudo bem. Mas só um...

Graças a Deus, o Guga percebeu a preocupação do meu pai e concordou.

— Tá...

Até o final do jantar parecia que, em algum momento, meu irmão ia tirar uma máscara e eu ia conseguir enxergar outros aspectos daquele comportamento que, até então, não estava conseguindo ver. Mas isso não aconteceu. Não sei se foi por falta de intimidade do Guga com suas próprias emoções ou se aquilo era apenas o comportamento típico de um dependente em tratamento. O fato é que, naquele momento, percebi que ele seria um dependente químico para sempre. Às vezes controlado, às vezes não.

Mesmo não falando mais sobre a tal namorada nova, o resto do jantar foi tenso. O assunto estava no ar e, aparentemente, era o que tinha sido gatilho para o Guga beber. Por isso, assim que meu irmão terminou o saquê, meu pai pediu a conta. Não deu tempo nem de pensar em sobremesa.

Quando ele nos deixou em casa, ainda tentou falar comigo sem o Guga ver.

— Filha, por favor, fica de olho no seu irmão, eu não sei se...

— Fica calmo, pai — eu cochichei de volta. — Não vai acontecer nada. Vamos dar um voto de confiança para ele — disse para acalmá-lo.

— Eu tenho medo de... — ele tentou falar, mas o interrompi com receio do Guga escutar e se chatear com a nossa desconfiança.

— Já sei, pai... mas o medo te levou a algum lugar? — perguntei.

Meu pai me olhou e não precisou dizer mais nada.

— Pode deixar, prometo que qualquer coisa te ligo.

Para ele, acho que o mais difícil de estar longe da família era não poder saber o que estava acontecendo minuto a minuto.

Assim que entramos em casa, meu irmão ligou a Tv da sala.

— Você vai ver o quê? — perguntei.

Ele mudou de assunto.

— Você já sabia que o papai estava com essa outra?

— Outra não, Guga, não fala assim. Mas, respondendo à sua pergunta, não, não sabia.

— Duvido. Vocês são tão amiguinhos!

Ele falou com ciúme.

— Pois é. Mas acho que ele não quis fazer diferença entre os filhos e resolveu contar para nós dois juntos! Está vendo como você foi injusto?!

— Não acredito...

— Juro que não sabia, Guga! Mas que diferença faz? — perguntei não entendendo onde ele queria chegar.

— Eu disse que não acredito que ele tá namorando!

— Por quê? O que tem de errado nisso? Você deveria estar feliz, caramba!

Mas quando meu irmão punha uma coisa na cabeça, era difícil e muito cansativo de tirar.

— Mas é estranho... eles ficaram se olhando lá na clínica...

— Quem??? — perguntei não entendendo nada.

— O papai e a mamãe!

— Ai, Guga, desculpa, mas acho que você viajou!

— Ué, foi você mesma que outro dia disse que eles estavam mais próximos!

— Disse, mas isso não significa próximo tipo homem e mulher — respondi tentando ser o mais clara possível.

— E significa o quê, então?

— Amigos. Eles ficaram mais amigos depois de tudo o que aconteceu.

— Ah, agora a culpa é minha deles não voltarem? — ele perguntou invertendo toda a situação.

— Eu não disse isso! Falei que, por sua causa, graças a Deus, eles ficaram mais próximos, mais amigos. É justamente o contrário do que você entendeu!

Mas o Guga não se conformava.

— Não entendo por que eles não ficam juntos! A mamãe está sozinha e ele sempre gostou dela. Essa namorada é só para esquecer a mamãe.

— Acho que não. Pelo jeito que ele falou dela, ou melhor, tentou falar dela, né, porque você não deixou, acho até que ele pareceu bem empolgado com essa história — falei sinceramente.

— Juro que não te entendo, Nana! Você não quer que eles voltem, é?!

— Olha, Guga, até que era bom, mas seria egoísmo meu só para não ter trabalho de ter que ir cada hora numa casa, ou ter que escolher com quem vou passar o Natal, essas coisas...

Meu irmão estava agressivo.

— Ah, então você acha que é por egoísmo que quero que eles voltem?

Resolvi ignorar a pergunta, até porque esse assunto já tinha sido falado no jantar.

— Na verdade, acho que você quer que eles voltem por outro motivo...

Ele me interrompeu impaciente.

— Qual motivo hein, dona sabe tudo?

— Porque você se sente mais seguro com eles juntos! Você acha que só assim você vai se sentir numa família, porque você continua tendo pena de você mesmo desde que soube que era adotado e isso, na minha opinião, é pura perda de tempo...

Ele me interrompeu nervoso.

— Você diz isso porque não foi com você!

— Olha aqui, você não percebe que a gente briga que nem irmão? Então, é porque a gente é irmão! Você não percebe que o papai se preocupa com você como se você fosse filho? Então, é porque você é filho! Você não percebe que a mamãe te defende como o queridinho dela? Então, é porque você é o filho homem, o protegido, o mais igual dos filhos, já que filho é tudo igual, né?! Então, para com essa bobagem de ficar com peninha de você toda hora só para ter a desculpa de fazer o que não deve!

— Do que você está falando, hein?

— Você sabe muito bem do que estou falando! Eu estou falando dessas coisas, desde drogas ou bebida até dar um showzinho no restaurante só porque o papai está namorando! Tá louco, você reagiu como se ele tivesse contado uma coisa ruim. Você devia ficar feliz por ele e não pensar só em você!

— Você não me entende!

— Então, tá, tenta explicar! — falei já quase sem paciência.

Ele abaixou o tom de voz e falou de um jeito indefeso.

— Meu problema não é a mamãe e o papai terem me adotado. Eu até fico feliz para caralho com isso...

— Então, qual é o problema?

— É o porquê disso: minha mãe biológica ter me abandonado.

Fiquei sem saber o que falar. Pela primeira vez, eu estava enxergando um outro lado dessa história toda. A revolta do meu irmão vinha de ele ter sido rejeitado. Não tinha nada a ver com a família que o quis, mas sim com a família que não o quis. Eu não sabia o que dizer para tirar essa dor dele. A verdade é que, provavelmente, ela nunca passaria. Mesmo assim, tentei.

— Esquece isso — falei e busquei seu abraço, mas ele tirou o corpo.

— E você acha que é fácil?

— Não — respondi o mais sincera possível.

Ele continuou falando como se não tivesse me ouvido.

— É como se chegassem para você e falassem “olha, hoje à noite você não vai sonhar, ok?”. Não dá pra controlar, entende?!

— Hum, hum. Mas, Guga, não fica assim. Você está com medo de perder sua família pela segunda vez, né? Olha, isso é impossível. Você não percebe que eles são nossos pais, juntos ou separados?

Meu irmão fez que sim com a cabeça tentando segurar o choro. Depois deu as costas e foi para o quarto. Tentei chamá-lo para conversar mais um pouco, mas ele não estava com vontade.

Fiquei com medo. E se ele resolvesse descontar a tristeza nas drogas de novo? Pensei em ligar para o meu pai, mas desisti. Ele estava longe e, se meu irmão não estivesse fazendo nada demais, com toda a razão ficaria uma fera quando visse meu pai em casa. Resolvi, então, avisar minha mãe. Apesar de ela ser menos racional nessas horas, já estava por ali mesmo e meu irmão não desconfiaria de nada. Fui até seu quarto e bati na porta.

— Mãe? — chamei baixinho.

Minha mãe abriu a porta.

— Que foi, Nana?

— Preciso falar com você.

— Cadê o Guga? — ela perguntou preocupada.

— Está no quarto dele — respondi. — É sobre ele mesmo que queria falar. Pode não ser nad...

Mal acabei de falar, ela saiu do quarto e foi para a sala comigo.

— Que foi, Nana?!

— Então, pode não ser nada, mas é que houve uma coisa no restaurante e o Guga acabou pedindo um saquê... e agora foi para o quarto, acho que chorando.

— Chorando por quê? O que aconteceu no restaurante?!

Nem precisei explicar toda a história para minha mãe entender minha preocupação. O que não imaginava é que ela ficaria uma fera quando eu perguntasse se a gente deveria chamar o meu pai.

— Vai chamar o seu pai por quê? Você acha que não sei cuidar do Guga sozinha?!

Apesar de, naquele momento, o assunto ser o Guga, não pude deixar de pensar em nossa relação. Minha surpresa com a reação dela foi tão grande que só conseguia pensar que, apesar de em alguns momentos nossa relação ter evoluído, eu ainda era eu. E ela também seria sempre ela. Isso significava que, mesmo podendo já dividir muito mais coisas do que quando criança ou adolescente, alguns assuntos sempre seriam tabus entre nós. Mais especificamente dois assuntos. Primeiro a relação próxima que eu tinha com meu pai e, conseqüentemente, como minha mãe se sentia excluída por causa disso. Segundo: sua relação de proteção com meu irmão que me deixava com ciúme por mais que eu lutasse contra isso.

Mesmo cansada, e até convencida de que as coisas não mudariam, ainda tentei me explicar, mas aí o estrago já estava feito.

— Mas, mãe, não tem nada demais...

— Tem sim! Seu pai não é mais nada meu!

— Tudo bem, concordo. Mas tenta ver o outro lado também: ele pediu para chamar porque é pai do Guga também.

— Olha aqui, se eu achar que ele deve vir, eu chamo! E não você!

Em questão de segundos, nós voltamos para nossa dinâmica de antigamente. Quanto mais eu tentava amenizar as coisas, mais ela se sentia provocada. Essa era a nossa relação: dois passos para frente, um para trás.

De repente, a gente escutou um barulho forte vindo do quarto do Guga. Minha mãe correu para lá. Corri atrás. Quando ela abriu a porta, o Guga estava no chão, tendo uma convulsão. Ele tinha jogado Deus no lixo, de novo.



Capítulo 24



Chuva.

Eu não lembro de onde estava voltando ou se na verdade estava indo, mas foi sentada no banco de um ônibus que, de repente, percebi o quão próxima estava de aceitar a vida como uma sucessão de acontecimentos. Ora do jeito que eu imaginava, mas, na maioria das vezes, não. De qualquer maneira, como algo que está aí, não dependendo só da minha vontade de tomar posse dela ou não. A única coisa que eu precisava saber é que, enquanto minha decisão fosse viver, para cada situação haveria agravantes ou atenuantes.

Chuva.

Não foi fácil aceitar que meu irmão seria um dependente químico para sempre. Ele poderia alternar longos períodos, nos quais estaria bem, com recaídas, e até mesmo ficar tanto tempo sem voltar para as drogas que talvez nunca mais as usasse de novo. Mas, mesmo assim, seria sempre um dependente químico em recuperação. Infelizmente, foram necessárias mais duas recaídas para que ele percebesse sua real condição. E nós também.

Depois disso, voltamos todos a frequentar o grupo de apoio para dependentes. Pelo menos numa coisa essa experiência acabou sendo positiva: finalmente Guga compreendeu que não podia mais terceirizar a responsabilidade por seus erros. Se algo ao seu redor não estava de acordo com sua expectativa, não era fugindo disso que o problema iria sumir. Ele, no máximo, seria adiado. E, o pior, carregado das consequências de seus atos.

Chuva.

Também não foi fácil aceitar que eu e minha mãe seríamos as mesmas, mesmo tendo mudado em tantas coisas e que, com pequenos ou grandes obstáculos, essa era a nossa vida. Só nossa. Talvez o segredo fosse parar de idealizar um tipo de relação e aceitar, da melhor maneira possível, a que eu tinha. Usar meu filtro pessoal para direcionar meu comportamento, mas abrir mão do mesmo filtro para interpretar o comportamento dela. Afinal, só assim eu iria conseguir ver, na minha mãe, uma pessoa independente de mim, com suas próprias histórias e conclusões que a moldaram durante toda a vida. E que, de uma maneira ou de outra, se traduziram na educação que recebi.

Fazendo análise, acabei descobrindo que existe o Complexo de Electra. Em poucas palavras, é um sentimento que, segundo algumas doutrinas psicanalíticas, toda filha tem com a mãe. Resumindo, a menina se identifica tanto com a mãe que quer, inconscientemente, tirá-la de campo para ficar com o pai só para ela.

Hoje penso que talvez eu tenha, realmente, muitas vezes agido assim. Claro que sem a intenção consciente de matar minha mãe, mas é verdade, sim, muitas vezes pensei "puxa, está tão bom aqui só com meu pai que bem que a mamãe podia não voltar". Posso imaginar como minha mãe se sentiu rejeitada nesses momentos. Mesmo sem falar, hoje me parece óbvio que ela via claramente que eu preferia meu pai. Havia mais um agravante: não me lembro nunca de meu pai ter colocado limite no meu carinho e chamado minha mãe para ficar com ele. Acho que ela se ressentiu demais com isso. Mas, sendo uma criança, eu não tinha como saber como as coisas deveriam ser. Cabia aos meus pais me ensinarem. Pelo menos nesse aspecto, penso que, se por um lado meu pai não conseguiu porque fazia a linha amigo demais, por outro, minha mãe também errou ao resumir tudo em "sou sua mãe e mando em você". Principalmente porque ela tinha tido uma vida tão conturbada que, muitas vezes, agindo só pela emoção, ela se esquecia de pensar se o que estava fazendo era certo ou errado.

Quanto ao Guga, para compensar qualquer tipo de falta sentimental que ele pudesse vir a sentir, ela o protegeu demais, muito mais do que a mim. Isso me fez enxergar um mundo que não era real, mas apenas um reflexo da minha verdade, agravando ainda mais o tal Complexo de Electra.

Mas não é nos sentimentos demonstrados que residem nossos maiores erros e sim naquele amor que, apesar de existir, não se mostra. Os pais querem tanto ser justos com os filhos que, às vezes, acabam sendo injustos.

Com a certeza de não querer fazer diferença entre os irmãos, acho que minha mãe deu mais para o Guga por saber que ele não tinha uma mãe biológica. Então, para ele, ela seria em dobro. E assim, no fim das contas, nós teríamos o mesmo. Um círculo negativo já que isso fazia com que eu me refugiasse no amor do meu pai. E, de novo, fazia com que ela se sentisse rejeitada.

Chuva.

De repente, dentro daquele ônibus, um casal de surdos-mudos começou a discutir no banco bem à minha frente. Fiquei olhando, curiosa. Sem falar nada, eles não deixavam de se falar. Era outro tipo de comunicação, mas estava claro que se entendiam. Discordavam, mas falavam a mesma língua. Viviam num mundo diferente do meu, mas com as mesmas regras. O homem parecia ter razão. Mas a verdade é que eu nunca saberia.

Na minha história, acho que muitas vezes minha mãe também teve razão; eu só não entendia sua linguagem. E vice-versa.

O casal saltou. Fiquei ali, com o pensamento embaçado pela chuva. Engraçado como alguns sentimentos humanos são inaceitáveis num pai ou numa mãe. A questão da preferência, por exemplo. Não estou falando de amor. Amar, todos os pais amam igual seus filhos. Mas, por que é tão difícil aceitar que você tem mais afinidade, mais empatia com um filho do que com outro? Isso não deveria ser nada demais. É verdade que os filhos têm necessidades diferentes, mas é só quando existe um problema que o pai ou a mãe

se sente autorizado a dar mais atenção para aquele filho. Se for para uma coisa boa, parece errado, não pode, a culpa vem à tona.

Noite.

Tomara que amanhã faça Sol. Mas, se não fizer, só preciso me lembrar de que ele está lá. Escondido atrás de uma nuvem, é verdade, mas ainda está lá.

Mesmo com encontros e desencontros, como em todas as famílias, nós ainda tínhamos muito a agradecer. O Guga se fortalecia cada vez mais e queria montar um negócio próprio. Meu pai resolveu se casar de novo e, agora, com a aprovação e até admiração do meu irmão. Minha mãe, inteira, batalhando seu primeiro estágio com mais de 40 anos. Tia Maria João, com um novo velho amor de infância, dos tempos em que, para ser mulher, era preciso se casar e ter filhos, agora estava ali, comprovando que amor não precisa pedir permissão. E meus avós, bem, eles estavam com saúde. Uma saúde frágil, condizente com a idade que tinham, mas que lhes permitia caminhar juntos todas as tardes. Ensolaradas ou não.



Capítulo 25



Conheci Davi numa sessão de análise. Ele era meu quarto psiquiatra e tinha sido recomendado por um amigo bipolar da minha tia que, há algum tempo, mais precisamente desde que tinha começado a fazer terapia com esse tal de doutor Davi, havia melhorado muito.

Levei um susto assim que o vi. Não imaginava alguém tão jovem. Ele tinha, no máximo, dez anos a mais do que eu.

— E então, Mariana, o que te traz aqui? — ele perguntou, calmo, assim que sentei na poltrona de seu consultório.

— Nossa, assim, na lata? — disse, sem graça.

Ele não respondeu.

— Não, tudo bem... olha, nem eu sei... deixa para lá. Bom, não é algo específico. É um todo. Sou, ou melhor, me sinto muito culpada em relação à minha mãe... ela queria muito que eu fizesse análise porque acha que assumo o papel de mãe dela e isso é muito ruim para a gente.

— E você, acha isso também?

— Que eu assumo o papel de mãe dela? Às vezes, sim. Mas é que ela tem uma história de vida muito sofrida. Aprendi a ser assim.

— A ser como?

— Protetora com ela.

— Então, você acha ela incapaz.

Eu levei um susto com aquela afirmação.

— Claro que não! Ela é muito capaz. Um dia ela foi frágil, mas hoje não é mais. Ela tem muito valor! Voltou a estudar depois de adulta, quando se separou do meu pai, e hoje trabalha no fórum.

— Sempre foi assim?

— Não. Na verdade, mudou muito. Ela mudou muito... mas eu não. Antes a gente não tinha uma relação boa. Ela sempre foi muito dura comigo. E eu também achava que ela gostava mais do meu irmão do que de mim, mas isso é outra história. Clichê, né?— perguntei convencida de que ele ia achar aquilo tudo muito chato.

— Você quer dizer comum... — ele me corrigiu e depois continuou — ... no entanto, também é muito normal que todo mundo venha do mesmo lugar, um útero, e que, mesmo assim, não exista uma pessoa no mundo igual a outra. Então, se você está receosa de achar que não vou ligar para o que você vai me contar só porque eu já vi isso um milhão de vezes, você está enganada. O ser humano sempre me surpreendeu. Isso porque ele tem o livre-arbítrio, o que faz toda a diferença na história de qualquer um. Provavelmente, a única coisa em você que é igual a todo mundo é o fato de sentir-se diferente.

Pela primeira vez estava gostando do que um analista dizia.

— E o que você faz? — ele mudou de assunto com a maior naturalidade.

— Tô no meio do caminho. Tranquei a faculdade tem um ano e, na verdade, estou tentando ir para o lado das artes plásticas. Sempre gostei de terra, barro, argila. Mas, ultimamente, estou adorando mexer com silicone. Na verdade, misturo ferro e silicone.

— Então, você quer ser artista plástica?

— Sei que é um caminho difícil, mas gosto de estética. E quando digo isso, não estou falando exatamente da beleza convencional.

— De que beleza está falando?

— Sei lá, acho que daquela que emociona. Que pode mexer comigo e não com você, que não é unanimidade... — falei,

concentrada nas minhas próprias palavras.

— Sua necessidade atual é a de se expressar.

— Pode ser. Mas isso não significa ser compreendida.

— Não. Não significa — ele concordou comigo.

De repente, ele pegou um bloco de papel e começou a rabiscar.

— Uma coisa é fato: não dá para fugir da realidade de ser quem você é. Para o bem ou para o mal, com os anos, nossa essência vem mais para fora ainda.

— Como assim? — perguntei curiosa.

— Com a idade a gente acaba tendo mais da gente mesmo. Tem mais Mariana na Mariana de hoje do que naquela que você era quando tinha um aninho e ainda estava formando personalidade, caráter, preferências...

Apesar de concordar com aquilo, me senti um pouco incomodada. Talvez porque significasse que a mudança a qual teria que me submeter não fosse tão fácil quanto gostaria. Meu impulso foi interrompê-lo.

— Eu queria fazer alguma coisa diferente. Alguma coisa que me fizesse sentir viva. Sou muito de implosão, para dentro, sabe? Sei lá, preciso de algo que seja para fora, tipo pular de paraquedas, gritar, não ter como voltar atrás...

Além de inteligente, Davi era engraçado.

— Não consigo imaginar por que alguém pularia de um avião que funciona perfeitamente bem.

Olhei para ele com admiração.

Ficamos em silêncio. Ele me olhando. Eu olhando de volta. Era um homem bonito, com o maxilar forte. Olhei para a mão dele e não tinha aliança. Respirei aliviada.

— Você é casado? — perguntei.

— Acho que o assunto aqui é tudo o que se refere a você e não o contrário — ele disse, firme.

— Desculpa, é que não vejo nada demais em saber isso, mas se você não quiser falar, tudo bem... desculpa. É só que acho estranho falar coisas sobre mim e não saber nada do outro. Me sinto um pouco egoísta.

— Não precisa se sentir egoísta. Eu também faço análise com alguém — ele respondeu.

— Sério?! — perguntei aliviada.

— Hum, hum. Mas vamos voltar para a Mariana. Você disse que a relação com sua mãe não era boa. Você imagina por quê?

Em meia hora, ele já tinha conseguido tirar mais de mim do que todos os outros analistas juntos. Pela primeira vez, estava relaxada, falando o que sentia de verdade, sem me preocupar se estava sendo injusta com alguém ou não. Falamos, ou melhor, falei por mais vinte minutos sem parar e, a cada observação dele, enxergava um novo ponto de vista.

— Olha, Doutor Davi, você ainda não me conhece direito, mas sou muito sincera. Algumas pessoas falam até que exagero... bom, vou parar de enrolar e ir direto ao ponto: tem uma coisa que preciso falar — desabafei já no final da sessão.

— Tudo bem... — ele respondeu e depois sorriu. — Mas você não foi direto ao ponto.

— Hum... Tem razão. Então, lá vai. Eu disse que não tinha nenhuma intenção quando perguntei se você era casado, mas não fui completamente sincera — falei e depois não dei mais explicação alguma sobre o que eu queria dizer com aquilo.

Ele ficou me olhando sem dizer nada. De novo, olhei de volta, mas dessa vez estendi a mão para me despedir.

— Obrigada, mas não vou voltar. Eu acerto com você mesmo ou com a secretária?

— Não se preocupe, eu não costumo cobrar a primeira consulta — ele estendeu a mão de volta.

Saí do consultório com a certeza de que tinha perdido o melhor analista do mundo. Mas, confesso, com a esperança de ele ligar querendo me conhecer melhor. Infelizmente, isso não aconteceu. Não resisti. Menos de uma semana depois, liguei.

— Eu estava esperando você ligar...

— Seria antiético — ele respondeu duro.

— Mas se a paciente, que diga-se de passagem, não é paciente, ligar, pode?

Nesse momento, percebi que ele relaxou.

— Pode. E já que você colocou dessa maneira, quer sair para jantar comigo?

Deu certo. Eu explodi por dentro. Foi amor à segunda vista. Em menos de um ano, nós já estávamos morando juntos. E, alguns meses depois, engravidei. Um desejo que eu não sabia ter até ler positivo no exame.

Mas.



Capítulo 26



Mas.

Quando vi as duas listras azuis no teste de gravidez, tive uma certeza: preciso me sentir filha antes de me tornar mãe. Porque uma parte da minha alegria era inventada e, a outra, não era minha.

Lendo o resultado do exame, enquanto meu sorriso ganhava vida própria, o primeiro pensamento que tomou conta de mim foi “com meu filho vai ser diferente”. Esses eram, no mínimo, sentimentos conflitantes e eu não podia mais ignorar isso. Eu tinha que fazer as pazes com a minha história.

Apesar de ter ficado a maior parte do tempo em êxtase, a sensação de desamparo crescia. Quando Davi saiu do banho, não teve tempo de respirar. Pedi para que me beijasse da boca até a barriga. Choramos os dois. Ele de alegria. Eu, de alguma outra coisa que não conseguia explicar.

Na hora de deitar, a cama estava mais cheia que o de costume. Mesmo assim, me sentia vazia. Passei quase a noite toda em claro. Quando finalmente consegui dormir, tive um pesadelo. Havia um seio gigante, da altura de um prédio, cravado numa praia, como se fosse a encosta de uma montanha. Dele, saía um bico que jorrava leite. As pessoas chegavam perto, esfregavam seus corpos no peito para estimular a produção de leite, enchiam seus baldes e iam embora. Quando chegou minha vez, o leite daquele peito enorme havia acabado. E o pior: aquele era o meu peito. Acordei nem tremendo, nem triste, nem nada.

Por mais que a relação com a minha mãe tivesse se transformado e, sob vários aspectos até evoluído, foi só com o resultado da gravidez na minha mão que comecei a entender uma coisa: o amadurecimento da nossa relação dependia, principalmente, da aceitação dessa relação tal como ela era. E não de como eu gostaria que fosse. Esse era o verdadeiro e único início para nós.

Eu estava na praia com o Davi quando fiz o teste de farmácia. No dia seguinte, quis ir embora mais cedo.

— Davi, estou com medo — falei enquanto ele dirigia.

— Você sabe medo de quê? — ele perguntou sem tirar os olhos da estrada.

— Não sei... é uma agonia. Eu tinha que estar muito feliz, né... você está?

— O quê?! Feliz?! Muuuuito! — e abriu um sorriso.

— Mesmo a gente não tendo planejado? — perguntei só para ver de novo aquela alegria.

— Principalmente por isso. Só vai mudar uma coisa... — ele fez suspense.

— O quê?! — perguntei aflita.

— Seu vestido de noiva vai ter que ser mais folgado!

Davi era assim. Tinha a capacidade de simplificar a vida.

— Ainda bem que a gente já marcou a data... — não consegui acabar de falar e comecei a chorar.

— Do que você tem medo, Nana? Sermos pais é a coisa mais natural do mundo, é primitivo, é intuitivo, é mágico. E tenho certeza de que a gente vai dar conta do recado!

— Eu não quero ser igual à minha mãe... e, ao mesmo tempo, quero. Quero ser amiga como meu pai, entende... mas também quero ser mãe de verdade, como minha mãe... tenho medo de errar na dosagem, não saber equilibrar...

— Olha, Nana, tente enxergar sob outro ângulo. Você teve o melhor dos dois mundos e isso te fez ser mais completa. Você é capaz de ouvir, mas também sabe o que é educar.

— Às vezes, acho que fui muito injusta com a minha mãe... — falei com um peso enorme no peito.

— Sem dúvida. Em algum momento, você foi — Davi respondeu sério.

Não consegui olhar para ele. Ele continuou seu pensamento enquanto eu olhava pela janela.

— Não existe ser humano no mundo que não tenha sido injusto com os pais algum dia. Nem pais que não tenham sido com seus filhos.

O Davi tinha razão. E uma calma para aconchegar fora do comum.

— Você é uma ótima filha, Nana. Talvez só não tenha conseguido que fosse do jeito que você queria. Mas está tudo bem, as coisas são assim mesmo. Você não pode pretender que os outros sejam reflexos das suas expectativas, concorda?

Mesmo me sentindo mais aliviada, fiz o resto do caminho em silêncio, pensando no que Davi tinha falado e também imaginando o que minha mãe estaria fazendo nesse exato minuto em que eu descobria que a continuidade da história estava, agora, crescendo dentro de mim. Provavelmente, ela estaria bordando meu vestido de noiva. Sim... ela costurava como uma fada que, com sua vara de condão, deixa tudo mais bonito. Sendo uma supermãe, ela mesma quis fazer meu vestido, me dar esse presente. Lembrei-me também de que foi ela quem cozinhou tudo num jantar que ofereceu em casa para as famílias dos noivos se conhecerem, além de ter me acompanhado até o cartório para dar entrada na papelada do casamento e ainda ter me ajudado a achar um apartamento para morar com Davi.

Meu Deus, tudo o que ela já tinha feito e tudo o que ela ainda faria. Ela era sim, às vezes mais dura, às vezes mais doce, mas, do seu jeito, a melhor mãe do mundo. E, com a ajuda de Davi, eu

conseguiria demonstrar para ela o quanto eu, como filha, valorizava tudo o que ela havia feito por mim. E também o quanto a amava profundamente, mesmo que algumas vezes tenha parecido que não.

Havia esperança de novo dentro de mim. Agora, mais do que nunca. Agora, mais do que tudo. E, diferentemente das outras vezes em que acreditei que tudo mudaria, dessa vez eu respeitaria o limite de cada uma de nós. Além disso, ainda não sabia, mas a partir de agora o foco deixaria de ser eu ou ela, mas sim o filho que estava na minha barriga. Tudo se diluiria e, mesmo existindo, os problemas iriam parecer menores. Então, era isso. A vida era assim. Talvez o segredo fosse escolher as brigas certas. O resto era perda de tempo e eu não queria desperdiçar mais nenhum minuto. Sentir-me mãe me fez compreender que o tempo é limitado. Para todos. Sem prorrogação. Sem uma segunda chance. Se havia uma coisa que eu aprendera é que, se há algo a ser dito, a melhor hora é, na maioria das vezes, o agora. Deixar para depois só faz com que tudo pareça maior, sem, na verdade, ser. Quando chegamos em São Paulo, pedi para Davi passar antes na casa da minha mãe.

— Eu quero contar a novidade...

Ele virou na primeira esquina e brincou.

— Mudança de rota. Vamos pegar o caminho mais curto para ser feliz: parar de querer tornar possível o que é impossível.

— Você pode esperar na portaria, é que...

Davi era terapeuta, um dos melhores, e descobriu logo minha intenção.

— Não precisa se justificar, está tudo bem, Nana. Mas depois de contar a novidade para ela, me chama para um cafezinho, tá?

Sorri. Ele era meu grande amor, meu amigo, meu cúmplice em tudo.

Assim que entrei, minha mãe percebeu algo diferente.

— Ué, vocês não iam voltar só à noite? Cadê o Davi? Você está com uma cara diferente...

Antes de ela terminar de falar, a acalmei.

— O Davi está lá embaixo. Pedi para que esperasse lá para conversar duas coisinhas com você.

— Que foi Nana? — ela perguntou ainda aflita.

— É coisa boa... — e coloquei a mão na minha barriga.

Minha mãe percebeu, na hora, o que aquilo significava e, mesmo não vindo correndo me abraçar como eu tinha sonhado, era quase possível tocar sua emoção. Essa era a velha e boa Dona Helena reagindo como tinha aprendido a ser. E quem era eu para julgar se isso a fazia mais ou menos mãe? Davi tinha razão. Melhor aceitar e encurtar o caminho para a felicidade.

— Sério? Meu Deus, que bênção, filha! Quando você soube?

— Ontem, na praia. Só fiz o teste de farmácia, mas, mesmo sem o de sangue, tudo indica que é isso mesmo... estou grávida!

— Alguém mais já sabe?

Olhei para ela com generosidade. Eu sabia que ela achava que eu tinha contado primeiro para meu pai, mas, dessa vez, fiz diferente. Da mesma maneira que os pais olham para o filho que mais precisa, eu também olharia para ela como um dos pais que eu mais precisava cuidar para que não se sentisse novamente rejeitada.

— Só o Davi. Queria que você fosse a primeira a saber...

Minha mãe ficou comovida e reagiu de uma maneira que eu conhecia bem: começou a falar sem parar. Mal sabia ela que isso era só o começo.

— Nossa, vou ter que fazer uns ajustes no seu vestido!

— É, vai...

— Até lá a barriguinha já vai estar aparecendo.

— Hum, hum — concordei sem dar importância para isso.

Naquele instante era minha mãe sendo só minha mãe. E eu, sendo só sua filha.

— Você está sentindo alguma coisa diferente? Desejo, enjoo?

— Por enquanto, não... e espero que continue assim...

Ela me interrompeu.

— Você vai ter que começar a tomar ácido fólico, mas, primeiro, tem que ir ao médico.

— Se o Davi não puder, você vai comigo?

Ela não respondeu. Só me olhou feliz e depois, para disfarçar a emoção, começou a mexer em alguns porta-retratos da sala.

— Eu já te falei que quando estava grávida de você, foi seu pai quem teve enjoos?

— Já, mãe. Várias vezes...

— E o sexo, ainda não dá para saber, né?

— Acho que vou preferir saber só na hora. Você sabe que gosto de uma surpresa, né?

— Quando engravidei de você, sabia que seria menina porque passei mal e pedi para o meu pai, seu avô, me levar ao médico. Ele respondeu que tudo bem, me levaria, mas para que não me preocupasse porque era a Mariana que estava a caminho.

— Nossa, foi assim que nasceu meu nome?!

Ela fez que sim com a cabeça.

— E vocês, já pensaram em nomes? Acho que ainda tenho um livro com os significados de vários. Deixa ver...

Nessa hora, minha mãe virou de costas para mim, fingindo estar procurando o tal livro. Olhei para ela com carinho. Eu sabia que ali, naquela pergunta, estava todo o sentimento de uma vida. O medo, o amor, as tristezas, o aconchego, a entrega, os erros e virtudes do mundo tão único que existe entre uma mãe e sua filha. E aquele mundo, certo ou errado, era o nosso. Cheguei perto dela e a abracei por trás.

— Se for menina, vai ser Helena — falei baixinho como se fosse um segredo.

Mesmo sem conseguir ver seu rosto, pude sentir que, naquele instante, nascia na minha mãe o maior sorriso do mundo. Um sorriso que eu nunca veria, mas que eu tinha certeza que existia.

Exatamente como seu amor por mim. E, o meu, por ela.



Table of Contents

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)